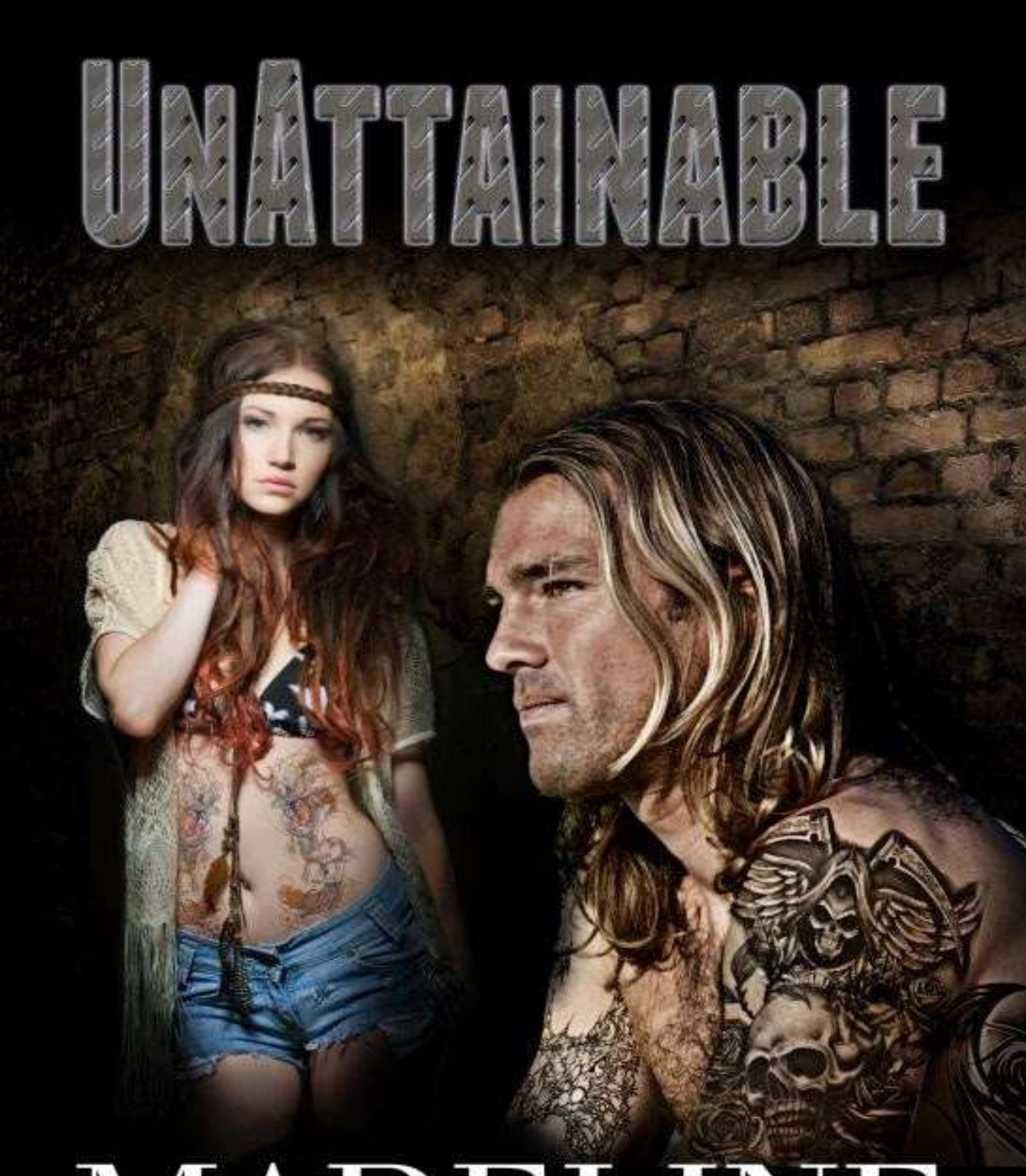
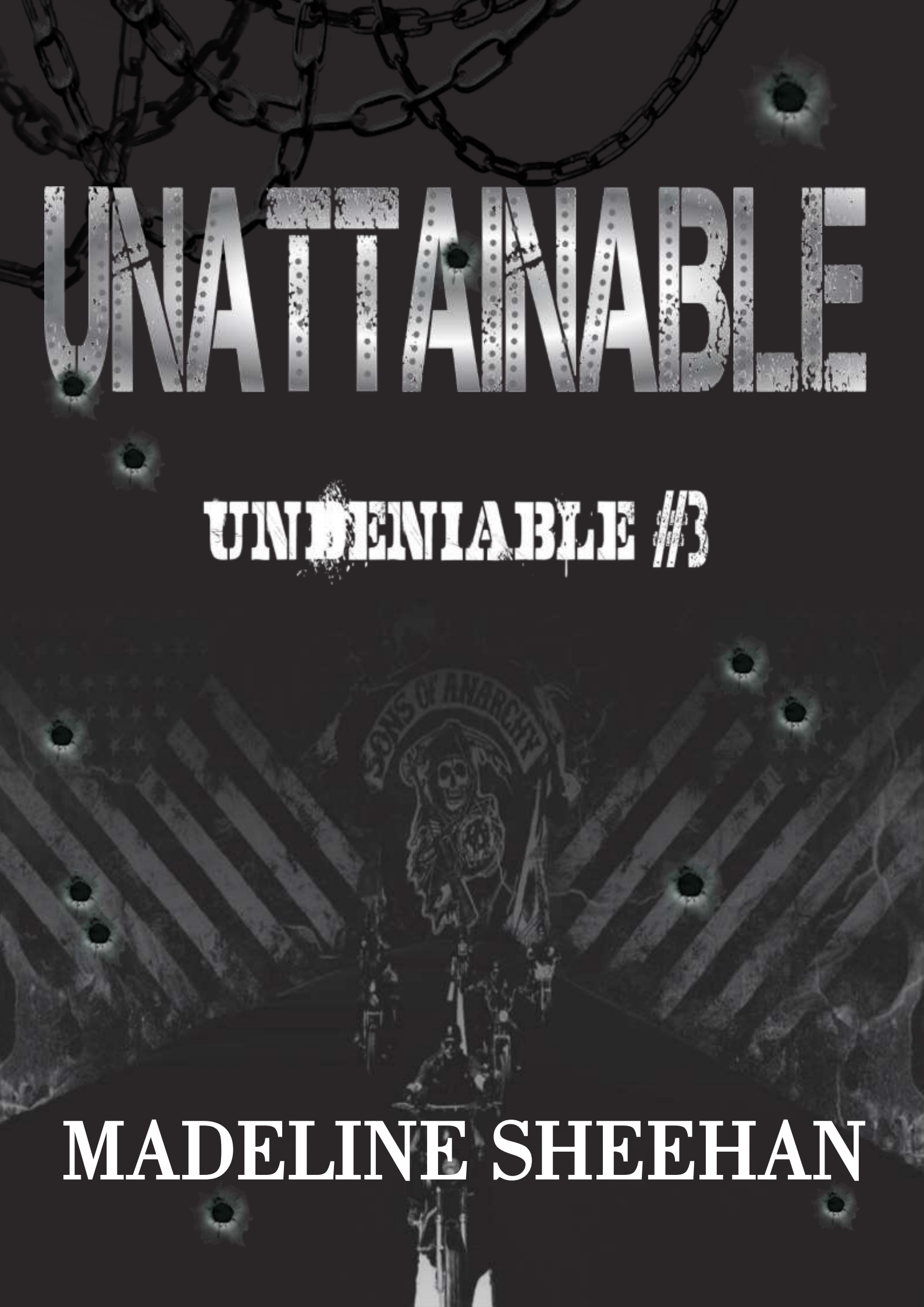
UnAttainable



MADELINE SHEEHAN

UNATTAINABLE

UNDENIABLE #3



MADELINE SHEEHAN

Staff

TRADUÇÃO: Cartaxo

REVISÃO INICIAL: Derli Dutra e Gislaine Vagliengo

REVISÃO FINAL: Carla C. Dias e Bec B. Noth

FORMATAÇÃO: Carla C. Dias e Bec B. Noth

VERIFICAÇÃO: Suélem

Aviso

"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão!

Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

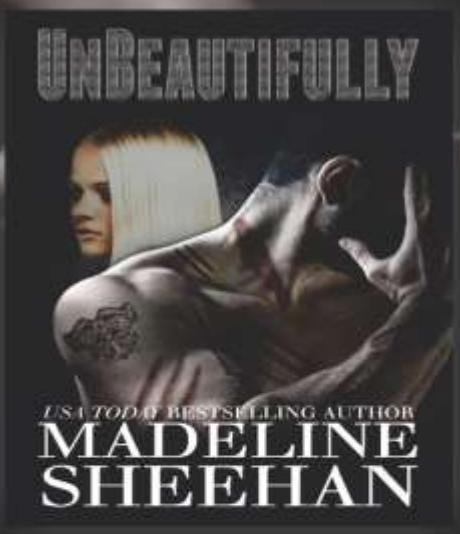
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).

LANÇAMENTO

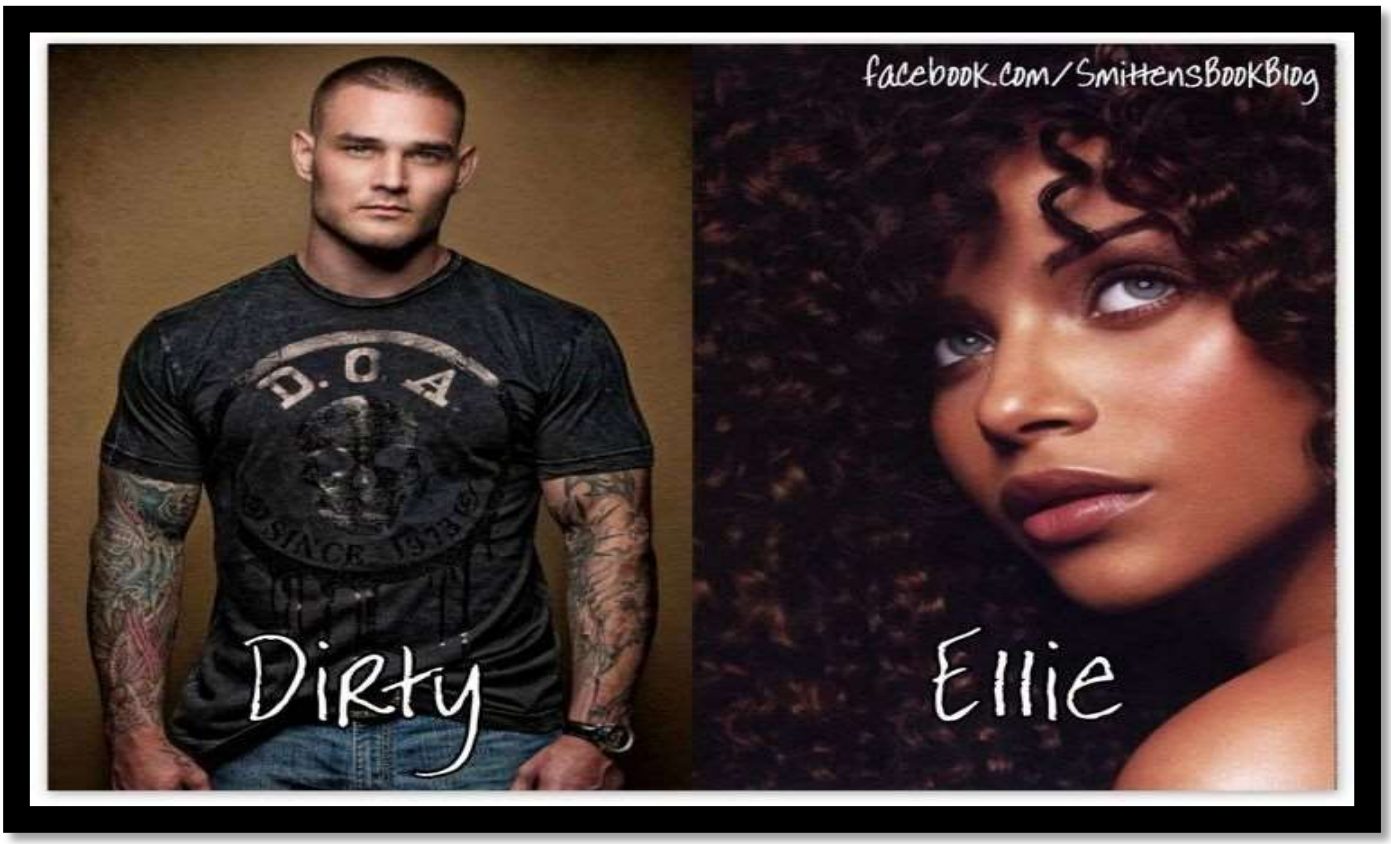
EM BREVE

DISTRBUÍDOS



UNDENIABLE SERIES

Cage
by Madeline Sheehan
Tegen
Unattainable


facebook.com/SmittensBookBlog
Dirty
Ellie

Sinopse

Tegen Matthews é filha de Dorothy Kelley, uma prostituta do clube Cavaleiros do Inferno. Sendo uma menina simples, Tegen cai no mundo corajoso do moto clube. Quando conhece Wes, um menino cuidadoso e doce, acolhe o calor e o carinho que ele demonstra por ela. Cage West é o alto e loiro filho do presidente dos Cavaleiros do Inferno. Com os seus olhos castanhos profundos, covinhas e sotaque suave, Wes começa a perceber o poder de seu sorriso com o passar do tempo.

A partir daí, segue-se uma viagem rebelde cheia de arrependimentos, erros e dores de cabeça, puxando os fios que os mantêm juntos. Cage e Tegen lutam bastante, mas amam muito mais. E no final, o que importa é o destino da viagem da menina e do menino que estão entrelaçados desde o início.

Esta é a história Tegen e Cage.

O amor não cura um coração quebrado e com certeza, não muda as pessoas. E não importa a idade porque quanto mais frágil e desgastada for a corda do amor, mais segura você a mantém às pessoas que ama.

Aviso: Esta não é uma história de amor virtuosa e macia. É caótica, cruel e trágica. Esta história leva o amor e mata sua inocência. Rouba os puros momentos e esmaga os corações partidos. A história nasce na infância, amarrando uma menina em um menino, levando a um caminho destrutivo que dói apenas por existir, que destrói mais do que cura e testa o amor que une os dois através de uma vida.

— Calma, porra! — Ele gritou de volta enquanto socava na sequência de números que iria abrir o portão

— Calma, porra? — Tegen gritou. Cage estremeceu. Jesus fodido Cristo, está cadela precisava ser estrangulada.

— Ele aparece bêbado, assustando a porcaria da minha mãe e fazendo-a chorar, e agora ele vomitou e possivelmente urinou em todo o seu carro, e você quer que eu me acalme, porra?

Com as narinas dilatadas, Cage escancarou o portão aberto e se aproximou até ficarem cara a cara.

— Você nunca cala a boca? — Ele rosnou. — Nunca?

Tegen fechou a polegada restante entre eles. — Só quando eu estou tomando na bunda — ela sussurrou.

PRÓLOGO

Tome um beijo fresco e macio

Adicione uma noite roubada de felicidade

Uma menina, um menino

Alguma dor, um pouco de alegria

As memórias são feitas disto...

- DEAN MARTIN

Sempre me lembrarei da primeira vez que o vi, a ruína de toda a minha existência. Eu tinha oito anos e ele era onze anos mais velho, loiro, com olhos castanhos profundos e covinhas que apareciam quando sorria...

Mais importante ainda, foi gentil comigo. Ele me deu atenção quando ninguém mais fez.

— Ei! — Disse, curvando-se ao meu lado, sorrindo. Sorri de volta. Ele foi o primeiro garoto que vi desde que minha mãe começou a me trazer para o clube. Parecia mais velho do que eu, mas apenas alguns anos e era muito bonito. — Qual o seu nome? — Perguntou.

— Tegen Louise Matthews. — Disse, oferecendo-lhe a xícara de chá que acabava de tirar do colo do meu ursinho de pelúcia. — Você pode se juntar a nós. — Disse-lhe, apontando para a roda de animais empalhados.

— A festa do chá com Tegen Louise Matthews — Disse sorrindo. — Adoraria. — Ele sentou ao meu lado e cruzou as pernas. — Você tem um apelido, Tegen? — Perguntou. — Ou é simplesmente Tegen?

— Simplesmente Tegen. — Disse, levantando meu bule e servindo-lhe uma generosa quantidade de chá invisível. Quando terminei de despejar em meu próprio copo, eu levantei-a para os meus lábios.

— Espere. — Disse. — Você esqueceu do brinde.

Franzi o nariz. — Brinde?

— Sim, com sua xícara de chá. Minha irmã sempre me faz 'brindar' antes do chá. Assim. — Levemente tocou seu copo de plástico com o meu. — Saúde! — disse, olhando para o copo e então para mim. —Teacup. — Completou, sorrindo.

— O quê?

— Teacup. — repetiu. — É como a chamarei. Quer dizer, que outro apelido posso dar a uma garota chamada Tegen que gosta de fazer festas de chá com xícaras de chá? — Franziu o cenho. — A menos que não goste...

Arregalei meus olhos. — Não! — Gritei animadamente. — Nunca tive um apelido antes e adorei!

— Então está resolvido. — Disse ele, estendendo a mão livre. — Prazer em conhecê-la, Teacup. Meu nome é Cage.

Apesar de sua pouca idade, ele foi a única figura masculina que participou ativamente da minha vida daquele dia em diante.

Mas os sentimentos que eu tinha aos oito anos de idade mudaram.

Quanto mais velha eu ficava, mais o meu amor por ele crescia. Até que eu já não o amava mais como na infância e sim com uma intensidade que às vezes beirava à loucura.

Dizem que o amor tem o potencial de matar uma pessoa se não for cuidadoso.

Eu não tive cuidado. Deixei o amor florescer incontrolavelmente até que ele explodiu de dentro de mim, sem ter para onde ir.

Mas não acontecia o mesmo com ele. Quanto mais velho Cage ficava, mais mudava. Foi-se o menino doce e carinhoso que era e em seu lugar...

Tornou-se o mais arrogante, mais egocêntrico, egoísta, narcisista e filho da puta que já conheci em toda a minha vida.

Quando penso nisso, vejo que provavelmente esse foi o motivo por eu ter me apaixonado mais ainda por ele.

Garotas são estúpidas assim. Apaixonam-se pelo intocável, o inatingível.

No entanto, eu não estava sozinha em minha estupidez.

Quase todas as mulheres que cruzaram o caminho de Cage tornaram-se imediatamente idiotas. Jovens, velhas, não importava. No minuto que viam seu sorriso, ouviam seu sotaque e observavam a maneira como se movia, se tornavam instantaneamente estúpidas.

A medida que o tempo passava, os meus sentimentos não eram correspondidos e começaram a apodrecer até que não aguentei mais e assumi a responsabilidade em minhas próprias mãos.

E fiz algo muito, muito estúpido.

Mordi meu lábio enquanto o meu corpo tentava ajustar-se a sua entrada forte.

— Porra, você é apertada. — Cage murmurou bêbado, tirando quase tudo de mim. Por mais que lutasse, seus movimentos me feriam e soltei um gemido.

Meu corpo, apesar do horror que sentia, foi lentamente se ajustando. Calor molhado fluiu através de mim, e quando ele deslizou para dentro desta vez, não houve dor, apenas um ligeiro desconforto.

— Porra.— Gemeu, rangendo os quadris, um movimento que fez meu estômago virar com um novo sentimento. Um bom. Um que me fez esquecer o que estava realmente acontecendo entre Cage e eu;

enganei-me ao pensar que isto iria ser do jeito que eu tinha planejado. Que eu ia dar a Cage minha virgindade, algo que o faria perceber que eu era a menina para ele. Que ninguém jamais iria amá-lo mais do que eu.

Sua mão deslizou em meu cabelo, segurando firmemente um punhado, enquanto a outra mão apertou o cerco contra meu quadril. Seu rosto caiu na curva do meu pescoço e eu virei minha cabeça, procurando ele, a necessidade de vê-lo, a necessidade de confirmar que meus sentimentos foram correspondidos, mas seu aperto no meu cabelo aumentou, me segurando no lugar.

Em seguida, seus quadris se afastaram.

Engoli em seco quando ele bateu de volta para dentro de mim. Nossos corpos bateram juntos, minha respiração voltou e...

Ele puxou de volta. E bateu de volta para mim.

— Merda, Teacup. — murmurou, aumentando o ritmo. — Eu posso sentir tudo. Sua boceta é um vício.

O que, a julgar pelo seu tom, era obviamente uma coisa boa.

E estupidamente me levou a acreditar ainda mais que Cage iria me querer depois dessa noite.

— É tão bom, querida. — Respirou em minha pele, seu corpo repetidamente unido ao meu, seus movimentos aumentando mais e

mais rápido. Prendi a respiração contra o ataque que acontecia dentro de mim, tanto físico como emocionalmente.

Cage estava em todos os lugares agora. Ele estava dentro de mim, dentro do meu corpo e do meu coração. Era estranho e desconfortável, e eu não tinha certeza do que eu deveria estar fazendo, mas isso realmente não importava. Porque era Cage,e eu queria isso há muito tempo, o queria durante o tempo que eu conseguia lembrar, e tão estranho e desconfortável como era, foi um pequeno preço a pagar por finalmente ter o que eu sempre quis.

E então, quase tão rapidamente como tinha começado, tudo estava acabado.

Cage gemeu, saiu de mim e eu senti ele terminar com a umidade na minha barriga, enquanto seu corpo se sacudia em cima do meu.

Levou cerca de um minuto para ele rolar para fora de mim, virar para o seu lado, inspirar e expirar profundamente.

E então ele estava roncando.

— Cage? — Sussurrei.

Fiquei ali imóvel por vários minutos quase sem respirar, sem saber o que fazer com o esperma que ele tinha deixado em meu estômago quando começou a secar, ficando pegajoso, grudando nos pelos do meu corpo.

Rolando para fora da cama, estremecendo quando me mexi, dolorida, sentindo meu pulso batendo entre as minhas pernas, eu andei com dificuldade até o banheiro e fechei a porta atrás de mim. Engolindo em seco, olhei para mim.

Bruto

Não só estava coberta nos seios e na pélvis de sêmen meio seco, mas meu sangue estava manchando toda a parte interna das minhas coxas.

Foi então que percebi que ele nunca me beijou.

O que, no final, matou a garota que eu tinha sido uma vez. Isso me deixou quebrada, presa, incapaz de me mover para a frente. E não importa quantos anos se passaram, eu era incapaz de deixar ir.

Quando cheguei a Cage West, meus erros foram muitos e meus arrependimentos eram inúmeros. Se meu passado fosse uma pessoa, eu iria pegar a garganta do filho da puta, arrastar sua bunda para fora de seu corpo e uma vez que eu tivesse batido a merda para fora dele, iria dizer à mim mesma:

— Sua puta estúpida. Você é ignorante, vadia estúpida. O amor não é uma resposta do caralho. Dói mais do que isso, é mais difícil do que imagina, é preciso muito trabalho, coragem e perseverança.

Mais importante ainda, o que eu gostaria de sublinhar é que o amor não resolve coisa nenhuma. O amor não apaga um coração quebrado, e com certeza do caralho não muda as pessoas.

Mas não importa a idade, a corda do amor é frágil e desgastada, e não mantêm presa a pessoa que ama.

E e estaria sempre ligada à Cage.

Eu mudaria se pudesse? Inferno porra, sim, eu faria.

Mas nós não escolhemos as nossas família ou por quem nos apaixonamos. E todos nós temos nossas cruzes: nossas histórias, nossos amores e nossas perdas.

E esta é a minha.

Bem, na verdade a nossa.

CAPÍTULO UM

— Ou atende a essa porra ou a jogarei pela janela, Tegen.

Piscando sonolenta, me concentrei na face irritada a poucos centímetros da minha, me perguntando o que diabos ele estava falando.

— Cai fora — murmurei, virando meu rosto no meu travesseiro. — Ainda não amanheceu.

Desta vez, quando meu celular começou a tocar e vibrar onde estava, na minha mesa de cabeceira, ouvi alto, claro e em bom som.

— Tegen! Essa é a quarta chamada, porra!

— Merda! — Gritei para o meu travesseiro. — Pare de reclamar e apenas atenda!

— Eu não posso! — Gritou de volta. — É a sua mãe, porra!

O telefone parou de tocar e eu ouvi quando ele soltou um suspiro irritado.

Quase instantaneamente, ele começou a tocar novamente.

— Tegen, resp...

Xingando, pulei, agarrei meu travesseiro e balancei-o no ar, em seguida, bati-o sobre o seu rosto.

— Cale. A. Boca. — Assobiei, já chegando para o meu telefone.

Pressionando a tecla verde, eu levantei o telefone no meu ouvido. — Olá. — Rebati.

— Tegen?

— Mãe. — Suspirei, sentindo-me mal. — Está tudo bem? Não é nem mesmo de manhã.

— Eu sei. — Disse ela. — É só que ... Eu queria pegá-la antes de fazer planos para o fim de semana prolongado. Eu pensei que talvez pudesse voltar para casa por alguns dias.

Estendendo a mão, eu esfregava a palma da minha mão sobre os olhos e suspirei.

— Hawk está voltando para casa, não é?

Jame Hawk Young, condenado à prisão perpétua em Horsemen Moto Clube do Inferno, era o pai do meu meio-irmão, Christopher Kelley. Christopher tinha quatro anos e quase duas décadas mais novo que eu. Apesar de seu cabelo vermelho escuro, olhos verdes e sardas, traços que nossa mãe muito irlandesa nos tinha dado, ele se parecia com a extremamente boa aparência do pai. Tudo até os olhos pensativos e da linha dura de sua boca.

— Sim, ele está. — Disse ela suavemente. — E eu não estou pronta. Eu só ... Eu tenho o suficiente para lidar com Jase. Por favor, venha para casa, Tegen.

Aqui estava o problema. Apesar de quão boa aparência Hawk tinha, minha mãe não queria nada com ele. Ela não podia suportar até mesmo o breve encontro para entregar Christopher por alguns dias. Pode-se pensar que a minha viagem por todo o caminho de San Francisco, na Califórnia, para Miles City, Montana, apenas para entregar o meu meio-irmão para seu pai e confortar minha mãe na sua ausência, era um pouco exagerada... na verdade não era. Não depois do que minha mãe passou.

Quando ela estava com quase nove meses de gravidez de Christopher, minha mãe tinha sido baleada na cabeça pela esposa de seu namorado. Não a mulher de Hawk; Hawk não era casado. Mas Jason 'Jase' Brady, também membro dos Cavaleiros do Inferno, era.

Na verdade, minha mãe ainda estava casada com meu pai, quando ela conheceu Jase.

Minha mãe, Dorothy Kelley, tinha ficado grávida aos quinze anos, deu à luz aos dezesseis anos e foi forçada pelos meus avós a se casar com o meu pai. Meu pai, um motorista de caminhão, raramente estava em casa e quando ele estava, se interessava mais pela televisão e

cerveja do que por minha mãe e eu. Quando eu tinha quatro anos, minha mãe conheceu Jase.

Ela se apaixonou por Jase quase que instantaneamente, sem se preocupar em primeiro lugar que ele era casado, com três filhos pequenos, porque achava que ele finalmente deixaria a esposa.

Isso não aconteceu. Mas a minha mãe é uma mulher forte. Ela trabalhava no Clube Cavaleiros do Inferno. Limpava, cozinhava e cuidava das roupas dos meninos, permitindo-lhe continuar seu caso com Jase o mais discretamente possível.

Finalmente, minha mãe deixou meu pai, que posteriormente pulou em seu caminhão e deixou Miles City para nunca mais voltar. Ela cortou os laços com os meus avôs e Jase nos colocou em um apartamento na cidade, com garagem e quintal e tudo continuou da mesma forma como antes.

Eu odiava. Odiava vê-la desperdiçar a sua vida por um homem que nunca seria verdadeiramente dela, um homem que sempre ia para casa à noite para sua esposa e filhos e deixava minha mãe sozinha, geralmente chorando por ele. Não importava o quanto ela amasse Jase. Se ele nunca deixasse a esposa, ela seria considerada uma prostituta do clube. Nada mais. E ainda assim ela aceitou o título.

Foi assim que cresci.

A garota órfã de uma puta de clube, que via a minha mãe atender a um homem que, em minha opinião, realmente não a amava, que se

matava de trabalhar para um clube cheio de motociclistas criminosos que mentiam, enganavam e provavelmente matavam para viver.

E foi isso. Não tinha mais ninguém, nenhuma outra família a quem recorrer.

Deixei Miles City, desesperada para fugir da vida do clube e tudo o que implicava, um dia depois da minha formatura do ensino médio. Com uma bolsa de estudos integral para a Universidade de São Francisco e um estágio já em vigor em um pequeno jornal, eu não tinha planos de voltar tão cedo.

Depois de sair, estava mais do que pronta para me livrar do 'look' quietinha que me definiu toda a minha vida, que consistia em óculos, roupas de segunda mão dois tamanhos maiores e cabelos vermelhos encaracolados, que levava um dia e meio só para domá-los.

Um dos meus primeiros amigos na faculdade, Grace, um verdadeiro hippie criado em uma comunidade no norte da Califórnia, tinha me levado debaixo da sua asa e — me amalucado um pouco — como gostava de chamá-lo. Agora que eu estava livre dos óculos e aparelho, mas não tinha escolha a não ser permanecer com os dreadlocks em meu cabelo louco. Meu corpo era praticamente uma obra de arte. Amava cada uma das minhas tatuagens coloridas, grandes e complexas, que estavam em ambos os braços, costas, peito, estômago e coxas. E os meus piercings... eram inconstantes. Além de usar

alargadores em minhas orelhas, alternava os que usava, porque gostava de mudar um pouco de vez em quando.

Em San Francisco, ninguém me olhava atravessado. E eu adorava. Não havia nenhuma razão para voltar à Montana. Não importava o quanto eu tentasse cortar todos os laços com Miles City e seu alegre bando de cromo e couro criminosos, eles simplesmente não me deixavam ir.

Depois que minha mãe foi baleada, a esposa de Jase foi julgada, condenada e enviada para a prisão. Minha mãe sobreviveu, obviamente, mas o dano foi devastador. Sua memória foi afetada e no início não se lembrava de nada, nem ninguém. Então, lentamente, sua memória começou a voltar.

Ela se lembrou de sua infância, seus pais e velhos amigos; ainda se lembrou do meu pai e, eventualmente, de mim.

Então, a progressão chegou a um ponto insuportável. Sua última lembrança era de quando eu era uma criança.

Toda a minha infância, minha adolescência, sua união com Jase e a separação com meu pai, os muitos anos de serviço que tinha dedicado aos Cavaleiros do Inferno Moto Clube... tudo isso se foi. Parecia que para sempre.

Onde Hawk cabia em tudo isso?

Bem, como se viu, a minha mãe, no meio do já fodido triângulo amoroso, virou-se para Hawk para o conforto que não encontrava em Jase.

Ninguém sabia.

Depois que minha mãe foi baleada, Hawk apareceu no hospital furioso. Ele acabou com Jase, grosseiramente trazendo à luz a verdadeira paternidade de Christopher.

E agora... Minha mãe ainda não se lembra de nenhum deles. Para ela, Jase era apenas um homem patético, quebrado que se recusou a deixá-la sozinha, e o marido da mulher louca que tinha atirado nela. E Hawk era o pai da criança que ela não se lembrava de conceber ou de carregar.

Quanto a mim, era difícil. Havia um monte de explicações da minha parte, requentando ano após ano, na esperança de que ela se lembrasse de algo que não fossem os meus anos de criança. Muitas lágrimas foram derramadas, mas eventualmente ela chegou a aceitar o fato de que ela se esqueceu de duas décadas de sua vida, e que eu não era o seu bebê mais, mas uma mulher adulta.

Quanto a Christopher, ela o amou instantaneamente porque apesar de não se lembrar da concepção e nascimento, ele foi apresentado ainda como um recém nascido. . O familiar cabelo ruivo, olhos verdes e pele clara que ainda era imaculado.

O que foi ótimo, mesmo. Mas ela não se lembrava de mim e não poderia aceitar isso. Eu me senti sozinha. Órfã, de uma certa forma.

Então, culpei Jase e Hawk, bem como a totalidade dos Cavaleiros do Inferno Moto Clube e sua afinidade para o drama, por tudo isso.

Minha mãe, tão confusa quanto estava, tentou romper todos os laços, mas o fato de Hawk ser o pai de Christopher dificultou as coisas para ela. Várias mulheres associadas com o clube, as mulheres que minha mãe tinha tido por perto, também se recusaram a deixá-la ir. Elas continuaram a visitá-la e chamá-la periodicamente, apesar de seus protestos.

Eles também a pressionaram para passar o tempo com Jase ou Hawk, na esperança de que a ajudariam a desencadear uma memória.

Então, sim, cronometrava minhas visitas para as datas das viagens para a casa de Hawk. Ele ficava na estrada na maior parte, mas quando voltava, queria ver o filho o mais rápido possível e era o meu trabalho garantir que acontecesse sem que se intrometesse com a minha mãe.

— Ligarei para as companhias aéreas hoje. — Disse a ela. — Acho que é possível tirar alguns dias de folga do trabalho.

— Obrigada, querida. — Sussurrou entre lágrimas e senti meus olhos arderem em resposta.

— Vejo vocês em breve. — Disse rapidamente, precisando desligar o telefone antes que ambas terminassem em lágrimas. Tanto progresso quanto ela tinha feito, ainda era difícil para ela pensar em

mim como uma adulta e vê-la chorar, ouvindo-a chorar... bem, era difícil para mim.

Ela era a minha mãe. O único pai que eu tinha, a única pessoa na minha vida que me amava. Eu faria qualquer coisa por ela, incluindo tornar-me miserável.

Desligando, eu meio que joguei meu celular pela sala que pousou pateticamente em um cesto de roupa suja.

— Foda-se. — Murmurei. — Foda-se.

— Falando de foda... — O homem ao meu lado disse — ...e vendo como você já está nua...

Olhei para ele.

ZZ.

No entanto, outro motociclista dos Cavaleiros do Inferno Moto Clube. Mais ou menos. Ele não se associava com qualquer pessoa no clube que não fosse Deuce West, o presidente, e ele não tinha posto os pés de volta em Miles City desde que Danny, a filha de Deuce, o havia traído com outro cavaleiro, Ripper, e quebrado o seu coração na mesma época que minha mãe havia sido baleada.

A descendência de Deuce era boa nisso... destruir corações.

Todas as crianças West se pareciam, não importava como suas mães eram. Cage, Danny e Ivy eram todos loiros com sorrisos de

covinhas idênticas. As meninas tinham sido abençoadas com amplos olhos azuis de corça de bebê e lábios carnudos e Cage... ugh. Ugh.

Ele era lindo. E um idiota. Tal pai, tal filho.

Quanto a Deuce, não ficaria surpresa se cada loira de olhos azuis e covinhas em todos os cinqüenta estados pertencessem a ele.

Meu corpo e minha aparência seriam sempre um ponto sensível para mim. Era ridiculamente magra e não como uma supermodelo graciosa; era desajeitada, como um potro recém-nascido. Tinha seios pequenos e não tinha quadris. Ainda tinha pele clara, cabelos vermelhos e sardas.

Não importava quantas vezes eu olhasse no espelho, ainda não via nada atraente e seria sempre aquela menina estúpida e feia que ninguém queria.

Mas aceitei o fato de que não sou bonita há muito tempo.

Após a lesão de minha mãe, voltei para São Francisco a tempo de começar o meu segundo ano. Dois meses após o semestre de outono, ZZ mostrou-se à procura de um lugar para dormir em seu tempo de inatividade. Além dos Cavaleiros, ele não tinha mais ninguém. Seu pai foi um dos condenados à prisão perpétua, mas morreu quando ZZ tinha doze anos. Deuce se tornou o seu pai substituto e ZZ tinha tomado o caminho que seu próprio pai teve na vida. Quando tinha vinte anos, sua mãe faleceu, seu corpo devastado pelo câncer. Não

querendo voltar a Miles City e, posteriormente, ver Danny ou Ripper, ele me rastreou com a ajuda de Deuce.

Por mais que quisesse odiar Deuce, não podia. Mesmo conseguindo uma bolsa integral na Universidade de São Francisco, ainda precisava de dinheiro para as despesas. Deuce tinha pago meu aluguel e todos os meus utilitários, até o meu serviço de telefone celular, e-mail e dinheiro extra ao longo dos meus anos de faculdade.

E, apesar dos meus protestos, ele ainda estava pagando por tudo. Não importava o que eu dissesse, pedisse e implorasse para parar, ele sempre se recusava.

— Você é da família. — Ele rosnava — E eu cuido da família.

Era difícil não apreciar isso, mas eu sabia que no fundo ele só estava fazendo isso pela minha mãe, não por mim. Todos eles amavam minha mãe, não apenas Jase e Hawk, mas todos eles, os motociclistas, suas velhas, seus filhos, até mesmo as prostitutas do clube. Ela era uma mãe por natureza; ela se importava com as pessoas e gostava de fazer isso e era muito difícil não a amar.

Então, realmente, eu era apenas uma espécie de família. Mais como a enteada ruiva de uma família cheia de motociclistas fodões, mas ainda assim família.

E assim era ZZ.

Mal nos conhecíamos, mas depois de seis meses dividindo o quarto periodicamente, quando ZZ não estava na estrada, uma coisa levou a outra e acabamos transando. E vinha sendo assim desde então.

Ocasionalmente, ouvia ZZ no telefone com Deuce e tinha a impressão de que fazia o trabalho sujo dos Cavaleiros, o tipo de merda que nunca chegou a comentar a menos que fosse em algum tipo de código motociclista constituído por vogais quebradas e grunhidos. Então ele ia embora por um tempo e quando voltava, sempre parecia muito mais danificado. Perguntei uma vez o que ele estava fazendo e o olhar em seu rosto era tão absolutamente aterrorizante que eu ainda não tinha tido coragem de perguntar-lhe novamente. Não que realmente importasse para mim o que ele fazia enquanto não estava aqui.

A nossa ligação não era emocional. De qualquer maneira, era muito velho para mim, tinha aproximadamente 30 anos. Considerando que tanto Danny e sua madrasta, Eva, pareciam gostar de homens mais velhos, não podia imaginar acabar com um. Quem queria estar na casa dos trinta com um cara velho que já não funcionava? Não eu. Nem mesmo um cara tão gostoso quanto ZZ.

Olhei para ele e passei os olhos pelo seu corpo nu. Longo cabelo castanho escuro, olhos castanhos escuros, os músculos definidos.

Nunca vi um cara trabalhar tanto como ele. Ele corria, levantava pesos, fazia perto de mil abdominais e flexões combinadas a cada dia.

Ele sempre trabalhava fora e começava a pensar que o exercício não funcionava mais.

Vi ZZ segurar seu pênis e apontá-lo para mim. — Suba e sente-se, porra.

— Cale a boca. — murmurei. — Por que está sendo tão mandão ultimamente?

Ele deu de ombros. — Não foi você quem voltou para Miles City e tem que lidar com esses idiotas. Ficarei aqui, poucos dias, talvez duas semanas ou um mês, vai depender do local para onde Deuce vai me enviar e baby, percebi que poderíamos aproveitar um pouco nosso tempo antes de partir.

Bufei. — Como se não pegasse uma bunda onde quer que esteja.

— Gosto da sua bunda.— Rosnou.

— E da bunda de todas as outras do sexo feminino que existem. Terminei com você.

— Nos últimos três meses, — Retrucou, irritado. — não transei com ninguém além de você.

Desde que a versão de ZZ de um calendário era baseada em quilometragem e na quantidade de corridas por ano, eu tentei me lembrar de quando tinha sido sua última corrida e uma antes disso e depois uma antes disso.

Quando eu fiz, fiquei boquiaberta para ele. — Você está tentando me dizer que não transou com ninguém além de mim em mais de seis meses?

Seus olhos escuros perfuraram os meus.

Eu gaguejei?

Huh. Acho que de certa forma faz sentido. Por que se preocupar com mais alguém quando você tinha uma pessoa que sabia de um fato que poderia fisicamente satisfazê-lo dormindo ao seu lado?

Mas ainda assim, ZZ e eu não éramos exclusivos... pelo menos, nunca costumávamos ser.

— Pelo amor de Deus, Tegen, pare de pensar sobre isso . Cada coisa. Basta sentar no meu maldito pau e começar a balançar, porra.

Bem, como eu poderia negar essa conversa mole?

— Tudo vai depender.— Lhe disse — Se você quiser minha boceta ou minha bunda.

Ele sorriu e a expressão mudou. Foi-se o homem irritado, rude muitas vezes e em seu lugar era o ZZ que me lembrava uma criança. O homem que ele tinha sido antes de Danny cravar as garras de ponta rosa em seu peito e arrancar-lhe o coração.

— Acho que deveria dar à sua bunda uma pausa. — Disse ele.

Bufando, subi em cima dele e montei suas coxas. Cheguei até a cabeceira oposta, e roubei uma camisinha, abri-a com os dentes e rolei para baixo sobre seu pênis.

— Essa é a resposta certa. — Disse-lhe. — Minha bunda agradece.

Agarrando-o, levantei meus quadris e guiei-o a minha entrada. Levei um momento para me ajustar com ele dentro de mim.

— Faça valer a pena. — Disse e em seguida, bati em cima dele.

Ofegante, dobrei mais meu corpo, minhas mãos apertaram o cerco sobre seus bíceps. Ele rosnou, e suas mãos voaram para os meus quadris.

— Não é o que sempre faço? — Disse ele, satisfeito.

Dei de ombros. — Não. — Disse, sendo honesta, propositalmente apertando minhas paredes internas em torno de seu pênis e observando seu rosto apertar com luxúria. — Você não faz.

Em resposta, seus olhos escuros começaram a queimar, as pontas dos dedos cavaram profundamente em meus quadris e eu sorri para mim mesma.

Ele era tão fácil de irritar e quando estava chateado, fodia como um Deus irado preparando-se para ferir o universo. Eu não tinha dúvida de que, agora, ele iria definitivamente fazer valer a pena.

Cage estacionou ao lado do triplex dos Demônios de prata, desligou o motor e colocou o estribo para baixo.

Estava exausto. Dirigiu direto de Montana para Nova York e parou para abastecer e dormir somente uma vez.

Agarrando seu saco de dormir, atravessou o estacionamento até a passarela, batendo os punhos com alguns demônios do lado de fora.

— O Pregador te espera? — Tiny perguntou quando passou. Cage fez uma pausa para olhar para o velho gordo, grisalho e suado, que era o sargento de armas dos Demônios.

— Não. — Disse ele. — Mas preciso voltar e não me sinto animado em retornar para meus meninos no Queens.

— Nós temos uma casa cheia, — Disse Tiny. — mas Prez mantém o antigo quarto de Eva vazio. — Balançando a cabeça, Cage virou e continuou a andar, ignorando duas prostitutas do clube que estavam procurando-o como se ele fosse um pedaço de carne.

— Cavaleiro. — Uma delas falou lentamente, uma morena vestindo apenas um top de biquíni e uma minissaia de couro. — Você quer companhia esta noite?

Agarrando o punho na porta da frente, ele se virou para olhar para ela e estreitou os olhos. — O que aconteceu com seu nariz? — Perguntou ele, inclinando a cabeça para o lado e estudando o nariz que havia sido curado horrivelmente, deixando a pobre cadela parecendo como se tivesse ido cabeça-a-cabeça no ringue com Evander Holyfield.[1]

Seu sorriso sacana saiu de seu rosto e foi substituído imediatamente com um grunhido. — Cortesia de seu pai, West. — ela sussurrou, seu lábio superior ondulando. — Logo depois que eu chupei seu pinto limpo.

Imperturbável, Cage continuou a olhar para o nariz, perguntando por que diabos ela não tinha tido essa merda curada por um especialista, por amor de Cristo.

— Pau limpo, hein. — disse ele. — Não tenho certeza que você está falando sobre o meu pai, porque aquele filho da puta não faz mais essas coisas. Toda vez que olho em volta, ele está de amasso com sua velha senhora.

Era verdade. Eva e seu velho estavam sempre grudados. Sempre se tocando e beijando e dando o inferno fora de todos.

A carranca da prostituta se aprofundou. — A pílula azul faz maravilhas, — rosnou.

[1] Evander Holyfield *é* um ex pugilista norte-americano, pentacampeão mundial dos pesos-pesados.

— Esqueça-a. — Disse outra cadela, empurrando na frente de sua amiga. — Meu nome é Gail, querido, mas os meninos me chamam de Slitty. Quer saber por quê?

Rindo e balançando a cabeça, Cage abriu a porta da frente e entrou. As putas do Clube e Demônios de vários estados lotavam os corredores e quartos. Essa fabricação de cerveja devia ser algo grande para ter Pregador reunindo todo o tipo de pessoas, supôs.

Não que soubesse; Cage não estava a par deste tipo de informação. Mas seu velho saberia, estando em tão profundo contato com os demônios como os Cavaleiros estavam.

Só os de confiança, Mick seu velho homem, Ripper, Cox, e agora Tap, que foi promovido após ZZ fugir, conheciam o âmago da questão.

Ele estava de bem com isso; ele não precisa saber merda nenhuma, era perfeitamente feliz fazendo o que lhe era dito. Sim. Não se incomodava em nada com o fato de seu pai não lhe confiar os negócios do clube.

Seja lá o que eles fossem.

Alcançando o escritório de Pregador, ele fechou a mão em um punho e deu à porta uma boa batida, dura.

— Sim? — Gritou uma voz rouca familiar.

Cage agarrou a maçaneta e abriu a porta. Damon — Pregador — Fox estava sozinho, sentado atrás de sua mesa monstruosa, com a

cabeça inclinada sobre um laptop enquanto seus dedos tocavam hesitantes no teclado.

Cage ficou boquiaberto. Pregador. Laptop. Não estava somando em sua cabeça.

— Você sabe como usar essa coisa? — Pregador murmurou, olhando para ele. — Eu me sinto como um maldito rato em um labirinto por aqui.

Cage riu. — Desculpe, isso é território de Danny. Eu não sou bom com computadores.

Pregador fez uma careta para a máquina, em seguida, virou-se para encará-lo. — Foda-se essa merda. Sente-se, filho e me diga como essas suas belas irmãs estão passando. E aquele filho da puta casou com Danny? Eles têm um bebê agora, não é?

Foi a vez de Cage fazer uma careta. Ripper porra. Ele não tinha certeza de que ele estivesse bem com o gosto de Danny por homens. O idiota dormiu com sua irmã em segredo e durante esse período, Danny foi forçada a matar uma das namoradas de Ripper porque a cadela tinha puxado a arma para ela. E se isso não fosse ruim o suficiente, Ripper decolou logo após isso, deixando Danny sozinha e deprimida, só para descobrir mais tarde que estava grávida.

Depois de um aborto e um monte de miséria, Danny começou a namorar ZZ, o irmão mais agradável que os Cavaleiros já viu. Então Ripper voltou e a merda foi para o inferno novamente. Sim, eles

estavam juntos agora, casados e com um filho, mas a que custo? O clube perdeu ZZ e Danny nunca mais seria tão divertida, pois sua irmã adorada o mantinha em rédeas curtas.

Então, sim, foda-se Ripper.

— Eles estão bem. — Ele resmungou, sentando-se em uma das desconfortáveis cadeiras de espaldar alto do Pregador. — Ele está bem, o garoto é bom demais.

Pregador o estudou. — Sim, é bom saber porra, e que tal você? Você está bem também?

Claro. Por que não.

— Sim. — Disse.

As sobrancelhas escuras do Pregador levantaram-se. — Sim, com certeza, garoto. Mas não é o que parece. Então, mova-se. O que está trazendo você ao meu território? Deuce não disse nada sobre a última vez que nos falamos.

Cage disfarçou sua careta. Ninguém precisava saber como ele realmente se sentia sobre isso. Era a maneira de seu mundo. Só que... ele tinha pensado que depois das primeiras vezes seria mais fácil.

Mas isso não aconteceu.

E se ele nunca o fizesse? Bem, Cage temia aquele dia.

— Bannon. — Disse ele, referindo-se a um dos chefes do crime mais notórios da Costa Leste, que dirigia seu negócio fora de Philly. —

Seu fodido braço direito, pensando que ele apenas negociava — com um bando de motociclistas do campônio, cometeu o erro de enganar os Cavaleiros.

Pregador sorriu, a expressão tomou uns bons dez anos fora do rosto do homem. Como o próprio pai de Cage e ao contrário da maioria dos homens nesta vida, Pregador não aparentava sua idade. Seu longo cabelo castanho tinha muito pouco fios brancos, apesar de sua barba aparada ser quase toda grisalha. As linhas de expressão marcavam forte seu rosto. Cage sabia que Pregador era definitivamente um homem das senhoras.

Não que fosse gay nem nada, mas um homem sabia quando outro cara tinha como puxar as cadelas.

— Bannon sabe que está chegando? — Perguntou Pregador.

— Porra, sim. — Cage disse. — O filho da puta me mandou uma mensagem com a localização há duas horas. As coisas ficarão fodidas amanhã.

As gargalhadas do Pregador ecoaram por toda a pequena sala. — Enfie dois. — Disse o homem. — Um em cada olho, um por Deuce e um por mim.

Cage sorriu sombriamente. A assinatura de Pregador — Posso te ver, filho da puta — era infame. Todo mundo sabia que uma bala em cada olho significava que os Demônios tinham ido e limpado a casa. Todos. MCs em todo o país, os nômades, os policiais, os agentes

federais... todos. O problema era que ninguém poderia acusá-lo. O homem era muito bom.

— Ficará tudo bem. — Disse ele, levantando-se. — Mas agora preciso fechar os olhos. Minúsculo disse que é para me alojar no antigo quarto de Eva?

Pregador assentiu. — Só para a família. — Disse. — E isso é o que você é, garoto.

Pregador chegou para a direita dele e Cage ouviu uma gaveta sendo aberta, depois fechada.

— Atenção. — Disse ele e jogou um conjunto de chaves sobre sua mesa. Cage pegou com uma mão. Era uma única chave de prata em um chaveiro com asas Harley. No centro circular das asas, estava inscrito Eva.

Agradecendo-lhe, Cage despediu-se e voltou para o corredor sentindo-se em casa. Eva tinha sorte, ter um pai como Pregador.

Sorte de verdade.

Ela também foi a melhor coisa que aconteceu com sua família, não que seu pai a merecesse. Aquele homem poderia fazer em um milhão de promessas, de agora até o dia em que finalmente se livrasse dele, e ele ainda não iria compensar toda a merda que ele a fez passar.

Mas qualquer que fosse, essa merda não era seu negócio.

Sob uma escada do arenito, uma loira curvilínea saiu de um banheiro por perto, sorrindo quando passou por ele, propositalmente escovando-se contra ele. Seu braço disparou e sua mão agarrou seu pulso. Puxando-a de volta ao redor de sua frente, ele deu-lhe um rápido olhar de cima a baixo.

Loira natural, vinte e poucos anos, rosto bonito, peitos assassinos e quadris que ele poderia ter um bom controle. Ela era um pouco mais carnuda do que ele gostava em suas mulheres, e ele era geralmente muito liberal, preferindo suas mulheres macias, já que gostava de assistir suas carnes tremerem como gelatina, quando as fodia e se chocava contra elas. Mas foda-se, os seios estavam chamando seu nome.

— Você é da família? — Rosnou, puxando-a rente a ele.

Ela balançou a cabeça.

— Qualquer alegação?

Ela encolheu os ombros. — Pregador me tem quase todas as noites. — Disse ela. Isso fazia sentido. O Pregador gostava de suas cadelas com mais curvas do que a maioria quanto mais para pegar, melhor... o homem sempre dizia.

E que ela não era reivindicada, era tudo que ele precisava saber.

— Lá em cima — ordenou, virando-a para a escada e batendo com força em sua bunda.

Quando chegaram à porta do quarto de Eva, Cage agarrou-a novamente, empurrou-a contra a parede do lado de fora do quarto e puxou a camisa muito apertada ao longo desses dois grandes bad boys, já meio pendurados para fora sobre o pedaço roxo de rendas que ela estava usando como um sutiã. Jogando o peito para fora do sutiã, ela ajudou o resto do caminho e ele observava, endurecendo quando a carne macia empilhava sobre o sutiã. Trazendo suas pequenas mãos contra o peito, ela segurou os dois seios, apertando e amassando, derramando através de seus dedos abertos.

— Você gosta? — ela sussurrou, sorrindo para ele.

Ele olhou para ela. Ela podia ser jovem, mas sabia o que estava acontecendo, e ele tinha que saber quantas vezes ela tinha sido passada em torno do clube, e quantos irmãos.

Foda-se. Por que ele se preocupava em perguntar? Ele tinha fodido tantas prostitutas no clube e vadias aleatórias, as mulheres que ele conhecia tinham sido passadas de irmão para irmão e vice-versa. Inferno, tinha havido tantas que ele tinha perdido a conta há muito tempo.

Sim. Era um puto. Sabia disso; merda, todos sabiam disso. Dormia com cada boceta que aparecesse em seu caminho desde que perdeu a virgindade, cortesia de Mick e Tap, com 12 anos em um clube com prostitutas 7 anos mais velhas do que ele. Depois disso, depois de mais alguns encontros sexuais, só parecia a coisa dele.

As meninas corriam para ele. Sabiam que era gostoso e não se importavam se ele fodia com elas e as descartavam, porque, na verdade, tudo o que queriam era dizer que transaram com ele.

Mas, como disse, era a sua coisa. Era quase esperado que agisse como um vagabundo. Isso era tudo o que alguém pensava quando o olhava. E isso era legal, o sexo era divertido pra caramba, ele adorava.

Até que não gostava mais. Agora era só... sexo. Agora, cada vez que gozava, se ainda se lembrava, começava a sentir-se cada vez mais como merda. Não tinha certeza do porquê se sentia assim. Um cara se sentia um merda depois de transar? Às vezes, várias vezes em uma noite.

Ele se sentia.

De repente, não queria tocar essa vadia. Ele definitivamente não queria sua boca, onde ele sabia que inúmeras outras bocas estiveram e... a imagem do Pregador veio à mente; o velho chupando seus seios, sacudindo os quadris para trás e para frente entre as coxas grossas.

Sentindo... fora, Cage recuou para a parede oposta, pronto para lhe dizer para fazer uma caminhada, quando de repente ela caiu de joelhos e puxou seus couros abertos. A cadela tirou o pênis e colocou em sua boca, sugando como uma sanguessuga faminta.

Puta merda. Inclinou sua cabeça na parede, colocando as mãos em seu cabelo e fechando os olhos. Segurando forte seu cabelo,

pressionou seus quadris para a frente, forçando-a a tomar tudo dele. Jesus, porra, isso era bom.

Ele esperava que ela protestasse, mas Jesus, ela estava tão dentro dele, chupando, lambendo, gemendo e ronronando como uma criança com um picolé.

Gemendo, gozou rapidamente, mais rápido do que um tiro em seu estômago, considerando que ela era campeã garganta profunda como uma estrela pornô engolidora de espada.

Depois de deixá-lo limpo, ela se levantou, seus seios quase atingindo-o no rosto, pois saltou com seu movimento rápido e enrolou seu corpo ao redor dele. — É a minha vez. — Ela ronronou, pegando sua mão e ajudando-o a baixar o cós da calça jeans.

Que seja. Justo era justo. Circulando o clitóris, ia no sentido horário, anti-horário, então colocou um dedo dentro dela e começou a bombear lentamente. Alguns minutos se passaram e estava entediado. Precisava acabar com isso o mais rápido possível.

Agarrando sua garganta, apertou até que ela engasgou, depois virou e empurrou-a contra a parede. — Vamos lá, vadia. — Rosnou, tirando todo o seu suprimento de ar, enquanto continuava a trabalhar entre suas coxas. — Dê-me algo aqui.

Com os olhos arregalados, as pálpebras tremulando, a menina ficou rígida, estremecendo silenciosamente pelo que provavelmente foi o melhor orgasmo que já teve. Cage silenciosamente agradeceu a Balde

por lhe dizer, anos atrás, como fazer essa merda o mais rápido possível. Embora, enquanto Bucket usava o truque para fazer com que as cadelas voltassem para mais, Cage usava para se livrar delas o mais rápido possível.

Liberando sua garganta, se afastou dela e abotoou seus couros.

— Quer transar? — Ela gritou, com a voz ofegante.

Deus, porra, não. Essa cadela era uma prostituta profunda. Quase vinte e já era uma campeã. Sua vagina estaria bem aberta aos trinta. Porra.

— Não. — Disse calmamente, passando por ela. Retirando a chave de Eva de seu bolso e começando a abrir a porta.

— Babaca. — Ele ouviu vindo de trás.

Indiferente sobre o que a cadela pensava, entrou e fechou a porta.

Inclinando-se na porta, respirou profundamente várias vezes. O que havia de errado com ele? Desde quando se importava com quem estava transando com quem, porra? Além de putas do clube, quase nunca comia uma puta duas vezes por esse motivo, para não pisar no pé de ninguém ou para garantir que a cadela não se ligasse emocionalmente a ele.

Talvez estivesse ficando resfriado? Talvez tenha engolido um inseto na viagem até aqui e agora estava morrendo de algum vírus do Nilo Ocidental?

Ou talvez estivesse cansado de foder...

— Sei lá qual é o motivo... — Murmurou enquanto esfregava as mãos em sua barba e mandíbula.

Olhando rapidamente o quarto, encontrou uma cama, uma cômoda completa com um sistema de som antigo e uma prateleira de cds. Uma velha e rasgada cadeira e as paredes amarelas estavam forradas com posters de Led Zeppelin, Janis Joplin, Johnny Cash, Hendrix... e Billie Holiday? Huh.

Eva geralmente tinha um gosto obsessivo aleatório para música e nunca deixaria de surpreendê-lo.

Seguindo em frente, encontrou fotos de uma muito jovem Eva sentada na parte de trás da Harley do Pregador, segurando firmemente seu velho. Então, uma de Eva e Kami, que não poderiam ter mais de cinco ou seis, e as fotos que se seguiram eram delas crescendo juntas, como crianças, adolescentes e mulheres.

Mais fotos de churrascos de Demônios e corridas fora do estado, fotos de Eva e os garotos enquanto crescia dentro do clube.

A formatura do ensino médio de Eva, sua formatura da faculdade, o primeiro casamento de Kami com algum advogado idiota e

o nascimento de seu primeiro filho, Devin (que não era nem um pouco parecido com o advogado e muito parecido com Cox).

Cage começou a rir, até que chegou a uma outra foto, e ele parou de rir.

A foto de casamento de Eva e Frankie.

Cage olhou para o rosto de Franklin 'Louco' Deluva, o primeiro marido de Eva, o louco que capturou Ripper e assassinou o primeiro marido de Kami de alguma forma doentia; o filho da puta que arrombou o clube dos Cavaleiros, algemou Deuce a um radiador e o obrigou a assistir enquanto estuprava Eva.

O homem que levou Eva e que provavelmente a teria matado se ela não tivesse matado-o primeiro. O homem que, por causa de tudo isso, tinha fodido sua família (já fodida) ainda mais.

Percebendo algo estranho na foto, se aproximou e a analisou. Sim, no canto inferior esquerdo havia uma protuberância. Levantando a imagem fora da parede, ele virou o quadro em suas mãos e abriu os fechos prendiam a foto na moldura. Depois de lançar de lado o apoio, ele encontrou o que estava fazendo uma saliência na foto. Um envelope velho, dobrado ao meio.

Deixando de lado todo o resto, ele abriu o envelope e olhou para dentro.

— Porra! —Exalou.

Era Eva, sentada no bar ao lado de um par de olhos azuis que conhecia, os cotovelos apoiados no balcão, com o queixo apoiado nas palmas das suas mãos, sorrindo para a câmera. E ela era jovem, como...

Olhou ao redor e observou uma foto dela em sua formatura da faculdade, usando seu boné e um vestido. Ela era uma jovem universitária. O que significava...

Ele contou para trás os anos e...

Sim, seus pais ainda estavam juntos. Apenas um pouco.

Cage olhou para as fotos. Ele sabia que havia um pouco de história entre seu velho homem e ela; ele ouvia alguns dos meninos provocarem Eva sobre isso de vez em quando, mas ele não sabia a história toda. O máximo que ele conseguiu tirar de seu velho homem foi depois que ele trouxe Eva pela primeira vez de volta à Montana com ele.

— Pai?

— Sim?

— Ela é a razão de você estar chateado o tempo todo?

— Sim.

— Ela é o motivo pelo qual você deixou a mamãe?

— Sim.

— Você a ama?

— Sim.

Houve uma longa pausa.

— Legal.

— Sim.

Ele continuou a folhear as fotos antigas. Algumas eram de Eva e os meninos, alguns de Kami sendo atacada tanto por Cox quanto Ripper, algumas do ZZ, algumas de Dorothy e Jase.

Jesus. Eram todos mais novos do que ele era agora.

Mas foi a próxima foto que o deixou boquiaberto.

Deitada de costas, apoiada em seus cotovelos, com a bunda nua, de pernas escancaradas, esparramada sobre o que reconheceu como a cama de seu velho homem no clube, estava Eva — a Eva adolescente — e os seus pesados seios, implorando para serem tocados.

Apressadamente, jogou para o lado. Sim, não estavam realmente relacionados, mas era a esposa de seu velho homem e mãe de sua irmã mais nova, o que significava que não devia usar o material. Pelo menos, não mais.

Quando tinha 18 anos, sim, o que era outra história.

A foto seguinte era ainda pior. Foi tirada em um ângulo que você sabia que a pessoa estava deitada, capturando a pessoa acima dele.

E a pessoa acima dela era seu pai, parecendo muito mais jovem em comparação com agora. Seu cabelo loiro estava puxado para trás, com o rosto bronzeado desenhado apertado, suas narinas dilatadas, seus olhos azuis encapuzados quando olhou para o fotógrafo com...

Luxúria. Adoração. Talvez até um pouco incrédulo.

E apesar de Cage não conseguir ver nada mais do que o peito tatuado de seu pai, era óbvio o que estava acontecendo. Eva tinha tirado uma foto de seu velho enquanto transava com ela. Não, não é só merda. Aquela velha desculpa desgraçada era amor.

Mesmo naquela época.

Ciúme o dominou. Não inveja sobre Eva, mesmo que fosse uma boa bunda do sexo feminino, mas ciúme de seu próprio pai.

Quantas vezes o babaca fodeu tudo? Quantas pessoas machucou ao longo do caminho? E como castigo, Deus lhe dá uma das mais perfeitas mulheres que Cage já conhecia? Bonita, 18 anos mais nova que ele, com um coração tão grande que todos ao seu redor podiam sentir que o amor que só transbordava.

Seu pai idiota tinha tudo, e ele... nada.

Xingando, guardou as fotos novamente no envelope, dentro do esconderijo. Depois de colocar a foto de volta direito sobre o seu lugar na parede e dar a Frankie um último olhar por muito tempo, ele foi para o banheiro, de repente, consciente de que Frankie tinha andado

estes os mesmos passos, tinha dirigido para o mesmo banheiro, chateado neste mesmo banheiro, tomado banho no chuveiro atrás dele, dormido na cama ao lado de Eva... com Eva.

O filho da puta foi totalmente obcecado por ela. Pior, estuprou a própria esposa, obrigando Eva a matar seu próprio marido.

Dando descarga, Cage voltou ao quarto e foi direto para a porta. De jeito nenhum ele dormiria em um quarto cheio de memórias assustadoras e um fantasma que podia ou não ter capacidades de assombrar, que podia ou não incluir arrancar olhos, cortar a pele e fazer caras comerem o próprio pau.

Sim, gostava de seus intestinos exatamente onde estavam, muito obrigado. Ele dormiria ao lado de Tiny. Inferno, dormiria em cima de Tiny, antes que dormir aqui.

— Você não a merece também, Frankie. — Murmurou, fechando a porta, deixando para trás o doloroso passado de sua madrasta e todo o lixo que tinha seguido em seu rastro, trancando dentro daquele quarto que se parecia mais como um santuário.

— E agora você pode apodrecer no maldito inferno. Tudo em paz.

CAPÍTULO DOIS

Eleanor Ellie Tate foi mais longe que todos. Bem mais do que todos eles.

Com a bolsa agarrada firmemente ao estômago, foi para a escola secundária na qual se formou com honras, sentindo-se totalmente rejeitada.

O racismo já era tão óbvio e predominante na sociedade moderna? Como nunca percebeu isso até agora? Nasceu e cresceu em Miles City, uma comunidade predominantemente branca, com exceção das reservas cheias de nativos americanos. Os brancos tinham seus grupos, os nativos americanos mantiveram os seus também e então havia a sua família. Sua mãe era branca, seu pai era negro e ela, uma vira-lata.

Algo que nunca pensou antes, até agora. Não até que deixasse os limites da faculdade de Miles City depois de quatro anos na MSU e mais dois anos internos enquanto trabalhava em seu mestrado, para voltar para casa na esperança de conseguir um cargo como professora através de sua antiga diretora, a Sra. Adele Lancaster.

Sabia que havia várias vagas em aberto. Foi uma das razões pela qual voltou para casa. Sua mãe estava no quarto estágio de câncer de

mama e seu pai era um desastre. Ela queria ajudar onde pudesse e ao mesmo tempo dar um salto na sua carreira. Não querendo perder tempo em vôos para Miles City, conseguiu sair do avião em Billings, alugou um carro e foi direto para sua entrevista de emprego. Ela planejara surpreender seus pais, diretamente depois, com uma boa notícia.

Tanto para isso.

Sinto muito, Srta. Tate, mas não é o que precisamos no momento.

Tanta coisa para voltar para casa novamente.

Ela saiu de lá antes que aquela velha vadia visse o quanto a deixou chateada. Mas agora que estava sozinha, marchando sem rumo pela rua principal, passando por seu carro no estacionado sem destino, as lágrimas começaram a cair.

Ela nunca deveria ter voltado.

Fazendo uma pausa na caminhada para limpar as bochechas molhadas, ela olhou para cima. Hank. O único bar em Miles City e também o único estabelecimento da cidade no qual nunca tinha estado. Além de um incidente horrível na faculdade onde ela acabou com o rosto em um vaso sanitário, ela não bebia.

Ela nunca foi muito divertida, algo que suas velhas amigas Anabeth e Danny amavam lembrar-lhe a cada dois segundos. Ambas

eram loiras, magras, divertidas, carinhosas e alegres, tudo o que Ellie não era.

Além de seus olhos azuis, sua pele era morena da cor de caramelo, seus longos cachos negros eram apertados e indisciplinados. E estava cheia de curvas, bem consciente de que estava carregando alguns quilos extras, já que seu estômago não era exatamente plano, seus seios eram irritatemente grandes além dos quadris maiores do que gostaria que fossem. Mas não era apenas no aspecto que ela se diferenciava de suas duas melhores amigas.

Danny nunca tinha saído de Miles City. Ela acabou o colegial na comunidade, então se casou com um homem, tudo antes dela completar vinte e cinco anos.

E se isso não fosse ruim o suficiente, ela se casou com um maníaco homicida provavelmente 14 anos mais velho que ela. Ripper, um motociclista da moto clube criminoso de seu pai, cujo rosto e corpo estavam tão marcados que era aterrorizante de se olhar.

Depois de Ellie descobrir sobre o casamento perturbador de Danny, ela cortou todo o contato, mas continuou a receber atualizações indesejadas periódicas cada vez que Anabeth voltava à escola depois de suas visitas de verão em Miles City.

Falando de Anabeth...

Apesar de Ellie e Anabeth dividirem o quarto juntas na MSU, não tinham passado muito tempo juntas e a amizade se tornou tensa e,

eventualmente, inexistente. Anabeth tinha mudado na faculdade, entrando para uma irmandade e se tornando uma cadela de primeira. Ellie sempre soube que ela tinha isso lá no fundo.

Agora Anabeth estava morando em Westchester, Nova York, em um condomínio fechado, casada com o filho de um rico promotor imobiliário e grávida de seu primeiro filho.

Mas Ellie não se arrependeu de suas decisões de colocar a sua educação e carreira em primeiro lugar ou de cortar pessoas como Danny e Anabeth fora de sua vida. Mulheres sem ambições a não ser casar com homens que cuidassem delas,quer seja na garupa da moto de um criminoso notório ou na parte de trás da limusine de um rico e mimado homem. Ambas perderam a sua liberdade para dois idiotas e não faziam nada das suas vidas, exceto parir mais crianças idiotas.

Destruíram ativamente cada mulher que trabalhou incansavelmente durante anos para dar ao sexo feminino o direito de igualdade na vida, para ter o voto e trabalhar lado a lado com os homens, para ganhar salários iguais e serem tratadas com o respeito que mereciam.

Ellie nunca seria assim. Nunca desistiria de seus sonhos por um homem, e nunca, nunca iria acabar com um homem que quisesse controlar a sua vida, que esperasse de pernas abertas sempre que tivesse uma ereção ou parir crianças sempre que ele ordenasse fazê-lo.

Um estrondo alto e familiar de motocicletas tirou-a de seus pensamentos. Falando de Danny...

Seis homens, todos montando Harleys e usando seus coletes de couro Cavaleiros do Inferno, foram até um dos poucos sinais da cidade que estava vermelho e pararam.

Ela reconheceu imediatamente Deuce, o pai de Danny, fazendo a festa com uma menina loura pequena na parte traseira de sua moto, com os braços em volta dele. Ivy, Ellie pensou, tinha crescido um pouco desde que ela a tinha visto pela última vez. Quantos anos ela tinha agora? Oito? Nove? Deuce deve ter ido apenas buscá-la na escola. Ellie lembrou-se de seus anos mais jovem, lembrando Danny na parte traseira da moto de Deuce, segurando firme em seu pai, acenando alegremente para Ellie e Anabeth quando ele a deixava na escola. Anabeth tinha ficado impressionada com as motos, mas não Ellie. Ela tinha ficado apavorada e até hoje só tinha montado uma vez na parte de trás de uma moto.

Olhando os cinco homens restantes, Ellie percebeu que ela reconhecia todos eles: Mick, Balde, Tap, Jase e Dirty.

Não Cage. Ellie agradeceu a Deus por pequenos favores. Cage West tinha sido um dos seus três erros do ensino médio, que ocorreram no verão depois do primeiro ano, quando ela deixou que seus hormônios obtivessem o melhor dela.

Todos os seis olharam em sua direção. Os lábios divididos em um sorriso gorduroso e as sobrancelhas franzidas. Bem, obviamente, reconheceriam a única fêmea mestiça que viveu em Miles City.

Em seguida, o sinal ficou verde, os motores aceleraram, Deuce deu-lhe uma saudação de dois dedos e um verdadeiro, sorriso com covinhas e como uma máquina bem oleada, cada um deles em sincronia com o outro, todos os seis dispararam rua abaixo sem se afastar uma vez da formação.

Ela ficou olhando para eles, desgostosa, se perguntando por que o prefeito permitia que uma gangue de motociclistas corresse nesta cidade e nunca levantou um dedo para fechar suas operações, levá-los presos, explodir seu clube, nada.

Ganância. Tudo se resumia a ganância.

Esta cidade representava tudo o que ela odiava. Se seus pais não precisassem dela, nunca mais colocaria os pés em Miles City.

— Ellie?

Ela olhou para a direita, para o homem caminhando em sua direção e seu queixo caiu.

— Daniel? — Perguntou ela, inclinando a cabeça para um dos lados, certificando-se de que era realmente Daniel Mooresville, um adolescente magro, com óculos e acne horrível.

Esse não era o caso. Daniel mudou muito. Estava ótimo. Pele limpa, os olhos azuis celestes sem óculos, cabelo loiro e curto e uma quantidade ímpia de músculos, parou em frente a ela e lhe deu um sorriso largo.

— Ei, linda. — Ele falou lentamente. — Há muito tempo não te vejo.

— Danie. — Ela repetiu, pasma. — Uau, você está... diferente.

Ela correu os olhos para cima e para baixo de seu corpo, mais uma vez, fazendo uma pausa em sua cintura, onde um emblema da polícia estava preso ao cinto.

— Você é um policial? — Ela perguntou, olhando para trás para o seu rosto.

Ele sorriu. — Chefe. — disse com orgulho.

Os olhos de Ellie se arregalaram. Daniel Mooresville, o maior idiota que já conheceu, era não só lindo de morrer, mas o chefe de polícia de Miles City?

— Parabéns. — Murmurou, sorrindo para ele, embora ainda chocada.

— O mesmo para você. — Disse ele. — Ouvi dizer que está lecionando agora.

Ellie fez uma careta. — Mais ou menos. — Murmurou. — É uma longa história.

Daniel fez um gesto para Hank. — É aqui que eu tenho a oportunidade de saber as novidades . Posso dividir algumas com você, talvez te pagar uma bebida?

Suas sobrancelhas se ergueram. — Você não está em serviço?

O sorriso de Daniel só cresceu. — Ellie, eu sou o chefe.

O que isso significava?

Ellie balançou a cabeça. — Eu não quero te atrapalhar. — Disse ela. — Tenho certeza que você tem coisas mais importantes para fazer.

Rindo, Daniel abriu a porta do bar e fez um movimento de varredura com a mão livre. — Ellie Tate, eu tive uma queda por você desde a quinta série e ficaria honrado se eu pudesse pagar-lhe uma bebida.

Uau. Lindo e educado. E o chefe de polícia. Será que ela acertou na loteria?

Balançando a cabeça e sorrindo, ela passou por Daniel e entrou no bar. Quando a porta se fechou atrás deles, Hank olhou por trás do bar. Ele parecia exatamente como ela se lembrava dele, velho, careca e gordo.

— Olhe se não é Ellie Tate! — Disse ele, sorrindo. — Menina, quanto tempo faz desde que eu vi esse seu rosto bonito? — Ele apontou para a banqueta diretamente na frente dele. — Sente-se ali mesmo e deixe-me resolver uma coisa, querida!

Quando Daniel puxou a banqueta para ela, ela pensou que talvez voltar para casa não fosse a pior decisão que já tenha tomado.

Sentindo-se desconfortável, ansioso e mais do que pronto para sair da casa grande que estava no momento, Dirty começou a bater os pés no carpete bege de pelúcia debaixo de suas botas.

Suas botas sujas. Por todo tapete muito limpo.

Sentindo o estômago embrulhar, mudou de posição no limpo e igualmente luxuoso sofá branco, no qual estava sentado.

Riquinhos filhos da puta. Odiava suas casas grandes cheias com quartos muito puros para se sentir em casa. Ele odiava suas roupas extravagantes, armadilhas elaboradas e inúteis que o faziam se sentir como despir a si próprio. Mas acima de tudo, ele odiava os seus olhos de desaprovação.

Sim, ele sabia o que viam. Ele era alto, magro e firme, mas não excessivamente musculoso; ele não comia o suficiente para ganhar qualquer peso extra e considerando todos os treinos em que ele se colocou completamente, a única merda deixada dentro dele para queimar era bebida e músculo.

Seu cabelo castanho escuro longo e gorduroso, muito gorduroso, por vezes, aglutinados. Seu rosto estava muito barbudo com o mesmo cabelo castanho escuro que tinha crescido espesso, suas características reais não eram facilmente distinguíveis. Ele gostava desse jeito. Ninguém podia vê-lo, o que realmente parecia e o que costumava ser. Um pequeno arrepio percorreu-lhe. Ele não poderia estar em casa, tampouco estar em torno de pessoas como essas. Ele não podia, não sem memórias indesejadas inundando-o, fazendo-o sentir nojento, usado e... Dirty.

Dirty. Ele era Dirty[2]. Ele estava imundo, tanto dentro como fora. Ele era oco, um pedaço podre de merda que deveria ter desistido de respirar há muito tempo, no entanto, por algum motivo estúpido do caralho, Deuce não iria deixá-lo.

— Eu acredito que o preço é aceitável. — Disse Pamela Mooresville, seu tom tão sexy como tudo o mais sobre ela. Voltando um pouco na poltrona, ela se virou de Deuce para o marido, o prefeito Norman Mooresville. — Não concorda, querido?

Mooresville não poderia ser muito mais velho do que ele, Dirty adivinhou. Acabara de completar 38 anos e esse idiota tinha que estar em seus 40 e poucos anos. Mas, pela sua aparência, a boa vida não foi tão boa para o Sr. Prefeito, com sua barriga marcando sua camisa. Seu queixo não era duplo, era praticamente triplo e seus poucos cabelos, infelizmente, também estavam grisalhos.

[2] Sujo em inglês

— Preço? — Mick riu, acariciando sua longa barba preta e cinza. — Você tem que sacanear tudo, não é? Por que não o chamar do que exatamente é? A maldita recompensa.

— A gorda vadia — Tap disse enquanto puxava um cigarro de trás da orelha e levava-os aos lábios. Acendeu o cigarro, respirou fundo e soprou a fumaça lentamente. — Ainda é uma gorda vadia — continuou. — Não importa como olhe para ela.

— Não fume aqui — disse Pamela lentamente, olhando primeiro para Tap, em seguida, Balde, à ele e à todos com desgosto.

Tap sorriu ao dar seu próximo trago. — Isso por quê? — Murmurou e jogou o cigarro no tapete. Pamela ficou em pé com um suspiro ao mesmo tempo em que a ponta da bota de Tap descia sobre o tabaco iluminado moendo o cigarro de um lado para outro.

— Você é repugnante.

— Pamela. — O prefeito ficou de pé mais rápido do que Dirty pensava ser possível para uma pessoa gorda e agarrou o braço de sua esposa.

Posteriormente Deuce, Mick e Bucket se levantaram também. Dirty seguiu o exemplo, mais do que pronto para dar o fora deste lugar horrível.

— Terminamos aqui. — Deuce rosnou e seus olhos duros estreitaram sobre o prefeito. — Você terá a metade do dinheiro limpo

na segunda-feira devido ao embarque na cidade na quarta. Mas se eu não tiver os seus meninos de azul a bordo, tudo o que você verá como pagamento pela segunda metade é a pá que vou comprar para enterrar a sua bunda gorda. Entendeu?

— Poderia apenas dá-lo de alimento para os cães, Prez. — Bucket demorou. — Não tem que alimentá-los por uma porra de mês inteirinho depois disso.

Dirty revirou os olhos. Bucket estava cheio de merda; o clube não tem nenhum cão.

O prefeito levantou a mão trêmula para enxugar o suor que tinha frisado pela testa.

— S-sim. — Ele murmurou. — É claro que tudo vai correr como planejado e todo mundo vai estar a bordo. Você pode contar com o meu filho e os seus homens.

O lábio superior de Dirty enrolou. Daniel Mooresville era o atual chefe de polícia de Miles City. Dirty e ele cresceram juntos. Filho de um casal de idiotas ricos e corruptos, gostava de perseguir os Cavaleiros, mesmo sabendo muito bem do negócio sujo em que eles nadavam. Estadno inclusive envolvido. Innferno, metade da cidade estava envolvida. No entanto, o filho da puta ainda gostava de testar os limites com tudo, desde de multas de estacionamento até atrasos com licenças para a construção a violações do código na sede do clube, só para ver o quanto Deuce toleraria antes de explodir.

Ele era um filho da puta de primeira classe que pensava que seus pais ricos e influentes e seu distintivo fossem protegê-lo.

E Deuce deixava-o pensar assim, apesar de não ser verdade. Os Cavaleiros eram perigosos o suficiente por conta própria, mas desde que Deuce tinha trazido Eva de volta para Montana com ele todos esses anos, os Cavaleiros estavam trabalhando lado a lado com os Demônios de prata e os Demônios não estavam apenas em nível nacional e sim em todo o mundo. Pregador tinha mais poder e conexões do que o maldito presidente dos Estados Unidos.

Um por um, os Cavaleiros acenaram para o casal real e saíram para o corredor. Quando Dirty passou por Pamela, seu intestino apertou e ele contornou o mais longe possível, sem enfrentar qualquer obstáculo. Ele não respirou de novo até que finalmente saíram para onde Jase e Ivy estavam sentados nos degraus da frente. Yvy estava jogando um jogo no seu celular e Jase estava com o mesmo olhar perdido na distância. O irmão não falava mais desde que Dorothy levou um tiro. Ela acordou no hospital sem se lembrar dele e portanto, cortou relações. Então tudo o que ele fazia era comer, dormir e beber.

Especialmente beber.

Sentiu uma mão forte em seu ombro e se assustou, mas se conteve antes de sair correndo. Olhando por cima, encontrou Deuce em pé ao seu lado, olhando para frente. Dirty soltou um suspiro aliviado.

— Irmão. — Deuce disse baixinho, para não alertar ninguém com suas palavras. — Você precisa se afastar uns dias? Basta dizer a palavra.

Não, ele estava bem. Ele só... ele não podia... precisava...

— Sim. Preciso.

Com mais um tapa no ombro, Deuce desceu os degraus, levando Ivy com ele. Juntos, todos os seis montaram em suas motocicletas e partiram ao longo do trecho da propriedade do prefeito. Mas quando seus irmãos viraram à direita, voltando para o clube, ele foi para a esquerda, em direção às montanhas.

Seus irmãos respeitavam seus momentos de solidão. Ele ficava muitas vezes sozinho e gostava dessa maneira. Ele não podia ficar confinado ou parado por muito tempo ou gastaria tempo com ele ele e suas memórias.

Deuce sabia. Deuce era o único que sabia alguma coisa sobre seu passado, e ainda assim sequer conhecia a metade. E mesmo assim, ele só sabia algo porque tinha visto em primeira mão quando, por alguma razão, resolveu voltar para o beco mal iluminado de Manhattan onde viu Dirty ser dobrado sobre uma pilhada de caixas de transportes empilhadas e tomado pela bunda.

Ele tinha 15 anos de idade. Um fugitivo de um lar adotivo que vivia nas ruas roubando o que podia, vendendo para quem quisesse

comprá-lo. Não era uma vida fácil, mas mesmo ser um sem-teto tinha sido melhor do que a vida da qual ele iria fugir.

Até que um dia ele não tinha sido forte o suficiente para lutar com um cara.

E foi assim que Deuce o encontrou. Espancado, inclinado sobre uma pilha de caixas de transporte, com as calças em torno de seus tornozelos, gritando de dor, implorando para ser liberado enquanto algum filho da puta sujo o estuprava.

Foi a primeira vez que tinha visto um homem morrer nas mãos de outro. Ele viveu nas ruas da cidade tempo suficiente para ter visto as pessoas morrerem. Desabrigados sucumbindo ao tempo, vítimas de tiros, os usuários de drogas, overdose.

Mas esta tinha sido a primeira vez que ele viu um homem matar outro homem... usando suas próprias mãos. Deuceu bateu primeiro no idiota para depois agarrá-lo pelo pescoço até a morte.

Comparado a ele, alto, mas magro, Deuce era do tamanho de um super-herói. Mas depois de Deuce puxar o cara de cima dele, tudo o que conseguiu gerir foi uma queda ao chão onde permaneceu até Deuce caminhar até ele, puxar suas calças para cima e colocá-lo por cima do ombro voltando pelo beco sujo em que desmaiou pela perda de sangue ou por medo. Ou possivelmente, ambos.

O resto confirmava a história. Mal. Se pudesse chamar sua vida de história. A primeira metade foi uma série de eventos infelizes

empilhados em cima uns outros e o segundo semestre resumia-se em lutar.

Todos os dias lutava. Lutava com a lembrança, com o esquecimento, com toda a fodida besteira pervertida que rodava e rodava a sua cabeça, sabendo que não deveria ter esses pensamentos; sabendo que esses pensamentos não eram dele, mas era incapaz de não pensar... não conseguia parar as imagens, os sussurros, o feio desejo depravado que o levara a fazer coisas depravadas...

Mais uma vez na cidade, Dirty encostou a moto ao lado da estrada e desligou o motor. Empurrando seu estribo para baixo, ele passou a perna sobre a sua moto e se endireitou. Ao olhar em torno da rua escura e calma que viveu, enfiou a mão no bolso e tirou seus cigarros.

Miles City tinha sido perfeita. O oposto de Nova York e todos os pesadelos que o lugar mantinha dentro dele. Ele podia respirar aqui a maior parte do tempo e andar por horas, apenas ele e a estrada.

Dirty sentiu a pele arrepiada ao ouvir o grito agudo, cheio de terror seguido pelo distinto baque de um punho contra carne, cortando o silêncio da cidade pequena e montanhas circundantes, rasgando as ruas vazias e o silêncio das montanhas circundantes.

Outro grito. Desta vez ilegível, mais sufocado que o primeiro, em seguida, outro bater de carne e depois... silêncio.

Dirty tinha uma cara de poker bem praticada. Além de Deuce, ninguém, nem um filho da puta, podia ver suas merdas. Podia jogar com o melhor de seus irmãos, bater em um filho da puta e até matá-lo sem pensar duas vezes com seu olhar tão insensível quanto o resto. Ele tinha feito coisas deploráveis para uma tonelada de pessoas de merda, homens e mulheres, e nunca mexeu a porra de um cílio em suas ações.

Até que estivesse sozinho. Porque quando estava sozinho, poderia se abalar, tremer, gritar e gritar, perfurar as paredes, poderia perfurar-se.

Sozinho, poderia chorar. Sozinho, deixaria o medo e, Jesus, havia muito medo. Ele vivia e respirava medo... todos os dias, todas as noites, o tempo todo.

Foi pelo pavor de ser governado pelo medo que se transformou no que era. O tipo de monstro que mais odiava.

E foi todo o terror dentro dele, correndo em suas veias, batendo no seu coração, fazendo-o suar mais de medo, que o fez jogar fora o cigarro e correr desolado pela calçada. Virando em um beco mal iluminado, derrapou até ver a cena à frente dele. E pelo medo, ainda que suas mãos estivessem trêmulas, pôs seus pensamentos de lado e tentou abrir um buraco no pesadelo de outra pessoa.Um pesadelo muito parecido com o seu.

A bala rompeu o ar. Errando seu alvo, Dirty tentou novamente, só que desta vez o idiota tinha sido alertado para a sua presença e

estava de pé, puxando para cima as calças enquanto corria na direção oposta bem rápido indo embora antes da segunda bala deixar a câmara.

Dirty baixou a mão trêmula, todo o seu corpo tremia, sua mente estava confusa tentando entender tudo o que o consumia, tanto do passando quanto do presente.

Não era ele deitado na rua, não era ele quem estava com as calças em torno de seus tornozelos, sangrando, chorando e implorando.

Ele tentou respirar. Dentro e fora, devagar, mais rápido, mais lento novamente. NADA estava funcionando.

Ninguém estava transando com ele, não foi, não era ele...

— D-dirt-ty...? —

A voz rouca e truncada, distintamente feminina chamando seu nome, fez sua cabeça virar à esquerda e seus olhos pousaram na pilha ensangüentada de carne trêmula que estava há mais de quinze metros dele.

Dirty piscou. Ele piscou e respirou para...seus olhos reorientarem-se.

Merda.

Merda, ele a conhecia. Mais ou menos. Ela era... Emma? Erin? Ella?

Ellie. Ellie, a gostosa mulata. Amiga de Danny.

— Po-por favor... — Continuou ela e seu braço se movia, os dedos estendidos. Ela estendeu a mão para ele.

Ele poderia fazer isso. Ele simplesmente não conseguia pensar no que estava fazendo enquanto fazia isso. Mas ele poderia fazê-lo. Ele tinha que fazer isso.

Danny era a coisa mais próxima de um amigo que ele já teve, a única mulher que voluntariamente estava pendurada em volta dele, e esta era sua amiga. Que porra ele faria se fosse Danny deitada seminua na rua, espancada?

Indo em frente, na sua direção, abaixou-se ao lado dela, e congelou imediatamente antes de suas mãos pudessem entrar em contato com seu corpo.

— Ei! — Disse com a voz rouca, tentando manter-se calmo. — Qualquer coisa quebrada?

Ela piscou para ele com os olhos inchados. — Não. — Ela sussurrou. — Só... m-minha cabeça... dói.

— Porra. — Murmurou enquanto se retratou de suas mãos, enfiando a mão no bolso e tirando seu telefone celular. — Fique calma, vou chamar a cavalaria.

— Não! — Ela gritou quando seu braço disparou e sua mão agarrou seu pulso. A sensação dela, seu aperto em cima dele, sua pele

na sua pele, causou um efeito cascata nauseante por todo o corpo, terminando com um tremor violento.

— Nenhum policial. — Ela sussurrou, seu aperto afrouxou quando o último vestígio de sua força desapareceu. — Por favor ... ninguém ... ninguém... pode saber.

Dirty apertou os lábios. Ele não tinha falado sobre os meninos de azul, ele não funcionava dessa forma. Mas Ellie disse primeiro. Sem polícia, hein? Ele entendeu. Sem polícia. Esse era o modo de vida para ele e seus irmãos. O código tácito de que tudo o que fosse necessário lidar, eles mesmos lidavam.

Mas uma boa garota como Ellie? Por que diabos não?

Ainda não querendo tocá-la, contemplou pedir a ajuda de Deuce até que as pálpebras de Ellie começaram a fechar. Somente então soltou um grande suspiro de alívio. Ela estava fora. Podia lidar com seu inconsciente. Gentilmente, ele a rolou de costas e tentou o melhor que pôde puxar para cima suas calças. Então, com a apreensão de um homem adulto lidando com um bebê pela primeira vez, ele levantou-a em seus braços embalando-a contra o peito e se dirigiu para fora do beco.

CAPÍTULO TRÊS

Sem piscar, eu olhava para o monitor do computador na minha frente, no anexo de e-mail que tinha acabado de abrir, e deslizei sobre o título:

Ativistas dos direitos dos animais protestam contra o uso excessivo de couro em Biker Rally em Los Angeles.

Balançando a cabeça, bufei baixinho. Você poderia tirar uma menina de um clube de motocicletas, mas o clube dessas malditas Harley nunca sairia dela. Não era apenas ZZ que se tornara um lembrete constante, era o barulho ainda sexy e alto de cada motocicleta que passava. Se uma bela máquina passasse por mim, meu mundo parecia parar. não importando o que eu estivesse fazendo. Seja comendo, conversando ou mesmo imersa no meu smartphone.

Eu sempre parava para ver como ela voava e olhava quando desaparecia. Mas ao contrário de todos os outros, que podiam dar uma rápida olhada e depois ir imediatamente de volta para o que estava fazendo, sem saber que tinham acabado de presenciar a liberdade definitiva, uma maneira de voar sem asas, eu olhava muito tempo depois da moto ter desaparecido, lembrando o que se sentia ao estar na parte de trás de uma motocicleta, segurando firme em um homem.

Eu desejava muito ser outra pessoa, estar em outro local. Tanto que doía. E, no entanto, ao mesmo tempo, me odiava porque eu sabia que, no fundo, nunca realmente pertenceria àquela vida.

Suspirando, afundei na minha cadeira, fechei os olhos e tentei me lembrar que eu tinha me esquivado da bala. Que mesmo se eu não tivesse tido o meu coração partido em uma idade tão jovem, já saberia o final de tudo isso. Com toda a probabilidade, seria uma prostituta do clube Cavaleiro do Inferno como minha mãe fora. Como era, já estava próxima da coisa.

ZZ sempre guardava sua moto antes que voltar à cidade e isso me deixava ainda mais curiosa sobre as suas atividades quando estava fora, por que precisava ser tão discreto e não falar nada sobre o clube que não fossem declarações curtas, relativas a Deuce. Mas ele ainda era ZZ. Um rosto, um nome, um homem que eu associava a minha infância, à minha mãe e toda a sua dor.

— Eita, Teg, parece que acabou de engolir um pau.

Meus olhos se abriram e pousaram no traseiro cheio de curvas vestido de jeans que havia se apoiado na quina da minha mesa.

— Menina Sup.

Hayley era a coisa mais próxima que tinha de uma melhor amiga. Nos conhecemos no meu primeiro ano na faculdade durante uma manifestação protestando contra testes de cosméticos em animais, e nos tornamos inseparáveis. Não saíamos tanto quanto costumávamos

mais, principalmente porque ela se casou recentemente, mas ainda conseguíamos nos reunir pelo menos uma vez por semana.

— Quem te deixou entrar aqui? — Provoquei. — Onde está a segurança?

— Sim! — Hayley exclamou dramaticamente, abrindo os braços e fazendo um gesto abrangente para o pequeno escritório de um quarto com uma equipe de doze pessoas que compunham a Jurisdição de São Francisco, todos dentro de suas salas decoradas pessoalmente.

— Alguém tem que proteger você, esperançosa ganhadora do Prêmio Pulitzer, dos pistoleiros contratados para matá-la uma vez que sua grande exposição demonstrará o tráfico de seres humanos escravos do sexo e nossos queridos e doces políticos que os apóiam!

— Droga em linha reta! — Alguém gritou. — Foda-se o governo!

— Se treme de indignação a cada injustiça! — Hayley gritou de volta, citando Che Guevara. — Então você é um camarada meu!

Dois compartimentos na minha frente, o nosso editor de esportes, Christian, pulou em cima da mesa e levantou a mão em punho — Prefiro morrer de pé! — gritou, também citando o líder rebelde infame — Ao invés de viver de joelhos!

— Viva La Revolución! — Veio um grito em resposta.

— Olha o que fez! — Disse, rindo. — Agora eles nunca calarão a boca.

Hayley me dispensou, colocou a palma no meio da minha mesa e inclinou-se. Tirou seu longo cabelo loiro, com mechas rosas do ombro e riu. — Menina, não te verei para sempre e gostaria que viesse para o jantar hoje à noite.

Sorrindo, revirei os olhos. — Jantamos juntas na semana passada.

Balançando a cabeça, ela afastou a minha declaração. — Na semana passada. — Repetiu. — Anos atrás. Assim, vamos jantar. Hoje à noite. E por favor me diga que ZZ está fora da cidade.

Fiz uma careta. Hayley não gostava de ZZ. Na verdade, ninguém com quem me relacionava em São Francisco gostava de ZZ. Ou ele os intimidava ou simplesmente os irritava. Para a maior parte, ele gostava de sua solidão, mas de vez em quando gostava de brincar, só que a versão dele de brincar era um pouco hardcore para alguns dos meus amigos mais despreocupados.

Brincar, para eles, significava uma pequena festa, música e cervejas.

Para ZZ significava paredes e paredes de corpos, música hardcore bebidas, drogas e as mulheres que fodia. Ou pelo menos costumava ser, uma vez que aparentemente apenas me fodia agora.

Eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso, assim, em vez de me deter pensando sobre ele, empurrei-o de lado e foquei em Hayley.

— Não, ele está em casa. — eu disse.

— Bem... — Disse ela lentamente. — O que acontece é que darei um pequeno jantar hoje à noite e acho que deveria vir, menos aquele motociclista antissocial, que sempre monopoliza todo o seu tempo.

Dei de ombros. — Ele tem um pau grande, fode como um deus do sexo e não fala com muita freqüência. Ele é praticamente perfeito.

Seus olhos se estreitaram. — Teg, ele é mau e assustador.

Estreitei meus olhos. Era ridículo que ela pensasse que ZZ era 'mau' e 'assustador'. Deus, se ela tivesse conhecido Deuce, Hawk ou mesmo Blue, provavelmente faria xixi nas calças.

— Ele é mal-humorado. — Disse — É diferente.

— Aposto que todo serial killer é mal-humorado. — Rebateu. — E, provavelmente, seja sua descrição de trabalho.

Hayley não percebeu o quão verdadeira sua afirmação era. Não havia nenhuma dúvida em minha mente que os Cavaleiros do Inferno mataram muitas pessoas ao longo dos anos. Nenhum dos irmãos falava abertamente sobre seus negócios na frente de suas mulheres e filhos, que não era o meu caso. Assim como minha mãe, depois que meu pai a deixou, fiquei rondando o clube. Acho que me consideravam incrivelmente insignificante porque não se importavam de falar livremente na minha frente.

— Menina, você está com aquele olhar de ‘engoliu um pau’ novamente.

Eu bufei e revirei os olhos. — Cale-se.

— Ouça, Teg. — Disse Hayley suavemente, inclinando-se mais perto de mim. — Entendo que sua mãe precisa de você e que isso te deixa em uma situação difícil, mas cada vez que volta para lá, para essas pessoas, você fica muito mais miserável. Quanto a ZZ, ele não é bom para você também, sendo Deus do sexo ou não.

Ela estava certa. Inferno, ela estava sempre certa. Eu estava presa em um mundo que não queria ter nada a ver, mas não conseguia sair.

— Porra. — Murmurei, espantando meus pensamentos deprimentes. — Eu vou ao jantar. Sem ZZ.

Antes que eu percebesse, Hayley estava de pé, batendo palmas animadamente. — Perfeito! — Disse baixinho. Então, estava no meio da sala, acenando para mim. — Minha casa! — Ela gritou. — Seis horas! E vestida para impressionar!

Levou um momento para suas palavras penetrarem, mas quando o fez... — Ótimo. — Eu murmurei, voltando-me para o meu computador. Ela estava, sem dúvida, tentando relacionar-me com um dos amigos do marido novamente. E, enquanto eles eram todos bons rapazes, o que parecia ser o meu maior problema com eles, eles eram ingênuos, homens femininos metrossexuais que não faziam nada para

mim a não ser me irritar de tal forma que eu queria colocar uma tanga rendada nos olhos deles e fazê-los implorar para fazer a mesma coisa com suas bolas.

Uma pilha de papéis finos apareceu na minha linha de visão, bloqueando o meu olhar para o teclado do meu desktop. — Será que ainda dá pra você verificar isso?

Olhei para Malcolm, o editor-chefe do jornal pequeno que eu trabalhava. Ele era pequeno para um homem, na casa dos trinta, mantinha seu cabelo escuro em um moicano na moda e usava óculos. Ele também tentava entrar em minhas calças quando ainda era uma estagiária humilde ao invés da cópia humilde de uma editora que era hoje. Mas amava muito o meu trabalho e meus colegas de trabalho para deixar Malcolm me incomodar.

Suas atenções indesejadas eram infinitamente preferíveis ao tesão dos motociclistas que eram cinco vezes o seu tamanho. Um chute rápido no saco ou uma ordem de restrição faria Malcolm fugir para as montanhas e só incentivaria certo grupo de homens que conhecia e que tirariam sarro se fosse apresentada uma ordem de restrição.

Um motociclista gostoso veio à mente.

Os músculos das minhas pernas apertaram e, debaixo da minha mesa, meus dedos começaram a enrolar. Puta que pariu, eu era patética. Faziam oito malditos anos desde aquela noite horrível, mas meus pensamentos sempre me levavam para lá... para ele.

Cage.

Cage West.

O que havia em ser convidada para a garupa de uma motocicleta que deixava as mulheres loucas?

Era um insulto.

Sexista.

Fechei meus olhos com força.

E era quente para caralho.

— Tegen?

Abri meus olhos e peguei os papéis de Malcolm, folheando-os rapidamente e olhando os artigos.

— Sim. — Disse, entregando a pilha novamente para ele. — Coloquei as provas finais na caixa da Maria, esta manhã.

Concordando, Malcolm me olhou estranhamente. — Está bem, Tegen? Você parece... aérea.

— Estou bem. — Disse rapidamente, voltando-me para o meu computador, me repreendendo mentalmente por ser tão patética. Era uma vadia motociclista patética. Assim como minha mãe.

Não, não era como ela. Deixei de ser patética na mesma manhã que Cage destruiu meu coração.

Fui embora. Andei bem longe.

E a cada visita domiciliar, cumpria o meu objetivo na vida que era garantir que Cage nunca chegasse perto o suficiente para me machucar novamente.

Respirando fundo, inclinei na minha cadeira e olhei para o teto. Seja quem fosse que Hayley estivesse me arrumando nesta noite, eu deveria dar uma oportunidade real. Talvez eu precisasse de um cara na minha vida que, não importa quantos banhos tomasse, ainda não cheirasse a couro e fumaça de escape.

Talvez eu precisasse...

Gemendo, furtivamente sentei em minha cadeira me perguntando se poderia passar em uma sessão de terapia rápida com meu psiquiatra antes do jantar. Até me contentaria com uma sessão por telefone.

Qualquer coisa.

CAPÍTULO QUATRO

Sentindo-se rígida e dolorida das feridas abertas em seu corpo ardendo com o sabonete, Ellie saiu cautelosamente do chuveiro sujo e respirou profundamente, estremecendo. Pegando a toalha dobrada do assento do vaso sanitário, uma das duas que Dirty lhe dera, usou-a para limpar o espelho coberto de vapor, em seguida, envolveu-a em torno de si, fazendo uma careta quando esfregou contra a pele machucada.

Então virou-se para o espelho e apenas ficou ali. Olhou para o lábio inferior cortado, os hematomas que cobriam o lado esquerdo de seu rosto, em seu olho esquerdo ainda inchado, as marcas de mordida raivosas vermelhas em todo o pescoço.

Sentindo-se de repente com a cabeça leve, seus joelhos começaram a tremer e ela agarrou os lados da pia, a fim de permanecer em pé. O que teria acontecido se Dirty não tivesse aparecido?

— Você teria sido estuprada. — Sussurrou para seu reflexo desfigurado. — Você teria sido estuprada e mais do que provavelmente morta.

Morta, porque ela não podia imaginar que o chefe de polícia seria capaz de estuprar uma mulher e, em seguida, deixá-la viver para

contar. E considerando o quão violento ele havia estado apenas tentando levá-la a submeter-se a seus avanços, não havia dúvida em sua mente que ele só teria piorado.

Como ele poderia ter possivelmente pensado que ela iria querer fazer sexo com ele? E em um beco, por Deus? Ela mal o conhecia! Pelo amor de Deus, a única razão pela qual ela o beijou foi por causa da quantidade de álcool que tinha consumido, nublando seu melhor julgamento. Ela não beijava homens no primeiro encontro e este não havia sequer sido nem mesmo um encontro!

E, Deus, apenas só de pensar naquele terrível beijo...

Seu estômago revirou lembrando como ele praticamente enfiou a língua na sua garganta enquanto furiosamente a apalpava. Mas só depois que ela tentou empurrá-lo de cima dela e ele se tornou mais violento sem se fastar, foi que percebeu o que realmente estava acontecendo e começou a gritar.

O intestino de Ellie retorceu e ficou de joelhos. Mal tinha abaixado sobre o assento do vaso sanitário quando começou a esvaziar o estômago. Ela continuou a vomitar quando as memórias a atingiam. O punho de Daniel batendo em seu rosto não uma, mas três vezes, o agarre de sua mão ao redor de seu pescoço, a outra rasgando sua roupa, e em seguida, sentindo seu pênis empurrando contra ela, incapaz de detê-lo, incapaz de fazer outra coisa senão deitar no chão imundo e sangrar.

Ela ainda estava inclinada sobre o vaso sanitário, arfando seca, o estômago vazio, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto dolorosamente inchado, quando houve uma batida na porta.

— Ellie?

— E-eu... — Engasgou, com sabor de ácido pingando saliva de sua boca, obscurecendo suas palavras. Mas não estava bem, estava longe de estar bem. Sentia-se suja, violada e totalmente aterrorizada. Quando a polícia é quem fere, a quem você recorre? O que te resta?

Dirty já tentara explodir a cabeça do homem. E se Daniel o tivesse reconhecido enquanto corria para a segurança? Viria atrás de Dirty?

Uma coisa era certa, tinha que sair de Miles City o mais rápido possível e voltar para a sua vida em Bozeman. Mas e se isso não fosse suficiente? E se Daniel teimasse em silenciá-la e viesse atrás dela? Então o quê? Daniel vinha de uma família poderosa, com um monte de dinheiro. Ele, sem dúvida, tinha conexões dentro da lei, provavelmente até mesmo no país.

Oh Deus, o que ela deveria fazer agora?

— Você tem certeza? — Perguntou Dirty.

Segurando a borda do vaso sanitário, Ellie empurrou-se para uma posição semi levantada e olhou para a pilha de trapos, suas roupas

manchadas de sangue. Ela com certeza não vestiria isso novamente. Na verdade, na primeira chance que tivesse, queimaria tudo.

Mas ela absolutamente não ia sair apenas com uma toalha na frente de Dirty, um apropriadamente chamado pervertido que tinha uma vez exigido que ela ficasse de joelhos e o chupasse. Não importa o aspecto criminal, ela nunca gostou de ir ao clube com Danny pela simples razão de que todos os homens que havia eram desbocados e repugnantes.

No entanto, Dirty a tinha salvo, e não apenas de ser vítima de violência sexual, mas de ser morta também. E, até agora, dsde que acordou, ele não disse mais do que três palavras para ela. Ele manteve a distância e, estranhamente, parecia mais desconfortável com a sua presença do que ela com ele.

Que escolha tinha? No momento, ela precisava de sua ajuda. Quem sabia o que Daniel estava fazendo naquele exato momento? Ele estava na casa de seus pais procurando por ela? Ela fechou os olhos, de repente muito grata que planejasse surpreendê-los.

De repente, seu carro alugado veio à mente. Ainda estava estacionado em frente à escola implorando por um regresso e, se tivesse um bilhete, seu nome apareceria, e se o seu nome aparecesse...

De repente, agarrou a maçaneta e abriu a porta, revelando um Dirty assustado. — Meu carro alugado! — Gritou. — Está estacionado do lado de fora da escola.

No processo de sair rapidamente para longe dela, Dirty parou. — Então? — Perguntou ele.

— Será multado. E Daniel saberá que ainda estou aqui! Ele me encontrará!

Dirty piscou. — Daniel. — Disse ele devagar e Ellie percebeu, que em seu pânico, tinha acabado de dar o nome de seu agressor, algo que planejava manter em silêncio, a fim de se proteger.

Ela sabia neste momento que Dirty sabia exatamente quem era Daniel. Sua expressão passou de confusa, não só a hostil, mas a assustadora. Assassina.

— Mooresville. — Rosnou ameaçadoramente. — O fodido Chefe? Ele é o desgraçado que fez isso com você?

Ellie engoliu em seco. E agora? Ela, obviamente, precisava de ajuda e não era como se seus pais pudessem fazer algo. Dirty, bem como os Cavaleiros, supôs, eram sua única opção. Quanto mais pensava sobre isso, mais uma pequena sensação de conforto começou a acalmar seus nervos firmemente amarrados. Se alguém pudesse enfrentar a lei e ganhar, era Deuce West. Dirty já tentara matar o homem.

— Sim. — Ela sussurrou, sentindo nojo de si mesma. — Deus, eu fui tão estúpida. O que eu estava pensando ao beijá-lo?

A próxima coisa que ela sabia era que Dirty estava agarrando seus ombros, apertando dolorosamente sua pele machucada. O cheiro de odor corporal, óleo de motor e fumaça de cigarro atingiu como um soco no estômago e ela recuou.

— Foda-se! — Ele sussurrou, sacudindo-a. — Essa merda não é culpa sua. Isso é o que os ricos fazem pensando que podem ficar impunes.

— Pare! — Ela gritou, o terror da última noite ressurgindo. — Por favor, você está me machucando!

Dirty congelou e soltou a respiração. Ela arrastou-se para trás, de volta para a segurança do banheiro e tentando respirar enquanto seu coração batia dolorosamente, perguntando como ela escaparia de Dirty quando ele estava bloqueando sua única saída. Mas quando ela olhou para ele, o encontrou parecendo com quase com tanto medo quanto ela. Não só ele estava segurando as mãos manchadas de graxa para fora na frente dele, como estava olhando para ela sem acreditar.

Então seus olhos se arregalaram. Ellie demorou um momento para perceber o que estava errado; ela estava nua, a toalha tinha caído de seu corpo em sua corrida louca para a segurança. Rapidamente, ela pegou a toalha no chão e segurou-a contra seu corpo e no segundo que ela fez, Dirty de repente virou-se, de frente para o corredor.

— Sinto muito. — Disse Dirty, com a voz subitamente rouca. — Porra, eu realmente sinto muito. Eu não sei por que fiz isso.

Ellie não disse nada, apenas olhou para as costas, a sua camisa cheia de buracos e jeans sujos e largos de seu corpo.

— Fique aqui. — Continuou ele, com a voz áspera. — Estou indo para o clube, vou deixar Deuce lidar com essa merda.

Assim que ele deu o primeiro passo para a frente, Ellie entrou em pânico. — Espere! — Ela gritou e Dirty congelou.

— Não me deixe aqui sozinha!

Ela não queria ficar sozinha. Ela não queria correr o risco de que Daniel tivesse visto Dirty na noite passada e viesse atrás dele ou de ambos.

— Porra. — Dirty murmurou. — Foda-se o caralho.

Ellie esperou ansiosamente para ver o que ele iria dizer a seguir, esperando e rezando para que ele não a abandonasse.

Puta Merda. Dirty ia vomitar. Ele estava a ponto de vomitar as tripas por todo o maldito lugar. Que diabos havia de errado com ele? Por que a agarrou? Ele ainda podia sentir sua pele nas palmas das mãos, quente e úmida de seu chuveiro, ela com o corpo tremendo, o medo em sua voz.

Ela havia sido quase estuprada em um beco sujo, espancada até ficar inconsciente e ele só atinha aterrorizado ainda mais. Então, se a merda já não fosse ruim o suficiente, a viu nua.

Ela ganhou peso desde que a viu pela última vez quando era adolescente. Ela já tinha curvas antes, mas agora tinha mais. Sua barriga longe de ser plana, seus seios fartos e pesados e as coxas tinham covinhas com o peso extra.

A maioria de seus irmãos a olhariam e prefeririam uma mais agradável esteticamente, mais magra.

Na verdade, a maioria dos caras evitava mulheres negras. Alguns porque, sim, fodiam contra o racismo, outros porque os irmãos as respeitavam e não mexeriam com uma irmã. A maioria das mulheres negras que encontraram eram afiliadas ao grupo e não as mulheres que brincavam. Se quisesse uma cadela negra em sua cama, era melhor ter planos de torná-la sua Old Lady, a menos que quisesse que suas bolas fossem arrancadas.

Mas nada disso era desanimador. Dirty nunca discriminou; não transava duas vezes com a mesma mulher porque 99,9% das vezes elas não tinham a menor ideia que estavam sendo fodidas e os outros 0,1%...

Tap entrou na frente de Deuce.

— Espere um minuto, Prez. — Disse ele, olhando para Mama Vi, sua boca curvando-se lentamente em um sorriso. — Deixe-me ser o seu primeiro.

— Porra. — Deuce murmurou. — Esta cadela precisa ser colocada em seu devido lugar, caralho.

— Sim. — Tap disse, seus olhos jamais deixando Mama Vi. — Mas primeiro lhe mostrarei o que acontece quando alguma boceta acha que pode mexer com o meu clube.

— Você só quer transar com ela. —Disse Cox, acendendo um cigarro. — Não minta.

Tap encolheu os ombros. — Isso também.

Dirty estava parado ao lado esperando por ele, observando de perto Tap, sabendo exatamente o que estava passando pela mente do irmão, esperando que Deuce tomasse uma decisão.

Ele não teve a chance, muitas vezes de levar uma mulher enquanto ela estava consciente, uma mulher que ele poderia fazer o que diabos ele quisesse, espancar brutalmente, transar com ela como um maldito animal, se deliciar em ouvi-la implorar e gritar.

Porque ao contrário da maioria das mulheres que ele fodia, essa puta merecia o que ela estava prestes a receber.

Ela era uma assassina de sangue frio; puta que havia torturado e matado, sem remorso, uma cadela que merecia morrer da pior

maneira possível, e mulheres como ela, Dirty não perdia o sono por causa do que estava prestes a fazer.

Mas ele nunca participou. Ele deixava Tap ou Balde ou Dimebag assumir a liderança. Deuce já sabia que ele estava fodido na cabeça. Ele não queria que Prez pensasse que ele era um canhão solto, dando a Deuce uma razão para retirar sua confiança.

— Eu farei. — Disse Dirty, juntando-se a Tap. Ele se ajoelhou ao lado de Mama Vi e pegou um punhado de seus cabelos, puxando sua cabeça para cima. — Não deixe que a falta de um bigode engane você, amor. — Ele disse, sorrindo, acariciando a barba cheia. — Estou sempre disposto a um gang-bang.

— Não há nada que você possa fazer para mim que já não tenha sido feito. — Ela sussurrou

O sorriso de Dirty aumentou. Isso é o que ela pensava. Sua mãe adotiva tinha se mostrado útil em situações como essas. A cadela doente tinha uma imaginação para rivalizar com a de qualquer coisa que ele já tinha lido.

— Sim? — Perguntou — Você ouviu isso, Tap? Acho que teremos que ser criativos.

De alguma maneira, chegou a afetá-la. Porque precisava machucá-la; precisava ferir alguém, qualquer um, porque nem uma vez, não conseguiu 5 malditos segundos de paz. Estava sempre lá, um lembrete constante de que ele era um inútil pedaço de merda, uma

praga sobre a humanidade, que era lixo, usado e quebrado, não reparado, pior ainda, porque havia se tornado o monstro que mais odiava de todos.

— Irmão, sou todo criativo.

— Fique com ela. — Disse Deuce. Agarrando as mãos atadas, Deuce colocou-a de pés e empurrou-a para frente para os braços de Dirty. — Mas sou eu quem a colocará ao chão.

Dirty não perdeu tempo rasgando a camisa de Mama Vi. Então, enquanto Tap estava desabotoando suas calças de couro, Dirty puxou as calças de brim para baixo.

— Vá em frente e grite cadela. — Tap rosnou, agarrando seu pescoço, apertando com força e forçando-a a se curvar.

E quando foi a vez de Dirty, ele com maldita certeza fez aquela cadela gritar.

Mas isso era diferente.

Dirty não queria machucar Ellie, ele não queria fazê-la gritar.

Ou será que ele queria?

Foda-se.

Ela parecia tão suave e quente. Ela era completamente o oposto das mulheres que fodia; as mulheres que o lembravam...

DELA. Jesus Cristo.

Ele não conseguia se lembrar da última vez que olhou para frente do corpo de uma mulher nua, por qualquer período de tempo. Nunca fodeu uma mulher que não fosse de costas. Não desde que...

Não podia olhar para elas. Era muito... Era nojento e lindo, tudo ao mesmo tempo.

Porra, não conseguia olhar para seus seios, sua boceta, sem ficar enjoado, sem o seu corpo ficar em pânico e paralisado. Sequer importava que dopasse as mulheres que fodia, ainda não conseguia olhar para elas, mesmo inconsciente. Na maioria das vezes não conseguia nem tocar uma mulher consciente, sem sentir o impulso irresistível de fugir. Ou masturbar. Ou vomitar. Ou derrotá-la e transar com ela. Ou todas as alternativas.

Nada que ele quisesse fazer na frente de Ellie. Ou para Ellie. Jesus Cristo, por que, de repente, estava todo fodido e confuso? Por que havia sido ele a encontrá-la? Esta era a última coisa que precisava. Ele tem que ficar bem longe dela antes que fizesse algo muito estúpido.

— Vou ligar para Deuce, — disse ele, ouvindo a agonia que estava sentindo em sua voz. — Pedir para vir aqui, ok?

Por um momento, ele não achava que ela fosse responder, mas não havia jeito nenhum no inferno de que ele fosse virar. Na verdade, sentaria na cozinha, em um canto, de frente para a parede até que Deuce chegasse aqui.

— Tudo bem. — Finalmente sussurrou. — Obrigada.

Dirty correu pelo corredor, já discando para Deuce. Chegando à cozinha, ele caiu de joelhos e esperou que Prez respondesse.

— Sim?

— Tenho um problema.

— O quê?

Com a voz trêmula, Dirty fez o seu melhor para explicar tudo o que havia acontecido desde a noite passada e, em seguida, ele esperou por Deuce para responder.

— Ellie? — Perguntou Deuce. — Está falando da Ellie de Danny?

— Sim.

— Tem certeza que foi Mooresville?

— Ela disse que sim. — Disse Dirty. — Não dei uma boa olhada nele.

— Porra. — Deuce rosnou. — Eu não preciso desta merda. Temos um grande negócio prestes a acontecer e eu preciso que o filho da puta fique no lugar, e estou pensando que ele não vai ficar no lugar, se está muito ocupado preocupado com Ellie o dedurando.

Não era isso que ele queria ouvir.

— Ela não pode ficar aqui, Prez. — Ele sussurrou. — Você tem que levá-la para longe daqui.

Deuce ficou em silêncio.

— Irmão. — Deuce disse depois de alguns instantes. — Você fez alguma coisa que eu preciso saber?

— Não. — Trincou fora. — Mas preciso dela fora daqui.

— Dê-me quinze minutos. — Deuce disse rapidamente. — E eu vou estar aí.

Tremendo, Dirty deixou cair o telefone no linóleo com um barulho alto e pressionou sua testa contra a parede. Quinze minutos. Ele poderia manter sua merda junta por 15 minutos.

CAPÍTULO CINCO

ZZ: Onde você está?

Revirando os olhos, digitei em resposta um texto curto.

Eu: Foda-se.

Meu telefone tocou novamente.

ZZ: Não é possível. Você não está aqui.

Eu: Eu estarei em casa mais tarde.

ZZ: Onde diabos você está?

Eu: Desde quando você se importa?

ZZ: Responda-me.

— Filho da puta. — Assobiei baixinho.

Estreitando os olhos, olhei para o meu telefone. Que diabos havia de errado com ele?

Irritada, dei um soco em exatamente três letras.

Eu: Não.

— Teg?

Minha cabeça disparou e achei Hayley, seu marido Joe e nossos amigos em comum, Tara e seu namorado Tim e dois amigos idiotas de Joe, Doug e Scott? Skip? Algo com um S, todos olhando para mim.

E Hayley parecia seriamente irritada.

— O quê? — Perguntei, sentindo-me bastante irritada.

Ela fez um gesto em direção a Scott ou Skip. — Estava apenas dizendo a Steve quanto você aprecia motocicletas e só fiz isto justamente por ele ter uma. Como se me importasse.

— Ah, é? — Disse, olhando para Steve. — Que tipo?

O idiota sorriu para mim, revelando duas fileiras perfeitamente retas e flagrantemente brancas de dentes.

— Uma BMW.— disse — R12.

— Uma moto esportiva? — Interrompi, franzindo o nariz. — Esta é uma moto de maricas.

A mesa ficou em silêncio enquanto todos olharam desconfortavelmente um para o outro. Revirando os olhos, esfaqueei um pedaço de tofu no meu prato e enfiei na minha boca.

Quando eu tinha acabado de mastigar e ainda ninguém havia dito uma palavra, olhei em volta da mesa. — O quê? — Perguntei. — Motos esportivas são para maricas. Isto é a porra de uma verdade.

Hayley soltou um suspiro longo de sofrimento e Joe balançou a cabeça. Qualquer que seja. Dei de ombros novamente e voltei a comer.

Exatamente metade extraordinariamente dolorosa de uma hora mais tarde, finalmente estava saindo pela porta, correndo através da noite com uma Hayley soltando fogo em meus calcanhares.

— O que está errado com você? — Exigiu. — Você está tentando ficar solteira para sempre?

Peguei velocidade, de repente chateada que tanto o meu trabalho como meu apartamento ficavam a uma curta distância da casa de Hayley.

— Tegen! — Ela gritou, respirando com dificuldade atrás de mim. — Eu só quero te ver feliz!

— Eu estou perfeitamente feliz para caramba! — Eu gritei por cima do meu ombro. — Na verdade, a única coisa que eu não estou feliz é com você constantemente tentando me empurrar para os amigos idiotas de Joe!

— Você não está feliz! — Ela gritou de volta. — Você está longe de ser feliz!

Oh, o inferno não. Como ousava? Ao ver minha expressão assassina, Hayley congelou.

— Pare com isso. — Assobiei. — Você não pode me julgar, você nem sabe da missa a metade, então você não pode de maneira nenhuma me julgar, porra!

— Eu não preciso saber de nada disso para saber que ZZ é o problema! Você é como congelador ou algo assim, Teg! Qual é o plano? Você vai se casar com ele? Ou só vai ter sexo sem sentido para sempre? Quando é que você vai realmente começar a viver?

Olhei para ela, lutando contra as lágrimas ardentes atrás dos meus olhos. Eu não estava congelada. Porra, eu não estava. Eu tinha uma vida aqui. Eu tinha. Porra eu tinha.

— Porra. — Sussurrei.

A expressão de Hayley suavizou. — Oh, Tegen, querida. Por favor, eu só quero que você seja feliz.

Feliz.

Quem enganava? Mesmo depois de todos esses anos, não estava pronta para esquecer. Porque se estivesse, se realmente estivesse pronta, ainda não sonharia acordada sobre estar na traseira da moto de um certo idiota. Eu não estaria olhando tristemente para as motocicletas que passavam. E eu não estaria transando com um homem que não tem nada, mas faz-me lembrar de uma vida que supostamente queria esquecer. Tudo o que eu tinha deixado para trás.

Mas acima de tudo, porque ele me lembrava de... Merda.

O que significava que provavelmente era hora de começar a ser honesta comigo mesma, ou seja, finalmente tinha que admitir o que o meu terapeuta tentava me convencer a admitir há anos.

Que ZZ não era um passatempo mas sim uma substituição para alguma coisa... para alguém muito específico.

Maldição, ainda estava sentada na cama de Cage na manhã depois dele ter tomado a minha virgindade, meu coração doendo, olhando-o quando ele olhou para mim e disse: — Não é assim para mim, baby.

Mesmo depois de todos esses anos.

Deixei Hayley no meio da rua, olhando tristemente atrás de mim. Quando cheguei em casa, encontrei ZZ descansando no sofá em sua cueca, seu celular entre sua orelha e o ombro, uma garrafa de Jack em uma mão e um cigarro na outra.

Larguei minha mochila perto da porta, arranquei minhas sandálias, e comecei a me despir. No momento em que cheguei perto dele, eu estava nua.

Quando montei seu colo, ele apagou o cigarro em um cinzeiro perto e deixou a garrafa cair no chão. Pegando os meus seios, ele apertou-os com força e torceu a carne macia em suas mãos até que fiz uma careta de dor.

— Quantos? — Perguntou a pessoa do outro lado da linha.

— Foda-se, Prez. — Continuou ele. — Posso lidar com isso.

— Foda-me. — Implorei em um sussurro, abaixando o rosto para o dele, esfregando meus quadris sobre o dele, sentindo-o ficar duro.

Seu aperto sobre meus seios ficou mais forte e os olhos escuros perfuraram os meus, mas ele não fez nada.

Fui para cima dele e me ajoelhei entre suas pernas. Libertando-o de sua cueca, tomei-o em minha boca. ZZ enfiou os dedos em meu cabelo, puxando o mais forte que podia.

Sim. Precisava disso. Sentir dor para fazer a dor ir embora.

— Prez. — ZZ disse, parecendo tenso. — Eu não me importo quantos anos ele tem corrido através dos territórios de Cali. Se enviar esse filho da puta aqui, vou colocar uma bala na porra da cabeça dele.

Ainda assim ele trabalhava com a minha boca, olhei-o. Ele tinha que estar falando sobre Ripper. Ripper tinha uma casa em Los Angeles.

— Você acha que eu dou a mínima para um filho da puta com ele sendo seu enteado? — ZZ assobiou. — Não trabalho com ele. Nem agora, nem nunca.

Tomei mais dele, deixando-o mais duro, levemente raspando com os dentes, durante todo o tempo olhando para ele.

— Sim, tenho essa merda. — Disse com a voz rouca, olhando para mim. — Escute, Prez. Tenho que ir.

Soltando meu cabelo, pegou o telefone e jogou para o lado.

A próxima coisa que percebi foi que colocou seu pau no fundo de minha garganta. Engasgando e xingando, afastei-me apenas para que agarrasse meu braço e me colocasse em seu colo novamente.

— Como foi o encontro? — Zombou, com cheiro forte de bebida alcoólica.

— Não foi um encontro. — Respondi. — Estava com Hayley.

— Sim? — Disse e riu. — Espera que acredite que ela não tentou foder seu rabo com um desses chupa paus amigos dela? Esses filhos da puta que receberam bocetas onde os idiotas devem ter paus?

Ele me beijou antes que eu pudesse responder, um beijo brutal, todos os dentes, mordendo e chupando meus lábios, estalando os vasos sanguíneos, a pele dividindo. Fechei os olhos, deleitando-me com a dor. Eu queria esta noite áspero, para me fazer esquecer por alguns minutos o que o passar dos anos não podia.

Precisava me concentrar em alguma coisa, qualquer coisa, porque as lembranças eram incômodas.

Beijei-o mais forte, desta vez mergulhando minha língua em sua boca, e ele soltou um rosnado. — Foderemos forte esta noite, baby? — perguntou ele.

— Sim. — Murmurei contra sua boca.

— Bom. — Resmungou, empurrando-me para cima dele e de cara para o sofá. Atrás de mim, ele abaixou sua cueca e então ele empurrou contra meu traseiro.

— A pausa acabou. — Ele murmurou.

— Faça doer. — Eu sussurrei no sofá, deixando minhas lágrimas caírem livremente, agora que ele não podia me ver.

— Não é uma porra de problema. — Sussurrou de volta.

CAPÍTULO SEIS

Cage pilotou até a casa de seu pai, uma cabana de madeira que não podia ser considerada uma casa assim como um quarto de um hotel de Nova York pode ser considerado um apartamento. Desligou o motor e olhou para a casa onde cresceu e soltou um longo suspiro sofrido.

Agora que nem ele e nem Danny moravam mais em casa, jantares semanais era uma coisa obrigatória e Eva insistia que todos precisávamos passar algum tempo de qualidade juntos.

Cage normalmente apreciava seus esforços, a amava por tentar tão duro, mas jantar na casa Ocidente quase sempre terminava em catástrofe, geralmente por causa de seu pai teimoso sempre lhe dando merda. Ele não podia fazer nada direito aos olhos de seu velho homem. Nada. Na medida em que seu pai estava preocupado, ele era um idiota inútil que não poderia mantê-lo em suas calças.

Esqueceu-se que foi ele que, quando seu velho estava fora fazendo merda e sua mãe estava bebendo até a morte, estava cuidando de Danny. Então, mais tarde, depois que trouxe Eva para casa com uma gravidez difícil, ele deixou Cage para pegar uma folga. E mesmo depois, quando o pai dele não conseguiu lidar mais uma vez, Cage tinha tido que cuidar de Ivy também.

Sim, Deuce gostava de esquecer convenientemente tudo isso. Ele sempre voltava para o sexo.

E seu velho era um hipócrita. Só porque agora o idiota não enfiava o pau em tudo o que mostrava qualquer interesse, não quer dizer que sempre foi assim. Antes de Eva, Cristo, mesmo durante Eva, Deuce tinha fodido cadelas a torto e a direito.

Cage nunca entendeu isso. Quando você tem uma mulher como Eva, gostosa pra caralho e disposta a fazer qualquer coisa que seu velho queria, amava o filho da puta mesmo, por que se afastaria disso?

Se tivesse uma boa mulher, uma senhora dedicada a ele e ao clube, alguém com um passado limpo, que não tivesse aberto as pernas para cada filho da puta lá fora, ele nunca tocaria em outra mulher.

Balançando a cabeça, Cage passou a perna sobre a sua moto e partiu para a varanda...

A porta estava destrancada, então ele chutou as botas no salão e andou através da sala de estar. Na sala da família, ele encontrou sua irmã mais nova, Ivy; seus três anos de idade, sua sobrinha, filha de Danny e Ripper, Harley; Cox e as crianças de Kami, Devin e Diesel; e para sua surpresa, Christopher, filho de quatro anos, de Dorothy, todos sentados em torno da TV de tela plana. Com exceção de Christopher e Harley, todos tinham controles em suas mãos, seus olhos grudados no videogame violento na tela na frente deles.

Ele cutucou a perna de sua irmã mais nova com o pé. — Ei, princesa. — Disse ele.

Ivy olhou para cima e seu rostinho perfeito dividiu-se em um enorme sorriso. — Cage!

A próxima coisa que ele sabia era que ela estava em seus braços, suas pernas em volta de sua cintura, com os braços ao redor de seu pescoço, apertando-o.

— Jesus, você está ficando pesada. Quantos anos você tem agora, vinte e cinco, caralho?

Ivy riu. — Nove, estúpido! Apenas nove!

— Sim, sim. — sorriu, deu-lhe um beijo na bochecha e colocou-a no chão. — Fazendo me sentir velho, irmãzinha.

— Cage, quando vamos trabalhar na moto de novo?

Ele sorriu para o pequeno moleque que era sua irmã. — Em breve, bebê — Disse ele. — Em breve.

Ele deu ao trio de meninos uma rápida elevação do queixo, a Harley um afago nos cabelos e um beijo, então dirigiu-se pelo saguão para a cozinha. Seu pai estava encostado no balcão da cozinha, com uma cerveja em uma mão, o outro braço envolto em torno de Eva com a mão livre descansando na ligeira saliência de seu estômago. Seus longos cabelos castanhos estavam presos desordenadamente em cima

de sua cabeça e ela usava uma calça velha de moletom e uma camiseta de seu velho.

Ela estava com quatro meses de outra gravidez de risco por insistência de seu pai idiota. Porque, por algum motivo, três filhos não eram suficientessuficientes e ele queria outro por razões que só Deus sabia. Para certificar-se que o mundo soubesse que ainda tinha espermatozóides? Cage nunca entenderia o homem.

Cox e Kami estavam em frente a eles, Cox sentado em cima do balcão, Kami em pé entre as pernas, todos bebendo cervejas.

— Ei. — Disse ele, dando um aceno indiferente.

Cox acenou com a cabeça, Kami deu-lhe um aceno e um sorriso, mas foi Eva quem se afastou de Deuce e veio para ele com seus braços abertos. Quando ele cruzou os braços em volta dela, fechou os olhos por cima do ombro com seu pai, que, em vez de dizer olá, resmungou algo incoerente e voltou para Cox.

Babaca.

— O que Kelley está fazendo aqui? — Perguntou ele, referindo-se a Christopher.

— Hawk está a caminho. — Disse Eva quando ela se afastou dele e lhe deu outro sorriso genuíno. Estendendo a mão, ela puxou uma mecha de seu cabelo que se soltou de seu prendedor de borracha.

— Deus. — Ela sussurrou, seus olhos cinzentos arregalados — Você se parece com seu pai quando ele tinha a sua idade.

Ele começou a sorrir para ela, apesar de sua comparação com seu velho homem, porque, como você poderia não sorrir para alguém que amava tão intensamente como esta mulher?

— Ele se parece com sua mãe, porra.

Cage perdeu o sorriso.

Sua mãe podia ser uma rata de clube caloteira e podia amar beber mais do que amava os seus próprios filhos, mas ainda era sua mãe e metade do que aconteceu com ela foi culpa de seu velho homem.

— Ignore-o. — Eva sussurrou. — E vá dizer oi para suas irmãs.

— Falando nisso, cadê a moleca? — Perguntou, referindo-se a Danny.

Eva sorriu e apontou para cima.

Dando volta, Cage dirigiu-se para as escadas, pulando dois degraus de uma vez, até que ele estava do lado de fora do quarto de sua irmã. Sem se preocupar em bater, ele girou a maçaneta e abriu a porta.

— Puta merda! — Gritou, fechando a porta forte.

— Nunca pensou em bater antes de abrir? — Danny gritou de dentro de seu quarto, onde acabara de vê-la nua, de joelhos, com seu marido.

Puta que pariu.

Não era a primeira vez que acidentalmente os pegou no flagra. Esses dois idiotas não conseguiam manter as mãos longe um do outro. Banheiros, quartos, copas, cozinha. Não importava onde estavam. Sua casa, casa de outra pessoa, clube, restaurante... os dois estavam sempre grudados um no outro, o tempo todo.

A porta abriu e Danny, aparecendo despenteada, mas felizmente vestida, invadiu o corredor. — Que merda! — Gritou.

Ele revirou os olhos. — Vim dizer-lhe um oi, moleca fodida.

O canto de sua boca se curvou e uma covinha apareceu. Imediatamente ela se atirou para cima dele, envolvendo seus braços com força.

— Sai de cima de mim! — Gritou, empurrando-a para trás nos braços de Ripper, que também agora estava felizmente vestido. — Você cheira a merda — como Ripper — Disse, fingindo nojo.

Ripper, rindo, virou um de seus braços em volta de Danny e estendeu a mão. Cage olhou-o com cautela diante dele rapidamente, batendo o punho.

— Não sei onde essa merda tem estado. — Disse ele.

— Foda-se. — disse Ripper. — Voltou agora?

— Sim.

— E como foram as coisas?

— Wham bam![3] — Cage lhe disse. — Dentro e fora. Passamos a noite no clube do Pregador, fiz o que tinha que fazer.

— Bom. — disse Ripper. — Prez vai ficar feliz.

Sim, certo, pensou ele, zombando internamente. Prez, seu pai, era só isso. Nunca estava feliz com ele.

Atrás dele, duas portas, Cage ouviu um barulho de dentro do banheiro. A torneira ligando, então desligando.

A porta se abriu e todas as cabeças giraram bem a tempo de ver Tegen sair para o corredor, limpando as mãos molhadas em sua saia longa de linho branco.

Olhando para cima, seus felinos olhos verdes fixaram nos dele e ela congelou a meio passo. Ele estava prestes a dizer olá quando de repente o nariz pequeno, ligeiramente apontado enrugou e sua boca achatou com desgosto evidente.

— A propósito. — Danny disse descaradamente. — Tegen está aqui.

Cage sentiu seu péssimo humor piorar porque, Jesus Cristo, toda vez que via a cadela, era mais do que óbvio que ela remoia o que aconteceu em uma noite de bebedeira. Uma noite que sequer se lembrava.

[3] Exclamação usada para expressar a idéia de uma ocorrência ou mudança de eventos súbita ou dramática.

Segurando a cabeça latejante, Cage cautelosamente rolou de seu lado em suas costas e abriu uma pálpebra para verificar o corpo quente que sentiu deitada ao lado dele.

A primeira coisa que viu foi uma grande confusão de cabelos crespos vermelho-alaranjado, e sendo que seu cérebro estava atolado com os efeitos colaterais do excesso de uísque, ele levou um momento para processar de quem eram esses cabelos. Quando o fez, quando ele soube exatamente a quem aquele cabelo pertencia, ele atirou-se em uma posição sentada, xingando quando a cabeça com veemência protestou o movimento.

Talvez não fosse ela. Talvez alguém em Miles City tinha cabelos crespos ridiculamente cor de cenoura, um pedaço de pau como corpo e sardas em todos os lugares. Sentindo-se doente, ele olhou por cima do ombro. Merda Jesus, filho da puta, foda-se a sua vida e tudo nela.

Deus, o que havia de errado com ele?

Pior, ele nem sequer se lembrava de fazer isso. Um raio de esperança acendeu dentro dele. Talvez ele não tenha transado com ela? Mas então, por que estava nu? Ainda segurando o crânio latejante, ele se afastou dela e baixou a cabeça.

Em seguida, seu queixo caiu.

Não.

A camisinha ainda estavam nele, mas seu maldito pau estava pendurado para fora coberto por uma fina camada de sangue seco. Grande. Ele tinha tirado sua virgindade. Pior ainda, nem sequer se lembrava de fazer isso.

Isso tinha sido uma das piores manhãs de sua vida. Na verdade, o dia inteiro tinha chutado suas bolas.

Não sabendo o que fazer, fugiu para o chuveiro, esperando que ela acordasse e desse o fora de seu quarto antes que ele saísse.

Não aconteceu.

Ela ainda estava lá, em sua cama, ainda nua, mas agora acordada e se cobrindo com o lençol, segurando seu telefone celular em sua mão. — Não parava de tocar. — Disse ela em voz baixa, incapaz de olhá-lo nos olhos, sua pele pálida ruborizada. — Então, eu respondi.

Ele olhou para ela, sem realmente prestar atenção no que estava dizendo, tentando descobrir o que diabos ele ia fazer com ela. Sério, o que diabos ele deveria fazer com alguma estranha, idiota, adolescente?

— Uh, escute, Teacup. — Disse ele, mudando desconfortavelmente quando estendeu a mão e começou a esfregar a parte de trás do seu pescoço. — Eu não sei realmente o que diabos dizer aqui, mas ontem à noite ... Você está bem? Será que, uh, você ... — Ele parou, sem saber o que diabos estava tentando dizer, em primeiro lugar sem se sentir como um idiota.

— Eu estou bem. — Ela sussurrou. — Estou contente que foi você.

Ele continuou olhando para ela, sua mente em branco.

— Foi Ellie que chamou.— Continuou ela em voz baixa.

Ellie? Por que diabos Ellie ia chamá-la?

— Ela, hum, ela está muito chateada ...— Tegen hesitou. — Ela disse que Danny é, uh, está a caminho de uma clínica de aborto.

O quê? Danny. Clínica de aborto? Cage ficou fora de si. Sua irmã tinha se colocado em problemas e ele precisava encontrá-la. Certo. Agora. Todo o resto, toda a gente podia ir se foder.

— Eu tenho que ir. — Disse ele apressadamente, olhando em volta recolhendo sua roupa. Ele se concentrou em seus couros e pegando-os do chão. Quando ele estava completamente vestido, atravessou a sala e agarrou a maçaneta da porta. Então fez uma pausa e olhou por cima do ombro.

— Não diga nada a ninguém. — Ele disse.

Os olhos verdes de Tegen se arregalaram e ela balançou a cabeça. — Eu não direi. — Disse ela. — Prometo.

Balançando a cabeça, ele abriu a porta.

— Cage?

Parando, ele olhou para trás novamente. — O quê? — Perguntou ele, impaciente.

Ela hesitou, sua pele ruborizada olhando para ele através de seus cílios.

— Eu te amo. — Ela sussurrou.

Cage congelou.

Oh, foda-se. Oh, foda-se.

Não, só ... não.

— Merda. — Ele murmurou, de repente, incapaz de olhar para ela. Como isso aconteceu? Ele precisava seriamente parar de beber tanto.

— Escute. — Continuou lentamente. — Eu não sei o que diabos você está pensando, mas ... isso simplesmente não é assim para mim, baby.

Ele olhou para cima, viu a surpresa em seu rosto, viu a dor, viu tudo.

Em seguida, deu o fora de lá.

Ele passou o resto do dia lidando com a bagunça de sua irmã mais nova. Ou melhor, a confusão de Ripper e não deu muita atenção a Tegen ou ao que aconteceu até que passou tempo suficiente e começou a perceber que ela não apenas não falava com ele, mas também não o olhava. Na verdade, agia como se ele não existisse.

Ele não se importava exatamente, a menos que fosse confrontado com isso. Sempre a via de cara feia em vez de sorrir, se recusando a falar com ele ou com ninguém.

Percebeu como ficou mais irritada e amarga, até que foi para a faculdade e não voltou para casa por todos os feriados. Na verdade, não voltou para casa novamente até que sua mãe foi baleada.

Olhou para o seu novo visual e não viu a menina idiota com a qual costumava brincar sem parar, mas uma mulher bonita.

Uma mulher bonita que não queria nada com ele. E talvez isso fosse o que mais o incomodava. Tegen era uma bela mulher que já agiu como se o sol nascesse e se pusesse com ela, que havia dito que o amava, mas que agora não queria nada com ele.

E cada vez que a viu, a cada visita domiciliar, era pior do que a outra.

Uma coisa que sabia com certeza era que a mulher tinha uma longa maldita memória e poderia guardar rancor como um filho da puta. E, infelizmente para ele, quanto mais o tempo passava, mais bela ela parecia ficar. Sua figura extremamente fina já não parecia um pau, mas naturalmente ágil, como uma bailarina. E seus seios, enquanto ainda muito pequeno, tinham uma plenitude mais arredondada. Olhou para seus longos dreadlocks, alargadores em suas orelhas, seu pescoço magro, e as tatuagens de flores coloridas sobre o peito. Seus braços nus também estavam cobertos de tatuagens, do ombro ao pulso, e cada

centímetro exposto do estômago côncavo entre sua blusa e saia, também estava. Mais do que da última vez que a viu.

Jesus, a garota tinha mais tatuagem sobre ela agora do que tinha, quase tanto como Cox, que, além de seu rosto, estava tatuado da cabeça aos pés.

E era... quente. Cage encontrou seu corpo respondendo aos seus pensamentos. Não era estimulação física, era apenas seus malditos pensamentos, algo que só aconteceu com a volta Tegen e sua atitude maldita.

Ainda olhando para ele, ela jogou seus longos dreads sobre os ombros com um movimento de seus pulsos e levantou um quadril ósseo. Seus punhos cerraram, preparando-se para a lama que ela ia atirar nele. Ele não estava no clima para esta merda. Ele mal havia saído da estrada cinco segundos e agora isso?

— Ninguém me disse que este filho da puta estaria aqui. — Ela sussurrou.

Atrás dele Ripper bufou e Danny suspirou.

A mandíbula de Cage fechou. Seus olhos correram direto para Tegen e ele rapidamente calculou quanto tempo teria para agarrá-la, jogá-la dentro de seu antigo quarto, e foder essa atitude fora dela antes que alguém tentasse impedi-lo.

— Nós vamos lá para baixo. —ouviu Danny dizer e ele podia ouvir o riso de maldição em sua voz.

— Mas quero ouvir toda a merda fodida que Tegen vai dizer a ele, — disse Ripper, rindo.

— Não segure a respiração. — Tegen retrucou, seus olhos nunca deixando Cage nem uma única vez. — Não tenho nada a dizer a Deuce Junior.

Suas narinas dilataram. Nenhuma cadela jamais falou com ele desse jeito. Na verdade, ninguém, exceto seu pai, jamais o tratou assim; ele não permitiria. Esmurraria qualquer um que lhe dirigisse um segundo insulto. Exceto Tegen. Quando ela fazia, a cadela sempre o deixava duro ou com a língua presa.

Como agora.

Tegen sorriu para ele. — Ah, o que há de errado, West? Eu machuquei seu grande ego inflado? Pouco me importo.

— Foda-se. — Ele rosnou.

Ainda rindo, ela revirou os olhos. — Não, obrigada. Desculpe, Cage, fui lá, com você, não me importo de ser reincidente.

— Maldição. — disse Ripper. — Essa foi boa.

— Jantar! — A voz de Eva soou em toda a casa, cortando instantaneamente através da tensão rolando entre os ocupantes do andar de cima.

— Finalmente. — Tegen murmurou, passando por ele. — Eu estava começando a pensar que esta família vivia de cerveja.

Com seu peito arfando de raiva e seu pênis pressionando dolorosamente contra suas calças de couro, ele virou-se para vê-la caminhar passando Danny e Ripper. Danny olhou para ela e Ripper tinha um sorriso divertido no rosto.

— Embora, — Tegen continuou enquanto descia as escadas. — Uma dieta de cerveja explicaria muita coisa.

Cage nem percebeu que começou a ir atrás dela até que sentiu suas costas bater na parede. Ele piscou, vendo um rosto cheio de cicatrizes a poucos centímetros do seu.

— Irmão. — Ripper disse, em voz baixa. — Deixe-a. A cadela está tentando te irritar e você está dando brecha.

— Foda-se ela. — Rosnou, empurrando Ripper de sua frente enquanto sua batalha luxuriante começou a diminuir. — Ela ainda está brava e chateada comigo sobre algo que aconteceu anos atrás, algo que sequer consigo lembrar, porra!

— Você é um idiota! — Danny retrucou, apontando a unha cor-de-rosa bem cuidada em seu rosto.

— Eu estava bêbado. — Disse defensivamente.

Danny balançou a cabeça e revirou os olhos. — Você realmente é um idiota.

Ele agarrou o dedo de sua irmã e empurrou-o de volta em seu rosto. — Você tem unhas *Hello Kitty*, é minha irmã mais nova e está me chamando de idiota? Porra.

O rosto de seu pai apareceu entre eles.

— Jantar!

Ele e Danny levaram um susto.

— Papai! — Danny gritou. — O que o...

— Não termine a frase. — Deuce rosnou.

Rindo, Ripper agarrou a mão de Danny e puxou-a para longe de Deuce, que se virou para Cage.

—Tegen voltou há 5 minutos e você já está assim? O que há de errado com você?

— Comigo? — Gritou. — Apenas entrei e você está não está dando a mínima para mim. Sequer me perguntou como foi o trabalho! Porra!

Cerrou os olhos. — Preciso te perguntar sobre cada pequena maldita coisa agora? Acho que o trabalho foi bem-sucedido uma vez que não tem seu rabo sangrando na minha frente. Então, eu não tenho certeza que o seu maldito problema é mais uma vez que estamos partilhando a merda agora, que tal se eu lhe dizer qual é a porra do meu problema?

Cage o olhou, dividido entre sentir-se um merda, pois seu pai o tratava como lixo e sua vontade de socá-lo.

— O meu problema — Continuou ele — é o inútil que não está lá embaixo fodendo a...

Cage gritou — Cale-se! — e empurrou o pai para fora do seu caminho e desceu as escadas.

Porra de familiares fodendo jantares.

Esta era a pior parte de ir para casa. Deuce, Eva e os seus jantares estúpidos em família... vendo Cage.

Tudo estava bem até 5 minutos atrás, quando saí do banheiro no andar superior e dei de cara com o idiota.

Sequer importava que Miles City era uma cidade pequena cheia de aberrações religiosas mesquinhas que olhavam constantemente o meu corpo tatuado, meus inúmeros piercings, meus dreadlocks e decidiram de imediato que eu era uma aberração da natureza.

E talvez fosse. Mas isso era irrelevante.

Eu me sentia bem com essa mudança e mesmo Danny com o seu corpo, rosto e cabelos muito perfeitos (provavalmente eu estava virando lésbica) , não me afetava. É verdade que a sombra dos meus olhos contrastava com seu traje rosa estridente ridiculamnente brilhante, mas ainda assim eu estava bem.

E então fui fazer xixi e... Cage. Apareceu.

Sempre era assim. Um olhar e eu me sentia uma adolescente de novo, estranha e insignificante. E agora estava rezando para manter a minha sanidade.

Mas sanidade e Miles City, Montana, não eram vizinhos amigáveis. Na verdade, tinha certeza de que viviam em extremos opostos do universo.

Mau humor, aqui vou eu.

CAPÍTULO SETE

De seu lugar no sofá com os joelhos puxados para o peito, Ellie olhava para Dirty que abriu a porta do microondas e tirou um saco parcialmente enegrecido de pipoca, afastando a fumaça que seguiu.

Se ela não estivesse tão aterrorizada com o que o futuro reservava, teria rido do quão ridículo ele parecia. Era sua quarta tentativa de fazer-lhe algo para comer e a quarta tentativa que falhou. O macarrão de microondas foi a primeira, depois tinha sido o queijo, que ele também queimou, a terceira tinha sido duas fatias de pão, que a torradeira tinha queimado, e agora a pipoca.

Ele sequer tinha dom de chef. Não que isso importasse, estava muito ferida e nervosa demais para ingerir qualquer coisa sem passar mal.

Deuce veio ontem, deu uma olhada em seu rosto machucado e então levou Dirty para o quarto com a porta fechada. Ficaram lá por quase 45 minutos, tranqüilos, na maior parte, mas ela conseguiu pegar algumas palavras aqui e ali.

Caia.

Negócio que deu errado.

Precisamos dele.

Não tinha ideia do que estava acontecendo, exceto que algo importante estava para acontecer e Daniel Mooresville estava envolvido, e, francamente, isso a deixava ainda com mais medo. Deuce podia amar sua família e seu clube, mas eu não era nenhum deles. Se um homem como Deuce considerava o que aconteceu com ela apenas um dano colateral, então as coisas não ficariam nada bem para ela.

Ela estava tão consumida em seus próprios pensamentos e pressentimentos que não ouviu o momento em que eles saíram do quarto. Não até que estavam de pé na sua frente com Deuce pigarreando. Assustada, gritou e caiu de forma embaraçosa do sofá. Quando Deuce tentou ajudá-la, ela se afastou e desatou a chorarEle imediatamente se retirou, com as mãos no ar olhando para Dirty, como se procurasse a ajuda dele. Não era como se Dirty fosse de grande ajuda; o pobre homem parecia tão apavorado quanto ela.

Realmente, toda a cena teria sido bastante risível se não tivesse estado tão fora de sua mente.

Então Deuce tinha hesitantemente sugerido que ela fosse para o clube, até que fosse capaz de descobrir o que fazer sobre a situação. Ellie não queria saber o que ele quis dizer com isso e, portanto, não perguntou, mas não estava exatamente feliz em ficar no clube com um grupo de homens que nunca tinha sido muito bom em manter-se em suas calças. Na verdade, o último lugar que ela queria era ficar próxima de alguém com um pênis e um flagrante desrespeito à lei. Ela jurou nunca mais pôr os pés dentro do clube novamente depois que soube do

tiroteio de alguns anos antes. A última coisa que queria era ser pega no meio da confusão de algum motociclista babaca e sua enfurecida velha senhora.

O ideal seria viajar de Miles City, voltar para seu apartamento na cidade e esquecer que isso havia acontecido. Mas a julgar pela expressão no rosto de Deuce, isso não ia acontecer tão cedo.

Mas ela definitivamente não gostaria de ir para o clube e não se importava o quanto de segurança tinha. Então, onde é que isso a deixava?

Ela olhou para Dirty, que trocou de pé para pé, parecendo como se pudesse fugir do quarto a qualquer momento. Ele também se recusou a olhar para ela.

Ele podia ser uma bagunça de um homem, certamente não cheirava muito bem, mas o apartamento estava limpo, a ponto de exagero e ele parecia mais do que feliz em continuar a manter distância dela.

— Eu só vou ficar aqui. — Disse ela para Deuce, em seguida, olhou para Dirty. — Se estiver tudo bem para você?

A reação de Dirty foi inesperada, para dizer o mínimo. Sua cabeça disparou e seu escuro olhar perplexo encontrou o dela.

— Não!

Sua boca se abriu. Ele salvou a vida dela, levou-a para sua casa, havia chamado Deuce mais para ajudar com a sua situação, mas estava dizendo que ela não poderia ficar em sua casa?

— Não vai acontecer. — Deuce disse com firmeza. — É o clube ou você pode resolver essa merda por conta própria.

Ellie sentiu lágrimas em seus olhos. O que ela fez para eles? Não era culpa dela que o chefe de polícia nesta terrível cidade pequena havia tentado estuprá-la, algo que ia, obviamente, interferir com os negócios do MC.

— Ah, merda. — Dirty disse enquanto passava as mãos pelo seu cabelo gorduroso. — Não chore caralho. Você pode ficar aqui.

A cabeça de Deuce chicoteou na direção de Dirty.

— Não. — Ele rosnou.

Dirty balançou a cabeça.

— Não, Prez, está tudo bem. É... eu ... só ... só ficarei com ela, deixe-me ir para o clube para...

Deuce encarou Dirty e Ellie e se perguntou como Dirty não morria de medo diante daquele olhar aterrorizante, mas ao invés disso foi uma troca de olhares.

— Entendi. — Dirty disse com firmeza. — Apenas me deixe cuidar disso.

Ellie parecia mais confusa do que qualquer outra coisa, como os dois homens olhavam um para o outro, profundamente envolvidos em uma conversa privada que apenas os dois estavam a par. Ellie não poderia sequer compreender quão profundamente conectadas duas pessoas tinham que ser para chegar a esse nível de comunicação.

Foi Deuce que pareceu ser o primeiro a recuar e apontou o polegar por cima do ombro. — Vá! — Ele latiu. — Você tem duas horas, no máximo. Eu tenho que estar em casa para o jantar, porra.

Dirty não hesitou; seja lá o que foi que tinha a fazer era, obviamente, da maior importância para ele. Depois que ele arrancou pela porta da frente, Deuce invadiu a cozinha, pegou uma cerveja na geladeira, sentou-se em uma cadeira solitária e ligou a televisão.

Isso foi ontem. Então Dirty tinha voltado e Deuce já tinha ido há muito tempo. E Dirty estava...

Bem, Dirty estava segurando o saco de pipoca queimada, parecendo bastante infeliz.

Ellie não se conteve. Ela começou a rir.

Dirty olhou para Ellie. Por que diabos ela estava rindo? Ele olhou para o saco de pipoca na mão. Oh. Ela estava rindo dele. Normalmente,

se alguém ria dele, ele revidava e talvez, se quisesse, explodiria sua merda de crânio em pedaços.

Surpreendentemente, ele não se sentia assim com Ellie. Ainda mais surpreendente, era o que sentiu... por ela.

Mais cedo, vê-la agachada na frente de Deuce, vendo a mistura de confusão e medo em seus grandes olhos azuis, o fez sentir algo por ela.

Como poderia dizer que ela não poderia ficar com ele? Não quando era óbvio que este era o único lugar no qual ela se sentia segura. Como poderia tirar isso dela? Ele sabia muito bem qual era a sensação de viver com medo, desejando ter apenas uma pessoa, apenas um lugar ir e se sentir seguro.

Se pudesse dar isso a Ellie... Estranhamente, quase sentiu como se, de certa forma, doava-se um pouco.

Mas nada disso significava que era fácil ficar sozinho com ela. Não depois de vê-la nua, tocado-a, sabendo o que ela passou e que estava com medo. Porra, ainda assim ele tinha ficado muito enojado e excitado pela coisa toda.

Suas entranhas guerreavam. O que ela quase passou representava tudo o que era medo, os fantasmas que nunca o deixariam, mas a vontade física de dominá-la, para ter sua liberdade e sua escolha era como uma queima de farol dentro dele, implorando para ser liberada.

Ele não tinha escolha a não ser ir para o clube.

Ele tinha que fazer isso ir embora.

Ele era como um viciado, ficando mais e mais doente, precisando de sua próxima dose.

Seu estômago se agitou. Ele sempre se sentia mal; era um sentimento que tinha conseguido se acostumar ao longo das décadas, mas isso, isso era muito pior. O rosto de Ellie, seu corpo, seu sorriso, estava tudo na linha da frente em seu cérebro.

Mas ele não podia. Ele não podia machucá-la, ela não. Não Ellie. Ela era uma boa mulher e ele não podia.

Ele simplesmente não conseguia.

Ele tinha de foder essa vadia, tinha de machucá-la. Ele queria, ou melhor, precisava desaparecer dentro dela sabendo que ela não podia fazer nada sobre isso, que ela era impotente, que estava submissa e controlada por ele.

Não Ellie.

Porra. Queria sair; queria muito. Ele abaixou a guarda, deixou as lembranças virem à tona, permitiu-lhes girar descontroladamente em sua mente.

Tocando, apalpando, não sendo capaz de parar a sua ereção e excitação mesmo quando, bêbada, ela chorou implorando-lhe para

parar e gemendo, forçou-o a tocá-la enquanto se ajoelhava na frente do seu pênis.

Ele ficou mais duro só de pensar nisso, mais e mais doente. O que estava errado com ele? Não entendia como algo tão vil, tão horrível, se tornara algo que perversamente o excitava, machucar mulheres para aliviar sua doença.

Ele tinha que gozar. Pior, tinha que pensar sobre sua mãe adotiva, sobre a merda doente e torcida que fez para ele, enquanto tentava gozar. Para passar por isso, tinha que lembrar que a cadela de bruços em sua cama era só isso. Uma cadela. A inútil puta do clube que não fazia nada com ela mesma, exceto dar sua boceta suja para todos os seus irmãos. Todos, exceto ele. Mas ela transaria com ele de boa vontade também se soubesse o que realmente era.

Mas ele não queria que ela o quisesse. Ele não queria que ela o tocasse. Ele só queria transar, acabar com esses malditos pensamentos dentro dele depois de uma semana de masturbações acumuladas. Fantasiando sobre coisas que nenhum homem em sã consciência jamais usaria para se masturbar.

Mas ele não estava em seu juízo perfeito, nunca tinha estado. Ele tinha sido brutalizado em uma idade tão jovem, que não sabia como seria viver sem se sentir fodido. Fodido era tudo o que ele já tinha conhecido.

Cerrando os dentes, sentindo o aumento de ácido biliar no fundo de sua garganta, Dirty deslizou dentro da prostituta. Sua primeira lágrima caiu, juntamente com o seu primeiro impulso, em seguida, seu segundo, e o terceiro, e então ele foi silenciosamente ainda chorando abertamente, suas lágrimas caindo na tatuada costas da mulher debaixo dele.

Ele não se importava com ela; ela era apenas uma prostituta e ele não ligava. Apertando os olhos fechados, ele a fodia com mais força, imaginando sua mãe adotiva, prevendo o que ela tinha feito para ele e depois...

Porra. Lá estava ele, o que precisava. A imagem, a memória que o deixaria no limite.

Anos mais tarde, depois de finalmente ter juntado suas merdas, voltou para Nova York e virou o jogo em cima dela.

Sua rica, entediada e fodida mãe adotiva, pedaço de merda.

Ela ainda não o tinha reconhecido Ele estava em pé na porta de sua casa, com 23 anos de idade e ela o olhava como se não tivesse importância, um lixo. Não, como se ele fosse pior do que lixo, como se não fosse nada.

— O que você quer? — Ela perguntou, franzindo a testa enquanto o olhava de cima a baixo.

Ele não respondeu, não podia. Sua cabeça estava girando, seus pensamentos estavam confundindo e seus olhos começaram a lacrimejar. Logo atrás dela, o papel de parede, o carpete, o cheiro flutuando em suas narinas, bourbon e Lysol, tudo era exatamente o mesmo. Mesmo ela. Ela ainda era bonita, ainda tão real, tão igual.

E antes dela fechar a porta na sua cara, ele pôs sua perna no batente, batendo a bota contra a porta, forçando-a a abrir. A cadela tropeçou para trás e caiu em sua bunda. Ele invadiu a casa dos horrores e a dor que existia dentro daquelas quatro paredes, irradiou e desencadeou algo dentro dele que não sentia há muito tempo. Algo que estava lá no fundo, desde a sua infância. Desamparo. Confusão. Pavor. Raiva.

Todas essas emoções, pulsavam, vibravam e gritavam.

Antes que ela pudesse ficar de pé, ele estava em cima dela. Ela gritou quando ele a montou e forçou-lhe as pernas abertas segurando a arma em sua cabeça.

— Cale a boca! — Ele rugiu e sua boca se fechou enquanto tremia embaixo dele.

— Por favor. — Ela implorou, com a voz vacilante. — Por favor, tenho dinheiro.

Ele acariciou sua bochecha com o metal frio e se atrapalhou com a bainha de seu vestido de seda. — Está tudo bem. — Ele

sussurrou, descompactando-se. — Você vai gostar, eu prometo, vou fazer você se sentir bem.

Seus olhos cor de avelã bonitos se arregalaram e seus lábios brilhantes se separaram. — Michael. — Ela respirou.

— Não mais. — Sussurrou. — Você cuidou disso.

Sentindo-se tonto com a adrenalina, bêbado de poder, combinado com a necessidade imperiosa de fazer sua dor, ele enfiou o cano da arma em sua boca e um mero piscar de olhos depois, seu pênis dentro *dela.*

E quando isso aconteceu, ele estorou seus miolos.

Agora ele estava tentando alimentar Ellie e falhando, quando a ouviu rir. Ele olhou para ela, viu seu rosto sorrir bonito com humor e algo mudou dentro dele. Era um som tão agradável, tão leve, tão feminino, algo que tinha ouvido antes, mas nunca dirigido a ele, nunca por causa dele. E... ele gostou. E o excitava.

Ser atraído por mulheres com algo diferente do que os traços físicos era algo completamente estranho para ele. Ele ficou confuso e desconfortável, seu coração começou a bater começando a suar frio.

O saco de pipoca caiu de sua mão e, em seguida, ele atravessou rapidamente a sala de estar, com a mandíbula travada, com os punhos cerrados, recusando-se a olhar para Ellie, recusando-se a respirar até

que bateu a porta do banheiro atrás dele, trancou-a e afundou-se para o chão, com as mãos já se atrapalhando com a calça jeans, liberando-se.

Com um braço pendurado do lado da tampa do vaso sanitário fechado, ele inclinou a cabeça para baixo, colocando-a em seu antebraço quando começou a acariciar-se. Ele se concentrou nas roupas rasgadas e manchadas de sangue de Ellie em uma pequena pilha no canto do banheiro e seu pênis enrijeceu mais.

A doce risada de Ellie ecoou em sua cabeça, assim como ele a imaginou seminua, sangrando no corredor e mais tarde, machucada e surrada, nua diante dele, vulnerável, impotente, olhando para ele por coisas que nunca poderia oferecê-la. Então imaginou-a completamente vestida, rindo sobre a pipoca queimada.

E então se imaginou jogando-a para fora, tirando seu controle, machucando-a, ouvindo o grito dela, fazendo-a chorar, transando com ela.

Sua mão apertou ao redor de seu pênis enquanto ele aumentava a velocidade de seus golpes.

As imagens duplas e os sons de gritos e risos continuaram a agredi-lo. Ele tentou se concentrar em apenas uma coisa, a dor ou a...

Ele não sabia...

No final, foi o som de seus gritos, o choro e o olhar de medo em seu rosto bonito que ele completou.

Respirando com dificuldade e tremendo, Dirty levantou a cabeça e olhou para o seu colo. E prontamente vomitou.

CAPÍTULO OITO

Sentada na extremidade da mesa da sala de jantar, assisti Cage pisar na cozinha, passando pela ilha que separava a área da cozinha da sala de jantar, e pegando a cadeira mais próxima, ao lado de Cox. Irritado, ele sentou com força e caiu, os braços grossos atrasados cruzados sobre o peito. Eu conhecia aquele olhar, tinha visto isso um milhão de vezes em seu rosto crescendo ao lado dele. E se eu já não tivesse ouvido Deuce, que para ele, era como se todos na casa não soubesse, eu já teria sabido exatamente o que tinha acontecido.

Na verdade, minhas emoções me fizeram incliniar-me em direção à ele com simpatia e vontade de tocá-lo apenas para confortá-lo. Esse forte sentimento era tão familiar, tão natural para mim, como quando éramos crianças.

Antes dele...

Oh não, eu não ia me sentir mal por ele como eu costumava fazer. De jeito nenhum. Cage era uma puta e idiota e não era culpa minha se Deuce gostava de lembrá-lo disso a cada segundo.

Deuce estava ao lado como uma tempestade na cozinha, dando olhares tão livremente como ele respirava. Por mais que eu apreciasse tudo o que o homem tinha feito para mim financeiramente, ele tinha

um grave complexo de homem das cavernas e eu estava relutante em compreender o que Eva viu em um homem que era tão ...

Voltei a olhar para Cage, em seguida, novamente para Deuce, e encerrei a minha linha de pensamento. Eu sabia exatamente o que Eva viu em Deuce. Era a mesma coisa que eu vi em Cage. Era a razão pela qual eu ficava dormindo com ZZ. Eram todos tão ...

Homens. Eles estavam transando como homens. Hard-core, fodões, vivendo de acordo com seu próprio conjunto de regras ... homens.

Porra, eu era uma idiota.

Tomando seu lugar à cabeceira da mesa, Deuce deu a todos um aceno uma vez mais, em seguida, ele rosnou: — Comam.

E começamos a comer.

Revirei os olhos.

— Tegen?

Olhei para a minha direita, onde Kami me oferecia uma grande bacia de vegetais mistos, parecendo mais uma modelo do que uma mãe de dois filhos e esposa de um motociclista tatuado passando um prato cheio de comida. Alta, loira, olhos azuis e bonita, Kami era sonho de qualquer um.

Ela sorriu para mim. — É bom vê-la no jantar, T. Você deve voltar para casa com mais freqüência.

Forçando um sorriso, aceitei a bacia. Evitando todas as cenouras, peguei uma pequena porção do resto e ajudei meu irmão também evitando as cenouras e depois passei para Danny.

— As cenouras são boas para as crianças. — disse Danny, franzindo a testa para o prato de Christopher.

— As cenouras são nojentas — retorqui, meu mau humor levando a melhor.

— As cenouras são nojentas. — Christopher imitou e Cox caiu na gargalhada.

— Veja. — Eu disse, sorrindo docemente para Danny. — Ele concorda.

Danny olhou para mim, seus olhos azuis gelados estreitaram-se em aborrecimento. — Oh, cale a boca! — Disse ela, soando cada centímetro como a menina que lembrava.

— Mamãe! — Harley gritou, olhando corretamente horrorizada. — Você disse que cale a boca é uma palavra ruim!

— Mamãe diz para papai para calar a boca o tempo todo. — Diesel disse, apontando para Kami.

— Ela diz a ele coisa muito pior do que isso. — Resmungou Devin.

Ripper começou a rir, só parando quando o garfo de Kami foi jogado em cima dele e quase o atingiu no rosto.

— Ei! — Danny retrucou.

— Droga, Ripper. — Cox disse, bufando. — Você está tão dominado por boceta que precisa de sua velha senhora te defendendo?

— Cox, não fale. — Disse Kami. — Faz com que você seja menos quente.

— Cala a boca não é uma palavra ruim. — Disse Ivy dirigindo o assunto com naturalidade. — Maldição é uma palavra ruim.

— É uma má palavra! — Harley insistiu.

— Não é! — Ivy gritou.

— Parem com isso. — Deuce rosnou, olhando para sua filha mais nova. — Você não precisa sair dizendo isso também.

O rosto de Ivy contorceu-se no que eu gostava de chamar de cara de brava certinha de Danny. — Você gosta dela mais do que de mim! — Ela gritou. — Você desejava que Harley fosse sua filha e não eu!

Harley sorriu para Ivy. — Papai me ama mais. — Disse ela, com a doce voz pequena açucarada.

Eva fechou os olhos e soltou um suspiro exasperado. — Ninguém ama alguém mais do que qualquer outra pessoa. Todo mundo ama a todos da mesma forma.

Cage bufou e Deuce voltou seu olhar sobre ele enquanto Ivy mostrou a língua para Harley, que fez uma careta para ela.

— Foda-me. — Deuce murmurou, pegando a cerveja e tomando um longo gole. Colocando a lata para baixo, ele olhou para Eva e apontou a cerveja para o seu estômago. — E esse garoto aí? É melhor não ser uma menina. E alguém vai me dar o sal, porra?

— Você colocou sal suficiente já! — Eva gritou.

Eu desliguei depois disso, ouvindo, mas não realmente, empurrando a minha comida em torno do meu prato, quando a briga continuou da mesma forma que sempre teve. Nada mudou, nem mesmo com a mais recente onda de motociclistas e velhinhas.

Apenas uma outra geração de aspirantes a criminosos e as tristes, mulheres patéticas que iriam amá-los apesar de sua incapacidade de manter seus paus em suas calças.

No meio da provação horrível, minha resistência quase acabou, a campainha tocou. Ivy correu para fora de sua cadeira na cozinha, gritando: — Eu atendo! Eu atendo!

Minha cabeça começou a bater.

— Hawk está aqui! — Veio o grito estridente do foyer. — Hawk está aquiiiiiii!

As batidas na minha cabeça pioraram.

Ao ouvir o nome de seu pai, os olhos verdes de Christopher se arregalaram. — Papai! — Ele gritou, pulando para cima para uma posição ereta na cadeira.

Ivy veio derrapando de volta pela cozinha, as botas de Hawk batendo o linóleo atrás dela. Surpreendentemente ele estava barbeado, seu moicano aparado e não usava seus couros de costume, mas em vez disso um par limpo de jeans, uma camiseta preta lisa e seu corte de Cavaleiros.

— Irmãos. — Disse ele bruscamente, apontando para Cage e Cox, então Ripper. Ele parou ao lado de Deuce e colocou a mão no ombro do homem. — Prez. — disse ele, sua voz menos pedregosa, com o rosto de repente cheio de emoção e outra coisa que eu não conseguia enxergar.

Eu sabia que havia uma história profunda lá. Deuce tirou Hawk das ruas décadas atrás. O mesmo acontecia com Cox, Ripper, Dirty. O vínculo entre todos era mais forte do que Deuce tinha com seu próprio filho.

Olhei Cage observar a troca silenciosa de respeito entre os dois homens, observei quando ele tentou esconder através de uma expressão de aço a mágoa deste vínculo entre eles. Eu sempre tive meus olhos nele e sabia todas as nuances de seu rosto, o que cada espasmo ou linha significava.

Eu ainda estava olhando para Cage do jeito que sempre tinha olhado, esquecendo todos ao meu redor, quando um par de dedos grossos estalou na frente do meu rosto. Pisquei, meus olhos reorientando-se, e a todos ao redor da mesa olhando para mim, incluído Cage. E Danny estava sorrindo para mim. Filha da puta.

Meu rosto ficou quente de vergonha, eu olhei para cima para o proprietário dos dedos.

— Como está sua mãe? — Perguntou Hawk enquanto tirava Christopher da cadeira e o pegava em seus braços.

— Não é da sua conta. — Respondi. Os olhos de Hawk endureceram.

— Tegen. — Ele disse em voz baixa, em tom duro. — Eu entendo, baby, eu entendo. Você me odeia, você odeia todos nós, e eu não a culpo. Se fosse a minha mãe que levasse um tiro, estaria odiando a todos também, mas ela é a mãe do meu filho e eu tenho direito de saber como diabos ela está passando.

Eu reagi. Levantei, empurrei o prato para a frente, empurrei a cadeira para trás e encarei Hawk. Eu nem sequer chegava perto de sua altura, mas eu já tinha estado à beira de um colapso nervoso antes dele ter aparecido e Hawk só tinha colocado mais lenha na fogueira.

— Foda-se! — Cuspi. — Você a arruinou! Você me arruinou! Minha mãe ainda não sabe quem eu sou!

Nos braços de Hawk, o rosto de Christopher caiu e seu lábio inferior tremeu, mas isso não ia me parar já que eu comecei. Nem mesmo eu sabia como conseguir isso.

— Tegen! — Deuce berrou.

— Você e Jase! — Eu gritei, ignorando Deuce e enfiando o dedo no peito duro de Hawk. — Vocês a destruíram, junto com essa porra de clube cheio de traficantes de drogas e assassinos!

Christopher começou a chorar, seguido de perto por Harley e eu me senti como uma merda, como se um raio tivesse me rasgado. Girei longe de Hawk e saí correndo da sala para o hall de entrada, fazendo uma pausa enquanto tentava desesperadamente me lembrar onde tinha deixado minha mochila. Xingando a mim e os meus intermináveis colapsos emocionais estúpidos, corri pela sala de estar para a sala da família, pegando minha mochila.

Pegando-a de uma velha poltrona de couro surrado, virei para correr, indo direto pela porta da frente e para o carro da minha mãe, que me levaria longe, muito longe desta casa cheia de pessoas terríveis que fizeram nada além de ferir uns aos outros e destruir vidas.

Só que eu não consegui ir muito longe. Eu me virei para correr e, em vez de correr, bati em uma parede de músculos. Dois braços enrolaram em volta de mim, uma mão pressionou firmemente contra a parte baixa de minhas costas e a outra deslizou no meu cabelo, com força cerrando um punhado de dreads.

O cheiro. Eu sabia quem era instantaneamente. Eu nunca esqueci. Suor e couro, cigarros e fumaça de escape, e ... Cage.

Meu coração estúpido inchou, meu corpo aqueceu e - Oh, merda, não.

— Não me toque! — Gritei, afastando-me, quase rasgando vários dos meus dreads na minha patética tentativa de desalojá-lo.

— Cale a boca. — Ele rosnou, me puxando para trás contra ele. — Você fez com que todas aquelas crianças ficassem chorando. — Ele disse me olhando. — Sim, toda a gente sabe que está machucada, Teacup, mas ...

Teacup.

Por que ele ainda me chamava assim depois de todos esses anos, depois de tudo o que aconteceu? Eu odiava. Eu odiava tanto. Tudo o que fiz foi me lembrar de quando éramos crianças, e ele tinha sido tão doce para mim, prestando atenção em mim quando ninguém mais o fazia.

— Não me chame assim! — Eu continuei a lutar, mas não conseguindo me soltar, somente me machucando na tentativa de me libertar.

— O que diabos está errado com você? — Ele sussurrou, meio andando, meio me arrastando de volta pela sala, enquanto eu continuava minhas lutas inúteis.

— O que há de errado comigo? — Eu gritei, minha renovada raiva secando minhas lágrimas, protegendo minhas emoções daquela pessoa no mundo que tinha a capacidade de derrubá-las em um instante, se eu não fosse cuidadosa. — Você é o que há de errado comigo, porra! Sua bagunça de clube é o que há de errado comigo!

Xingando, Cage bateu meu corpo duro contra o armário do corredor. Agarrando os lados do meu rosto, ele me forçou a olhar para ele. Olhando para mim, com os dentes cerrados, ele abaixou-se, trazendo-nos quase nariz com nariz.

— Você poderia por favor sair o caralho daqui! — Eu assobiei.

— Não diga outra palavra, caralho! — Ele rosnou. — Hora de escutar, sua bombástica putinha.

— Por que diabos eu iria ouvi-lo?

— Porque... — Ele rugiu e saliva voou na minha cara. — Faz um maldito tempo que você ouviu alguém! Há anos, longos, malditos ANOS que você esteve andando em torno da vida com um corte em seu ombro. Você vem atirando em todos ao seu redor, jogando merda em todo o clube, jogando merda em sua mãe, fazendo todo mundo se sentir ainda pior do que já estão, quando você e eu sabemos que esta merda não é mesmo sobre a porra da sua mãe e é a maldita hora de enxergar sua própria mentira!

Ah, não, de jeito nenhum ele iria se safar dessa!

— Não mesmo. — Eu rosnei. — Não se atreva a pensar que isso tem a ver com você!

Mas Cage, sendo Cage, me ignorou.

— Você ainda está magoada, Teacup e ainda está chateada, pelo que aconteceu entre nós há anos atrás, não é mesmo?

— Não! — Eu atirei. — Eu não dou a mínima para você!

Cage olhou para mim, seus olhos castanhos mudando enquanto seu olhar varria sobre cada centímetro do meu rosto. Olhei para ele, sentindo tudo isso. Cada horrível, podre, sentimento pedaço de merda que vinha em torno de Cage.

— Não? — Sorrindo amargamente, com o rosto de repente caindo e seus lábios roçaram os meus.

Parecia um soco em meu peito. Rápido, doloroso e completamente injusto. Minhas paredes, as mesmas que tinham tomado longos e penosos anos para se erguerem, imediatamente caíram, e como papel, com indiferença flutuaram para o chão.

O quê? Eu não podia... mesmo... pensar...com clareza. Não quando me segurava assim. Só podia ficar lá e estremecer diante da mistura de sentimentos.

— Quer testar essa teoria?

Ele já estava inclinando a cabeça para lhe dar melhor acesso. Sabia que se me beijasse, o corresponderia.

— Você me quer. — Ele rosnou.

Eu balancei a cabeça freneticamente. — Não. — Eu disse sem fôlego. — Não!

Sua mão deslizou do meu rosto, para baixo sobre a parte superior do meu peito, e caiu do meu lado.

— Sim. — ele resmungou baixinho enquanto sua mão direita deslizava ainda mais baixa. — Sim, Teacup, você quer.

Em um momento de puro pânico, assim quando os lábios de Cage encontraram os meus, agi rápido, esquivando-me, empurrando e girando, tudo ao mesmo tempo, efetivamente me separando dele.

— Seu filho da puta! — Gritei de pura frustração, tanto emocional e sexual, eu balancei. Minha mochila voou através do foyer, batendo no rosto quadrado de Cage. Ele pegou-a quando ela caiu, chicoteando-a à sua direita, e olhou para mim, as narinas dilatadas.

Percebendo que eu tinha feito, sem saber como ele iria reagir, entrei em pânico. Girando, eu corri na direção oposta, de volta através da sala de estar, a sala de família, em seguida, abri a porta de tela e fugi na escuridão.

Eu não tinha a minha mochila, ou seja, eu não tinha o meu telefone celular ou as chaves do carro da minha mãe. O que também significava que eu não tinha meios de transporte ou a forma de apresentar qualquer documento e se eu continuasse correndo sem rumo, seria mais do que provável que em breve estaria perdida nos confins de Montana.

Assim como dava uma boa olhada ao meu redor pensando em fugir, ouvi um som distinto e pesado de passos batendo no chão com força atrás de mim.

— Por que não me deixa sair daqui! — Gritei, parando e girando.

Cage veio derrapando até parar e quase perdeu o equilíbrio tentando evitar bater em mim.

— Tegen. — Ele rosnou. — Pare com a sua merda filha da puta agora.

— Vá embora! — Eu exigi.

Seu peito se expandiu assim como suas narinas e ele parecia tanto com seu pai, só não era tão difícil, seus traços eram mais brandos, seus olhos não tão frios. Com o braço levantado, ele deu um passo para a frente, e eu dei passos para trás.

— Não me toque! — Avisei.

— Foda-se. — Ele rosnou e seu braço disparou, fechando a mão em volta do meu antebraço. Ele me puxou para a frente, trazendo-me rápido contra ele, me segurando firme da mesma maneira que tinha feito dentro de casa, e ainda mais apertado, até que eu não tinha escolha, a não ser olhá-lo. — Você vai calar a porra da boca de uma vez e fazer o que eu disser.

Oh Deus ... não.

Não.

Claro que não.

Por que ele não parava de me tocar? Eu não conseguia pensar direito quando ele me tocava.

— Quantas vezes eu tenho que me desculpar por algo que eu nem sequer lembro, porra? — Continuou ele. — Você realmente vai ficar com raiva de mim para sempre?

— Sim!

— Por quê? — Ele gritou. — Você ainda me ama, Teacup? Ainda esperando por mim, baby?

Raiva borbulhou dentro de mim e me deu força suficiente para ficar livre de suas garras. Quando ele chegou de mim, eu gritei no topo dos meus pulmões, meu braço voou para a frente, e a palma da minha mão rachou em seu rosto. Cage congelou, apenas ficou completamente imóvel, e olhou para mim.

— Você acha que eu te amo? — Eu cuspi, batendo as palmas das mãos contra o peito e, com cada pedaço de força que eu tinha, empurrando-o para trás. — Eu odeio você! Estar com você foi a pior coisa que já me aconteceu! Foi essa porra horrível. Você estava tão patético, eu quase não o senti dentro de mim, seu pau é tão pequeno. Você só durou dois malditos segundos, e você tem a coragem de pensar QUE TE AMO? Você me dá nojo! Você é a peça mais inútil de merda que já andou no planeta e eu te odeio!

Quando ele saiu da sala de jantar para correr atrás de Tegen, tinha sido por duas razões: uma, para salvá-la da ira de seu pai, e dois, porque a cadela louca tinha feito todas as crianças da mesa explodirem em lágrimas. Ela precisava saber que esta merda não estava certa, seu comportamento foi fodido, que ela não podia simplesmente continuar a falar mal de todos os associados e do clube.

Especialmente porque todos aqueles que ela odiava e que ela estava vomitando por todos esses anos, tinham muito pouco a ver com a sua mãe. Essa merda era tudo sobre ele. Então, em primeiro lugar ia dizer-lhe o quão ridículo era o fato dela odiá-lo por algo que havia feito quando tinha apenas dezenove anos. Esta merda já durava tempo demais, e ele esperava que ela ficasse calada o tempo suficiente para que pudesse se desculpar, porque, foda-se, ele tinha sido um idiota, sabia isso, todos sabiam disso, e era hora de colocar isso para fora.

Então, transaria com ela. Ele não sabia por que sempre ficava tão feliz de repente ao seu redor, mas porra, lá estava ela.

Talvez porque ela o fizesse querer cometer uma maldita besteira a ponto de fazer uma porra de um buraco direto através daquele rostinho. Mas ele realmente não queria matá-la, assim, abrir um buraco na boceta dela parecia ser a melhor alternativa.

Ou talvez fosse porque ele não se lembrava da primeira vez que transou com ela e cada encontro desde então, tinha vindo como uma caixa de miséria embrulhado em um grande arco de desespero.

Ou talvez fosse porque ele não podia sequer ver a mulher que quando menina olhava para ele como se o sol brilhasse através dele e agora o olhava como se fosse o maior pedaço de merda que já conheceu.

Como seu pai olhava para ele.

Então, sim, então diria tudo que estava engasgado, e depois transaria com ela tão duro que ela não só esqueceria o quanto o odiava, como o seu maldito nome também. E então iria para bem longe, deixando-a implorando por mais.

Pelo menos, esse era o plano original até que ela se recusou a calar a boca. Até que ela deu um tapa em seu rosto. Até que continuou a mexer sua boca, cada palavra que saía dela fazendo-o sentir-se como um pedaço maior de merda.

Cage perdeu. Seu cérebro apagou e suas emoções tomaram o controle. A próxima coisa que ele percebeu foi que estava forçando-a para o chão, de costas, arrancando sua frágil blusa verde, expondo os seios pequenos, espalmando-os antes de pegar punhados de sua saia longa e empurrando-a sobre a bunda dela. Ele rasgou a calcinha de lado e abriu suas calças de couro.

— Vou me lembrar desta vez, cadela. — Disse entre dentes, apalpando seu pênis.

— Foda-se você, idiota. — Disse ela com raiva. — Foda-se!

Fervendo de raiva, mais do que farto desta confusão com ela e não consciente do que fazia, mas ao mesmo tempo consciente de que ela não estava lutando, agarrou suas pernas, dobrou os joelhos e empurrou as pernas abertas, manobrando seus quadris para que a ponta de seu pênis bater em sua boceta. Deslizando-o sobre a sua fenda, ele se posicionou em sua entrada.

— Foda-se? — Ele gritou. — Você conseguiu porra!

Ele empurrou com força. Puxado para trás para fora e empurrou com mais força. Afastando-se, ele empurrou de novo, finalmente deslizando dentro dela. Mais três vezes e ele estava completamente encaixado, sua boceta apertada em torno dele.

— Você sente isso, bombástica bocetinha? Você sente o meu pequeno e maldito pau deixando sua merda bem aberta?

Puxando quase tudo para fora, ele bateu de volta para dentro.

Os lábios de Tegen tremeram mantendo os olhos bem fechados. Cage assistiu uma lágrima deslizar de seu olho esquerdo e para o lado de seu rosto, desaparecendo em seu cabelo. Seus pensamentos tomaram um rumo, gritando em uma direção diferente. Ele parou de se mover e apenas olhou para ela. Que diabos fazia? Será que tinha ficado louco?

Acabara de atacá-la!

Xingando, começou a se mover, pronto para sair, quando de repente seus olhos se abriram e ela ergueu-se, agarrando seus bíceps e apertando.

— Não. — Ela respirava.

Por um momento, só olharam um para o outro, sem piscar, sem se mover. Mas enquanto olhava em seus olhos verdes brilhantes, levando-se em sua pele branca leitosa brilhando à luz da lua, e vendo seus lábios rosados se separarem, respirando... sua respiração acelerou durante o tempo que ficou olhando.

Sentiu um sentimento novo, que não conhecia. Era desejo, mas não o tipo de luxúria derivado de um par gigante de seios saltando na frente de seu rosto, ou porque seu pênis era acariciado pela sua pele, ou porque a saia de alguma cadela subia e dava uma olhada.

Não era irritação ou adrenalina. Não sabia o que era.

Mas seu corpo sabia. Ele reconheceu algo nela e respondeu na mesma moeda, a emoção enchendo seu estômago. Ele respirou novamente, reconhecendo de repente essas respostas, lembrando-se delas, mas também sabendo que tinha tido uma centena de mulheres depois da última vez que esteve com ela

— Teacup. — Murmurou, chegando perto para segurar seu rosto. — Você nunca me ouviu dizer isso antes, querida, mas realmente sinto muito pelo que eu fiz.

— Não, você não sente. — Sussurrou, tentando afastar-se das garras em seu rosto. Apertou seu polegar no queixo mantendo-a no lugar.

— Sim. — Continuou. — Sinto. Tinha 19 anos. Era um idiota e não deveria ter agido assim. Na sua primeira vez, baby, merecia alguém melhor do que eu.

Sua boca se abriu e seu polegar, já em seu queixo, deslizou para dentro e puxou o lábio inferior para baixo.

Quando ela não disse nada, não fez nenhum protesto verbal ou fisicamente, apenas olhou para ele sem piscar, ele rapidamente abaixou a cabeça e cobriu sua boca com a dele. Sua língua deslizou para dentro e um gemido escapou de sua garganta. Sua boca se abriu ainda mais para ele e sua mão moveu-se, agarrando seu cabelo, enquanto a outra correu pelas costas, sobre seu quadril, e debaixo de sua coxa, parando em uma pequena, nádega firme, e apertando.

Ah, porra. Lembrou-se agora, lembrou-se porque amava a porra das mulheres. Esse sentimento, a maldita antecipação, a necessidade de tocar, provar, de ter uma mulher por perto, para governar seu corpo, fora e dentro. Não apenas para gozar, mas fazer qualquer coisa para conseguir.

— Cage. — Sussurrou freneticamente, tentando tirar a mãos de seus ombros. Ele se afastou dela o tempo suficiente para ajudar com os ombros, para puxar a camiseta por cima da cabeça e lançá-la de lado, e

em seguida, ele estava de volta para ela, sua boca fechando sobre um peito sardento, perfurando através do mamilo.

Chupando primeiro o mamilo em sua boca, e depois quase toda a mama, ahh, foda-se. Ele sempre amou mamas grandes, gordas e pesadas, com um monte para agarrar e apertar. Mas ser capaz de caber tudo da carne dentro de sua boca e apenas sugar?

Era muito gostosa. E o que era ainda mais quente, Tegen estava choramingando um pouco ofegante, sussurrando gemidos. Suas mãos estavam em seu cabelo, segurando, puxando e ela arqueou o peito, empurrando mais dela em sua boca. Suas pernas em volta dele, as coxas embalando sua cintura e ela se moveu sobre seu pênis em movimentos circulares.

Ele deslizou um braço por baixo dela e, segurando-a perto dele, rolou-os de modo que estivesse em cima dele. Apoiando as palmas das mãos sobre o peito, ela empurrou-se em uma posição sentada. Montando sobre ele, ela respirou fundo, olhando em seus olhos.

— Tome-o. — Disse ele com a voz rouca, agarrando-lhe as mãos e os dedos entrelaçados.

Quando ela não se moveu, ele levantou seus quadris, circulando-os, arrancando um suspiro e um grito de Tegen. Sua vagina se apertou e seus dedos magros apertaram em torno de seu braço mais espesso.

— Tome-o. — Ele rosnou, empurrando seus quadris para cima com força. — Tome-o, Teacup.

Mesmo com a boca aberta em um gemido silencioso, seus olhos se estreitaram.

Ele olhou para ela, esperou que ela ficasse calada, esperou que ela tomasse o que ele estava oferecendo, esperando como o inferno que ela esquecesse tudo o que odiava e desse-lhes o que eles tanto queriam.

Jesus, não sentia antecipação como esta há muito tempo.

— Por favor. — Gemeu. — Apenas tome-o, querida.

Seus lábios dividiram-se em um sorriso e sua respiração parou. Ele não conseguia se lembrar da última vez que a tinha visto realmente, verdadeiramente sorrir e, foda-se ela, se não se transformava completamente.

Mas antes que ele pudesse se recuperar, ela começou a se mover. Mais rápido e mais rápido até que...

E então ela tomou. Montou nele, trabalhou com força e levou tudo.

CAPÍTULO NOVE

Acordei na escuridão com o peso de um corpo quente pressionado contra as minhas costas, a respiração quente abanando meu rosto, uma mão grande apalpando a região do meu estômago entre mim e o colchão, outra segurando a parte de trás da minha coxa e Cage entrando em mim por trás.

Agarrando o travesseiro, engasguei.

— É a minha vez. — Ele rosnou no meu ouvido.

Fechando os olhos, relaxei meu corpo, concentrando-me apenas no pau liso de Cage, lenta e suave, dentro e fora de mim.

— Sente-se bem? — Ele sussurrou.

Oh, o inferno sim. Parecia o equivalente físico de um sorvete, o tipo que a minha mãe me fazia quando eu estava triste. Duas colheres de baunilha, uma colher de chocolate, nozes trituradas, regados com chantilly e molho de chocolate, coberto com cerejas.

— Foda-me. — Respirei. — E cale a boca.

Ele riu e minha respiração ficou presa. Eu podia sentir o sorriso em seu rosto, as vibrações em seu peito nas minhas costas.

No bosque atrás da casa transamos rápido e furioso, então caímos deitados longe um do outro, sob as estrelas, sem nos tocar, sem falar, quase sem respirar, até que me levantei e me afastei de Cage. Ele me ajudou a levantar e ajudou a me vestir. Depois pegou a minha mão na sua e deu a volta ao lado da casa onde a moto estava estacionada e disse....

A seqüência de oito pequenas palavras, oito muitas estúpidas, palavras insignificantes que não significavam absolutamente nada para Cage e absolutamente tudo para mim.

—Pegue a parte de trás da minha motocicleta, Tegen.

Quantos anos eu tinha sonhado com ele dizendo exatamente isso para mim? Sonhava em ser sua — velha senhora— na parte traseira de sua motocicleta e em sua cama? Eu e só eu.

Quantos anos de angústia, de reprimir memórias e me esforçando para seguir em frente, para deixar meus sentimentos fora tentando substituir Cage com outro, eu tinha gasto porra? Muitos.

A primeira metade da minha vida passei me apaixonando por ele e a segunda passei tentando cair fora do amor por ele.

E estupidamente em um segundo, perdi o controle que tentei por tanto e tanto tempo atingir, tudo por causa do estúpido do Hawk. Então, agora, aqui estava eu nos braços do homem que amei desde que era criança e ele era um menino e não havia maneira de sair desta incólume.

Minha decisão há muito havia rachado e as emoções foram se infiltrando dentro de mim a um ritmo alarmante. Senti minha raiva, o meu sofrimento interno de longa data se esvaindo e meu corpo começou a diminuir, acolhendo o conforto que este homem estava me oferecendo.

Não havia escolha a ser feita agora. Eu tinha deixado as minhas opções na mesa de jantar, quando tinha permitido a Hawk ficar sob minha pele e quando conscientemente, voluntariamente parei de lutar contra Cage e deixei-o, finalmente, deixei-o me tocar.

Eu ia ter que montar isso e pedir a Deus que saísse bem do outro lado. Não, eu sairia bem. Eu vim até aqui, sofri com isso muitos anos; uma noite não mudaria nada. Uma noite nunca mais iria mudar o curso da minha vida.

Então, eu tinha jogado a precaução ao vento. Silenciosamente, eu subi em suas costas e permiti que me levasse para sua casa.

Ele me levou através da pequena casa escura, subimos as escadas e entramos no quarto dele para onde tinha me despido, deixando-me ver exatamente o que eu nunca tinha sido capaz de parar de pensar ao longo dos anos.

Ele era maior agora, mais alto, seus braços e coxas musculosas e seu rosto com feições quadradas mais definidas com a idade e, meu Deus, ele era lindo. Ele era tão injustamente bonito. Sempre tinha sido.

De repente me senti estranha, desconfortável em minha própria pele, e envergonhada com o que me faltava em beleza física. Senti-me como se não fosse boa o suficiente. Eu nunca tinha sido boa o suficiente para Cage.

— Não é assim para mim, baby.

Do outro lado da sala eu o vi acender um baseado. Pulando de barriga para baixo em sua cama, deu duas tragadas rápidas do rolo antes de estender o braço e oferecê-lo a mim.

Sem pensar, dei um passo para a frente, estendendo a mão para ele, mas Cage me puxou e eu caí na sua frente. Com o rolo pressionado entre seus lábios, ficou de joelhos e me puxou para a cama.

Em seguida, Cage foi me despindo e tomando muito tempo, sem pressa, olhando para cima e para baixo do meu corpo. Puxando o rolo de sua boca, ele trouxe-o para os meus lábios e eu dei uma longa tragada. Quando exalei, ele deu outra tragada e então apagou-o em sua mesa de cabeceira. Colocou sua boca sobre a minha e soprou a fumaça em mim.

E então, estava dentro de mim novamente, rolando-nos mais, trazendo-me em cima e me dizendo novamente para tomá-lo.

Esqueci todas as minhas inseguranças e minha raiva e eu o levei, montei-o com força e rápido, observando com satisfação indescritível que ele era vítima ... para mim. Cada gemido que provoquei, seus olhos fechados, a cabeça de seu pênis me empurrando, o choque de prazer

que eu causei masturbando seu corpo, cada sílaba rosnando meu nome, a cada olhar desesperado, seus olhos cobertos me implorando para acabar com ele. Tudo isso só aumentou meu próprio prazer. Eu nunca tinha gozado tão duro na minha vida.

Em seguida, sexualmente saciada e emocionalmente exausta, adormeci em seus braços.

Agora ele me tomava de novo e eu estava adorando.

Quando seus quadris continuaram sua corrediça de lazer, ele segurou meu queixo, virando a cabeça, tanto quanto o meu pescoço permitia, e mergulhou sua língua em minha boca. Lento, desleixado, sugando meus lábios, beijos mergulhando a língua, fora de sincronia com seus golpes de quadril. E, no entanto, ainda mais lento, prolongando deliberadamente cada golpe molhado por um longo tempo.

Sua boca era maior que a minha, levando a minha dentro dele, puxando meus lábios, mordendo suavemente, envolvendo meus lábios ... meu queixo ... meu pescoço.

Oh Deus. Nada, ninguém nunca tinha me beijado assim. Ninguém nunca tinha me fodido assim.

Cheguei ao redor, agarrando sua cabeça, esmagando-o para mim, e eu o beijei mais forte, mais intensamente, necessitando, querendo, oh Deus, querendo.

Minha barriga apertando, um tremor derrubou minha espinha e eu gozei duro, clamando contra sua boca, tremendo debaixo dele.

— Só mais um, querida. — Ele murmurou. — Dê-me mais um.

Gritei de novo, ainda mais em frustração do que de minha segunda libertação imediata. Eu chorei porque Cage não estava me fodendo.

Porque eu tinha acabado de ter um orgasmo apenas pelo beijo. E depois outro só porque o filho da puta tinha me dito.

— Foda-se. — Eu disse, meio gemendo em sua boca enquanto eu triturava meu traseiro em sua virilha. — Foda-se ... você.

Xingando, Cage puxou rapidamente para fora de mim e o calor úmido subiu nas minhas costas enquanto ele gemia através de sua própria libertação. Respirando com dificuldade, ele rolou de costas, me trazendo com ele, me envolvendo ao seu lado na curva do seu braço. Eu deslizei meu braço sobre seu estômago ondulado e enrolei minha perna esquerda por cima da sua, então coloquei minha bochecha para baixo sobre o peito tatuado.

— Foda-se, também. — Ele murmurou e beijou o topo da minha cabeça. — Você fala muita merda.

Eu suspirei, meus lábios se curvando em um sorriso e eu me vi segurando Cage apertado.

— Vai ficar todo o fim de semana, certo? — Ele perguntou quando virou para sua direita, mexendo com o conteúdo de seu criado-mudo.

Meu sorriso caiu quando a realidade começou a permear o meu cérebro ex-viciado em luxúria. Por que diabos ele estava me perguntando isso?

— Teacup? — Ouvi o estalido de um isqueiro, seguido pelo cheiro de verde recém-aceso.

— O quê? — Sussurrei, recusando-me a olhá-lo.

— Eu perguntei quanto tempo você vai ficar, querida.

— Eu não tenho certeza. — O que era uma mentira. Eu devia sair na segunda-feira, mas eu poderia ficar mais tempo se eu quisesse. Estava de férias no trabalho e se eu...

PORRA.

De jeito nenhum iria por esse caminho novamente, de jeito nenhum que ia ficar presa dentro de sentimentos que nunca poderiam dar em nada, além de mais auto aversão. Então, mantive meus olhos fechados e tentei me lembrar de todas as mulheres que já vi Cage fodendo, tateando-as, beijando-as. Obriguei-me a reviver aquela noite terrível, há tantos anos na sede do clube.

Eu tinha que sair daqui. Ficar longe de Cage. E tinha que ficar muito bêbada e esquecer que isso aconteceu, porque se não o fizesse, se

permitisse que o que aconteceu afundasse muito profundo dentro de mim...

Teacup. Eu seria Teacup novamente.

Então eu disse a mim mesma que, em termos inequívocos, Cage West era uma prostituta, que era isso que ele fazia, e que se ele não tivesse mudado de atitude durante esse tempo em toda sua vida, nunca faria isso.

— Porque eu estou pensando — Arquejou, soprando uma baforada de fumaça. — que se você ficar por todo o fim de semana, poderíamos manter esta merda para que você pudesse esquecer toda a outra merda do passado.

Sexo. É tudo o que ele estava fazendo. É tudo o que ele nunca iria ser. Se eu gastasse todo o fim de semana com ele fazendo mais sexo, os meus sentimentos acabariam aumentando. E mais sentimentos significaria que eu ia acabar fazendo algo realmente estúpido.

Como dizer-lhe que o amava... novamente.

O que significa que eu tinha de fato me transformado em minha mãe, mesmo depois de todas as promessas que tinha feito a mim mesma sobre nunca ser a segunda escolha de algum motociclista sujo. Ou terceira. Ou sua prostituta.

De repente, não estava apenas com raiva de mim, estava brava com ele, minha mãe, meu pai, meus avós, Jase e todo o monte de

motociclistas estúpidos. E então eu não era apenas louca, era uma idiota, de repente queria chorar e gritar e rasgar meu cabelo para fora por ser uma garota estúpida! Mais uma vez!

— Tegen?

— Humm?

— Caralho realmente, mulher? Eu só estive perguntando quanto tempo você vai ficar por pelo menos uns dez minutos.

— Estou cansada.— Menti, rolando para longe dele enquanto fingia um bocejo. Agarrando os cobertores, puxei-o sobre o meu ombro. — Vamos falar amanhã.

Murmurando absurdo sobre as mulheres e suas decisões, Cage rolou, alcançado os cobertores, e me recolheu em seus braços. Suas grandes mãos deslizavam sobre meu corpo nu, uma parada no meu peito e a outra entre as pernas.

— Eu me diverti hoje à noite. — Ele sussurrou enquanto seus lábios encontraram meu pescoço. Um arrepio atravessou-me assim quando eu fiz uma careta.

Ele se divertiu.

Eu deveria tomar isso como um elogio? Quando Cage não se divertia? Diversão era um de seus dois nomes do meio, sendo o outro — vagabundo.

— Lábios. — Ele rosnou, mordendo seu caminho em meu rosto. Sem querer, eu virei minha cabeça e encontrei com ele, contrariando cada golpe de sua língua perfeita com um dos meus próprios. Nós nos beijamos por um tempo, mas Cage estava gasto e, embora eu nunca admitisse em voz alta, eu estava muito cansada também, para não mencionar um pouco dolorida.

Eventualmente, exaustos, caímos longe um do outro.

Levou uns quinze minutos antes de Cage dormir. Então estava de pé, vestindo-me e ligando para minha mãe de seu telefone celular.

Na tarde seguinte, ao chegar na sede do clube, Cage foi direto para o escritório do pai segurando o pequeno envelope de fotos que tirou do quarto de Eva, em Nova York. As coisas ficaram tão fora de controle rapidamente na noite passada, que se esqueceu de passá-las adiante. Encontrando a porta do escritório parcialmente aberta, Cage entrou e encontrou Deuce sentado atrás de sua mesa, olhando por cima de uma pilha de páginas impressas que pareciam listas de lavanderia. Assim como o dinheiro sujo do clube era lavado através das empresas legitimamente detidas.

— Diga-me que não fodeu a hippie. — Deuce disse, sem se preocupar em olhar para cima.

Cage fez uma careta. Sim, tinha fodido com a hippie. E então a hippie tinha fugido e nunca mais tinha voltado.

Entendi que ela não queria passar o fim de semana com ele. Ela ainda não tinha querido passar a noite com ele. O que foi bom. Qualquer que seja. E daí que ele nunca tinha tido uma cadela saindo no meio da noite antes, nem mesmo uma prostituta de clube? Havia uma primeira vez para tudo. O que era... bom. Ele a procuraria mais tarde.

— Transou com ela, não é? — Deuce rosnou, finalmente olhando para ele. — Mesmo depois que eu lhe disse para deixá-la em paz, porra?

Eles olharam um para o outro e Cage sentiu como se estivesse olhando em um espelho 30 anos no futuro. Um puto, desgraçado irritadiço, julgamento de um espelho.

Cage abriu a boca e a mão de Deuce levantou, então caiu para trás em cima da mesa.

— Tem ideia de quão fodida D está? Quase não vê o filho por causa de como está e o que faz? VAI E TRANSA COM ELA!

— Foi uma merda real e simples. — Continuou. — Eu lhe disse para deixar a menina sozinha, mas enfiar seu pau em qualquer coisa que está caminhando para você é mais importante do que seguir ordens, não é?

Cage não respondeu. Ouviu esse discurso inúmeras vezes que sabia de cor. Também sabia que interromper seu pai só deixaria o homem mais zangado.

— Já tem mais de 30 anos e ainda não me ouviu. — Continuou ele, olhando para Cage com nojo desmascarado. — Nunca me escutará, não é?

Não era uma pergunta. Era uma resposta. Ele sabia disso, seu velho sabia disso e Blue, que estava na frente da sala dormindo no bar, também sabia.

— Aqui. — Cage murmurou, tirando as fotos de seu bolso, enquanto caminhava em direção ao seu pai. Ele jogou o envelope sobre a mesa.

Deuce abaixou os olhos. — Que porra é essa?

Cage encolheu os ombros. — Encontrei no Demons MC, no antigo quarto de Eva.

Deuce olhou para baixo e pegou o envelope. Quando olhou para a primeira foto, Eva sentada ao lado de Blue no bar, Cage viu a mudança na expressão de seu pai.

— Onde achou isso?

— Escondido, atrás de uma foto.

— Porra — Deuce murmurou, olhando lentamente através da pilha, seus olhos ficando cada vez mais fora de foco com cada imagem. — Olhe para ela... merda... olhe para ela.

— Ela ainda parece bastante bem. — Disse Cage e Deuce o olhou e estreitou os olhos.

— Isso não é do que eu falava. — Rosnou. — Falava sobre o idiota que era. Eu tinha isso. — Deuce levantou a foto que olhava.

Eva, sorrindo, com uma blusa cropped solta e calça jeans, entre Kami e Dorothy, faziam orelhas de coelho em Dorothy, enquanto a outra mão fazia um sinal de chifrinhos sobre o ombro de Kami.

— Tive tudo isso. — Deuce repetiu. — E fodi tudo.

Cage não disse nada, incapaz de acreditar que seu pai percebeu sua merda e Deuce voltou a olhar as imagens.

Levantando-se, o pai olhou para ele. — Será que você olhou para tudo isso?

Pai e filho se entreolharam.

— Idiota. — Deuce rosnou. — Sai fora.

— Estarei por perto quando precisar de mim. — Disse sem emoção, já se virando.

— Não prenda a respiração. — ouviu Deuce murmurar.

Ele não ia.

Tinha parado de fazê-lo há muito tempo.

CAPÍTULO DEZ

— Estúpida. — Murmurei enquanto puxava uma frigideira para fora debaixo de uma pilha de panelas e frigideiras, estremecendo quando o barulho alto ecoou por toda a cozinha. Minha mãe não tem dormido bem; quando dorme sonha com as memórias que não conseguia ter acesso e normalmente, acordava suando frio, tremendo e chorando. Entre isso e Christopher, ela precisava de seu descanso.

Depois de colocar a panela em cima do fogão, fui para a geladeira.

— Estúpida, estúpida, estúpida. — Disse baixinho enquanto examinava a geladeira. Uma caixa de ovos, um pacote de queijo. Alguns minutos depois, eu estava sentada com uma omelete de queijo, mas não comia nada. Eu me sentia muito doente para comer.

Era uma idiota de primeira classe. E não apenas porque havia fodido Cage. Mais uma vez. Quero dizer, sim, era seriamente idiota, mas pior, eu o tinha fodido não uma, mas três vezes, e nem uma vez nós usamos camisinha. Em nenhuma das vezes lembrei de usar um preservativo. Por que, oh, por que eu sempre perco minha cabeça em torno desse homem?

Maldição, eu provavelmente tinha AIDS agora ou pelo menos algum tipo vacilante de doença venérea de motociclista. Ou, pior ainda,

ia acabar como Danny: uma puta grávida de um motociclista que, conhecendo a minha sorte, seria um menino, que ficaria apenas como seu pai, se tornaria um motociclista assim como seu pai, e quebraria um milhão de corações... assim como seu pai.

Era oficial. Eu era a filha da minha mãe. Eu poderia ir para a cama com um homem, mas nunca me casar. Eu podia chupar o pau, fazer o jantar, lavar a roupa e ter seus filhos, mas nunca poderia realmente tê-lo.

Jesus, realmente prefiro ter uma diarréia explosiva, vestindo uma minissaia e fazendo minha dança no palco na frente de meio milhão de pessoas.

Minha graça salvadora era que eu não tinha absolutamente nenhuma razão para ver Cage pelo resto do fim de semana. Fechei os olhos e soltei um suspiro irritado. Por que absolutamente odeio o som disso?

Meus olhos se abriram e eu olhava para a minha omelete. — FODA! — Eu gritei. — Você parece muito gostoso e eu não quero nem te comer!

— Tegen?

Olhando para cima do meu café da manhã, encontrei minha mãe pairando perto da entrada da cozinha, vestindo apenas um robe preto na altura do joelho e pantufas.

— Merda. — Eu disse, imediatamente empurrando a cadeira para trás e ficando de pé. — Sinto muito, mamãe.

Ela me deu um pequeno sorriso. — Está tudo bem se eu entrar? Ou eu vou receber uma omelete no meu rosto?

Meus ombros caíram. Minha mãe nunca tinha sido uma mulher tímida e que nunca tinha contornado assuntos sensíveis. A menos que tivesse algo a ver com a sua relação com Jase, ela nunca tinha tido um problema para falar o que pensava. Puxei a ela, embora eu infinitamente fosse mais vulgar do que ela jamais seria.

Fora isso, éramos pólos opostos. Nosso cabelo não era mesmo do mesmo tom de vermelho.

Mesmo com quarenta e um anos, ela ainda era bonita; aos quarenta eu tinha certeza que ia ter a flacidez da pele em um pedaço de pau. Mas não minha mãe. Ela era vários centímetros mais baixa do que eu, pequena, mas não sem curvas, seus seios eram cheios e seu estômago liso.

Seu cabelo vermelho escuro caía no meio das costas em ondas suaves, seus lindos olhos verdes ainda brilhavam com uma vitalidade juvenil e sua pele, embora sardenta, tinha uma espécie de brilho claro, não era o tipo doentio. Como eu.

— Desculpe, te acordei. — Disse calmamente.

— Não, querida, já estava de pé e prestes a entrar no chuveiro quando ouvi você gritar. Tudo bem?

— Sim. — Disse rapidamente. — Eu estou bem.

Ela deu um passo para dentro da cozinha e cruzou os braços sob os seios. — Tegen, eu não me lembro de tudo, mas eu ainda sei quando minha filha está mentindo para mim. Eu já sabia que algo estava acontecendo, quando Eva e Kami trouxeram de volta o meu carro ontem à noite. E então recebo uma ligação sua do telefone de Cage me dizendo que está na casa dele e que precisava de carona. Não só isso, estou bem ciente de como uma mulher fica depois de ter relações sexuais, que é exatamente como você estava quando te peguei da casa de Cage. Agora, tem uma das duas opções: pode me dizer o que está errado ou pode continuar mentindo para sua mãe.

Oh. Bem. Agora soava exatamente como a minha mãe. Minha mãe, com problemas de memória ou não. Absolutamente não quero discutir minha vida sexual com ela. Inferno, não quero.

— Você parece bem. — Disse, esperando construir uma ponte sobre o oceano de confusão e arrependimento de ontem à noite e dirigir imediatamente para terra firme. — Sem mais pesadelos?

— À sua maneira. — Disse ela, suspirando. — Eu vou tomar banho, então, acho.

Quando ela começou a se virar, fez uma pausa. — Sabe, baby, posso ser mais velha que você, mas ainda sei o que é dor. Só queria ajudar.

Engoli em seco. É claro que ela sabia o que era dor. Ela não tinha nada além de dor, e por que eu iria querer contribuir mais para os valores ímpios que já pesavam sobre ela?

— Mãe, eu...

O toque forte da campainha me cortou.

Olhando para a sua direita, minha mãe apertou os lábios. — É muito cedo.

— D! Abra está porta, porra!

Ao som da voz de Jase, minha mãe ficou pálida como uma sombra doentia.

A campainha tocou novamente, uma, duas, três vezes. Isto foi seguido por uma série exigente do que parecia ser alguém tentando derrubar uma porta com seus punhos.

Fechei os olhos. Sem falhar, Jase adorava tornar minhas visitas domiciliares ainda mais miseráveis.

— DOROTHY!

— Ele parece bêbado novamente. — Sussurrou, olhando para o corredor, com uma expressão de puro terror. — Da última vez que apareceu aqui bêbado, tentou me beijar.

O quê? Oh, droga, não.

— Vá para a parte de trás. — Disse com firmeza, cruzando rapidamente a cozinha, pegando as chaves do carro do balcão enquanto passava por ela. — Vou me livrar dele.

— Tegen! — gritou, agarrando o meu braço. — Sabe que ele fica violento quando bebe!

— Foda-se. — Disse, afastando-a. — Ele vai receber um chute em suas bolas se tentar qualquer coisa.

Empurrando as chaves do carro no bolso da frente da minha calça jeans, eu agarrei a maçaneta da porta e esperei por ele. No segundo em que Jase começou a bater novamente, rapidamente virei a fechadura e abri a porta. Eu abaixei o punho de Jase e o fiz rodar em seu meio. Pego de surpresa, ele cambaleou para trás.

— Foda-se! — Ele gritou, agarrando o corrimão antes de cair da escada.

— Tranque! — Eu gritei quando me virei para puxar a porta da frente fechada.

— D! — Jase gritou, colocando-se de volta em pé e se lançando para a porta. Eu pulei na frente dele e peguei um punhado de sua camisa. — Pare! — Eu gritei. — Pare com isso agora!

Jase piscou para mim através de olhos marrons injetados rodeado de círculos escuros.

— Tegen?

Duh.

— Sim, Jason. — Eu mordi fora. — Agora, vire a bunda bêbada de volta e vamos entrar no carro.

— O quê? — Ele piscou novamente, parecendo confuso.

— O carro! — Eu gritei, apontando para o sedan de quatro portas da minha mãe na garagem. — Entre no maldito carro! Vou levá-lo para casa!

— Eu preciso ver D primeiro. — Ele se arrastou, batendo no meu braço, tentando se libertar.

— Jason! — Eu gritei. — Ou você entra no maldito carro ou eu vou entrar, pegar um taco de beisebol e usá-lo para bater a merda fora da filha da puta da sua Harley!

— Tegen. — Disse ele com a voz rouca, e seus olhos começaram a se encher. — Por favor, por favor, deixe-me vê-la.

Merda.

Uma coisa era ver um homem adulto chorar, mas outra bem diferente era ver um homem de mais de 1,82m de altura com 104kg coberto de couro quebrar na sua frente.

Ainda segurando a camisa, com a mão livre eu subi e dei-lhe um tapa no rosto.

— Com quantos motociclistas eu vou ter que dar uma volta no fim de semana? — Eu gritei. — Pegue suas coisas! Você realmente acha que ela quer vê-lo assim? Não! Ela não quer. Você se parece com merda, cheira a merda e está balbuciando, chorando fazendo uma bagunça! Ninguém quer ver você assim! Agora, entra no carro antes que eu chame Deuce e ele faça com que você se sente no canto e pare de agir como um idiota!

A boca de Jase achatou. — Não ligue para ele.

— Eu vou. — Eu disse, soltando-o com um pequeno empurrão. — Se você não botar sua bunda fora desta varanda e entrar no maldito carro!

Jase perdeu o equilíbrio e sua bota deslizou para trás fora do degrau mais alto. Em qualquer outro momento, sob quaisquer outras circunstâncias, eu teria achado engraçado em assistir Jase cair de uma varanda em três fases e ter terra em sua bunda. Mas isto era apenas triste.

— Eu estou bem. — Disse ele, lutando para ficar de pé.

— Ótimo. — Eu murmurei, agarrando seu braço. — Posso ficar tranquila esta noite.

Uma vez que eu o tinha afivelado no banco do passageiro, olhei de volta para o apartamento e encontrei minha mãe em pé na janela, olhando para Jase, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Que confusão do caralho.

— Onde diabos está o Patrón? — Cage exigiu de trás do bar.

Cox, que estava sentado em frente a ele, apontou o polegar em cima de Blue. — Acorde velho bêbado! — Ele gritou. — Você está dormindo em cima do Patrón!

Blue abriu uma pálpebra e deu a Cox um sorriso desdentado. — Saia da minha frente, seu porra louca. — Ele disse numa voz arrastada. — Este é meu bebê. — Então o velho bastardo caiu rapidamente, voltando a dormir.

Cage lembrou de seu pai dizendo que uma vez, há muito tempo, Blue tinha em torno de setenta e cinco, mas que ele não estava realmente certo e poderia muito bem ter sido oitenta e cinco ou noventa e cinco, por tudo o que sabia. O que, se isso fosse verdade, Blue poderia ter bem mais de uma centena agora. Olhou-o. Ainda bebia como um maldito peixe, no entanto.

— Porra. — Cage murmurou enquanto se dirigia ao redor do bar e sentava-se no banco ao lado de Cox. Puxando um maço de cigarros para fora de seu bolso, balançou vários fora e ofereceu um a Cox.

Aceitando, o homem acenou com a cabeça em agradecimento e acendeu-o.

— Então, você vai derramar? — Cox perguntou depois de soprar um anel de fumaça.

Cage olhou para ele. — Derramar o quê?

— Irmão, você saiu correndo atrás da cadela hippie ontem à noite e nunca mais voltou. Eu não sou estúpido, então fale, maldito. Não tive uma bunda em quase dois meses. Tenho que viver através de meus irmãos.

Cage fez uma careta. — Você e Kami? Caralho, sério cara? Desde quando vocês dois estão sempre amassando um ao outro como pit bulls no cio?

— Ela quer outra criança. — Murmurou Cox e Cage ergueu as sobrancelhas.

O que acontecia com esses velhos filhos da puta querendo mais crianças ultimamente? Eva e Kami estavam próximas dos quarenta anos. Mas vendo que Eva estava grávida, fazia sentido que Kami gostaria de estar grávida também. O que quer que as duas fizessem, sempre faziam isso juntas.

— Eu já tenho três malditos filhos. — Continuou Cox. — E não quero mais. Então, ela me cortou. Diz que não estou fodendo sua boceta até concordar em engravidá-la. E meus pequenos caras estão

ficando por perto dificultando que eu consiga fazê-la mudar de ideia e isso está me deixando louco. Então, porra derrame.

Revirando os olhos e balançando a cabeça, Cage apagou o cigarro no balcão cinzeiro. — Eu transei com ela. Fim de papo.

Cox ficou boquiaberto. — A porra acabou? Sério irmão? E os malditos detalhes?

Cage olhou para ele. — Que porra de detalhes você está procurando? Cara, você tem idade suficiente para ser seu maldito pai, você a conhece desde que ela era apenas uma criança e realmente quer estar ouvindo sobre sua vagina?

Cox olhou para ele, imperturbável.

— É de Tegen que estamos falando. — Continuou Cage, começando a sentir seu temperamento acender. — Tegen? A menina de D? Estou batendo um nervo ainda, filho da puta?

Cox levantou o ombro em um encolher de ombros indiferente. — Eu entendo o que você está dizendo, irmão, mas olhe do meu ponto de vista. É verdade, eu assisti esses cabelos loucos falando merda, vi a filha da puta crescer, então ela partiu para a faculdade e quando apareceu, não parecia nada com quem costumava ser. Então, a partir de onde estou parado, não é Tegen, não nossa Tegen, isso é um pedaço quente de bunda.

Já subindo o temperamento de Cage queimou e seu braço disparou. Agarrando o colarinho da camisa de Cox, ele puxou-os cara a cara. — Minha parte quente de bunda. — Ele rosnou. — O que você não pode falar porra.

Cage congelou. O quê?

Que porra é essa?

Por que diabos ...

De onde tinha vindo essa porra de besteira do inferno?

Cox começou a rir e Cage soltou-o abruptamente.

Esquecendo que ele a chamou de sua, ele realmente tinha ficado chateado ao ponto que tinha acabado de quase derrubar Cox por falar sobre ela como se fosse uma prostituta de clube, quando na verdade ele a tratou como uma.

De repente, Cage estava sentindo coisas que não estava acostumado a sentir. Ele estava chateado, sim. Sentia-se menosprezado também, e definitivamente mais irritado. Mas...

Decepção. Sim, quando se tratava de mulheres, ele era novo.

Inadequado. Foda-se ele. Se ele tivesse sido horrível? Se ele não tivesse sido tão egoísta enquanto esteve com ela?

E ... o ciúme.

Será que ela tinha alguém em Cali? Se ela tivesse saído porque se sentia culpada?

De repente, ele estava esperando como o inferno que tivesse alguém em casa. Porque isso significava que não teria ...ele teria que ficar fora e ...

FODA.

Não, não, ele estava ficando chateado novamente pensando sobre ela ir para casa para... quem? O namorado dela? Ele arruinou seu cérebro, tentando pensar se tinha ouvido Eva ou Danny mencionarem um namorado e, merda, ele não sabia, não prestou atenção a essa merda.

O som da risada histérica de Cox o trouxe à realidade.

— Cara. — Cox engasgou, segurando o estômago. — Ripper disse uma vez que era difícil e eu não acreditei nele, mas Santa Maria, Mãe de Deus, você está! Para cima! Você deveria ver a sua cara!

Cage estava considerando nocauteá-lo quando do nada uma mão bateu no balcão entre eles e ambos olharam para cima para encontrar Deuce os encarando.

— De que merda você está falando? — Deuce rosnou. — Ela está na porra da porta.

Ambos Cage e Cox olharam para o monitor de segurança e com certeza, era o rosto zangado de Tegen na tela. Era óbvio que ela estava

gritando, mas desde que o botão de som não estava sendo pressionado, ninguém conseguia ouvir o que ela estava dizendo.

— Jase está com ela. — Continuou Deuce, apontando. Ele com certeza estava. Com o rosto caído para frente no painel e tudo.

— Eu não o agüentaria. — Disse Cox. — Aquele filho da puta é pesado.

— Que porra de homem é você? — Deuce exigiu. — Você se senta na minha mesa, bebe a porra da minha bebida, come a porra da minha comida, você está sempre falando sobre Kami isso, Kami aquilo, e fazendo a porra da minha cabeça doer.

Cage não ouviu o resto, ele já estava fora da cadeira, dirigindo-se para a porta.

No momento em que o viu, Tegen saltou do carro de Dorothy. — Tira esse filho da puta fora do carro da minha mãe! — Ela gritou. — Ele já vomitou duas vezes e não tenho certeza, mas pode ter se mijado também!

— Calma, porra! — Ele gritou de volta enquanto socava na sequência de números que iria abrir o portão.

— Calma, porra? — Tegen gritou. Cage estremeceu. Jesus fodido Cristo, esta cadela precisava ser estrangulada.

— Ele aparece bêbado, assustando a porcaria da minha mãe e fazendo-a chorar, e agora vomita e possivelmente urina em todo o carro, e você quer que eu me acalme, porra?

Com as narinas dilatadas, Cage escancarou portão aberto e se aproximando até ficarem cara a cara.

— Você nunca cala a boca? — Ele rosnou. — Nunca?

Tegen fechou a polegada restante entre eles. — Só quando eu estou tomando na bunda. — Ela sussurrou.

Ele estava tão acostumado a boca suja de Tegen que tinha pensado que nada que ela dissesse poderia surpreendê-lo, mas estava errado. Essa declaração o pegou desprevenido e ele quase caiu. E também fez o seu pênis se contrair. E ficar um pouco chateado. E, por que diabos ela cheirava tão bem? Como sabão e ... café da manhã. Droga. Ele estava seriamente com fome. Tanto de comida como de sexo. Sua vagina.

— Está tentando me dizer algo? — Perguntou, se aproximando dela. Quando ela começou a fazer a volta, espalmou suas costas e puxou-a rente a ele, imediatamente agarrando sua bunda e pressionando sua ereção crescendo rapidamente em seu estômago. A mudança em seu rosto foi instantânea; arregalou os olhos, os lábios entreabertos, e Cage começou a pensar novamente em ontem à noite, quando a agarrou no hall de entrada. Cada vez que a tocasse

fisicamente, ela calava a porra da boca e suavizava, e não apenas verbalmente, mas fisicamente.

E de repente um monte de merda fazia sentido. A forma como ela o tratava, sempre gritando e jorrando fora dela besteira duras de roer, sempre mantendo distância, recusando-se a ficar no mesmo quarto que ele, só podia significar uma coisa.

Teacup ainda o amava.

Ele sorriu para ela, observando-a bebê-lo, observando suas pupilas dilatando e sentindo seu corpo relaxar ainda mais.

— Por que está sorrindo? — Sussurrou.

Ha. De jeito nenhum ele era tão estúpido. Se ele sequer mencionasse a palavra A para Tegen, ele teria um joelho em sua virilha e um punho em seu olho mais rápido do que uma prostituta pegando herpes.

— Fique. — ele disse, passando as mãos para cima e para baixo de seu corpo. — Vamos para dentro. Voltar para o meu quarto.

Ele sabia o momento em que ele tinha fodido tudo. Mais uma vez. Assim quando — meu quarto — havia saído de sua boca, o corpo de Tegen enrijeceu.

— Deixe-me em paz. — Ela murmurou, empurrando seu peito.

Ele não a soltou. — Não comece essa merda.

— Foda-se! — Ela gritou, olhando para ele. — Eu não sou uma de suas prostitutas!

— Não? — Ele gritou enquanto lutava para se livrar dele, mas ele só apertou ainda mais. — Então o que diabos é você?

— Para você? — Ela gritou de volta. — Para você, eu não sou nada!

Xingando, Cage soltou Tegen e ela imediatamente se afastou dele.

— Maldição, Tegen! — Gritou ele, passando as mãos pelos cabelos, odiando o quão louco era e, pior, o quão louco ela o fazia se sentir. — Quando é que você vai deixar essa merda ir? Eu tinha dezenove anos! Éramos adolescentes! Eu nem me lembro!

Brilhando com raiva, os olhos de Tegen voaram para longe — Você realmente é muito idiota, West! — Ela cuspiu. — Você é um desperdício de pau grande em um rosto bonito!

A boca de Cage caiu.

O quê. Caralho.

Ele. Iria. Matá-la.

Narinas dilatadas, deu um passo cheio de raiva em sua direção, quando, uma voz familiar rosnou. Cage olhou para a esquerda e encontrou seu pai de pé no lado oposto do carro, olhando para baixo, para Jase e fazendo caretas.

— E aí, pequenos amantes. — Cox falou lentamente, caminhando ao lado de Cage. O idiota olhou entre ele e Tegen, e sorriu.

— Você vai ficar por aqui, Tegen? — Perguntou Cox, olhando-a de cima a baixo, com um sorriso cheio de malditos pensamentos sujos, descaradamente olhando para ela, fazendo Cage querer pegar o filho da puta e começar a extrair todos os seus piercings fora. Lentamente.

Mesmo assim, ele não podia culpar o cara. Ela estava quente para caralho usando um vestido branco sensual, mostrando sua barriga tatuada, sem sutiã. O tecido fino marcavam os piercings nos mamilos e o jeans azul dois números maiores que ela, pairava baixo nos quadris. Seus dreads de lado em uma longa trança que caía sobre um ombro e amarrados com um fio de contas de cânhamo.

E ela estava com os pés descalços, os dedos cobertos de anéis, o que, por alguma razão, transformou-o em algo feroz.

— Você está falando sério? — Perguntou Tegen, boquiaberta para Cox. — Porque prefiro que nasça um pau da minha testa.

Cox deu de ombros. — Se você quiser um pau em sua testa, eu tenho certeza que West conseguirá para você. Aliás, eu acho que ele é capaz de fazer qualquer coisa por você desde que o deixe com aquele seu cheiro de boceta no corpo dele todo, já que está te chamando de ‘sua garota’ e xingando-me de merda.

Os olhos de Tegen se arregalaram e, de repente, ficou envergonhada. Cage amaldiçoou.

— Foda-se meu velho. — Cage rosnou, empurrando o louco porto-riquenho.

Cox o empurrou para trás. — Velho? — Cox gritou, parecendo ofendido. — Homem velho?

— Cox! — Deuce gritou. — Faça alguma coisa útil para variar e ajude a tirar esse merda fora do carro da D. Cage! Vai encontrar um prospecto e mande-o limpar toda essa porra para Tegen!

Envergonhado, chateado e com tesão, Cage foi para o outro lado da pista, murmurando maldições e mentalmente repreendendo-se por como ele reagiu antes. Mas não havia muito que pudesse fazer sobre isso agora.

Dentro do clube, agarrou o primeiro idiota que viu, Anger, um novo irmão. Ele não era um calouro, mas estava próximo. — Prez precisa de você lá na frente. — Rosnou, empurrando o cara na direção da porta da frente.

O meio-nativo Americano voltou seus rígidos, irritados, olhos escuros dele, encarando, e Cage olhou de volta. Anger podia ter sido apropriadamente apelidado devido ao seu temperamento volátil, mas Cage não estava com medo dele. Muito pelo contrário. Ele pensou que o idiota era bastante cômico quando estava fora de um acesso de raiva.

— O quê? — Cage exigiu, levantando o queixo, implorando silenciosamente para que ele começasse alguma coisa. Faria bem liberar um pouco dessa reprimida ...

Agressão? Frustração sexual? Ou, uma Agressiva Frustração Tegen Sexual. Sim, ele tinha um caso grave de AFTS.

— Nada. — Anger murmurou. Cage ficou olhando para ele, vendo como ele abriu a porta da frente.

— Cuidado, filho da puta!

Anger saiu e deu de cara com Tegen.

— Cadelas do Caralho. — Anger murmurou.

— Motoqueiros Malditos. — Tegen murmurou, olhando por cima do ombro para a figura recuando de Anger.

Do outro lado da sala, Cage observava tudo isso, os grandes buracos para o braço de sua camisa tanque[4], expondo os lados de seus seios pequenos, seu corpo longo e elegante, a pequena curva de sua bunda.

Todas aquelas tatuagens, maldição.

Inferno, até mesmo os seus pés sujos estavam deixando-o louco.

Porra, ele tinha que transar com ela de novo. Ela com toda maldita certeza não estava aqui para ir para ao seu quarto, então como que é que isso o deixaria? Sua casa? Ela não tinha tido um problema deixando-o mergulhar seu pau em seu lugar quente.

4

Agora só tinha que descobrir como chegar lá.

— Tegen! — Ele gritou. — Este carro é do Jase?

— Sim. — Ela disse cautelosamente.

Perfeito.

— Assim que o seu carro ficar limpo, você me dá uma carona de novo?

Seus olhos se estreitaram; ela sabia o que estava fazendo, mas como ele, deu duas fodas por isso. Ela gostava de jogar jogos de merda, ele ia jogá-los direito com essa porra de volta.

— Sim ou não? — Ele perguntou quando ela ainda não havia respondido a ele.

Seus dentes estavam cerrados. — Tudo bem. — Ela sussurrou. — Mas mantenha seu pau para si mesmo.

Seus dentes cerraram.

No segundo que tivesse ela implorando por ele, ia fechar suas malditas calças e ir embora rindo.

— Não é uma porra de problema. — rebateu.

CAPÍTULO ONZE

Gritando, Ellie levantou, com os braços balançando para fora na frente dela, com as pernas chutando furiosamente. Levou um momento para perceber que não havia nenhuma ameaça imediata, que ela, de fato, ainda estava no sofá de Dirty, coberta com um velho cobertor preto, usando os mesmos moletom e camiseta, tinha adormecido no sofá.

Levou um segundo para perceber que não foi seu grito, mas de... Dirty?

Sem pensar, apenas entrando em pânico, ela saiu da cama, tropeçando no emaranhado de cobertas indo da sala para o corredor, até o quarto de Dirty de onde os sons horríveis de agonia vinham...

Agarrando a maçaneta, abriu a porta e correu para dentro e... congelou.

Dirty estava nu, enrolado em seu lado, agarrando o travesseiro desfiado com uma mão e a outra estava...

Meu Deus.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto chorava, em altos soluços ofegante.

— Por favor. — Implorou, sua voz rouca e tensa, soando mais como um menino que um homem adulto. — Por favor, não me machuque... por favor... por favor, mamãe.

Mamãe?

Foi quando a viu, seus olhos se abriram e se concentraram nela, e agora estava sentado na cama, olhando-a diretamente.

— Vadia. — Ele fervia. — Vadia nojenta!

Num piscar de olhos, estava fora da cama e pegando a arma em seu criado-mudo. Ellie gritou quando se virou, sua mente girando. Para onde iria? Voltar para a sala ou para fora de sua porta e descer as escadas para a rua? Não sabia, tudo o que sabia era que precisava ficar longe dele. No meio do pânico, em uma fração de segundo ele tomou a decisão de virar à esquerda e então decidiu tomar suas chances com a rua.

Ela estava com a mão quase na maçaneta quando foi empurrada e jogada de cara com a porta. O impacto a fez perder o fôlego, incapaz de soltar um grito.

— Sonho em te machucar. — Rosnou, apertando seu rosto em seu cabelo. — Machucar do jeito que me fez. Fazendo toda essa merda suja que fez, sem se importar que eu estivesse gritando e implorando para parar.

A respiração de Ellie parou. Ele ainda estava sonhando ou... estava apegado em tudo o que sonhou, sem perceber que estava ou estava muito enredado nas memórias de sua dor.

Foi quando sentiu a dureza saliente pressionando dolorosamente contra seu traseiro e o metal frio do cano da arma que estava sendo prensado contra o lado de seu pescoço.

— Quero que grite para mim. — Sussurrou. — Do jeito que me fazia gritar por você.

Oh Deus, ele iria estuprá-la. Isso não podia acontecendo, como isso podia estar acontecendo com ela?

— N-n-não. — engasgou. — D-d-dirty, por favor, você está sonhando.

Suas calças de moletom foram arrancadas e gritou o mais alto que pode, tentando desesperadamente soltar seu corpo, não se importando que havia uma arma apontada para sua garganta, só se importando que ela estava a segundos de distância de ser quase estuprada novamente e não ia deixar isso acontecer. No mínimo, faria tudo o que podia para não deixar isso acontecer.

A próxima coisa que percebeu foi que o peso de Dirty tinha ido embora e ela virou-se para descobrir que ele estava apoiado a vários metros de distância dela. Ele tremia violentamente, os olhos arregalados, focado exclusivamente sobre a arma em suas mãos.

Tremendo, ela chegou por trás dele, tentando encontrar a maçaneta da porta, quando ele olhou para cima e pegou seu olhar. Ela congelou, esperando por ele, esperando que olhasse para ela novamente, mas ele não fez nada, não disse nada, apenas ficou lá parecendo horrorizado, assustado, aflito e triste e, oh Deus, totalmente quebrado.

A arma soltou de suas mãos e caiu no chão com um baque forte. Ellie usou aquele momento para puxar para cima suas calças e rapidamente abriu a porta invadindo o corredor. Ela tinha dado apenas cinco passos na sua corrida louca para a segurança quando ouviu um tapa e um grunhido de superação da dor. Ela vacilou, fez uma pausa, e então decidiu continuar quando ouviu outro barulho, este pior do que antes. E não pôde parar de girar até voltar ao apartamento.

Dirty tinha caído de joelhos com a arma na mão, o barril pressionado contra a parte inferior do queixo enquanto ele batia com o rosto na parede. Ellie fez uma careta quando o baque da carne soava no corredor, fora do apartamento. O sangue corria pela sua face mas ele continuou a esmagar o rosto na parede.

A pele de Ellie começou a rastejar com náuseas revolvendo baixo em seu intestino. Fazia sentido agora; Dirty fazia sentido. Dirty não era o porco motoqueiro que ela lembrou que era; na verdade, ela tinha certeza que ele não era um porco em tudo, mas sim um danificado, a concha demente de um homem provavelmente, com um passado digno de um filme da vida. Ela tinha tido aulas de psicologia suficientes e

tinha convivido com mulheres e abrigos para crianças a conhecer uma história de abuso quando ela a via.

Por favor, não me machuque... por favor... por favor, mamãe.

Ele estava gritando de dor mas ao mesmo tempo se masturbando, gritando e implorando por qualquer demônio em sua memória que estava forçando-o a reviver, para parar...

A bile subiu em sua garganta. Sua visão ficou confusa e seu corpo pesado.

— Oh Deus .— Respirou, estendendo a mão para a parede, de repente, não sendo mais capaz de suportar seu próprio peso.

Sua mãe. Sua mãe o tinha ferido. Sua própria... mãe.

Com sua visão cheia de lágrimas não derramadas, ela recuou seus passos dentro do apartamento e fechou a porta suavemente atrás de si.

Ellie cautelosamente se aproximou de Dirty e viu ele observando-a, com o rosto sangrando. De repente, seu corpo enrijeceu. Ela fez questão de manter distância tanto para o bem dele quanto o dela, e sentou-se a vários metros de distância mas ainda perto o suficiente para que fosse capaz de estender o braço e oferecer-lhe a mão.

Ele olhou para a mão dela, sem piscar, imóvel, até que a mão que segurava a arma para sua mandíbula abaixasse.

— Não me toque. — Disse, com a voz tensa.

Ellie regressou imediatamente a mão e colocou-a no colo. Dirty afastou-se dela, mas não antes que ela visse as lágrimas que tinham deslizado de seus olhos, juntando-se e misturando-se com os filetes de sangue ainda escorrendo pelo rosto. Seus olhos viajaram de seu rosto para seu peito nu, onde ela não podia deixar de olhar, horrorizada com o que encontrou. E então mais abaixo, para sua virilha e suas coxas e, oh meu Deus, ele estava coberto, literalmente coberto de cicatrizes.

Ele havia sido queimado repetidamente. Havia pequenas queimaduras circulares, bem como retangulares maiores espalhadas entre longas barras finas, todos uniformemente espaçados à parte, alguns correndo na diagonal, alguns na horizontal, todos aparentemente feitos metodicamente.

Soltando um suspiro profundo, ela deixou cair a cabeça contra a parede.

Era muito lamentável e ainda induzia à raiva. Como alguém poderia machucar uma criança inocente? Como podia uma mãe machucar seu filho?

Ellie não se sentia segura de forma alguma e por mais estranho que fosse, com Dirty ela sabia que estava segura. Em qualquer outro lugar Daniel poderia chegar até ela.

Isso era estranho?

Talvez. Mas ela estava muito condenadamente esgotada, tanto física como emocionalmente, para realmente dar a mínima.

— Você precisa de pontos. — Disse Ellie, irritada.

No parapeito da janela, Dirty virou-se para encará-la. — Estou bem —murmurou e deu outra tragada no seu cigarro. Não tinha a menor ideia do porque ela não tinha corrido e corrido por segurança. Ao invés disso, voltou e sentou ao lado dele. Tinha até mesmo ido tão longe a ponto de oferecer-lhe conforto.

Que porra é essa?

Quase a estuprou e a matou e ela lhe oferece conforto?

Jesus, só Deus sabia o que ela escutou sair de sua boca durante o seu pesadelo. Só podia imaginar.

Foda-se, não teve pesadelos por um logo tempo. Anos. Era toda essa merda com Ellie, vendo-a ser atacada, tocá-lo, vê-la nua.

Então vê-la chorar, enquanto pedia para ficar com ele. Com ele? Ninguém precisava dele. Ninguém precisava dele para nada. Mas ela precisava dele.

Depois, ouvir o riso dela, vendo-a rir, sabendo que a fez rir, apesar do que ela passava, o medo, o desconhecido. Ele, um babaca de merda inútil pedaço de merda, tinha a feito rir.

Ele era tão incrivelmente fodido. Seus pensamentos estavam indo a mil por hora, virando em direções que não estava familiarizado, um novo território, escuro e estradas confusas alinhadas com a culpa e um novo tipo de dor, que ele não estava lidando bem, que não sabia o que fazer ou como afastar ou aliviá-la, porque, porra, nada estava funcionando.

Foder a prostituta não funcionou, se masturbar pensando em Ellie não funcionou, não, nada havia funcionado. Ele ainda estava pensando em Ellie, sobre seu corpo, sobre o riso, e ele estava se sentindo culpado, culpado pela forma como vinha lidando com os seus pensamentos, culpado pela forma como tinha vivido a sua vida, porque, FODA, quem era ele para salvar uma garota da mesma sorte que ele entregou a mulheres demais para contar. QUE FILHO DA PUTA ERA?

Ele não era nada. Ele era uma merda. Ele era um danificado, enlouquecido, filho da puta doente que merecia ser colocado na prisão. Ele não deveria ter vivido por tanto tempo quanto tinha; não merecia partilhar a mesma terra com pessoas como Ellie, pessoas que riam de pipoca queimada, mesmo depois de terem sido despojadas de sua dignidade.

E, ao mesmo tempo, a odiava por tudo isso. Por trazer essas malditas emoções à superfície, um tapa na cara dele e foda-se tudo o que tinha trabalhado tão duro para reprimir o melhor que podia.

Não, não era uma vida que ele recomendaria a ninguém, mas era como tinha sobrevivido tanto tempo e agora...

Depois de tirar a porra dele, percebendo que estava prestes a estuprá-la, provavelmente matá-la, ele sabia que não merecia um segundo de ar. Porque se ela soubesse, se soubesse que o homem que a tinha tentado confortar, mesmo depois do que fez com ela, que ele não era melhor do que o homem que a atacou, ela fugiria gritando e não iria voltar. Não iria rir sobre a pipoca queimada, não se importaria que ele tivesse um corte gigante na testa, não daria duas fodas se ele estava vivo ou morto.

POR QUE SE IMPORTAVA SE ELA SE IMPORTAVA?

Se ele tivesse um pingo de inteligência, iria jogar Ellie fora de seu apartamento antes que ela fodesse com ele ainda mais e ele acabasse fazendo algo que absolutamente não queria fazer, porque precisava de uma porra de um lugar para colocar toda a besteira que ela estava mexendo dentro dele.

— Dirty. — Disse Ellie. — Você está sangrando por todo o lugar. Se você não vai para o hospital, pelo menos deixe-me ajudá-lo a parar o sangramento.

Ele olhou para cima de sua fumaça e a encontrou de pé muito perto dele.

— Recue. — Rosnou. — Recue agora, caralho.

Ele assistiu, atônito, como o medo momentaneamente torceu suas características, mas foi imediatamente substituído por determinação.

— Dirty. — Disse ela em voz baixa. — Só quero ajudá-lo.

Ele quase engasgou com a própria língua. Ajudá-lo? Agora que era um filho da puta impagável. Ninguém poderia ajudá-lo. E ele estava começando a se sentir como se já não pudesse ajudar a si mesmo.

— Precisa lavar o rosto. — Continuou. — Você está... você precisa... limpar a área ao redor da ferida.

— Estou sujo. — Disse sem rodeios. — Acho que percebeu. Não é como se não soubesse.

Seus grandes olhos azuis se suavizaram. — Você está sujo. — Disse suavemente. — E você está machucado, o que significa que pode pegar uma infecção.

Ele olhou para ela, em seus longos e apertados cachos negros, sua pele caramelo, machucada, mas ainda suave e clara, seus grandes olhos azuis cercados de cílios escuros pesados, seus lábios carnudos.

Ela era muito diferente do que ele estava acostumado. Ela era como velhinhas limpas, boas mulheres de seus irmãos. Mulheres que nunca deveriam ser deixadas sozinhas com um homem como ele; um homem que podia provavelmente feri-las.

Continuou a olhá-la e então, de repente se viu pensando em transar com ela, suas coxas bem abertas, observando-se desaparecer dentro dela, observando sua barriga plana e os seios saltando com a força de seus movimentos, e então, finalmente, olhar dentro daqueles grandes olhos azuis.

Seu estômago revirou e ácido subiu em sua garganta.

— Mova-se. — Ele trincou, deslizando para fora da janela, forçando Ellie a recuar ou ser atropelada por ele.

— Dirty! — gritou para ele. — Você realmente precisa limpar seu...

— Eu vou tomar um banho! — Gritou quando virou a esquina, correu pelo corredor, mas caiu dentro do banheiro em sua corrida louca para escapar. Era assim que as mulheres eram? Não sabia; não viveu com uma mulher, não tinha estado verdadeiramente sozinho com uma mulher desde que era uma criança.

Precisava ficar longe dela, longe de tudo, de tudo o que ela representava, mas acima de tudo precisava estar longe daqueles filhos malditos olhos dela.

Agarrando a lateral da pia, curvando em uma tentativa de não vomitar, tentou retardar a sua respiração. Uma vez que o seu ritmo cardíaco desacelerou, levantou a cabeça e encontrou-se olhando para ele. Ele cautelosamente tocou a ferida na testa.

Foda-se. Ela estava certa. Ele provavelmente ia precisar de pontos. Porra, ele costuraria a si mesmo; já tinha feito isso antes.

Mas, primeiro, ia ter que lavar o sangue seco do rosto. Na verdade, desde que ele tinha estado despido, estava coberto da cabeça aos pés com sangue seco. Ele podia não ser um grande fã de higiene, mas isso não significava que ele queria andar por aí parecendo que tinha acabado de sair do set de um filme de terror com classificação B.

Olhou para o chuveiro e depois de volta para si mesmo. Porra, era apenas um chuveiro. Ele se lavava com ducha mexicana[5] o tempo todo. Água, sabão, em todas as áreas importantes.

Mas quando ligou a água e entrou na banheira, por que parecia como se fosse muito mais do que apenas um chuveiro?

[5] Um tipo de ducha que reduz em 70% o consumo de água.

CAPÍTULO DOZE

— Saia de mim. — Disse, respirando com dificuldade e empurrando sem sucesso o peito de Cage. Porra, ele era feito de concreto? Que merda?

— Não. — Rosnou e quando me afastei seu beijo, ele esfregou seu nariz na curva do meu pescoço. Antes que eu conseguisse protestar mais, ele estava lambendo, chupando e mordendo. Senti sua mão deslizar para a lateral do meu corpo e manobrar entre as minhas pernas. E então seus dedos estavam dentro de mim e qualquer outro pensamento coerente na minha cabeça desapareceu.

Nada aconteceu de acordo com o plano. Pelo menos, não o meu plano.

Primeiro, o idiota do Jase vomitou no carro todo de minha mãe, então desmaiou, tornando-me incapaz de tirá-lo do carro e levá-lo para sua casa, forçando-me a levá-lo para o clube. O clube onde, pra minha sorte, Cage simplesmente fazia parte.

E o homem parecia tão bom quanto um x-burger duplo de bacon, depois de ficar uma semana acampando com meus amigos vegetarianos.

Fodendo a minha vida.

Fodendo para cima, para baixo, à esquerda e à direita, direto para o céu e de volta para o inferno, a bunda maldita com cauda cravada em brasa de Satanás.

O idiota brincava comigo. Por alguma razão, talvez por não ter tido muita boceta ultimamente, Cage decidiu que gostava de me foder muito desde ontem à noite e fez tudo ao seu alcance para me levar novamente para sua cama, apenas para que pudesse me foder um pouco mais.

Não que estivesse reclamando, pelo menos não no momento. Mais cedo, porém, quando percebi o motivo pelo qual ele exigiu dirigir meu carro, reclamei um pouco. Ele não tinha absolutamente nenhuma intenção de me levar para a casa da minha mãe.

E quando percebi que ele tinha me tirado do clube e levado de volta para a casa dele, reclamei ainda mais. Gritei e chutei também. Chamei-o de todos os tipos de nomes coloridos. Talvez eu tenha até tentado dar um soco nele algumas vezes. Mas tudo isso tinha chegado rapidamente ao fim quando ele me arrastou, chutando e gritando, do carro e com força me levou para dentro de sua casa.

A próxima coisa que soube era que estávamos nus. Pelo menos usamos um preservativo neste momento. Obrigada.

Oh Deus. Meu Deus. Isso era tão bom.

Tudo o que fez, me beijando, me tocando, me fodendo forte ou devagar, não importava. Tudo parecia tão perfeito.

Mas agora, assim como me empurrava contra a mão dele, fodendo com os dedos tão rápido quanto o meu corpo conseguia, estava de volta gritando e gritando.

Só que desta vez, ao menos, pude ouvi-lo.

Eu gritava silenciosamente, repreendendo e me odiando por ser tão incrivelmente fraca. Todos esses anos evitando Cage, todos esses anos evitando meus sentimentos, todos aqueles malditos anos.

E lá estava eu novamente. Sendo usada como uma maldita boneca.

Era como se nunca tivesse saído de Montana, nunca tivesse feito uma vida para mim em algum lugar tão distante da vida. Como se o tempo não tivesse passado desde que fui uma perdedora de 16 anos, olhando para Cage, pensando que era o meu mundo, dizendo-lhe que o amava, quando olhou para mim e disse — Não é assim para mim, baby.

Não. Não. Não. Merda, não!

Como isso aconteceu? Como um fim de semana transformou toda a minha vida pelo avesso?

— Não. — Eu sussurrei, empurrando para o lado da cabeça de Cage, tentando desalojá-lo do meu pescoço.

— Você vai calar a boca? — Disse ele, levantando a cabeça. — Por dois segundos de caralho?

— Fique longe de mim. — Exigi, empurrando sua barriga dura.

— TEG.

— Sai. — Repeti com firmeza, apertando meu queixo, tentando desesperadamente construir esse muro de volta. — Você é mais burro do que pensava, se acha que continuarei deixar me tratar como uma puta de merda do clube.

A confusão de Cage evaporou, virou-se imediatamente de volta à ira. Seus traços bem apertados com irritação, suas narinas dilatadas.

— Porra, Tegen. — Rosnou. — Você estava lá comigo, querida. Você está mentindo para si mesma se pensa que não quer mais.

Eu olhei para ele. Sexo. Sexo, sexo, sexo. Isso é tudo o que fazia; tudo o que ele tinha para dar.

— Não, eu não estava! — Gritei. — Agora, saia de cima de mim!

— CERTO! — Rugiu, seu peso foi embora e ele ficou de pé.

No segundo em que estava fora de mim, virei de lado e fiquei de pé. Pegando minha roupa, rapidamente comecei a me vestir.

— Tegen.

Eu não me virei. — O quê?

— Não faça isso. — disse ele calmamente. — Não vá embora assim. Eu não posso agüentar, porra!

Meu coração começou a acelerar.

— Por que você se importa? — Sussurrei. — Nem me conhece mais.

Quando ele não respondeu, meu coração quase parou. Eu não tinha percebido até que as próprias palavras tinham saido de minha boca, o quanto eu queria que não fosse verdade.

— Eu conheço você. — Disse ele. — Você acha que eu esqueci todas aquelas festas de chá, maldição? Ou você me forçando a ouvir todas as suas histórias, todas essas ideias malucas que você me disse que iria transformar em livros algum dia?

Meu batimento cardíaco levou uma direita dura na ultrapassagem. Lembrou-se de minhas histórias?

— Mas agora... — Continuou ele. — Toda vez que você chega em casa, você me trata como merda em seu maldito sapato e, querida, eu não posso suportar essa porra. Agora, essa merda acontece com a gente, e mesmo que você e meu pai me achem um idiota, não sou a porra de um estúpido. Eu sei quando uma cadela está ficando fora de si e jogando tudo para fora.

Virei para ele. — Ninguém nunca disse que você era estúpido quando se trata de sexo, Cage! Você é excelente em sexo! Toda mulher no planeta sabe disso!

— Teacup. — Ele disse lentamente, olhando diretamente nos meus olhos. — Você tem que saber como soa quando está cheia ciúmes.

Foi um golpe duplo direto no meu coração. Em uma frase curta, ele tinha quebrado a minha casa de vidro cuidadosamente construída. Oooh, o odiava, ou melhor, queria odiá-lo. Estando lá nu, seu longo cabelo loiro uma bagunça, as feições perfeitamente esculpidas, sabendo como ele era lindo, sem um pingo de autoconsciência, eu queria desprezá-lo ... só que eu não podia.

— Entendo, querida, realmente. — Continuou. — Você era apenas uma criança e o que fiz foi errado, mas se esquece que eu era uma criança também. Era um novo irmão, apenas um ano remendado e tinha cadelas jogando-se em cima de mim a torto e a direito, e, Tegen, você sabe que estava bêbado na maioria das vezes.

Ele suspirou. — Não é uma desculpa qualquer, é apenas a mais pura verdade de Deus, mas isso não significava que eu não dava a mínima para você. Ou o que se passou entre nós. Eu dei a mínima, baby, só não sabia o que diabos fazer sobre isso.

Cage parou e se abaixou para pegar suas calças de couro. Depois de colocá-las, começou a cavar através de seus bolsos. Puxando um maço de cigarros e isqueiro, ele balançou dois fora, acendeu os dois e

segurou um para mim. Hesitei no começo, mas no final percebi que não iria a lugar nenhum a não ser que Cage me deixasse sair ou caminhasse pelo deserto de Montana por horas. Então peguei o maldito cigarro e quando o fiz, Cage sorriu.

Suas covinhas apareceram e foi muito pior.

Apenas. Não. É. justo.

— Nunca foi uma puta de clube, Tegen. — Disse — Nem uma vez pensei isso. Para mim sempre foi a garotinha da D. Era a família e, Teacup, era minha melhor amiga.

Minha respiração estremeceu. Estava perdida. Não havia nenhuma maneira que saísse deste fim de semana intacta.

Às cegas, estendi a mão atrás de mim, em busca de uma das cadeiras da mesa. A qualquer segundo entraria em colapso.

Cage acabara de me arruinar pela terceira vez na minha vida. No espaço de um dia, me arruinou. Mais uma vez.

A primeira vez foi no dia que o conheci; a segunda vez foi na manhã depois de ter tirado a minha virgindade e me dito que não me amava; e agora, a terceira vez.

Cage estava se aproximando dela; podia ver em seu rosto. Foi a única expressão mais vulnerável que tinha visto no rosto de Tegen nos últimos dez anos. E ele gostou. Ela parecia mais suave, mais feminina. Parecia sua Teacup.

Então, ele continuou. Ele disparou uma memória após a outra, até que já não estava lembrando-se para ela, mas para ele, ou melhor, ele estava percebendo algo que nunca tinha realmente feito muito sentido para no passado.

Então não foi apenas os sentimentos de Tegen para ele coincidindo com todo o seu mau comportamento ao longo dos anos que fizeram sentido, mas suas reações a ela também. Porque ele se sentia tão miserável toda vez que ela chegava em casa e o tratava como lixo.

— Cage! — Tegen gritou, no seu encalço. — Devolva-me!

Rindo, ele continuou correndo através do clube, a mochila roxa da Tegen erguida sobre sua cabeça. Ele fez uma curva rápida à esquerda para fora do quarto principal e virou imediatamente à direita através das portas duplas de vaivém para a cozinha. Os quatro ocupantes da cozinha, viraram-se para olhar para ele.

—Imbecil! — Tegen gritou atrás dele. — Devolva-me!

— Olhe a linguagem. — Dorothy repreendeu.

Ainda segurando a mochila sobre a sua cabeça, Cage sorriu para ela. —Teacup, qual é o problema?

— Não me chame assim! — Ela gritou, pulando para cima e para baixo, tentando alcançar sua bolsa. — Eu não sou mais uma garotinha!

— Não? — Ele riu. — Você finalmente cresceu e está usando sutiã?

— Cage! — Dorothy estalou. — Impróprio!

De pálido e sardento o rosto de Tegen ficou vermelho de raiva, uma expressão bem conhecida para Cage. Ela tinha dez segundos para esmagá-lo nas bolas quando ele gingou para a esquerda e, em seguida, foi para a direita, correndo ao redor Tegen, e se dirigiu de volta para o corredor.

De volta para dentro da cozinha, ouviu Tegen gritar. Sorrindo, ele continuou correndo.

— Você nunca vai me pegar, Teacup! — Ele gritou por cima do ombro.

E sim, ele estava querendo transar com ela por um punhado de anos. Mas ainda assim, ele perdeu a amiga.

Os pensamentos de Cage nadavam. Ele veementemente não queria que ela saísse com uma lasca em seu ombro dessa vez. Ele

queria que ela ficasse o fim de semana e com maldita certeza queria estar de volta dentro dela.

— Isto é infinitamente injusto. — Tegen sussurrou, sumindo enquanto olhava para ele com aqueles olhos seriamente sensuais. Olhando para baixo, ela apagou o cigarro no cinzeiro de mesa e fez um gesto com a mão para outro.

Ele jogou o pacote e viu quando ela colocou um novo cigarro entre os lábios trêmulos e, com as mãos trêmulas, acendeu-os.

— O que é injusto? — Perguntou.

Bufando, balançou a cabeça. — Você. — disse ela. — Você é injusto.

Cage a observava dar uma tragada.

Atravessando a cozinha, tomou o assento à sua frente, estendeu a mão sobre a mesa e colocou o cigarro por entre os dedos. Tegen assistiu-o levá-lo à boca e dar uma tragada. Devolveu-o e sorriu para ela.

— Passe o fim de semana comigo. — Disse calmamente. — Diz que não te conheço mais, então, passe o fim de semana comigo, Teacup e me mostre quem você é agora.

Olhando para ele, balançou a cabeça. — Por quê? — Sussurrou. — Por que isso importa para você?

— Não sei. — Respondeu com sinceridade. — Só faça isso.

— Eu não posso simplesmente deixar minha mãe sozinha. — Disse, mas a julgar pelo olhar em seu rosto ela já tinha tomado sua decisão.

— Então, vamos buscá-la. — Sugeriu. — E nós vamos sair para o almoço.

A boca de Tegen caiu. — O quê? Como em uma porra de encontro ou algo assim?

Cage pensou sobre isso por uma fração de segundo. Tinha que marcar uma data? Não sabia; nunca esteve em um encontro. Não tinha certeza se aparecer na pausa para o almoço para conseguir um emprego contava ou não.

Que seja.

Ele deu de ombros. — Claro. Por que não?

CAPÍTULO TREZE

Dirty olhou para seu reflexo no espelho. Olhou, olhou e olhou. Ele nem sequer reconheceu-se. Sem a barba cheia ou seu cabelo, ele parecia ...

Bem, ele não se parecia nada como pensou que ficaria. Esperava ver o adolescente que foi. O rosto que sua mãe adotiva amou, o rosto que fez questão de nunca prejudicar, mesmo quando seu corpo tinha sido um jogo justo. O cara o tinha chamado de bonito. Angelical.

Esse cara tinha ido embora. Ele soltou um suspiro de alívio.

O tempo não foi gentil com ele. Ele pode ter tomado uns bons dez anos fora de sua aparência raspando sua cabeça e seu rosto, mas ele não fez nada para esconder as linhas ao redor dos olhos e da boca ou o olhar cansado em seus olhos.

Ele não era feio. Mas não era mais bonito. Na verdade, ele gostou do que viu. Ele era apenas ... ele. Um homem.

Ao ouvir seu celular tocando no outro quarto, Dirty rapidamente entrou em seus couros e saiu do banheiro. Ele pegou o telefone de sua cama.

— E aí, Prez?

— Nós temos um problema.

Então? Eles sempre tiveram um problema.

— O quê?

— Um dos bochichos e ouvidos sobre o scanner da polícia diz que Ellie está relatada como desaparecida. Tinha um dos nossos contatos de olho nele, e não é que a porra do Mooresville escreveu um relatório dizendo que tinha visto Ellie na casa de Hank? E a próxima coisa que ele soube foi que encontraram a porra da sua bolsa no beco atrás do bar. Então, o maldito idiota foi em frente indo à casa dos pais dela e dizendo à eles sobre a sua entrevista de emprego e tudo mais, além de informar que ela tinha voltado pra casa.

A mandíbula de Dirty apertou. — Qual é o seu jogo? Por que quer que ela seja encontrada depois do que aconteceu?

— Foda-se se sei. — Disse Deuce. — A única coisa que eu conseguia pensar é que ele sabe que a temos. E quer usá-la como alavanca ou alguma merda tentando nos esmigalhar. Ou isso ou ele vai buscá-la, levá-la para fora, e tentar de alguma maneira ligá-la a nós.

Porra, detestava aquele filho da puta.

— Qual é o plano?

— Você não vai ter uma chance se Mooresville decidir invadir sua casa com seus homens. — Deuce rosnou. — Então, cubra-lhe a boca, coloque-a na parte traseira de sua moto, e leve sua bunda gorda para o

clube. Nós estamos fazendo um bloqueio. Se este filho da puta acha que pode foder com meu clube, ele está prestes a receber uma dose de porra de metal como realidade.

Deuce desligou.

Dirty franziu o cenho para o seu telefone. A bunda de Ellie não era tão gorda. Mas ele estava menos preocupado com a forma como Deuce se sentia sobre a bunda de Ellie do que ele colocando Ellie na parte traseira de sua motocicleta. Atrás dele. Onde não podia vê-la.

Pior. Ela iria tocá-lo. Não apenas tocá-lo, seu corpo inteirinho estaria pressionado contra ele. Ele nunca deixava nenhuma cadela passear em sua moto. Não podia suportar isso, o pensamento de não ser capaz de controlar o que estava acontecendo atrás dele; o pensamento de alguém ser capaz de contê-lo, derrubá-lo, e fazer o que eles queriam fazer com ele.

— Dirty?

Assustado, ele virou-se e encontrou Ellie em pé na porta do seu quarto. Seus olhos se arregalaram, dando-lhe uma aparência de olhos esbugalhados e os lábios entreabertos.

— Dirty? — Ela repetiu, parecendo chocada.

Ele não disse nada, só a viu olhando-o com a cabeça raspada, o cabelo raspado.

— Oh meu Deus. — Ellie respirava. — Você está... está ...— Ela parou, balançando a cabeça.

Dirty não gostava do jeito que ela o olhava. Em tudo.

— Seus pais sabem. — Disse secamente. — Moorseville procura por você. — Isso pareceu tirá-la fora de seu estupor.

— Não tenho escolha. — Continuou ele. — Você tem que ir para o clube. Nós estamos indo para um bloqueio.

— Minha mãe. — Ela sussurrou. — Ela está muito mal; ela precisa saber que estou bem.

Dirty estendeu seu celular. — Chame-a, — disse ele. — Explique o que aconteceu, mas você tem que ter certeza que ela não vai dizer nada para a polícia. A merda está prestes a explodir entre os Cavaleiros e a Lei e você está bem no meio disso.

Ellie olhou para ele, provavelmente, tentando descobrir o que quis dizer com — a merda está prestes a explodir, — mas ele não ia dar mais detalhes. Ela podia estar no meio dessa bagunça do caralho, mas isso não significava que tinha o direito de saber o que a bagunça era.

Ellie pegou o telefone dele e enquanto ela ligava para os pais, ele vasculhava seu armário a procura de algo para ela vestir. Quando ela desligou o telefone e enxugou as lágrimas do rosto machucado, ele entregou-lhe um par de couro, um cinto, uma camiseta branca e sua velha jaqueta de couro.

— Coloque meu capacete antes de sair do apartamento. — Disse ele e deixou-a para se aprontar.

Poucos minutos depois, Ellie saiu de seu quarto. A camiseta ficou apertada ao redor de seus seios e os couros eram ajustáveis.

Ela parecia gostosa. Mas foi a jaqueta que não pôde parar de olhar.

Dirty não poderia explicar, nem ele entendeu, porque ver uma mulher com algo dele, sua primeira jaqueta de couro, a primeira coisa que ele tinha comprado para si mesmo depois que Deuce o havia trazido de volta a Montana, o fez sentir como...

Como...

Ele engoliu em seco.

Como um homem. Sentia-se como um homem maldito. Era a porra do sentimento mais estranho.

— Você está pronto? — Perguntou Ellie, fungando enquanto limpava as costas de sua mão debaixo de seu nariz.

— Sim. — \Murmurou, virando-se. De repente, ele não queria levá-la para o clube. Ele não a queria perto dos meninos; queria mantê-la aqui. Com ele. Bem, não com ele, mas perto dele, um quarto ou dois de distância, por isso de vez em quando podia ouvi-la rir. Ou algo assim.

Ellie colocou o capacete sobre a cabeça e seguiu para a calçada suja onde sua moto estava estacionada. A rua estava mais movimentada do que o habitual; como em um fim de semana nas férias. Havia muitos habitantes na cidade e Ellie manteve a cabeça baixa evitando olhar ao redor enquanto esperava silenciosamente que Dirty montasse em sua motocicleta.

— Merda. — Ouviu Dirty murmurar e levantou a cabeça. Seguindo o olhar de Dirty para o outro lado da rua, à frente de Hank, viu Daniel com dois policiais e Hank, todos olhando para os dois. Seu coração apertou.

— Levante o capacete. — Dirty disse baixinho. — Ele sabe que é você. Teremos que jogar essa merda direito. Aqui e agora.

Engolindo em seco com as mãos trêmulas, Ellie removeu o capacete e endureceu, quando o olhar de Daniel foi dirigido a ela.

— Não me deixe sozinha com ele. — Sussurrou freneticamente quando Daniel e seus dois oficiais começaram se aproximar deles. — Por favor, Dirty, por favor, não deixe que ele me leve a qualquer lugar.

Dirty virou-se e ela espantou-se com a expressão em seu rosto. Era como nada que já tinha visto antes. Era raiva, determinação e definitivamente um toque de loucura.

— Vou matá-lo se sequer tentar. — Disse Dirty firmemente com os dentes cerrados. Ellie ficou boquiaberta com Dirty. Não duvidou por um minuto que de fato mataria um oficial da lei, em plena luz do dia e na frente de metade da cidade. Sua expressão era aterrorizante.

— Ellie. — Disse Daniel, parando no lado oposto da moto de Dirty. — Estivemos te procurando.

Apesar da raiva e do medo paralisante que sentia correndo em suas veias, Ellie sentia seu corpo tremendo e permaneceu o mais imóvel possível. — Sério? — Perguntou, com uma voz rouca. Limpando a garganta, tentou falar novamente. — Por quê?

O canto da boca de Daniel levantou. — Um policial encontrou sua bolsa atrás do Hank's - disse suavemente.

Quanto mais Ellie olhava para Daniel, mais doente se sentia, até que não teve escolha senão colocar uma de suas suadas mãos sobre sua barriga em uma tentativa frustrada de parar a náusea que sentia.

— Ela está bem. — Dirty rosnou quando manobrou parcialmente na frente dela. Como um escudo, um muro de proteção, como ... o homem que a salvou uma vez e estava pronto para fazê-lo novamente. Mesmo quando estava se colocando contra a lei.

— Ela não parece bem. — Retrucou Daniel. — Na verdade, parece muito espancada.

Ellie ficou boquiaberta. Não podia acreditar na coragem deste homem, a audácia.

— Que tal devolver-lhe a bolsa — Dirty rosnou — e nós subiremos na nossa maldita moto.

O sorriso de Daniel ficou sombrio quando olhou para Dirty. — Sua bolsa está na estação. — Respondeu com firmeza. — As evidências do que achei que era um caso de desaparecimento.

Dirty apontou o polegar por cima do ombro. — Ela não está sentindo sua falta, Einstein.

— Seus pais pensam que está. — Daniel cuspiu de volta, com a mão indo para a arma no coldre. Os dois policiais que estavam em ambos os lados dele refletiam a ação.

Assim fez Dirty. Ele enfiou a mão no bolso e...

— Não, eles não pensam. — Disse Ellie, saindo de trás Dirty. — Acabei de falar com eles, disse-lhes que decidi sair com um amigo por alguns dias e que voltaria em breve. Era para ser uma surpresa. — olhou para Daniel, com raiva. — Uma surpresa que você arruinou. — Essas últimas cinco palavras foram ditas por entre os dentes, pontuadas com insinuações tão venenosas quanto conseguiu reunir.

— Por falar em amigos. — Disse Dirty. — Temos que sair. Lugares para ir.

— Ellie. — Daniel disse firmemente, voltando-se para ela.

Fez o possível para não encolher, para não se lembrar da sua boca terrível sobre ela, mordendo-a, apalpando-a, rasgando suas roupas, batendo.

— Precisa vir até a delegacia comigo para que encerraremos o caso.

— Porra nenhuma. — Dirty disse, inclinando-se sobre sua motocicleta e para o espaço pessoal de Daniel. — Se quer que alguém vá à delegacia, este alguém será Deuce. E ele chegará em breve.

A expressão de Daniel não se alterou, mas os seus olhos sim. Foi medo que Ellie vislumbrou? Sentiu satisfação. Daniel estava com medo de Deuce. E de repente nunca se sentiu tão feliz por conhecer Deuce e os Cavaleiros.

Daniel esperou vários momentos tensos antes de responder. — Certifique-se de que venha. — Respondeu calmamente.

Depois que Daniel e seus oficiais estavam fora de vista, Dirty subiu em sua motocicleta. Assim que estava sentado, apontou o polegar por cima do ombro. — Suba. — Disse ele firmemente.

Não a queria na garupa de sua motocicleta; era óbvio. Definitivamente tinha problemas em ser tocado. Precisava de espaço.

Mas nenhum dos dois tinha muita escolha no momento. Ela só esperava que o tocar não o enviasse para outro flashback ou algo pior.

No início, tentou entrar atrás dele, sem tocá-lo, mas a última vez que esteve em uma motocicleta foi a primeira e única vez que dormiu com Cage. Anos e anos atrás. Eventualmente, desistiu de tentar e agarrou o ombro de Dirty para se firmar quando ela balançou a perna esquerda sobre o assento e sentou.

Assim que estava sentada, timidamente deslizou os braços ao redor da cintura de Dirty e quando ela o fez, suas costas ficaram retas como uma vareta. Ela congelou, com as mãos na cintura, em seguida, sussurrou: — Não te machucarei.

Ela prendeu a respiração e esperou que ele reagisse, ficasse bravo com ela, ou mesmo risse, mas em vez disso o seu corpo soltou e seus ombros curvaram-se para a frente. Expirando, ela continuou sua lenta queda em torno de sua barriga até que estava segurando firmemente a cintura magra.

— Incline-se comigo. — Dirty disse em voz alta sobre o rugido de seus tubos de Harley.

— O quê? — Perguntou.

Ele virou a cabeça para o lado. — Quando entrar em uma curva, incline-se comigo.

Ela assentiu com a cabeça, ele olhou para a frente e foram para a rua.

CAPÍTULO QUATORZE

Depois tomar minha última bebida, deixei o copo no bar e me virei para olhar para Cage. — Não acredito que o deixei me convencer a vir para cá. — Murmurei.

Cage sorriu antes de tomar um gole de sua cerveja. — Quem estava falando? — Perguntou. — Tudo o que me lembro era um monte de merda.

Olhando para o meu copo vazio, silenciosamente coloquei gim para reabastecer-me. Nada saía como planejado. Nada.

Parando na casa da minha mãe, ela não fez nada a não ser me jogar ainda mais no colo de Cage. Vê-lo interagir com ela, do mesmo jeito que tinha sido com sua frágil mãe, gentil e doce, me deixou pronta. E no momento em que tinha deixado a casa, me atirei em sua motocicleta e abusei dele sexualmente.

Mas o fato de um cara ser bom para a sua frágil mãe, não deveria fazer você desejar o pau dele na sua boca. Ou concordar em passar o resto do dia em seu moto clube ridículo com ele, ainda almejando o pau em sua boca.

— Você acha que ela nos viu? — Sussurrei.

— Sua mãe? Vendo você tentando me deixar nu na garagem? — Cage bufou. — Sim, querida, eu acho que toda a vizinhança nos viu.

— Por que você não me parou? — Eu exigi.

Atirando-me um olhar divertido, Cage começou a rir. — Parar você? Baby sua boceta é como uma droga do caralho. Já estive por dentro dessa merda todo o maldito dia e eu ainda estou louco para mais.

Ah, caramba. Aquele sorriso, aquela voz, aquelas palavras grosseiras que de alguma forma pareciam sexy pra caralho.

— Tegen. — Disse em voz baixa. — Pare de me olhar desse jeito, baby ou te pegarei e a levarei direto para o meu quarto. Sei que não quer ir para lá, mas continua me olhando fixamente como se estivesse faminta e não me importarei com o que quer. Vou levá-la.

Percebendo que olhava para Cage, engoli em seco e desviei o olhar. Segundos depois, senti sua mão aterrissar na minha coxa e deslizar lentamente entre as minhas pernas. — Acho que vou levá-la de qualquer maneira. — Disse, com a voz em um rosnado baixo.

Respirando com dificuldade, tentando concentrar-me na conversa ao invés de seu toque, virei-me para encará-lo. — Obrigada por ser tão gentil com ela.

Cage piscou. — Oi? — disse ele, pegando sua mão novamente. — Sua mãe? Por que não seria?

Dei de ombros. — Todo mundo a tem pressionado para vir para o clube, mas você nem sequer mencionou. Isso foi muito legal da sua parte.

— Você está esquecendo uma coisa, querida. — Disse ele suavemente. — Eu amo D. Nós todos amamos D. Qualquer um que pressionar ela, não está tentando machucá-la, estão apenas protegendo os seus. Eu não a tinha visto em algum tempo e não estava prestes a forçar o clube sobre ela ou qualquer coisa.

Olhei para ele, examinando cada centímetro de seu rosto perfeito, sentindo-me tão incrivelmente inadequada para me sentar ao lado dele.

Por que estava sendo tão doce?

— Desde quando você é tão bom? — Sussurrei.

As narinas de Cage arderam levemente. — Apenas uma vez, desde o dia em que te conheci, Teacup, que não te tratei bem. Estou certo?

Minhas bochechas ruborizaram, olhei imediatamente para longe dele e com a mesma rapidez Cage agarrou minha coxa e enfiou os dedos na minha carne, até que gemi de dor.

— Olhe para mim. — Ele rosnou.

Eu já olhava. E era gritante.

— Estou. Certo? — Exigiu em voz baixa, olhando diretamente nos meus olhos. Quanto mais o olhava, minha raiva diminuía. Ele estava... certo.

De repente, me senti tão estúpida, tão pequena, como se toda a minha raiva em relação a ele tivesse sido um desperdício gigantesco de tempo. Isso se apenas tivesse escutado cada vez que ele tentou me explicar, se realmente tivesse olhado para ele, eu teria visto o pedido de desculpas em seus olhos há anos atrás. Uma onda de náusea me percorreu. O que estava acontecendo aqui?

Por que estive tão indisposta a conversar com ele, sobre o que aconteceu anos atrás entre nós?

Mordendo meu lábio inferior, sentindo-me em conflito, assenti rapidamente. Parecendo satisfeito, ele se inclinou em sua banqueta e cruzou os braços sobre o peito.

— Já se perguntou se ela lembrou de alguma merda e não diz a ninguém?

A mudança abrupta de assunto me deu uma pausa. — O quê? — perguntei, balançando a cabeça.

Ele deu de ombros. — Só uma coisa que ela disse durante o almoço. Quando Christopher estava perguntando sobre andar na moto de Hawk, mas, em seguida, ela disse que de forma nenhuma ele estará fazendo isso antes dos doze anos.

Olhei para ele, meus pensamentos vagando em diferentes direções. Será que ela se lembrava? Ou será que lhe disse sobre isso durante uma das muitas tentativas de tentar ajudá-la a se lembrar? Forcei meu cérebro tentando lembrar as conversas telefônicas e minhas visitas domiciliares e...

Merda! Eu não sabia! Não conseguia lembrar.

— Por que ela faria isso? — Perguntei. — Por que ela não me contou?

— Ela esperou Jase por anos, Teacup. — Cage disse. — Só para acabar levando um tiro na cabeça porra. Talvez ache que deixando de lembrar dele, acabe esquecendo o que passou.

— Puta merda. — Disse. — Puta que pariu!

Cage me deu um olhar interrogativo. — O quê?

— Ela chorava esta manhã.

Ela estava na janela, observando-me lutar com Jase, observando-me levar o bêbado para o carro e ela chorava. O perigo imediato de Jase invadindo a casa foi tirado. Ela não chorando sobre a ameaça... chorava por ele.

Isso não era algo que uma mulher que não se lembrava de um homem fazia. Por que choraria por alguém que não se lembrava? Isso era algo que uma mulher fazia quando tinha seu coração repetidamente destruído por um homem.

Queria estar com raiva dela, por não me dizer, mas, ao mesmo tempo, não estava em posição de julgá-la. Eu fugia dos meus problemas. Ela se escondia dos dela. Éramos culpadas das mesmas coisas.

— Quer que te leve para casa? — Perguntou Cage, sua expressão cheia de preocupação. — Parece que você e sua mãe precisam conversar.

Eu balancei minha cabeça. — Não sei nem mesmo o que eu diria.

Olhando pensativo, Cage balançou a cabeça,e de repente, ele estava sorrindo.

— Você se lembra quem lhe deu esse primeiro passeio, Teacup?

— Sim. — Disse secamente, tentando conter um sorriso. — Você me deu todos os meus primeiros passeios.

Cage me deu um olhar que sugeria que estava prestes a me puxar do meu banquinho e me dar outro passeio, quando as portas do escritório do empate de repente se abriram e todos na sala principal viraram-se para ver Deuce sair correndo. Ele olhou os ocupantes do quarto e parou seu olhar irritado em Mick.

— Chame todos os meninos, — Disse ele. — Diga-lhes para trazer suas famílias. Estamos em bloqueio, começando agora.

Procurando Eva, Deuce apontou para ela. — Baby, vá pegar D e a traga aqui.

Espere. O quê? Bloqueio? D?

Merda.

Oh inferno, não.

Levantei da minha banqueta, afastando a mão de Cage quando tentou me agarrar.

— Tegen! — Assobiou. — Você sabe o que o bloqueio significa e isso serve para você também!

— Estou saindo! — Eu gritei na direção de Deuce, ignorando Cage quando rapidamente corri para a porta.

— Tegen!

Eu continuei andando.

— Você não vai a lugar algum. — Deuce disse. — Este é um clube de negócios.

Bucket de repente estava em pé na frente da porta da frente, balançando a cabeça para mim, me impedindo de sair. Parei de andar e olhei para ele.

— Mova-se. — Disse entre dentes.

Bucket sorriu. — Não, de jeito nenhum. — Disse ele.

— Mova-se! — Eu gritei.

— Tegen! — Deuce berrou.

Bucket girou o dedo indicador em um movimento circular, sinalizando que era hora de me virar, algo que só me irritava ainda mais.

Afastando-me de Bucket, me virei. — Não faço parte do seu clube maldito! — Gritei. — E nem a minha mãe!

Quando Deuce caminhou para mim, seus passos pesados calçados e deliberados, suas narinas dilatadas, fiz tudo ao meu alcance para não encolher sob seu olhar zangado. Deuce com raiva não era uma vista bonita; era, de fato, absolutamente aterrorizante.

— Ouça-me. — Deuce resmungou em voz baixa, depois de me alcançar. — Não tenho tempo para a sua boca agora. Temos um problema com a lei local. Então, se acha que a deixarei sair por aquela porra de porta somente para algo acontecer com você, porque a merda vai acontecer, você é estúpida demais.

Deuce apontou para o bar. — Volte para lá, sente ao lado do rei estúpido e continue fazendo qualquer merda que estava fazendo. E fique malditamente confortável fazendo isso, porque ficará aqui até quarta-feira.

Fiquei boquiaberta. — Quarta-feira! — Gritei, esquecendo-me na minha ira que o temperamento de Deuce não era algo que alguém quisesse mexer. — Eu tenho que estar de volta ao trabalho na terça-feira!

— Porra! — Disse ele, já se afastando de mim. Ignorando-me. Tratando-me como se eu fosse um de seus lacaios.

— Seu filho da puta! — Gritei, esquecendo-me inteiramente. — Você não é meu Prez! Você não é meu pai! Você não é a porra do meu chefe! Você não pode me dizer o que fazer mais!

Lenta e ameaçadoramente, Deuce se virou para me encarar. — Não sou seu pai? — Zombou. — Quem te deu roupa e comida todos esses anos? Quem pagou pelo apartamento caro em Cali? Quem enviava dinheiro, mantendo você e ZZ?

— Já te disse que não preciso do seu dinheiro! — Gritei, sem me importar que minha voz estivesse beirando a estridente. Eu tremia dos pés à cabeça e as lágrimas estavam se formando. — Digo a você a cada maldita semana quando chama e assim faz ZZ! Seja qual for o emprego que você está dando-lhe, ele parece estar indo muito bem, porra! Mas você tem que enfiar a cabeça gorda onde ela não pertence, porque Deus não permita que você não controle cada pequena coisa em seu entorno! Bem, eu não preciso de você, Deuce! Eu não preciso deste clube! Eu nunca precisei porra!

Narinas dilatadas, o rosto vermelho de raiva, Deuce me olhou. — Cage! — Gritou, com os olhos ainda em mim. — Tire essa porra da minha frente antes de eu começar a fazer buracos no seu crânio!

— Sexista hipócrita! — Gritei e pulei para frente, me lançando para Deuce. Não sabia o que ia fazer quando cheguei a ele, mas não

estava pensando muito à frente. Queria socá-lo, estrangulá-lo, chutá-lo nas bolas, algo, qualquer coisa. Eu só queria machucá-lo.

Mas nunca o alcancei. Fui abordada de lado, levantada do chão e levada rapidamente para o quarto.

— Eu te odeio! — Eu gritei na direção de Deuce. — Eu te odeio!

Cage abriu a porta do quarto, caminhou para dentro, chutou a porta atrás dele e jogou o corpo duro de Tegen em sua cama. Ela imediatamente virou em uma posição sentada e saltou da cama, mas ele estava sobre ela em um flash, arrancando as pernas debaixo dela, abrangendo seus quadris, e segurando os braços ao lado do corpo.

Com o coração batendo de forma irregular dentro de seu peito, Cage olhou para ela. Ele pouco se importava com o fato de travar mais uma briga verbal com o pai. Não se importava que ela estivesse a apenas alguns centímetros de socar o rosto de Deuce e, posteriormente, ter a bunda chutada por ele. Não dava a mínima aos filhos da puta que Tegen nunca mudaria; ela sempre agia antes de pensar, falando besteira para qualquer um, em qualquer lugar, sem

perceber as consequências. Ele não se importava que ela odiasse o clube.

Tudo o que importava, tudo o que conseguia pensar, a única coisa que marcou sobre tudo o que seu velho e ela gritaram um para o outro era ... ZZ.

Ninguém, nem uma merda de irmão, nem mesmo Mick sabia onde estava ZZ. Deuce disse a todos algum tempo atrás que ZZ não era mais uma preocupação e que parássemos de fazer perguntas, porque não as responderia.

Quem pagou pelo apartamento caro em Cali? Quem enviava dinheiro, mantendo você e ZZ?

O que isso queria dizer, porra? Que ZZ estava em Cali? Ou que ZZ estava em Cali com Tegen?

— Fique longe de mim, seu estúpido! — Tegen gritou, tentando desesperadamente afastar-se do seu controle.

Estúpido. Porra. Sua cabeça já estava uma bagunça.

— ZZ. — rugiu. — O fodido ZZ!

Tegen piscou para ele. — O quê? — Sussurrou.

— Você me ouviu — gritou. — Agora fale, porra. Você e ZZ em Cali juntos? Vivendo juntos?

Ela hesitou; apenas uma pequena mudança de seus olhos, um movimento tão pequeno que não teria pego se não olhasse diretamente

para ela. Xingando, se afastou de cima dela e ficou de pé. Passando as mãos pelos cabelos, virou e antes que pudesse pensar, apenas reagiu e chutou a parede. Sentimentos foram correndo por ele, sentimentos que não conseguia decifrar, junto com uma raiva súbita, ele não podia controlar.

Ele girou ao redor e encontrou Tegen sentada em sua cama, olhando para ele.

Tegen. ZZ. Não era previsível.

Tegen, por amor de Cristo. A cadela foi obcecada com ele toda a sua vida de merda e agora, neste fim de semana, com tudo o que tinha acontecido...

Ele estava se sentindo dela. Ele era um filho da puta por isso. E o tempo todo ela tinha alguém em casa, não apenas qualquer um, mas um de seus irmãos filhos da puta.

Tinha tanta certeza de que ela ainda o amava. Como leu errado?

— Está com ele, caralho? — Perguntou.

Seus olhos verdes brilhavam de pura raiva; ela estava trabalhando lançando-se em linha reta fora de sua cama, unhas prontas para agarrar-lhe os olhos, o que fosse preciso. Ele teve que dar crédito a ela por ser um pedaço de uma mulher, que tinha bolas de aço. Todos esses anos se criticou por algo que fez enquanto ela secretamente transava com um de seus irmãos.

Sua merda acabaria agora. — Responda-me! — Gritou.

Ela olhou para ele, sem piscar, sem se mover, sem remorso. Ele podia ver isso em seus olhos. Ela não dava a mínima por simplesmente ter pulado camas. Ela odiava muito a porra do clube. Ela o odiava tanto.

— Responda-me! — Ele rugiu.

— Sim. — Ela sussurrou.

MERDA! Por que se importava?

Ela não foi Teacup em muito tempo, era apenas mais uma cadela, uma outra puta que saltou de irmão para irmão.

Então, gostou de transar com ela, muito, e o quê? Então ZZ gostava de transar com ela também, quem se importava?

Ele ia vomitar.

Pela primeira vez, realmente queria uma menina para ficar por perto e apesar de toda a luta, ele gostava de passar o tempo com ela. Jesus. Ele queria mais. Estupidamente queria o que seus irmãos tinham, queria por um longo tempo agora, e estupidamente queria isso com Tegen.

Ele era um idiota de merda. Seu velho estava certo. Ele era o rei estúpido.

— Parece que você acabou assim como a porra da sua mãe, afinal de contas. — Ele cuspiu, acertando-lhe onde ele sabia que seria o mais doloroso.

Ele não esperou por uma resposta, seus olhos se arregalaram e ele virou de costas, abriu a porta e saiu correndo pelo corredor.

— Você sabia! — gritou quando passou para a sala principal, apontando para onde seu pai estava. — Você sabia que Tegen estava na cama de ZZ — continuou — e não disse nada para mim!

— O quê? Tegen e ZZ o quê?

Cage notou pela primeira vez que Danny e Ripper tinha aparecido junto com a sua filha, e Danny não parecia... tão feliz.

— Tegen o quê? — ela exigiu. — Com quem?

Ele a ignorou. Estava muito irritado; sentia como Tegen olhou quando enfrentava o seu velho, tremendo de raiva, pronta pra explodir a qualquer momento.

Os olhos de Deuce se estreitaram. — Você se importa? Sou conselheiro sentimental? Enfiou seu pau em qualquer buraco que aparecia, então porque com Tegen deve ser diferente?

Cage implodiu. — Porque ela é Tegen! — Rugiu. — Ela é minha, porra!

Sem remorso, o olhar firme de seu pai não fez nada além perturbá-lo ainda mais.

— Você vai me dizer alguma coisa? — Cage exigiu. — Ou só vai ficar aí?

— Onde está ZZ? — Danny interrompeu, empurrando entre ele e seu pai. — Em São Francisco?

Cage abriu a boca, pronto para dizer-lhe para ir se foder, quando Ripper olhou para ele. Gritante, Ripper agarrou o braço de Danny e puxou-a para longe deles.

— Por que quer saber onde ZZ está? — Ripper rosnou.

— Oh, cale a boca! — Danny retrucou, puxando o braço de seu aperto. — Todos nós estivemos preocupados com ele. Não aja como se fosse algo mais que isso!

— ZZ vive com ela. — disse Deuce e todos os olhos mirados nele. — Quando não está na estrada. E ele tem estado na estrada freqüentemente.

— Na estrada fazendo o quê? — perguntou Ripper.

Deuce virou para Ripper, olhando para o homem. Cage, Ripper e todos no clube sabiam exatamente o que queria dizer.

— Jesus. — Ripper disse baixinho. — ZZ, que merda!

Ninguém disse uma palavra, pois todos já sabiam o que essa merda significava. Deuce tinha ZZ na linha de frente, cuidando de todos os negócios sujos e supervisionando em primeira mão. Era um

trabalho sujo, principalmente executado por nômades que não dariam a mínima se viveriam ou morreriam.

— Quanto tempo? — Perguntou, referindo-se a Tegen e ZZ.

Deuce olhou para ele. — Será que isso importa porra?

— QUANTO TEMPO, PORRA? — Cage gritou.

— Anos .— Deuce respondeu, com a voz tensa de raiva.

Anos, filho da puta.

A náusea voltou, desta vez pior.

Que diabos estava acontecendo? Será que ela amava ZZ? O próprio pensamento teve seu coração quase pulando para fora dele, só de imaginar ZZ e Tegan juntos.

Ele sequer podia imaginar isso, era tão... fodido.

Tegen e ZZ... juntos? ZZ era velho demais para ela. ZZ não era só muito velho para ela, ZZ estava em cima de sua cabeça em alguma merda perigosa. Qualquer um, qualquer um dos inimigos dos Cavaleiros podia segui-lo para casa e usar Tegen contra o clube.

Porra. De jeito nenhum. Ela, obviamente, não amava o filho da puta se estava mais do que feliz por engasgar com o seu pau nos últimos dois dias.

Seus punhos cerraram. Se Tegen fosse para a cama de algum irmão, seria a dele. Era por ele que estava obcecada por todos estes

anos; era ele que tinha estourado sua merda; era ele que a tinha fodido, não podia nem contar quantas vezes, ao longo dos últimos dois dias. Ele. Ninguém mais.

Jesus. Porra.

Não se importava o quão ridículo sabia que soava; estava louco de raiva e se dane se estava com ciúmes.

Raiva que surgiu no momento em que seu velho levantou o bloqueio. Ciúmes porque era ZZ quem ela encontrava em casa. Ciúmes porque o que Tegen e ZZ tinham era muito positivo, já que durava anos. Ela não tinha ido para o cara porque teve Cage durante os últimos dias. E mais raiva porque seu velho não lhe disse nada? Qualquer coisa!

Se tivesse conhecimento, nunca teria tocado na cadela! Teria deixado sua besteira irritá-lo, como de costume, mas teria deixado pra lá ao invés de se envolver. Apesar do sexo incrível, cavou mais fundo dentro da bagunça que era Tegen Matthews.

Agora estava também extremamente atrasado. Foi escavado de forma muito profunda. Queria mais e não esperaria que aquela sensação voltasse novamente com outra pessoa, não após anos de sexo chato, sem sentido com muito mais mulheres do que admitiria, não depois de ter o melhor sexo em toda a sua merda de vida com essa cadela louca. E se ela não voltasse nunca mais? E se fosse ele? Se não agarrasse esta cadela aqui e agora, e em vez disso esperasse por uma

cadela menos louca, com muito menos bagagem, para vir junto, mas ao invés disso acabasse como Tap. Velho e sozinho.

Estava tão farto de estar sozinho.

— Ellie? — Danny gritou atrás dele. Sua irmã, de repente o empurrou passando por ele e foi correndo para a porta da frente, onde Ellie estava de pé, vestida de couro, segurando um capacete debaixo do braço. E andando atrás dela...

As sobrancelhas de Cage se elevaram.

— Esse é Dirty? — Ripper sussurrou. — Ou será que Prez começou a aprovar cortes de cabelo de meninos bonitos?

— Reunião! — Deuce berrou.

— Primeira ordem do dia. — Ripper disse secamente. — Acho que Dirty precisa de um novo nome?

CAPÍTULO QUINZE

— Reunião! — Deuce gritou novamente, apontando para seu escritório. — Depressa, agora porra!

Ignorando os olhares boquiabertos de todos dentro do clube, Dirty virou-se para Ellie, que ainda estava enrolada nos braços de Danny enquanto a menina pulava e gritava.

— Eu, uh, eu tenho que ir. — Disse ele, franzindo a testa nas costas de Danny, mas perguntando por que diabos ela não estava deixando Ellie.

Ellie lhe deu um pequeno sorriso. — Eu vou ficar bem. — Disse ela e soltou um risinho. — Estou em boas mãos.

Danny finalmente veio à tona e olhou para Dirty, e depois voltou para Ellie. — Estou confusa. — Disse ela. — Vocês dois ficam bem juntos.

Danny parou de falar e de repente virou seu olhar para Dirty. E só olhou.

Dirty realmente gostava de Danny; era uma das poucas pessoas que poderia estar por perto. Conheceram-se há alguns anos atrás, mas

não sabia merda nenhuma quando se tratava de seu passado ou o que fazia em seu tempo livre. E teve como objetivo mantê-lo assim.

— Oh meu Deus, Dirty. — Sussurrou e Dirty recuou, temendo o que ela diria em seguida.

Ellie pegou o braço de Danny. — Danny. — Disse ela. — Por favor, me diga que tem algo diferente de couro que possa usar, te imploro. Estou suando como louca. Acho que até meus joelhos estão suando.

— Uh, sim. — Danny disse, parecendo confusa. — Deixe-me pegar Hayley e podemos ir para o meu quarto e do Ripper, eu tenho uma tonelada de coisas lá dentro. — Antes de sair, as duas mulheres lhe lançaram um último olhar. Danny estava muito confusa, mas Ellie estava ...

Ela lhe deu um sorriso. E foi aí que a ficha caiu.

Ela não estava suando, ou talvez ela estivesse, mas não era por isso que ela perguntou a Danny sobre roupas. Ela o estava protegendo. Assim como antes, quando ela tinha muito lentamente colocado os braços ao redor de seu corpo, parando quando ele começou a surtar, dando-lhe tempo para se adaptar a ela.

Ela estava protegendo-o de si mesmo.

Ela vestindo seu casaco. Ela protegendo-o. Ela sorrindo para ele; um sorriso secreto que só os dois sabiam o significado por trás dele.

Sua respiração tornou-se irregular. Em seguida, imaginou-a nua novamente, vendo-a ali na sua porta do banheiro, com o cabelo molhado, a toalha baixa em seu corpo, os seios enormes, derrubados em grandes mamilos escuros, lotado com respirações profundas, o triângulo escuro de cabelo cobrindo sua boceta...

Seu pau deu um soco para frente.

— O que... o... porra.

Dirty empurrou Cox, cujo rosto tinha de repente aparecido a apenas alguns centímetros na frente de seu rosto.

— Sério, irmão. — Disse Ripper, tendo se juntado a eles, estudando Dirty. — Eu não sabia que você tinha uma pele debaixo de toda aquela merda de cabelo e sujeira.

— Você é Dirty, não é? — Continuou Cox, olhando-o de cima a baixo.

— Não, cara. — Ripper disse, sorrindo. — Ele não é. Ele é Clean.

Cox bufou. — Boa. — Ele disse e ergueu o punho. Ripper cruzou-o com o seu próprio e, em seguida, os dois voltaram para estudá-lo.

— Foda-se. — Ele murmurou para ambos. — E calem a boca.

Cox deu de ombros. — Seja como for, cara, mas você sabe, eu realmente não posso ajudar a mim mesmo. Você está realmente sexy pra caralho.

O canto da boca de Dirty levantou e começou a relaxar pela primeira vez em dias. No clube, ele poderia ser o homem que desejava que realmente fosse. Ele poderia atirar a merda, brincar, falar sobre as mulheres da forma como os outros meninos faziam. Não importava que era tudo show e que a maioria de seus irmãos sabiam como merda realmente acontecia para ele no quarto. Não que algum deles soubesse porque barrava as putas do clube, mas também não perguntavam.

— Por falar em sexy, — disse Ripper. — Ellie está meio que com um problemão, não é? O que está fazendo com ela? É este o motivo da reunião?

— Eu ainda comeria ela. — disse Cox. — O rosto dela ainda está ferrado. Quem dá a mínima para sua cara?

Ripper começou a rir. — Cara, você acabou de perder uma bunda porque sua velha senhora não tem uma.

— Foda-se. — Cox rebateu. — Eu sinto falta de sexo. E não dou a mínima que ela esteja fazendo as malas na parte de trás, eu só quero alguma merda de uma maldita boceta. Eu estou pronto para explodir e preencher Kami, se tudo que ela quiser for meu esperma.

— Caralho. — Ripper disse, afastando-se, parecendo enojado. — Mantenha essa merda para você. Você está obcecado.

— Eu estou! — Cox gritou. — Esse é o problema porra!

— REUNIÃO! — Deuce rugiu, estimulando os três a entrarem em ação, movimentando-se pela sala e no escritório de Deuce. A sala foi preenchida com exceção de Ripper e assentos designados a Cox, então Dirty dirigiu-se para o fundo da sala e sentou-se ao lado de Anger em um dos dois sofás de couro.

Uma vez que todos estavam sentados calados, Deuce se virou para ele. Ele viu seus Prez dar-lhe um longo olhar, mas, ao contrário de todos os outros, Deuce não comentou.

— Diga a eles, — disse Deuce. — Inicie do começo.

Como se não bastasse todos estarem olhando para ele como uma aberração de circo.

Mas ele chupou suas emoções por todo o lugar e pensamentos loucos, e explicou a todos o que tinha acontecido. De seu passeio, a ouvir Ellie gritar, de encontrá-la no corredor com a Oficial, até hoje na rua. Ele disse-lhes tudo e o que perdeu, Deuce preencheu por ele.

— Sim. — disse Tap. — O filho da puta está definitivamente jogando. Ele fez merda naquele beco, Dirty, sabia que os Cavaleiros iam iniciar o negócio. Não há homem estúpido o suficiente para levá-lo a este nível.

— Ele sabe que precisamos dele para passar esse negócio. — Disse Ripper. — Garanto que ele vai fazer de tudo para chegar a Ellie.

— Você acha que ele vai tentar negociar?

— Que porra mais? Ele pode ter um tesão de ódio por nós, mas estivemos preenchendo seus bolsos por muito tempo, dele e de seus pais. Não há nenhuma maneira que ele vá morder as mãos que o alimentam tentando nos jogar aos federais. Não, isso é sobre ele ficando com Ellie.

Dirty ficou em silêncio, apenas ouvindo o que seus irmãos falavam, trocando ideias e possíveis cenários para o outro, tentando descobrir o que Mooresville estava realmente fazendo, até que alguém disse algo e ele perdeu a merda.

— Quem dá dois 'foda-se' sobre a garota negra gorda? — Bucket disse com a boca cheia de fumaça. — Precisamos lidar com essa porra fácil. Temos muito dinheiro nesta merda e se alguém, os federais, a ATF, alguém fica sabendo do que está prestes a ir para baixo aqui, estamos fodidos. Todos nós podemos beijar este clube bem para caralho. Vamos cortar nossas perdas e apenas dar a ele o caralho da cadela.

Dirty não pensou, apenas reagiu e não estava mesmo muito certo sobre o que realmente fez. Num minuto ele estava ouvindo Bucket mexer sua boca, e na próxima todo mundo estava gritando e ele foi afastado de Bucket, os punhos ainda balançando. Bucket ficou de pé e Dirty tentou correr para acertá-lo novamente.

Deuce bateu-o para trás contra a parede e segurou-o lá.

— Que porra é essa, irmão! — Bucket gritou. — O que diabos eu fiz para você?

— Em primeiro lugar, — Deuce gritou, apontando para Bucket. — Cuidado com a maldita boca. Nós conhecemos Ellie por toda a sua maldita vida. Ela é amiga de Danny e ninguém vair dar ela para Mooresville se eu puder impedir!

Em seguida, Deuce se virou para ele. — Em segundo lugar, — ele gritou. — Você mantenha o que quer que tenha acontecido dentro desta careca. — Onde estão com a cabeça, porra! Estamos discutindo negócios do clube, seus filhos da puta idiotas. Querem bater cabeças, então façam após a reunião. Vocês me entenderam, porra?

Ele acenou com a cabeça.

Deuce se inclinou. — Você tem alguma coisa que precisa me dizer? Algo como por que diabos você não tem nenhum cabelo e não cheira a porra do meu banheiro depois de Cage me visitar?

Dirty não respondeu e no momento Deuce descobriu que ele não ia, o homem acenou com a cabeça uma vez e soltou-o.

— Todo mundo se senta, porra! — Ele gritou e todos se sentaram direito.

Olhando para todos na sala, Deuce balançou a cabeça em desgosto. — Não vejo como. — Ele murmurou. — Estou sempre sendo a voz da porra de razão neste circo.

— Ellie? — Perguntou Danny, parando de vasculhar o armário no salão de festas. — Eu não quero perguntar na frente de todos, mas como você conseguiu esses machucados? Você é o motivo pelo qual estamos no bloqueio?

Ellie acenou com a cabeça, mas não tinha certeza do que devia ou não dizer a Danny. Ela não sabia os prós e contras do MC, e honestamente não queria trazer mais problemas do que já tinha trazido.

Danny franziu os lábios. — Tudo bem. — Disse suavemente. — Eu vou saber. Vou começar por Ripper, mas estou aqui se precisar conversar, ok?

Ellie olhou para sua velha amiga que, injustamente o suficiente, não parecia ter mais de vinte e dois. Se não havia uma menina loira adorável que se sentava na cama ao lado dela, que parecia mais uma linda descendente do arquivo-morto de Deuce, Ellie nunca teria imaginado que Danny estava grávida.

— Você está ótima. — Disse Ellie. — E a sua filha é linda.

Os olhos de Danny encontraram sua filha e seus lábios dividiram-se em um sorriso. — Obrigada. — Disse ela.

Ellie, de repente se sentiu muito desconfortável, como se estivesse se intrometendo em um momento privado, que não poderia nem mesmo se relacionar. Teve momentos experientes como este com seus próprios pais, pegando a mãe ou o pai a olhando, com um pequeno sorriso em seu rosto, perdidos em pensamentos.

Mas nunca testemunhou como um terceiro, observando um olhar de mãe para a filha, o olhar nos olhos de Danny dizendo a Ellie que esta menina era todo o mundo de Danny.

Sentiu-se inexplicavelmente solitária também. Ela perdeu seus pais, sim, mas vendo isso, parecia mais do que isso. Sem marido, nenhuma criança, nem mesmo um namorado. Teve uma carreira que não ia a lugar nenhum, um chefe de polícia louco atrás dela, e agora estava trancada dentro de um clube de motoqueiros criminosos por só Deus sabia quanto tempo.

E esta era a sua vida?

Sentiu vergonha por ridicularizar Danny quando ouviu falar de seu casamento com Ripper, da sua gravidez, de nunca deixar Miles City.

Mas Danny estava feliz e Ellie agora sabia que ela própria não estava.

— Falando de linda... — Danny murmurou, desviando o olhar de Harley. — Dirty é... só ... oh meu Deus.

Ellie acenou com a cabeça. — Eu sei. — Disse — Nunca soube que ele era assim... — Parou, procurando a palavra certa.

— Lindo? — Danny sugeriu, levantando uma sobrancelha.

Sim. Dirty era, por falta de uma descrição melhor, simetricamente impecável. Não apenas isso, era a própria definição de beleza masculina. Sua testa era larga, as maçãs do rosto definidas, queixo proeminente, talhado à perfeição.

No entanto, ao mesmo tempo, havia este aspecto... quase inocente nele. Algo que parecia intocável, apesar de sua idade. A combinação dos dois, a beleza masculina e um quê de inocência, era o que o tornava um homem de tirar o fôlego.

O chuveiro e barbeador lhe fizeram muito bem.

O som de gritos fez Ellie saltar cama em pânico. — O que está acontecendo? — Gritou, olhando para a porta fechada.

Danny soltou um longo e sofrido suspiro e balançou a cabeça.

— Isso é Tegen. — Harley exclamou de seu assento na cama. — Ela grita o tempo todo!

Ellie olhou para Danny, que deu de ombros em resposta. — Ela está certa. Tegen grita o tempo todo e agora ela está extremamente brava com meu pai e meu irmão... o que quer... eles são todos loucos.

Danny voltou para o armário, e de repente virou de volta. — Oh! — Exclamou ela. — Quase me esqueci! Aparentemente ZZ e Tegen foram viver juntos em São Francisco! Somos como uma grande família feliz!

Demorou um minuto para Ellie descobrir que Danny não estava realmente feliz e animada com essa informação, mas em vez disso estava exagerando no sarcasmo.

— Você está realmente chateada com isso? — Perguntou Ellie. — Porque você escolheu Ripper, certo?

Suspirando, Danny sentou-se na cama e deixou cair as mãos no colo. — Isso vai soar estranho, mas não é que eu estou chateada. Quer dizer, eu estava preocupada com ele por um longo tempo e todo esse tempo o meu pai sabia onde ele estava e com Tegen? Ugh. Sério, é simplesmente nojento. Quero dizer, eu dormi com Ripper, em seguida, ZZ e Cage dormiu com Tegen e depois Tegen dormiu com ZZ, e é uma espécie de como todos nós dormimos juntos. — Danny franziu o nariz e estremeceu. — É apenas esquisito, sabe?

Ellie começou a rir. — Acho que está pensando demais nisso.

— Eu sei. — Disse Danny, suspirando. — Mas ele partiu por minha causa... e agora ele está vivendo com Tegen? Quer dizer, ele tinha que estar infeliz.

Ellie riu ainda mais. Ela não conhecia Tegen intimamente; a menina tinha estado dois graus abaixo dela, mas os poucos encontros que tivera com ela, deu pra perceber que a menina era muito volátil.

— Então, ela e Cage, hein? — Perguntou. — Bem, isso é... interessante.

Danny revirou os olhos. — Oh Deus, quem sabe. Eles são uma bagunça quente juntos. Ele transou com ela por um longo tempo, então ela voltou da Califórnia depois que D foi baleada, parecendo uma hippie como Dirty, e de repente Cage é tudo, "Oh, ela é gostosa, blá, blá, blá," e Tegen retruca," não me toque ou eu vou te matar " e desde então cada vez que eles estão na mesma sala, o tamanho do estrago é enorme.

Ellie franziu o nariz. — Parece divertido.

— Sim. Muito. Pessoalmente, acho que os dois estão apaixonados um pelo outro. Quer dizer, Cage nunca teve uma namorada séria, nunca. Ele não tem qualquer interesse em qualquer mulher que não seja para... — Danny parou e olhou para a filha. — Além de você sabe o que. — disse em um sussurro.

— E gostaria que se entendessem, beijassem e fizessem as pazes.

Danny deu de ombros novamente e ficou de pé. — Bem-vinda ao hospício. —Disse ela, e voltou a vasculhar seu armário.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Aquele filho da puta.

Aquele filho da puta estúpido.

Parece que você acabou assim como a porra da sua mãe depois de tudo.

Eu estava lívida. Furiosa. Eu tinha passado o ponto de raiva, além do ponto de qualquer coisa semelhante a sanidade. O que havia de errado comigo? Primeiro eu cheguei em casa e o que tinha me prometido há anos nunca fazer de novo. Então estupidamente vim ao clube e fiz isso de novo, então realmente concordei em ir a um encontro fodendo com aquele idiota, e depois voltei ao clube com ele.

— O que há de errado comigo? — Gritei para o meu reflexo no espelho pendurado sobre a cômoda de Cage, onde atrás de mim podia ver sua cama. Sua, porra, cama estúpida e horrível. A cama que ele tinha me destruído.

Espere. Mas o que ...?

Eu olhava para o espelho e meus olhos se arregalaram. Chicoteei ao redor, gritando com toda a força dos meus pulmões e avancei para a cama desfeita, pois o fio dental rendado vermelho deitava morto.

Agarrando-o, agarrei com as duas mãos e puxei tão duro quanto podia. A renda do glamoroso se rendeu e mandei os dois pedaços de tecido voando pela sala.

Respirando pesadamente, com meu coração batendo no meu peito, examinei o quarto.

Pôsteres de enormes seios, na sua maioria mulheres nuas montando motocicletas cobriam as paredes, uma caixa de preservativos sentava em cima da mesa de cabeceira, e embalagens de preservativos espalhados pelo chão ao lado da cama.

Quantas vieram antes de mim? Quantas prostitutas ele fodeu naquela cama antes que tirasse a única coisa que tinha para lhe dar e ele sequer se importou?

E quantas mulheres viriam depois de mim?

Quantas mulheres mais estavam ainda por vir?

— Estúpida! — Gritei. — Sua estúpida, estúpida, estúpida cadela!

Peguei a caixa de preservativos fora da mesa e joguei-a em toda a sala. Então eu peguei as cobertas e os travesseiros e fiz o mesmo. Depois disso, não conseguia parar; tudo o que entrou em contato comigo foi imediatamente destruído, rasgado ou esmagado. Eu rasguei cartazes fora da parede, puxei gavetas fora do armário, enviei roupas voando em todas as direções, e depois, quando não havia mais nada para destruir, peguei uma arma de gaveta de meias de Cage e estava

prestes a enviá-la voando para o espelho retangular na parede, quando a porta se abriu.

Cage deu uma olhada em seu quarto, um olhar para mim, e seu corpo ficou instantaneamente tenso. Suas narinas dilatadas, os punhos cerrados, as veias em seu pescoço e braços abaulando, ele me encarou. Gritando, eu me virei, pulei em cima da cama e rapidamente saí do outro lado. Levantando a arma, eu apontei para Cage.

— PARE! — Gritei.

Ele não parou. É claro que ele não parou. Quem pararia o que estava fazendo tendo uma arma apontada para ele? Não Cage.

— Porra. — Disse ele, andando em volta da cama. Seu ritmo era mais lento agora, com os olhos na arma, mas ele ainda estava vindo para mim. — Coloque essa merda antes de acidentalmente fazer um buraco em si mesma.

— Foda-se!

Ele fez uma pausa e seus olhos alcançaram os meus. — Abaixe-a. — Disse ele lentamente. — Ou quando chegar até aí vou te arrebentar com ela.

Ele parecia tão grosseiro, tão frio e insensível como seu fodido pai.... Meu lábio inferior começou a tremer e soltei um gemido.

— Deus. — Sussurrei freneticamente. — Te odeio!

— Abaixe-a. — Repetiu e voltou a caminhar. — Merda, Tegen. — Rosnou, meros segundos antes de me alcançar. — Abaixe essa porra.

— Idiota! — Gritei e assim como ele fez para pegar, joguei-a para a esquerda de mim.

Xingando, Cage mudou de direção, agarrou meus ombros, e com um forte empurrão me enviou até os joelhos. Em seguida, ele se inclinou na minha frente.

— Você o ama? — Rosnou.

Levei um momento para me recuperar. Ainda me recuperava do episódio da arma. Mas no mesmo segundo soube que se referia a ZZ, minha raiva ressurgiu dez vezes e explodi.

— Não! — Eu gritei. — Ele é meu amigo, porra!

— E que amigo, porra! — Disse irritado. — Sei que vive com ele há anos, caralho!

— Você ama todas, então que porra é essa? — Gritei.

— Eu nunca amei ninguém que fodi! — Gritou de volta.

— Bom! — Gritei. — E não me limito a apenas trepar com qualquer um!

Os olhos castanhos de Cage se arregalaram e um músculo perto de sua mandíbula começou a se contorcer.

— Gosta de ser uma prostituta? — Cage se inclinou para frente, trazendo-me cara a cara com ele. Baixando a voz, sussurrou — Você gosta de ser passada adiante, sua hipócrita?

Estava tão ofendida, tão magoada por esse comentário, que levei um tempo para perceber o que a mão de Cage estava fazendo entre nós, mas quando ele estendeu a mão para o meu jeans e eu vi que ele tinha libertado seu pênis, eu imediatamente tentei mergulhar para o lado. Mas Cage foi mais rápido, seus braços dispararam, agarrando meus tornozelos, me enviando sob minhas costas.

— Isso é o que acontecerá. — Disse sombriamente, arrancando meu jeans pelas minhas pernas. Em seguida, agarrando minhas pernas, me virou de barriga para baixo. Com uma mão pressionada firmemente em minhas costas, Cage manobrou seus quadris entre minhas coxas.

— Em primeiro lugar, — Sussurrou. — você calará a boca pela primeira vez em sua vida e me ouvirá. E verá como a única vez que não estará gritando ou tentando bater em alguém é quando tem um pau dentro de você...

O peito de Cage substituiu suas mãos em minhas costas e eu senti seus lábios pressionados contra a minha nuca.

— Vai me estuprar? — Gritei o mais alto que pude.

— Estuprar? — Disse, parecendo ofendido. — Sério, Tegen? Tudo o que tenho que fazer é sorrir para ficar molhada e pronta para mim.

Entre os nossos corpos, os dedos de Cage deslizaram na virilha da minha calcinha.

— Certo? — Sussurrou, tocando-me levemente.

Um arrepio encorpado rasgou através de mim e minha respiração me deixou em uma onda de ar quente, humilhada. Ele continuou me acariciando, me molhando com a minha própria umidade, fazendo-me tremer a cada toque, até que ardia de desejo.

Atrás de mim, Cage riu suavemente. — Você me quer? — Sussurrou, brincando com a ponta do dedo, circulando-a onde o precisava mais do que tudo.

Minhas entranhas pulsavam instantaneamente com uma sincera necessidade, não importando com o que Cage queria de mim, ficar em silêncio, ouvi-lo, não me importava. Eu não dava a mínima para nada enquanto planejava aliviar esta agonizante dor que criara.

— Sim. — Gemia, levantando meus quadris do chão, empurrando para trás contra ele.

A próxima coisa que eu sabia é que estava sendo virada novamente e Cage foi puxando minha calcinha pelas minhas pernas e minha blusa sobre meus braços. Eu o vi puxar sua camisa por cima da cabeça e lançá-la de lado, em seguida, com fome de mais dele, cheguei para ele. Seu braço disparou, com a mão em volta da minha garganta e ele trouxe-nos face a face. — Trepou com ZZ? — Sussurrou.

A neblina que havia me envolvido começou a clarear e rosnei para ele. — Que porra é essa?

Cage ficou de pé, trazendo-me com ele, e me empurrou na direção de sua cama. Ainda segurando o meu pescoço, ele me empurrou para baixo para a posição sentada na frente dele.

— Responda-me. — Rosnou.

Minha mandíbula travou. — Sim. — Falei.

Seu sorriso de resposta foi brutal, mas também... *dolorido*? O que estava acontecendo? Por que fazia isso?

— Já sei que esteve em sua boceta. — Disse laconicamente através de seus dentes. — Ele esteve dentro em outro lugar?

— Sim. — Disse com um grunhido. — Deixei-o me foder no ouvido quase que diariamente.

Seus dedos apertaram em volta do meu pescoço e eu senti meu soluço na garganta com a perda de ar. Minhas mãos voaram para minha garganta e meus dedos trabalhavam, tentando tirar a mão de cima de mim.

— Onde mais? — Rosnou.

— Minha bunda, maldito psicopata. — Falei, tossindo. — Ele adora me foder na bunda!

— Bom. — Grunhiu, deixando-me ainda mais confusa com onde queria chegar ou por que fazia isso em primeiro lugar.

Mas, quando espalmou seu próprio pênis e seu aperto em minha garganta mudou para o meu cabelo e me puxou para a frente, trazendo minha boca até a ponta do seu pau, sabia exatamente o que estava acontecendo. Tendo apenas sucumbido ao simples toque de seus dedos, não havia nenhuma maneira no inferno que eu ia deixá-lo me humilhar ainda mais.

— Eu estou reivindicando você, Tegen, cada maldita parte de você agora, porra.

— Você não pode ter nenhuma parte de mim! — Chorei, tentando virar minha cabeça, mas seu aperto no meu cabelo era muito forte. Resmungando, ele puxou minha cabeça para trás, forçando-me a olhar para ele.

— Errado. — Rosnou. — Eu sempre tive você. A única diferença é que agora, eu vou pertencer a você.

Oh meu Deus, o que isso significava? Que merda que isso significava?

— Tome-o. — Cage disse entre dentes, tentando forçar seu pau entre meus lábios — Ou dá o fora minha vida neste momento, agora e fique fora.

Meu coração começou a bater, meu estômago se agitou, e as lágrimas picaram, atrás dos meus olhos. Ele puxou seus quadris ligeiramente para trás.

— Não quero ser como a minha mãe. — Sussurrei.

— E eu não sou Jase. — Ele sussurrou de volta. — Eu não sou Hawk, não sou o meu pai, não sou nenhum deles.

Olhando para os seus grandes olhos castanhos, eu sufoquei com um soluço. Ele já era como o pai, em tantas e tantas maneiras. Mas, ao mesmo tempo, ele não era.

— Chupe, Teacup. — Disse ele com voz rouca. — Seja minha garota.

Minha respiração me deixou. Seja. Minha. Garota.

Seja a garota de Cage.

Pensei em mim com oito anos de idade, com nove, com doze anos, no meu coração partido aos dezesseis anos, amarga, quebrada, pensei em mim adulta, tudo ao mesmo tempo...

E então agarrei o seu pau e o chupei tanto quanto pude. Ambas as mãos estavam em meu cabelo, segurando firmemente, puxando dolorosamente forte e sacudindo os quadris para frente, me engasgando, obrigando-me a tomar mais, mas não me importei.

Não me importava, porque queria mais. Queria tudo dele. Sempre quis; eu nunca tinha parado de querer.

Minhas mãos voaram para seus quadris na tentativa de segurá-lo. Minhas unhas se enterraram no fundo e mais profundo ainda, até que ele estava gemendo de dor ainda empurrando mais rápido, e eu

não conseguia respirar e seu aperto no meu cabelo tinha atingido níveis escaldantes e...

— Tegen. — Disse ele, gemendo, inspirando e expirando duras rajadas irregulares. — Nunca foi assim para mim, baby, nunca. Nunca foi tão bom com ninguém... nunca me senti tão bem.

Oh Deus, sabia; sempre soube. Por quanto tempo rezava por este momento? Por enquanto eu conseguia lembrar, para sempre mesmo.

Fazia-o sempre. Ele só voltaria a ser ele.

Minhas lágrimas transbordaram. Meu antigo coração partido se quebrava novamente, despedaçando e se desintegrando. E em seu lugar estava um novo coração. Como uma Phoenix renascendo das cinzas.

Quando tudo acabou, depois de Cage ter tomado tudo, cada parte de mim que ele poderia tomar, fazendo-me levá-lo para dentro do meu corpo em todos os lugares que eu poderia levá-lo, depois de cair longe um do outro, nós nos deitamos lado a lado no chão de seu quarto, compartilhando um cigarro.

— E agora? — Sussurrei.

A cabeça de Cage pendeu para a direita e seus olhos semicerrados encontraram os meus. — Agora, nada. Disse ele.

— Nada? — Pânico me inundou. Se ele tivesse apenas me fodido mais uma vez?

— Somos eu e você, Teacup. — Disse ele, rolando para o lado e deslizando a mão sobre minha barriga nua. — E nada. Porque nada mais importa agora, porra.

Cage levantou Tegen do chão e colocou-a em sua cama. Ele olhou para ela por um tempo, passando a olhar para cima e para baixo de seu corpo nu, apenas observando-a dormir.

Ele tinha mentido. Quando disse que nunca tinha amado uma única mulher que ele tinha fodido. Ele tinha mentido.

Ele tinha amado antes. Ele amou exatamente uma delas. Ele só não tinha percebido isso até agora.

Ele amava Tegen. Ele amou pela maior parte de sua vida na verdade, mas simplesmente não tinha conhecido a sensação de que realmente sentia até agora.

O amor não era algo que se media pelo número de dias que gastou ao redor de uma pessoa, ou quanto tempo conhecia alguém.

Cage media apenas o amor pelo o que faria para alguém, sobre onde ele estava disposto a ir. O quanto ele se preocupava com seu bem-estar e sua sobrevivência. E ele sempre se preocupava com Tegen; nunca tinha parado. Ela sempre foi família, era sua melhor amiga, e,

assim como ele levaria uma bala por suas irmãs, por seus irmãos, mesmo pelo seu velho, ele sabia que, naquele momento, olhando para ela, ele tomaria uma por Tegen também.

De jeito nenhum ela voltaria para a Califórnia. Sem chance.

Ele a amarraria na porra da cama, se fosse preciso.

CAPÍTULO DEZESSETE

Vestida de forma mais confortável agora com uma calça preta e uma camiseta rosa desleixada, toda grande que pairava em um ombro e tinha um par de asas de anjo de prata impressas no verso, Ellie seguiu Danny para fora de seu quarto.

O clube estava exatamente como sempre. O salão atrás dos quartos tinham os nomes dos irmãos nas portas, fotos dos meninos com suas famílias ou em suas motos, cobriam as paredes e cheirava a fumaça de cigarro, bebida derramada e aos homens que preferiam fumar e beber durante o banho em uma base regular.

A cada visita ao clube antes dela ir para a faculdade tinha sido apenas tolerável e sempre a deixou com um gosto ruim na boca. Mas em vez de sentir qualquer tipo de negatividade, ela se sentiu mais em casa do que nunca. Segura também.

Os sons reveladores de sexo, tanto do sexo masculino e feminino, inundavam o corredor e Ellie corou de vergonha quando ela reconheceu a voz profunda de Cage e ouviu Tegen clamando em resposta a suas demandas sexuais, francamente de dar água na boca.

Pensando na escola, na sua própria experiência com Cage, ela sorriu para si mesma. Se houvesse alguma coisa na qual Cage se

destacava, era com as mulheres. Ou melhor, o sexo com as mulheres. E, desde os sons dele, Tegen estava sendo completamente destacada.

Danny, com Harley em seus braços, balançou a cabeça em desgosto e pegou o ritmo.

— Um acho louco e o outro louco feito. — Ela murmurou. — Dê-lhes cinco minutos e eles estarão na garganta um do outro novamente. Eu juro, é como Kami e Cox tudo de novo.

Ellie deu-lhe um olhar de soslaio. — Será que eles finalmente se acalmaram?

Danny bufou. — Na verdade, sim. Mas eu acho que tem mais a ver com o fato de que Kami quer mais filhos e ele não, então ela o tem ignorado completamente.

— E você? — Perguntou Ellie. — E Ripper? As coisas estão bem?

Danny parou de andar e olhou nos olhos de Ellie. — Elas estão melhores do que bem. — Disse ela suavemente. — Eu estou muito feliz Ellie. Realmente estou.

Ellie olhou para sua velha amiga, sentindo a forte e indesejável pontada de ciúme. O que havia de errado com ela? Primeiro estava com inveja do bebê e agora isso? Ser espancada e quase estuprada aparentemente despertou dúvidas sobre suas prioridades na vida, fazendo-a desejar que talvez tivesse tomado um caminho diferente.

Não, nunca se arrependeria de colocar a escola e uma carreira em primeiro lugar. Mas talvez meio que lamentou não haver quaisquer encontros na faculdade, e realmente não fazer muita coisa, exceto estudar. Seu único namorado até hoje, foi um milionário com um fetiche que favorecia blusas de malha de cor creme... e existia apenas nas páginas de um livro.

Não que fizesse sexo bizarro... ou algo do tipo.

— Está chateada comigo menina bonita?

Ripper virou a esquina, sorrindo para a esposa e a filha, Dirty e Tap logo atrás dele. Mas Ellie estava apenas focada em Ripper. A última vez que ela o viu, ele estava acorrentado em torno de sua garrafa habitual de tequila e parecendo miserável. Este definitivamente não era o caso. Este era um homem completamente diferente de pé na frente dela; um homem cujo mundo inteiro consistia de dois fachos de cabelo loiro, dois pares de olhos azuis, e covinhas, tanto quanto o olho podia ver.

— Talvez. — Danny respondeu, sorrindo timidamente. — Se você já deixou de ser estúpido sobre ZZ.

O sorriso de Ripper derreteu em uma expressão suave, mas sério. — Sim, querida, — ele disse calmamente. — Eu estou bem.

— Então, que porra que você está feliz. — disse Tap, empurrando Ripper. — Eu, pelo menos não estou. Estamos presos por mais quatro dias e toda boceta dentro deste maldito clube está tomada.

— Deveria ter permanecido fiel à sua velha, irmão — disse Ripper enquanto tomava Harley fora dos braços de Danny e balançava a menina por cima da sua cabeça, colocando-a sobre seus ombros. — Então ela estaria trancada com você em vez de casar com alguma porra no sul.

Abrindo a boca, prestes a responder, os olhos de Tap aterrissaram em Ellie e sua boca fechou-se abruptamente. O sorriso que se seguiu fez sua pele arrepiar. Ele não era um homem feio, talvez um pouco mais velho do que Ellie gostava, mas estava em forma, limpo, seu longo cabelo preto estava bem cuidado, mas o fato era que ele tinha idade suficiente para ser seu pai. Se não fosse mais velho.

— Esqueci de você. — Disse Tap, avançando. Ellie deu um passo rápido para trás.

— Como bundas grandes e negras boceta de chocolate. — Tap continuou. — Não temos o suficiente disto por aqui.

— Oh meu Deus, Tap! — Danny gritou. — Seu burro!

Tap olhou por cima e viu Dirty avançando e baixando a cabeça para o espaço pessoal dele. — Tente foder com ela — Dirty disse sombriamente. — E a única boceta que você verá pelo resto da vida será a sua chorando sobre a porra do chão depois de deixar sua bunda nela.

As sobrancelhas de Tap dispararam no exato momento em que mandíbula de Ellie caiu. Ela não tinha crescido em torno da vida do

clube como Danny tinha, mas tinha visto o suficiente, conhecia o suficiente para saber que os meninos de Deuce se amavam ferozmente, que a menos que fosse suas mulheres ou seus filhos em questão, eles se uniam. Um contra o mundo.

Ellie não era mulher de ninguém; ela não era uma piranha motociclista, nem mesmo era mais amiga de Danny. Ainda assim Dirty tinha acabado de ameaçar Tap. Por ela.

— Vamos lá, Ellie. — Disse Danny, parecendo irritada. — Eu vou te encontrar um quarto. Um dos meninos pode ficar em um sofá.

Ellie puxou o braço para trás, uma reação instintiva de medo, em parte porque ela estava mais do que nervosa ultimamente e Danny a tinha pego desprevenida, mas principalmente por causa do comportamento de Tap.

— Não. — Ela disse. — Obrigada, mas eu vou, uh, ficar com ele.

— O quê? — Perguntou Danny, boquiaberta. Na verdade, todo mundo estava boquiaberto. Mesmo Dirty.

Por que todo mundo estava olhando para ela como se tivesse de repente perdido a cabeça? Sentia-se segura com Dirty; ele tinha salvado sua vida, por amor de Deus. E daí se ele tinha problemas? Ela tinha muito problemas e ultimamente Dirty, de todas as pessoas, os compreendia. O que quer que tenha acontecido com ele quando criança, sabia exatamente como se sentia, talvez até melhor do que ela mesma.

— Pode ficar com o quarto. — Dirty disse enquanto se afastava de Tap. — Vou dormir na frente.

Ellie não gostou dessa ideia também. Com homens como Tap rastejando por todo o clube, não queria ficar sozinha no meio da noite. Na verdade, quanto mais pensava nisso, nunca mais queria ficar sozinha em lugar algum.

Deus, ela se sentia patética. Desamparada, impotente. Ela não poderia nem mesmo salvar sua própria vida.

— Você não precisa. — disse Ellie em voz baixa, com os olhos focados apenas nele. — Eu me sentirei ... melhor ... se você ficar comigo.

Dirty tentou o seu melhor para ignorar os três conjuntos chocados de olhos ardentes cravados nele quando olhou para Ellie, mas não havia como ignorar o barulho estrondoso de seu coração tentando sair do seu peito.

O que havia de errado com essa vadia? Primeiro, ela voltou para confortá-lo depois que ele a atacou. Em seguida, o salvou de ter de explicar a Danny porque tinha limpado a si mesmo. Não que ele não

pudesse tê-lo feito. Honestamente não sabia porque tinha feito metade da merda que fez recentemente.

E agora, ela se sentia segura com ele; tanto que queria dormir com ele. De todos aqui, Ellie sentia-se segura com ele.

Jesus fodido Cristo. Ele era o único homem no clube que nenhuma mulher nunca se sentiu segura ao redor.

O que estava acontecendo? Até agora, o mundo fazia sentido. Não era bonito ou revestido de açúcar. Ele tinha maldita certeza que não era invejado.

Mas, para ele, era tudo o que sabia, era como vivia para ver outro dia. Para ele, funcionou.

Até agora. Até ela. E, de repente, nada estava funcionando e nada disso fazia sentido, porra.

Ele sabia que se tentasse falar, sua voz ia rachar e mostrar como fodido realmente estava para todo mundo em pé neste corredor. Assim, em vez de falar, ele puxou o maço de cigarros de seu bolso, acendeu um, e quando estava guardando o pacote, olhou de volta para Ellie apontando com o queixo em direção ao outro lado do corredor. Então seguiu pelo corredor, sentindo algo semelhante a masculina satisfação quando ouviu os pés descalços de Ellie batendo no chão de concreto atrás dele.

Não que ele quisesse a atenção de uma mulher, mas tendo Ellie escolhido ele sobre os seus irmãos, não querendo dormir sozinha em um quarto e seguindo-o pelo corredor... Merda, ele gostou. Parecia poder e não como o tipo de poder que ele estava acostumado a exercer sobre as mulheres. Este era diferente, mais suave, ele fluía suave e quente em suas veias, melhorando sua postura e torcendo seus lábios.

Era isso que se sentia ao ter uma mulher sua? Uma mulher que realmente acolhia a força física de um homem querendo a sua proteção e sendo submissa à ele.

Parando em frente ao seu quarto, Dirty tirou as chaves e abriu a porta. Enquanto abria a porta para ela, Ellie passou por ele e entrou. Seus olhos se moviam sobre os ombros nus, as linhas curvas de sua figura de ampulheta, parando em sua bunda. Era uma bunda suculenta; parecia macia e balançou quando ela entrou, muito parecido com os seios.

E nada disso era decepcionante. Na verdade, quanto mais a olhava, mais ele gostava de seu corpo imperfeito, sua pele mais escura e cabelos negros. Ela não se parecia em nada com as prostitutas do clube, essas loiras falsas com peitos falsos, com os corpos cobertos com tatuagens e couro.

Mais importante, ela não parecia em nada com sua mãe adotiva. Ela não era nada como sua mãe adotiva. Ela nunca machucaria uma criança. Ela era gentil, mesmo quando não tinha que ser.

— Dirty?

Os olhos de Dirty viajaram até a frente do corpo de Ellie, passando sobre os seios generosos antes de pousar em seu belo rosto.

— Sim?

— Qual é o seu nome verdadeiro? — Perguntou. — Eu me sinto tão estranha chamando-o de Dirty.

Seu estômago virou. Ninguém mais a não ser Deuce sabia seu nome verdadeiro, e ninguém o havia chamado pelo seu verdadeiro nome.

Queria lhe dizer, queria que ela soubesse, mas não sabia porque queria que ela soubesse ou a repercussão de que ela soubesse seria.

— Michael. — Disse rapidamente, antes que pudesse ficar sem fala.

Os olhos de Ellie se arregalaram de surpresa e, em seguida, com a mesma rapidez, os lábios dividiram-se em um sorriso.

— Michael. — Ela murmurou. — O grande príncipe do céu e protetor contra as forças do mal.

Dirty olhou para ela. Ela acabou comparar ele a um anjo? Um protetor? Ele? Ela realmente era uma louca. Ou talvez esses socos que ela tinha tomado a tinha deixado com algum dano cerebral, porra?

— Obrigada, Michael. — Continuou em voz baixa. — Por me proteger.

Ele engoliu em seco. Ela não tinha ideia a quem agradecia, que o monstro do qual ela pensou que a protegia, de fato, vivia dentro dele.

CAPÍTULO DEZOITO

— Sai de cima de mim. — Sussurrei, empurrando as mãos errantes de Cage. — Todo mundo está olhando para nós.

Na verdade, olhando provavelmente não era a palavra certa. Todo mundo que estava atualmente no quarto principal estava nos encarando. Ou rindo. Motociclistas, suas Old Ladies e as crianças empilhados no bloqueio. Para os que não estavam aqui quando Deuce e eu o tínhamos nos enfrentado, rapidamente tinham sido informados. Para piorar a situação, Cage me apalpava 24/7.[6]

Era tudo o que sempre quis.

Mas agora, era embaraçoso demais. As únicas pessoas que não pareciam pensar que a nossa união repentina era o melhor show de comédia da temporada eram Deuce e Eva. Deuce estava nos ignorando completamente e Eva estava enviando sorrisos na nossa direção. Sorrisos que eram quase tão embaraçosos como todas as risadas.

E então havia Danny. Ela não disse uma palavra para mim, não tinha nem sequer olhado na minha direção.

ZZ.

[6] 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Ela ouviu tudo e, provavelmente, um pouco mais.

Por incrível que pareça, realmente me senti culpada. Por mais que não pudesse ficar com a Pequena Miss Perfeita, cresci com ela e o pensamento dela me odiar, ao invés de ficar apenas irritada com as minhas atitudes, não me fazia sentir bem.

Embora a aparência de Dirty, que agora parecia estranhamente um modelo de cuecas Calvin Klein, e a chegada de Ellie tenham tirado a atenção de Cage e de mim, foi de forma breve porque Dirty fazia apenas breves visitas de seu quarto à cozinha.

Porra de bloqueio estúpido. Não apenas eu estava presa aqui, mas estava sem as minhas próprias roupas, forçada a usar as de Kami, a única mulher aqui que era tão magra quanto eu. Os jeans skinny não eram tão ruins, apesar de serem mais justos do que gostava, mas a camisola roxa cintilante, era repulsiva. Estava literalmente contando os minutos até que a máquina de lavar roupa fosse liberada e pudesse colocar a minha própria roupa novamente.

E era só segunda-feira. Tinha mais dois dias para suportar. Talvez mais se o que Deuce tinha a fazer na quarta-feira não saísse conforme o planejado.

Para piorar a situação, minha mãe se recusou a sair do quarto de Deuce e Eva e Jase ficou praticamente acampado no hall, na esperança de que ela saísse. Hawk, felizmente, estava mantendo distância, ficando quieto e mantendo Christopher ocupado. Eu tinha que lhe dar

crédito por isso; minha pobre mãe não suportaria uma crise emocional se ambos viessem falar com ela ao mesmo tempo.

Falando de chances emocionais, ainda estava tentando descobrir como trazer o assunto de sua memória, sem perturbá-la ainda mais.

Como de costume, o capítulo do inferno dos Cavaleiros de Montana era uma grande bagunça quente de gordura.

— Eu não dou a mínima. — Cage rosnou, colocando minhas mãos para trás quando usou seu corpo para me empurrar. Minhas costas bateram no balcão do bar e os braços de Cage desceram ao meu redor, me prendendo no lugar.

— Estou com fome. — Disse em voz baixa, com o rosto mergulhado na curva do meu pescoço.

— Eu não sou comida. — Assobiei, enquanto minhas pálpebras tremiam com o que a língua dele fazia atrás da minha orelha.

— Não? — Perguntou, rindo baixinho enquanto seus dentes roçaram meu pescoço. — Então, tudo o que quero é comer sua boceta? Não era isso que parecia quando você estava moendo meu rosto como se estivesse cavando ouro?

Gargalhadas irromperam à minha esquerda e meu rosto aqueceu com mortificação. Cage, no entanto, estava completamente esquecido ou simplesmente não se importava de um jeito ou de outro.

— Por favor, Cage. — Implorei, empurrando-o novamente. — Por favor, não na frente de todos.

Cage levantou a cabeça e puxou-se em toda sua altura, elevando-se sobre mim. — Quero que todos saibam. — Sussurrou. — Que você é minha.

Minha. Sua.

Deus, ele estava me matando. Lentamente. Eu era um mero espectador para a minha própria morte, incapaz de me mover, apenas capaz de ver o tempo todo sabendo exatamente o que estava por vir.

— Dê-me seus lábios, Teacup. — Ele sussurrou, inclinando a cabeça, pressionando sua boca contra a minha. Sua língua deslizou pelos meus lábios, sua mão subiu e seus dedos deslizaram pelo meu cabelo. Antes que eu soubesse o que estava fazendo, eu estava na ponta dos pés, passando os braços ao redor de seu pescoço, beijando-o de volta com igual entusiasmo, esquecendo-me de onde estávamos, esquecendo que estávamos longe de estarmos sozinho.

De todos os homens com quem eu tinha estado, nenhuma das minhas experiências sexuais tinha sido boa assim. Onde eu simplesmente não conseguia me conter e não importava o quanto que Cage exigisse de mim, eu ainda queria mais e mais e mais.

Era muito bom. E tão sexualmente gratificante que ainda assim eu não conseguia manter minhas coisas ao seu redor. Eu tinha que ter mais.

Sua mão direita deslizou por minhas costas, sob a minha camisa emprestada, e até o meu lado, pousando no meu peito. Meus olhos se arregalaram. Já era o suficiente.

— Pare com isso! — Gritei, empurrando-o com todas as minhas forças, conseguindo pelo menos desalojar seu aperto em meu peito.

Tremendo de riso, Cage levantou ambas as mãos no ar, palmas das mãos para a frente. — Acalme-se. — Disse ele.

— Sim, Tegen, acalme-se, porra. Não que todos nós não tenhamos visto Cage com as calças nos tornozelos um milhões de vezes do caralho antes.

Virei-me para Anger, cujo sorriso mal só piorou enquanto eu olhava para ele.

— O quê? — Perguntou ele, dando de ombros. — Você não é a primeira puta que ele estaria levando em cima de um bar. Não será a segunda, terceira, décima ou quadragésima quinta.

Meu olhar se voltou para Cage.

Já não rindo mais, Cage soltou um grunhido irritado. — Muito obrigado, filho da puta. — Ele atirou na direção de Anger. — Vou precisar de um pé de cabra para conseguir abrir suas pernas agora.

Meu queixo caiu.

— Que porra é essa! — Gritei. — O que está errado com você?

Afastando-me dele, saí correndo para o quarto, ferida e humilhada. Mais uma vez. Deus, ele continuava fazendo isso. E eu continuava a deixá-lo fazer. Me irritando, acalmando a dor com poucas palavras, me irritando mais uma vez, me envergonhando e depois afastando a dor.

Por que fui uma idiota me aproximando dele?

Quando finalmente fui capaz de sentar e pensar sobre tudo o que aconteceu, em um curto período de tempo, me senti deslocada. Como se esta não fosse a minha realidade, mas sim uma aventura durante as férias de verão, algo que não podia levar para casa comigo, algo que me deixaria com apenas lembranças.

O que aconteceria na quarta-feira? Será que Cage viria me ver em São Francisco? Será que começaria a fazer visitas regulares para casa novamente? Um fim de semana aqui e ali? Férias? Ficaria com Cage em vez de minha mãe a partir de agora?

E onde estávamos exatamente? Ele disse que me queria na garupa de sua motocicleta, que era dele — mas eu nunca tinha pensado sobre.

Como acontecia, cada vez que eu tentei abordar este tema com Cage, ele não tentava nem mesmo me ouvir, apenas tateava, beijava e me fodia incessantemente.

— Tegen!

Parei, virei e respirei fundo, realmente não sabia o que esperar, antes de me virar para enfrentar Danny.

Em pé cerca de dez metros de mim, Danny me deu um pequeno sorriso. — Eu pensei que talvez você quisesse algumas roupas— disse ela, apontando para o quarto dela. — Isso não foi importado de um designer louco, na França.

Soltei um suspiro de alívio. Confronto. Não podia lidar com mais confrontações. Eu era um desastre de trem emocional cada vez que chegava em casa e, desta vez, oh Deus, desta vez foi muito pior. Bom e ruim. A confusão generalizada, tanto feia e bonita, e que não podia mais negar.

— Mas, primeiro. — Ela disse quando comecei a ir em direção a ela. Eu parei de andar. — Venha aqui.

— O quê?

— Ele está bem? — Ela sussurrou, olhando por cima do ombro. — Ele está feliz?

Olhei para ela, a vi mudar desconfortavelmente, incapaz de encontrar meus olhos. Ela se importava com ZZ, isso era óbvio.

— Ele está bem. — disse eu. — Mas feliz? Não, está longe de ser feliz.

Ela assentiu com indiferença como se eu tivesse lhe dado a resposta que ela esperava. Respirando fundo, ela mais uma vez fez um gesto para o quarto dela. — Roupas?

— Claro que sim. — Murmurei.

Sacudindo o punho, Cage olhou para baixo, onde Anger estava deitado no chão com o nariz sangrando e um lábio cortado. — Não brinque comigo. — Rosnou. — Nunca brinque com a minha merda novamente.

Anger virou a cabeça para um lado e cuspiu um dente junto com a boca cheia de sangue. — Porra. — Disse, tossindo. — Desde quando Tegen é sua merda? Ficou claro para mim que a cadela saltou nas camas, o que faz com que seja nada além puta do clube.

Cage podia sentir o véu negro de raiva começar a tomar posse. Ele sempre começava com um ligeiro tremor, crescendo e crescendo, até que foi um estrondo de corpo inteiro, que ele não podia conter, que o deixou de acordar no meio de uma briga e não muito certificando-se de como tinha chegado lá.

— Não vejo porque você está me dando uma merda, irmão. — Anger continuou quando ele se levantou em uma posição sentada. — A cadela não é nem mesmo toda quente.

A próxima coisa que lembrava era que Cage estava gritando. Gritando e gritando e os braços sendo presos às costas, com os pés voando de debaixo dele quando ele era arrastado para trás por toda a sala.

Eva apareceu em sua linha de visão, olhando preocupada para ele. — Cage! — Ela gritou, estalando os dedos na frente do rosto. — Cage!

Confuso, piscou para sua madrasta. — Calma, porra! — exigiu.

Eva estava muito chateada. E grávida. A última vez que Eva esteve chateada e grávida, foi quando ela quase perdeu Ivy e a sua vida no processo. Olhando por cima em direção ao bar, ele encontrou Anger caído contra ele, segurando uma cerveja ao lado de seu rosto, dando-lhe o olhar feio.

Que merda de sempre.

Quem estava segurando ele de repente puxou-o para cima e para seus pés, em seguida, empurrou-o não tão levemente para o lado. Cage virou para olhar e encontrou Hawk olhando de volta para ele.

— Eu vou acabar com você, irmão. — Hawk cresceu. — Este clube está em bloqueio cheio com mulheres e crianças e se você age feito um louco, vou acabar com você, porra.

Sim. Hawk iria derrubá-lo, foda-se, se ele não batesse em Hawk, em primeiro lugar. Mas depois de mais um olhar para Eva, que sabia exatamente o que estava pensando e não pareceu estar muito feliz com isso, empurrou seus pensamentos de lado e deu-lhes um aceno rápido.

— Você tem sorte de ter seu pai nas costas. — Eva assobiou. — Não tenho certeza que eu poderia ter te salvado de seus punhos desta vez.

A mandíbula de Cage trancou. Salvá-lo? O velho bastardo lhe tinha ensinado a lutar. Tinham a mesma merda de tamanho, tinha o mesmo sangue com raiva quente correndo em suas veias. Esqueceu que seu velho estava se aproximando dos sessenta também.

Foda-se. A quem ele estava enganando? O tanque dohomem ainda poderia tirar seis homens se fosse preciso. Ele sempre olhou para o seu pai por essa merda. Queria ser como ele quando fosse mais velho.

Agora, ele tinha acabado de se contentar com um agradecimento ou um — trabalho bem feito — jogado em seu caminho. Pelo menos uma vez antes de um deles chutar.

— Cage. — Eva avisou. — Preciso fazê-lo ouvir alguns Billie Holiday? Porque eu vou, sabe que vou.

Seus lábios tremeram. Vendo isso, Eva sorriu. — Vá consertar o que você fez. — Ela sussurrou, inclinando-se para perto dele e empurrando-o na direção na qual Tegen tinha fugido. — E por corrigi-lo, eu não quero dizer para deixá-la nua. Quero dizer, na verdade, corrigi-lo.

— Ela vai me chutar no lixo. — Murmurou, estremecendo só de pensar nisso.

A mão de Hawk desceu no ombro dele e apertou. — Não seja idiota, porra. — Disse o homem. — Sentado aqui não fará nenhum favor. Acabará sozinho no final. E, irmão, do jeito que você está agindo pela hippie, sabemos que não quer mais se sentar sozinho.

Ambos Cage e Eva viram quando Hawk girou nos calcanhares e saiu silenciosamente através do clube. O irmão estava mal, estava em sua expressão, na voz, na maneira como ele andava. Seus ombros caíram como se o peso do mundo repousasse sobre eles.

Cage voltou para Eva. — De verdade. — Disse ele. — Ela vai me chutar.

Eva deu de ombros. — Dê uma olhada ao seu redor, Cage. É do caos, onde o tipo mais forte de amor geralmente nasce.

Caos. Bem, ele e Tegen definitivamente tinham essa merda.

Mas o amor verdadeiro, o amor mútuo, o tipo de amor que Eva estava falando? Como você sabe se tem algo parecido?

Tempo, ele percebeu. Com o tempo, você sabe. E então ficou claro para ele ...

Quarta-feira! Eu tenho que estar de volta ao trabalho na terça-feira!

Tegen não mais viveria em Miles City. Tegen viveria na porra da Califórnia. Ela tinha um apartamento, um emprego e provavelmente amigos. Ela passou anos construindo uma vida lá.

Porra, ele estava tão obcecado por ela, dentro dela na verdade, que não tinha dado muita atenção para o que aconteceria e quando o bloqueio terminasse.

Ele não tinha tempo.

Cage invadiu em busca de Tegen. Várias respirações curtas depois, ele encontrou-a fechando a porta do quarto de Danny e Ripper com uma trouxa de roupa em seus braços.

— Isso foi necessário, porra? — Exigiu, andando até ela. — Agir como uma maldita louca?

— Você tem que estar brincando comigo. — Disse ela. — Você está com raiva de mim por reagir ao que você fez? Me apalpar como uma puta de clube na frente de todo mundo e depois dizer que precisa de um pé de cabra para abrir minhas pernas novamente? Você é um doente, filho da puta sexista e o quê? Esperava que fizesse um gabarito,

porra? Dar uma risadinha, desmaiar e curvar-me no bar para que me fodesse na frente de todos?

Cage abriu a boca, então, prontamente fechou. Que porra é essa que disse? Ela estava certa. Ele fez exatamente o que o acusou de fazer.

Ele simplesmente não tinha pensado...

Porra. Ele não tinha pensado.

Bufando, Tegen passou por ele. — Você acha que eu não ouço a metade dos meninos falando sobre como eu pulei camas? Eu sei que eles pensam que sou uma vagabunda, mas você sabe a verdade, não é?

Fazendo uma pausa na frente de sua porta, ela olhou por cima do ombro. — Você sabe melhor, certo?

Jesus, ele não ia entrar em outra discussão sobre se ou não Tegen era uma prostituta de clube.

— Fique dentro do quarto, porra. — Exigiu, seguindo em direção a ela. Agarrando seu braço, ele abriu a porta e empurrou-a para dentro.

— Maldição, Cage! — Ela gritou quando jogou a braçada de roupas para ele. — Pare de me tratar assim! Pare de me empurrar para as salas, pare de falar de mim como se eu não estivesse bem aqui e, sério, pare de agir como seu pai Neanderthal!

— O que fará com ZZ? — Perguntou, ignorando-a. — Precisa de mim para fazer essa ligação ou tem a merda coberta?

Tegen ficou imóvel. — O quê? — Perguntou.

— Você é alguma idiota? — Gritou, sentindo a paciência rapidamente diminuindo. — Precisa lhe dizer que vocês dois tinham, seja o que for, acabou. Dê-lhe o apartamento, que seja, apenas faça-o. Podemos nos preocupar com seus pertences de lá mais tarde.

Os olhos de Tegen queimaram amplos e Cage teve a resposta que ele estava procurando. Ela tinha planejado voltar para casa.

— O que está falando? — Perguntou Tegen. — Por que daria a ZZ meu apartamento?

E estupidamente, ele tomou um passo adiante. — Disse que queria que fosse minha garota, porra. Você concordou.

— Sei disso! — Retrucou. — Ainda não vejo o que o assunto tem a ver com o meu apartamento.

Cage se perdeu. Para uma garota tão inteligente, com certeza ela acabou por ser uma adulta idiota.

— Porque minha garota não vai viver a três estados longe de mim! Especialmente com outro cara! Que porra de tipo de merda que está pensando, Tegen?

— Ah, é mesmo? — Tegen zombou. — Pode me dizer o que mais deveria ou não fazer? Existe um manual para quem senta na garupa de uma motocicleta que deveria ler? Oh, não, espere. — Continuou, com a voz cheia de sarcasmo. — Eu esqueci. Nenhum de vocês sabem ler. Exceto ZZ.

— Se acha — Gritou — que pulará camas novamente após essa merda com a gente, você está errada.

— Pular camas? — Ggritou. — Antes deste fim de semana, estivemos juntos uma vez, Cage! Uma vez, pelo tempo de dois minutos após o qual você basicamente disse que não queria mais nada a ver comigo! Não saltei camas! Você me dispensou e fui ser feliz com outra pessoa.

Deus, merda! Por que ela era tão louca o tempo todo? Por que não conseguia ter mais de cinco segundos de normalidade para ele?

— Você quer me deixar louco? — Gritou. — O que quer de mim, sua puta? Caralho, diga-me para que eu lhe possa dar e você possa fechar a porra da boca!

Ele não ficou surpreso quando, depois de jogar as roupas, ela lançou-se para ele. Ele esperou um pouco antes de rapidamente contorná-la e passar o braço em volta de seu estômago quando ela explodiu contra seu corpo. Ele levantou-a fora de seus pés e soltou-a através dos dez metros entre ele e sua cama.

— Cage! — Gritou quando sentaram. — Pare de me maltratar!

Cage de repente sentiu-se esgotado. Ela era exaustiva. Odiava esse vai-e-vem constante. Lembrou de seu pai, de seu relacionamento fodido, e que era a última coisa que queria que essa merda com Tegen se tornasse.

— Jesus. — Disse ele, passando as mãos pelo seu cabelo enquanto se afastava dela. — Isso não é como eu quero que essa merda dê certo.

Por que as mulheres eram tão filhas da puta?

Ele sabia que essa merda não era apenas uma festa foda de fim de semana. Ele podia sentir a verdade, sabia por seu instinto cada vez que tinha estado dentro dela, trabalhando-a, observando, sentindo seu corpo apertar e soltar, sentindo sua reação a ela e que filho da puta de reação impressionante era.

Estava tão dentro dela quanto ela estava fodida nele. Você não poderia fingir esse tipo de merda. Ele esteve com demasiadas mulheres, ele sabia o que era o quê.

E, no entanto, ela ainda estava agindo como uma maluca.

Jesus, esta cadela estava transando com ele. Fazia-o pensar uma coisa e depois outra e depois outra e depois ele estava de volta no início de novo sentindo todos os tipos de confusão. Seu cérebro parecia que tinha sido amarrado a um pelourinho.

Do caos, o tipo mais forte de amor geralmente é nascido.

Quando Eva se tornou a filha da puta de Buda? Mas... vindo da mulher que freou o seu velho, imaginava que só poderia haver alguma verdade nessa afirmação.

Quando Tegen ainda não tinha respondido com outro comentário espertinho, Cage virou-se e encontrou-a de pé apenas alguns centímetros de distância dele. Ela ficou imediatamente nas pontas dos pés e atirou os braços em volta de seu pescoço, trazendo seu rosto para a dela.

— Sinto muito. — Ela murmurou, beijando-o suavemente. Sua língua deslizou dentro de sua boca e se enroscou com a sua própria, enquanto suas mãos caíram de seu pescoço até os ombros e, em seguida, viajaram mais baixo, sobre o peito e estômago e depois...

— Espere. — Disse ele, agarrando-lhe os pulsos e segurando as mãos ainda. Assustada, ela olhou para ele.

— Você acabou de dizer... você está arrependida?

Sua testa enrugou. — Sim.

Ele a olhou boquiaberto. — Você, Tegen Louise Matthews, apenas disse que estava arrependida?

Seu lábio superior tremeu. — Sim. — respondeu. — Pensei que se o mais renomado gigolô do mundo pode se desculpar, eu também posso.

Era a sua vez de fazer uma careta. Ele estava realmente doente de todas as suas escavações em referência à sua história sexual, mas não queria mais lutar, então manteve sua boca fechada e deixou passar.

— Posso continuar tirando as calças agora? — perguntou.

— Se eu deixar, você vai tirar esse maldito olhar sujo de seu rosto?

— Talvez.

— Baby, eu vou precisar de uma garantia ou é um não agora. Eu não posso ter a porra de uma cadela que está olhando para mim como se estivesse lavando roupa. Não tenho certeza se meu ego pode levar um golpe como esse.

Ela começou com apenas uma mera contração de seus lábios, mas rapidamente se transformou e Cage se encontrou olhando estupefato como a mulher na frente dele. Ela estava rindo.

Tegen.

Rindo.

Ele ficou instantaneamente duro.

— Mantenha esse sorriso. — ele rosnou, se afastando para trás. — Essa merda fica bem em você.

— Cale a boca. — disse ela, sorrindo. — E foda-me.

Ele empurrou-a de volta na cama e pulou em cima dela.

Risos transformam-se em risos histéricos e Cage parou o que fazia e só a observou rir. Merda, ela parecia jovem. Seu nariz amassado, o rosto rosado e tentava respirar entre crises de riso.

Sem carranca. Não havia linhas com raiva. Não havia olhos estreitados ou lábios apertados. Parecia jovem, fresca e bela, porra.

Cage impulsionou-se em ação. Sem saber quando ele conseguiria uma chance como essa novamente,não ia perdê-la. Depois de despi-la o mais rápido que podia, ele estendeu a mão, pegou um preservativo do criado mudo e...

Tegen engasgou com sua entrada dura. Em seguida, a surpresa dela se transformou rapidamente em um sorriso.

— Está melhor, querida? — Perguntou, sorrindo para ela.

— Seu pau deve tornar-se um dignitário das Nações Unidas — Disse ela.

O corpo de Cage sacudiu com o riso. — Eu te amo, Teacup. — Disse, sorrindo. — Sempre te amei. Só não percebi isso até agora.

Seu gemido surpreso o fez sorrir.

— Agora, e a porra do apartamento em Cali?

Abaixo dele, o corpo de Tegen tremeu violentamente. Quando o queixo começou a tremer, ele segurou o rosto dela e segurou-a ainda.

— Baby? — Perguntou delicadamente.

— O que farei aqui? — Sussurrou.

— Sabe exatamente o que fará aqui. — Sussurrou de volta, saindo dela lentamente e depois entrando lentamente.

— Você colocará sua bunda magra na garupa da minha motocicleta, se mudará para a porra da minha casa, cozinhará e limpará e me foderá sempre que eu quiser.

Quando seus olhos arderam com raiva, rosnou. — Cale a boca. — Depois de uma pausa, durante a qual conseguiu encará-la com ternura, continuou. — Fora isso, pode fazer qualquer merda que quiser. Conseguir um trabalho, começar a escrever os livros dos quais sempre falava.

Por um momento, nenhum deles se moveu, então a boca de Tegen abriu e Cage estremeceu internamente, esperando que ela estivesse com ele. Mas em vez de falar, sua respiração estremeceu fortemente de seu peito e sua boca fechou.

— Tudo bem. — Ela sussurrou e ele podia ver o medo em seus olhos verdes. Combinava com o medo dentro de si, o medo de que ele estivesse tomando a decisão errada, que eles não funcionassem juntos, que isso iria acabar em uma catástrofe de luta.

A única coisa era... a felicidade que ele sentia superava seus medos.

]

CAPÍTULO DEZENOVE

Murmurando maldições, Deuce continuou rapidamente pelo corredor de volta, até que chegou ao quarto de Jase. Agarrando a maçaneta, ele torceu e empurrou a porta. Assim que a fechou atrás de si, ele tirou o corte e puxou sua camiseta sobre a cabeça, em seguida, jogou as duas peças de vestuário em toda a sala. Ainda amaldiçoando, estendeu a mão para a fivela do cinto, parando quando duas mãos pequenas e macias cobriram as suas.

Os grandes olhos cinzentos de Eva se encontraram. — Baby. — Disse suavemente. — Você precisa se acalmar.

— Sim. — Ele murmurou, empurrando as mãos dela. — Não vai acontecer, gata. Eu sou a merda estúpida que bateu seu rabo para cima novamente. Já tenho o suficiente da porra de problemas, não precisa adicionar perder você a minha maldita lista.

— Você queria mais filhos.

Empurrando para baixo seu jeans, Deuce saiu deles e, afastando-se de sua esposa, dirigiu-se ao banheiro.

— Sim. — Ele murmurou para si mesmo. — Porque caralho, é só eu olhar para sua bunda e fico duro. A verdade é que você não deve ter mais bebês.

— Ei! — Eva quebrou e ele parou de andar e se virou para olhar para ela.

— Muitas mulheres têm filhos quando elas estão mais velhas do que eu.

Bufando, ele balançou a cabeça. — Não estou falando de você. Eu não estou chamando você de velha, querida. Estou me chamando de velho. Quase sessenta anos, Eva. Que tipo de merda de pai que eu vou ser para este garoto? Seja ensinando ele ou ela a andar quando eu não posso nem andar sozinho?

Eva começou a rir. — Não pode andar? — Ela disse entre suspiros. — Você? Querido, você está mais em forma do que a metade dos seus garotos! Quer dizer... — Ela parou e Deuce assistiu seus olhos vagarem lentamente para baixo e fazer a volta em seu corpo. Seus olhos escureceram e sua expressão mudou.

— Você é lindo. — Sussurrou, encontrando seu olhar.

Suas narinas inflamaram. — Não comece essa merda comigo, cadela. — Disse ele, em voz baixa, seus olhos atirando na direção de onde a filha mais nova dormia no sofá. — Quando não pode terminá-lo, caralho.

O sorriso mecânico de Eva causou um aperto em seu corpo. Mesmo agora, ele estava com quase sessenta, ela empurrando quarenta e ele ainda não conseguia o suficiente dela. Ou que maneira louca, ela olhava para ele. Suave. Cheio de tudo o que faltava dentro dele. Foi da mesma forma que ela olhou para ele quando tinha 16 anos de idade, sentada em uma mesa de piquenique, pronta para jogar fora toda a sua vida... por ele. Abatido, um criminoso amargo 18 anos mais velho que ela.

— Banheiro. — Disse ela, apontando.

Ele balançou a cabeça. — A única coisa que farei naquele banheiro é tirar o fedor do meu maldito corpo velho.

O nariz de Eva enrugou. — Estou grávida e com tesão e você não está nem um pouco divertido.

Rindo baixinho, ele voltou a andar. — Eu te disse, baby, sou um velho.

— Antiquado. — Ela murmurou, seguindo atrás dele.

Dentro do banheiro, Deuce se inclinou sobre a banheira e ligou o chuveiro enquanto Eva se empurrava para cima da banheira. Inclinando-se para trás contra a parede, ela colocou as duas mãos em seu estômago ainda pequeno, mas inchado e suspirou.

— É um menino. — Disse ela, sorrindo com carinho.

Os olhos de empate queimaram. — Você descobriu que merda é esta, porra mesmo depois que disse que não queria saber?

Sorrindo insolente, ela balançou a cabeça. — Não. Eu só tenho um sentimento.

Balançando a cabeça, ele baixou a sua boxer e entrou na banheira. Deixando a cortina aberta, observou Eva observá-lo.

— Ele se parece com você, sabe.

— Você tem visão de raio-x?

Rindo, Eva sacudiu a cabeça. — Não. Cage. Cage parece com você nessa idade.

Deuce fez uma careta. — Grande coisa. Ele não tem a cabeça no lugar.

Eva levantou seu ombro. — Tegen pode mudar isso. — Disse ela, estudando-o.

Fechando os olhos, Deuce inclinou o rosto para cima sob o fluxo constante de água quente e exalou um suspiro. — Bom eles terem botado tudo para fora. Com certeza nenhum de nós pode mudar o passado.

— Acho que é mais do que isso. — Continuou Eva. — Mick me disse o quão chateado ficou quando descobriu sobre ZZ.

Pegando o sabonete, Deuce passou rapidamente para cima e para baixo de seu corpo. — É melhor não estar. — Ele resmungou. — A

cadela da Tegen não está talhada para esta vida. Quando eu passar a presidência, Cage vai precisar de uma senhora de idade que vá ficar ao lado dele, não uma cadela que fode a cada pequena coisa.

— Dá-lhe alguma folga. — disse Eva. — Olha o que aconteceu com sua mãe.

Olhou na direção de Eva. — Baby. — Rosnou. — Merda nenhuma. Sinto pela D, você sabe que sinto. Venho tomando conta dela tanto quanto ela me deixa, mas a verdade é que ela não é material para Old Lady. Seu final feliz com Cage significa que estará onde está agora e ela não tem a atitude certa para ele. Ela ainda está cuspindo como uma louca, provavelmente sempre estará. Não posso ter o meu clube e a família de meus meninos separados porque Tegen não conhece seu maldito lugar.

— Ela ama o seu filho, Deuce. — disse Eva suavemente. — Sempre amou. Isso não conta para alguma coisa?

Xingando, Deuce saiu debaixo da água e do chuveiro. Chegando ao balcão, Eva pegou uma toalha da prateleira e jogou-a em sua direção. Ele secou rapidamente e atirou a toalha ao chão. Atravessando a pequena distância entre eles, Deuce colocou as mãos em cada lado de Eva e se inclinou para frente.

— Não diga merda. — Disse rispidamente. — Não aqui, querida. Você ama o homem, você ama a vida. Simples assim. Você conhece esta merda.

— E se ele a ama também?

Deuce fez uma pausa. — Está querendo me foder? Cage? Você acha realmente?

Eva deu de ombros. — Acho que poderia ser. Pelo que eu vi, acho que está quase lá.

Não é bom. A última coisa que ele precisava era seu único filho apaixonado profundamente por uma hippie louca. A próxima coisa que saberia, Cage correria para São Francisco usando flores no cabelo ou alguma merda estúpida e depois? Entregaria seu clube para Ripper?

Foda-se essa merda. Ripper tinha seu bebê e isso era tudo com que o babaca ficaria.

Se o que Eva disse era verdade, que Cage estava prestes a ser pego em uma boceta cheia de areia movediça, esmagaria essa merda. Agora.

— Vem cá, meu bem. — Disse ele, enganchando as mãos por baixo os braços de Eva e deslizando-a para frente. — Se você quiser pau, terá cinco minutos antes de eu sair.

Eva apertou os lábios e seus olhos dançaram com o riso.

— Eu te amo. — Disse ela, rindo.

Ele bufou. — Baby. Sim.

CAPÍTULO VINTE

Na orla da cidade, no ponto de encontro, Dirty desligou o motor, mas permaneceu sentado em sua motocicleta. Ele não tinha certeza se seria capaz de manter sua merda junta. Não quando ele ficou cara-a-cara com Mooresville. Não depois de passar um fim de semana inteiro e mais um pouco vendo Ellie sorrindo, ouvindo sua risada, olhando-a dormir de seu saco de dormir improvisado no chão. Seu ronco leve, seus murmúrios sonolentos e espasmos nas pernas, ela chutando as cobertas para fora, permitindo-lhe ver a camiseta subindo por seu corpo, expondo a barriga lisa.

Ele não dormia há dias, com medo de ter outro pesadelo e atacá-la novamente, mas não se importou. Estava muito ocupado com ela, chocada, confusa, fora de si, pensando constantemente sobre o som de seu nome real, o movimento de sua boca generosa quando ela disse isso, a sensação de sua pele molhada sob suas mãos, a contestação de seu olhar no beco.

Ele queria transar com ela tanto que doía. Doía porque ele estava apavorado. Morrendo de medo.

Ele havia sido estuprado por uma mulher, estuprado por um homem e estuprado mulheres.

Nunca esteve com uma mulher. Não da maneira como os outros homens estavam com as mulheres.

E ele nunca tinha beijado uma mulher.

Nunca.

Foda-se ele, esqueça o beijo, ela não poderia ser tocada. O pensamento de Ellie tocá-lo... assim... deu-lhe uma ereção do inferno mesmo que sua pele tenha se arrepiado, ondulando com nojo.

Sim. Foda-se essa merda. Ele e Ellie; nunca aconteceria, a menos que partisse dela. Nunca dele.

Apenas se certificaria de que Mooresville ficasse longe da puta.

Porque, a única coisa que sabia com certeza era que ele não queria que Ellie fosse embora. Ele queria mais sorrisos. Mais risos. Só queria estar perto dela. Ou, pelo menos na mesma cidade que ela.

Talvez ele pudesse levá-la para um passeio em algum momento... na parte de trás de sua moto.

— Foda-se!

Dirty olhou por cima e encontrou Cage cara a cara com Cox, empurrando o irmão para trás.

— Caralho, toque-me de novo, menino. — Cox rosnou. — E eu vou acabar com você.

As narinas de Cage queimaram descontroladamente. — Caralho acabe então, seu estúpido filho da puta, faça isso porra!

— Eu vou acabar com vocês dois, se não calarem a boca! — Deuce rugiu.

Dirty revirou os olhos e olhou para longe. Cage tinha estado fora de sua mente desde que tinha acordado na terça de manhã e descoberto que Tegen tinha escapado no meio da noite. Ele tinha bebido excessivamente, desde então, provocando brigas e simplesmente sendo miserável.

Porra de mulheres dramáticas. Dirty balançou a cabeça. Talvez ele devesse ser feliz por não poder ter qualquer tipo de relacionamento normal com uma fêmea. Se os casais ao seu redor eram exemplos de como os relacionamentos eram, ele meio que se sentia sortudo. Ele tinha a maldita certeza que não estava emocionalmente preparado para lidar com cadelas loucas como Kami, Tegen, ou mesmo Danny, porque tão normal quanto parecia, ela matou uma mulher. Colocou dois tiros na ex-namorada de Ripper. Algo assim definitivamente constituía como mulher-louca.

— Dirty.

Ele olhou para cima para encontrar Deuce pé ao lado dele.

— Prez?

— Ele vai foder tudo. — Disse Deuce, apontando o polegar por cima do ombro na direção de Cage.

Bem ... duh. Cage não tinha parado de beber desde ontem de manhã.

— Preciso de você para colocá-lo em sua moto e levar sua bunda de volta para sua casa.

A testa de Dirty franziu. — Agora?

— Sim, porra agora. Você acha que eu preciso que ele aja como um louco uma vez que Mooresville e seus meninos aparecerem? A tensão vai ser alta, todo mundo já está na expectativa de uma luta. Eu não preciso do meu maldito garoto agindo como louco porque perdeu sua nova vagina.

— Eu posso ouvi-lo, porra. — Disse Cage com a voz arrastada. — E eu não estou louco por causa de uma maldita cadela.

Ambos ignoraram.

— Peça para outro. — disse Dirty. De jeito nenhum ele iria sair, não antes de ver o chefe.

— Não. — Disse Deuce. — Eu estou lhe dando uma ordem, Dirty. O que significa que deve cumprir.

— Não faça isso, Prez. — Dirty disse rapidamente quando pulou da moto e ficou de pé. — Eu preciso estar aqui. Preciso ter certeza.

Deuce agarrou a gola do casaco e puxou-o sobre a sua moto, em seguida, com um forte empurrão mandou-o tropeçando para trás.

— Você acha que eu não sei a porra que você precisa? — Ele gritou, avançando sobre ele. — Eu venho cuidando de tudo o que precisa desde que você era apenas uma maldita criança! Não importa o que ou quem você necessite, eu sempre cuidei disso, sim?

As mãos de Dirty fecharam-se em punhos em seus lados. — Você não pode tirar isso de mim agora. Eu preciso estar aqui.

O braço grosso do Deuce disparou e sua mão se fechou ao redor da garganta de Dirty. — Eu entendo, Dirty. — Deuce rosnou baixo, trazendo-os cara a cara. — Eu, caralho, entendo isso. É você que não está entendendo. Temos um monte de rolos para resolver no nosso caminho hoje à noite e se essa merda ficar feia porque você está sentindo algo por uma mulher pela primeira vez em sua vida, vou colocar sua bunda doente e torcida no chão.

A adrenalina em Dirty disparou, fazendo com que o sangue corresse nas veias, o coração batesse com mais força e as suas mãos tremessem. Deuce nunca tinha falado com ele assim. Nunca.

— Deixei você correr solto desde que o trouxe aqui, fazendo qualquer merda que você sentisse vontade de fazer, mas isso não acontecerá hoje na noite com a porra dos russos. Precisamos desta merda dando certo, o clube precisa disso, e os malditos demônios precisam disso. Sei que se preocupa com a Ellie, eu também, mas se eu

ceder, você vai foder com meus meninos e minha família, por causa de uma cadela que bebeu demais e fodeu com a porra do homem errado.

— Prez. — Ele murmurou, lutando para ter uma boa respiração. — Ele tem que ir para o chão.

O aperto de Deuce em seu pescoço aumentou. — Por quê? — Perguntou ele. — Por que ele fodeu com alguma vadia, por que você está se preocupando? Com quantas cadelas transou, Dirty? Você precisa morrer por elas também?

Dirty olhou nos olhos da pessoa solitária que já tinha mostrado a ele qualquer tipo de bondade, que lhe dera uma família, amigos e uma vida, um homem que respeitava e amava. Um homem pelo qual de bom grado iria morrer. Um homem que, se o matasse, Dirty consideraria uma honra morrer em suas mãos.

— Sim. — Ele engasgou. — Preciso.

As narinas queimaram e seu controle sobre a garganta de Dirty caiu. Dirty imediatamente se afastou, agarrando seu pescoço e tossindo. Mas antes que ele pudesse recuperar sua respiração, o punho de Deuce rachou para o lado de seu rosto antes dele cair no chão como um saco de batatas. Dirty podia jurar que sentiu seu cérebro atingir o topo de seu crânio antes de se estabelecer em seu lugar.

— Que seja a última vez. — Deuce cuspiu, de pé sobre ele. — Você diz isso de novo e eu vou quebrar as suas duas pernas, porra. Agora, pegue sua bunda para cima e tire Cage daqui.

Deuce estendeu a mão e ofereceu-lhe um braço, permitindo ser ajudado a levantar. Uma vez de pé, Deuce empurrou-o na direção de sua moto onde Cox, Cage, Tap e Mick estavam olhando para eles.

— Parem de ficar parados por aí como um bando de idiotas — Deuce rosnou. — Dirty, pega meu filho bêbado e leve-o para casa de Cox, fique em posição de franco atirador.

Dirty olhou para Mick, que lhe deu um olhar duro. — Se você não colocar a sua bunda na engrenagem, vou te matar e depois mijar no seu túmulo.

— Vamos. — Disse ele, empurrando Cage em direção a sua moto. — Mas se você me tocar, idiota, eu vou te arrancar das costas e dar merda de novo.

— Quem diabos iria querer tocar em você? — Cage murmurou bêbado. — Você acha que tomar um banho e fazer a barba faz a diferença, porra? — Cage caiu na gargalhada. — Cadelas não dão a mínima para nada... e elas são todas fêmeas. Putas fodidas, na verdade. Não dão a mínima para ninguém, apenas a si mesmas. E você não saberá disso até que seja muito tarde.

— Irmão. — Dirty rosnou quando ele montou sua motocicleta. — Cale-se, filho da puta e só comece a seguir em diante.

— Tudo bem. — Cage arrastou. — Mas não diga que eu não avisei.

— Eu não vou. — Dirty murmurou. — Acredite em mim.

Ellie descruzou as pernas e imediatamente cruzou-as novamente e começou a bater o pé no chão. Mais uma vez.

Dirty tinha ido embora há mais de uma hora, para se encontrar com Daniel e com quem mais eles estavam reunidos. Porque, ela não sabia, e Dirty não iria dizer a ela. Tudo o que disse era que tinham alguns negócios do clube para cuidar e que ele iria se certificar de que Daniel nunca chegasse perto dela novamente.

Ela engoliu em seco. E se alguma coisa tivesse dado errado? Quanto tempo demoraria os negócios de um clube em uma cidade tão pequena? Melhor ainda, o que era exatamente os negócios do clube?

Não importava. Ela não queria saber o que o negócio do clube era. Se ela já estava presa como um acessório para... o que fosse, ela queria passar no seu teste de detector de mentiras.

Olhando ao redor da sala, se perguntou como todo mundo estava tão calmo. Eles não estavam com medo dos homens? Ellie focou em Kami, que conversava animadamente com Eva, reclamando em voz

alta sobre um par de sapatos, como se não se importasse nem um pouco que Cox tivesse ido resolver... negócios do clube.

O mesmo acontecia com Eva. E com a mulher de Mick, Adriana.

Todas pareciam estar trancadas dentro de um edifício fortemente protegido por uma semana, só para ter seus homens as deixando para — consertar— qualquer negócio que necessitasse atenção, era um acontecimento perfeitamente normal, todos os dias para elas.

— Você está bem, garota?

Ellie olhou para cima para uma mulher de cabelos negros com a roupa extraordinariamente justa que sentou ao lado dela no sofá. Ela parecia ter vinte e poucos anos, era bonita, cheia de curvas, tinha um braço cheio de tatuagens com crânios, usava muita maquiagem nos olhos, e tinha unhas perturbadoramente compridas, pintadas de azul que dava um ponto ameaçador.

— Christina? — Perguntou. Havia tantas pessoas aqui, ela não conseguia assimilar.

Tirando o chiclete na boca, a mulher acenou com a cabeça. — Sim. Eu sou a garota do Bucket, disse ela, apontando para outro lada da sala onde Bucket estava. — Quando ele está com vontade de ter uma garota.

Ellie franziu o nariz. Quando ele estava com vontade de ter uma garota? O que isso significava?

Christina deu um sorriso malicioso. — Você não anda curtindo muito a vida, né?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim, garota, essa merda não é para qualquer um. Quero dizer, Bucket não é santo e o pau dele não tem vinte centímetros, mas ele faz essa coisa de torcer a língua...

Vendo o olhar no rosto de Ellie, Christina parou e encolheu os ombros.

— Mas não importa o que, se ele estiver querendo uma senhora ou querendo uma só para brincar, o meu homem sempre tem cuidado de mim, então eu aprendi a apreciar isso, sabe?

Ellie não sabia, mas balançou a cabeça, olhando como Christina tirava um maço de cigarros da frente de sua camiseta. Ellie arregalou os olhos. Sua camiseta estava colada ao corpo. Como colava o pacote lá sem que fosse perceptível?

Depois de acender um, ela ofereceu o maço a Ellie. — Quer? Parece como se pudesse usar um pouco de plantas para relaxar.

A testa de Ellie enrugou. — Relaxamento herbal? — repetiu silenciosamente.

O sorriso mecânico de Christina a fez sentir-se como uma solitária no grupo que não tinha entendido a piada.

— Ei, menina. Nunca? Maconha?

O rosto de Ellie ficou quente. Agora ela realmente se sentia estúpida. — Eu nunca tentei. — Disse ela suavemente.

— Imaginei isso, menina. Aqui. — Ela estendeu a mão e o ofereceu a Ellie. — Experimente, vai ajudá-la a relaxar.

Ellie olhou por um momento antes de pegar. Ela realmente precisava relaxar, e então deu de ombros e levou-o aos lábios.

Quando em Roma... ou melhor, quando em confinamento com um bando de criminosos...

Cage saiu tropeçando com Dirty no estacionamento e entrou no clube. Olhou rapidamente no quarto da frente, mas não encontrou nenhum sinal de Ellie e voltou imediatamente para a sala.

— Dirty! — Eva chamou. — O que aconteceu?

Ele não se preocupou em se virar. — Não sei. — Gritou. — Eu fui mandado para a casa, porra.

Alcançando a porta, ele encontrou o desbloqueio e abriu-a. Ellie olhou para cima estava sentada em sua cama, jogou de lado o saco de batatas fritas que estava comendo, e ficou de pé.

— Você voltou!

Dirty a olhou. Ela usava a camiseta que mal chegava ao fim da sua bunda. E uma cueca branca. E foi isso. Olhando para o contorno de sua boceta, seu pau começou a pulsar.

— Tenho que ir. — Disse, virando rapidamente.

— Espere! O que aconteceu? O que aconteceu com a sua mandíbula?

Dirty se voltou para ela. — Não sei o que aconteceu ainda. Deuce me mandou de volta.

Com um sorriso bobo no rosto, Ellie deu vários passos em sua direção. Ele manteve os pés firmemente plantados no chão, apesar da coceira nervosa em suas veias, implorando-lhe para correr para ela.

— Estou feliz. — Disse com a voz e ofegante. Ela estava quase em cima dele agora, olhando-o com aqueles grandes olhos azuis, olhos que estavam vermelhos como o inferno. — Estava preocupada com você.

Observando-a, franziu a testa. — Você bebeu?

Ellie explodiu em risos e Dirty teve sua resposta. Seus pensamentos foram para a sarjeta e ele começou a se perguntar o quão fodida ela estava e o que poderia tê-la levado a estar no estado que estava.

— Você é realmente muito bonito. — Ellie continuou em um sussurro. Dirty viu o seu braço levantar, viu sua mão vindo em direção

a seu rosto e ficou rígido. Por um momento, foi incapaz de se mover, piscar, sequer respirar e então...

A palma da mão macia e ligeiramente úmida conectou com seu rosto e seu corpo estremeceu involuntariamente através de sensações desconhecidas do toque.

— Você poderia ser um modelo. — Disse ela.

Seus olhos estavam espremidos quase fechados. Ele pensou que nunca queria ouvir essas palavras de novo, mas vindo de Ellie, não o deixava louco de raiva, em vez disso...

Doeu. Doía para caralho.

Isso o fez desejar que pudesse apagar o seu passado, ser um homem diferente, alguém que fosse digno do rosto que lhe tinha sido dado, aquele que não tinha sido mastigado e cuspido repetidamente por causa disso. Aquele que não tinha se tornado tudo o que ele odiava.

Sentiu a mudança da mão de Ellie em sua bochecha e seus olhos se abriram bem a tempo de assistir os lábios de Ellie encontrar os seus. A náusea subiu em seu estômago, fazendo com que começasse a tremer. Que porra é essa? Que porra que ele deveria fazer? Ele não sabia, ele não sabia porra, porra, ele não sabia porra!

Uma lágrima nasceu da frustração e deslizou do canto dos olhos e pelo nariz, caindo em seus lábios; os olhos de Ellie se abriram e então sua mão, seus lábios, tudo tinha desaparecido.

— Meu Deus. — Sussurrou, limpando o polegar sobre o lábio inferior, vendo a umidade de sua lágrima lá. — Sinto muito, Michael. — Ela respirou enquanto se afastava dele. — Eu não queria...

Não, ela não podia beijá-lo e depois nada. Sua mente girava. Ele a queria. Estava doendo por ela. Mas não sabia o que deveria fazer. Ele não podia beijá-la, não poderia continuar deixando-a tocá-lo.

Ele bateu nela por trás, atingindo imediatamente envolta de seu corpo, cercando seu estômago e batendo a mão sobre sua boca antes de seu grito assustado se transformasse em gritos.

Ellie gemeu debaixo da sua mão e Dirty sentiu a pontada de culpa lançar através de seu intestino.

— Não vou te machucar, baby. — Sussurrou com voz rouca. — Você confia em mim, certo?

Baby.

O termo carinhoso tinha saído tão facilmente de sua boca e ele ainda estava congelado em choque. Ele nunca chamou uma vez sequer uma mulher de qualquer coisa que não fosse o seu nome ou algum termo pejorativo.

Até agora.

Vários segundos tensos se passaram antes que ela balançasse a cabeça rapidamente. O alívio o encheu. Ela confiava nele. Ela confiava nele, porra. Ele não ia perder isso. Não trairia isso.

Ele lançou sua boca e envolveu outro braço ao redor da cintura dela. Inclinando a cabeça para baixo para sua orelha, ele sussurrou, — Eu não sou um bom homem. Eu fiz merda ... Fiz algumas merdas muito ruis e agora, é muito malditamente tarde para mim. Não sou e nunca vou ser um bom homem.

Debaixo de seu abraço, Dirty sentiu o corpo de Ellie tenso. Sua frequência cardíaca aumentou dez vezes. Mais do que provável que ela não ia querer nada com ele depois disso. E ele iria lidar com isso. Iria libertá-la, deixá-la sair da sala, do clube e de sua vida. Seria melhor para ela se ele fizesse isso. E ele não teria que andar em torno do pavor de que iria machucá-la.

— O que você fez? — Ela sussurrou. — O que acha que não pode ser perdoado por mim?

Fechando os olhos, ele respirou fundo antes de abri-los novamente. — Essa é a última vez que você vai me pedir isso. Eu vou ser direto com você, nunca vou te dizer o que fiz, porque não quero nunca ver você olhando para mim diferente da maneira como você estava olhando quando eu entrei pela primeira vez neste quarto. Dito isso — continuou com a voz rouca. — Quero ferozmente estar dentro de você, baby.

A respiração de Ellie lançou uma lufada de ar quente e ele sentiu seu estômago expandir contra seu aperto.

— Eu acho... — Ela disse baixinho — Que quero você também.

Um desejo quente e inebriante, correu através de seu corpo já tremendo. Queria tanto transar com ela; queria colocá-la de bruços em sua cama e fodê-la forte e rápido por trás.

Mas, ao mesmo tempo queria sentir aqueles lábios novamente, contra a sua boca, em seu corpo, envolvendo em torno de seu pênis, levando-o em sua boca.

E, no entanto, ele não poderia fazer qualquer coisa. Ele não podia transar com ela da mesma maneira que tinha fodido tantas prostitutas, em sua cama, praticamente inconscientes, recusando-se a olhar para elas. E ele não podia permitir que ela o tocasse, não sexualmente, não sem se tornar violento ou doente, ou um filho da puta de ambos.

— Eu estou tão fodido. — Continuou ele, a voz embargada. — Eu não posso ter... uma mulher.

— Michael. — Disse ela, e ele podia ouvir as lágrimas sufocando em sua voz. — Não temos que ficar... juntos. Podemos ser amigos. Eu quero ser sua amiga.

— Por quê? — Ele perguntou com a voz entrecortada. — Por que uma mulher como você quer ter algo a ver com um homem como eu?

— Você pode ter feito coisas ruins. — Ela sussurrou entre lágrimas. — Mas você não é um homem mau, Michael. Você salvou a minha vida, e fez isso porque você tem um bom coração. Agora eu quero fazer o mesmo por você.

O coração de Dirty explodiu.

Ele estava fodido. Mortalmente fodido para caralho.

CAPÍTULO VINTE UM

— Então, é apenas nos braços ou tem outras tatuagens?

Afastei meus olhos longe da janela e voltei para o homem do outro lado da mesa. — Humm?

Ele gesticulou para meus braços com o garfo coberto de homus[7]. — Suas tatuagens. — Disse ele. — Você tem mais?

— Oh. — Disse suavemente. — Sim, estou coberta delas.

— Isso é tão quente. — Respondeu ele, sorrindo. — Eu amo mulheres que não estejam em conformidade com os ideais da sociedade.

Sentando em minha cadeira, levantei uma sobrancelha. Por que diabos eu tinha concordado com isso? Ah, certo, porque Hayley é uma cadela persistente determinada a me casar com algum idiota.

Na semana passada tinha sido um personal trainer chamado Todd que, obviamente, frequentava um salão de bronzeamento mais do que a maioria das mulheres. Ele adorava conversar, mas apenas sobre si mesmo e era incrivelmente louco. No meio do jantar, incapaz de comer não suportando mais um segundo do caso de amor de Todd

[7] Homus ou húmus é um alimento típico da cultura árabe feito a partir de grão-de-bico cozido e espremido, taíne, azeite, suco de limão, sal e alho.

com ele, empurrei a cadeira para trás, me levantei e disse: — Realmente, isso foi ótimo, eu absolutamente adorei ouvir tudo sobre o seu índice de massa corporal e como seus músculos abdominais são sexy, mas estou realmente precisando de uma chave de fenda.

Coitado parecia tão confuso.

— Uma chave de fenda. — Repeti. — Preciso para trocar um circuito no meu crânio para tentar apagar esta última hora dolorosa da minha vida.

E esta semana foi David, o analista de sistemas. Imaginei que fosse alguém decente para ter um relacionamento. Outro moderno, como se já não bastasse nesta merda de cidade, com cabelo desgrenhado e um amor por jeans skinny. Mas ele era chato e tinha a personalidade de uma pedra. Eu quase preferi estar com o perfeito Todd porque pelo menos então teria algo para me divertir mentalmente.

Suspirando, cruzei os braços na frente do meu peito. Eu tinha prometido a Hayley, concordei com esta merda por um tempo, mas o mais importante, prometi a mim mesma que, quando voltasse de Miles City eu não me iludiria com coisas que nunca poderia ter.

Eu disse a mim mesma, em termos inequívocos, que daria o fora em ZZ do modo mais gentil possível e depois iria dar a outro homem uma chance. Disse a mim mesma que iria finalmente começar a lutar pelo meu objetivo de algum dia me tornar uma escritora, mas o mais

importante, iria me manter ocupada, e nada de recorrer à auto piedade, autoaversão, e, finalmente, a autodestruição.

Até agora, nada do que fiz adiantou. ZZ não tinha voltado ainda e eu era um desastre de trem maldito.

Foda-se Deuce. Foda-se esse insignificante velho bastardo.

É para o seu próprio bem, Tegen. Cage nunca vai mudar. Você já viu desta merda antes, ele pensando que está se apaixonando por uma cadela e então tudo desanda no final. Ele ficará entediado e vai voltar para sua vida de merda com todos os tipos de sujeira.

Deuce tinha razão. Cage tinha jogado o mesmo jogo por anos. Eu o observava, saltando de mulher para mulher, de mulher para mulher e para outra mulher.

Por que eu deveria ser diferente? Só porque eu o amava?

Ha.

Já havia passado três semanas, desde o momento em que meu avião aterrissou em São Francisco, a autopiedade tinha vencido e autoaversão apareceu, no mesmo dia que entrei no meu apartamento vazio. Não tinha dúvida de que a autodestruição estava à espera ao virar da esquina, como um maldito batedor de carteiras saltando sobre os calcanhares, apenas observando das sombras, esperando para atacar, antecipando o momento em que minha guarda viria abaixo.

Eu não podia deixá-la vir. E foi tão doloroso a última vez que eu tive meu coração partido. Só que... não, isso era muito pior.

Aquele filho da puta idiota disse que me amava. Estando por cima de mim, aliviando-se lentamente em meu corpo para que eu sentisse tudo, cada polegada, cada tremor, cada aperto de meus músculos, o tempo todo olhando para mim, nos meus olhos.

Eu te amo, Teacup.

E de repente eu queria correr direto para Miles City, para o clube, para Cage.

"Você sabe exatamente o que vai fazer aqui, porra. Você vai colocar sua bunda magra na parte de trás da minha motocicleta, você vai se mudar para a porra da minha casa, você vai cozinhar e você vai limpar, e você vai me foder sempre diabos, onde e quando eu quiser."

Eu tinha estado tão perto de jogar tudo fora. E sobre o que eu queria da vida? Um fim de semana com Cage e de repente nada disso importava para mim?

Sim, qualquer coisa. Era um caos. Sequer entendia meus próprios desejos mais. Uma cadela insossa fodendo com uma atitude ruim. Como um peixe morrendo na praia. Eu poderia fazer mais um milhão de tatuagens e piercings, mas ainda não encobriria o que estava tentando esconder todos esses anos.

Que não tinha a menor ideia de quem eu era. Ou o que queria.

Era oficial.

Era uma idiota com um coração destruído permanentemente.

Olhei distraidamente em frente ao restaurante, sentindo um milhão de coisas diferentes. Vergonha, luxúria, amor, dor, culpa, humilhação, raiva, amargura aceitação...

E ódio.

Sim, eu me odiava por me deixar não sentir nada, por deixar que o homem entrasse em mim novamente. Por ser tão completa e absolutamente fraca quando cheguei a ele; e quando me tocou, tudo foi perdido. Cada tijolo no muro que eu tinha construído em volta de mim caiu instantaneamente e imediatamente sucumbi aos sentimentos que sempre tive por ele. Sentimentos que estava aterrorizada em saber que nunca iriam morrer.

— Eu não tenho nenhuma. — Disse David. — Eu não sou um fã de agulhas, mas respeito quem tem o limiar de dor para suportar a quantidade de tatuagem que você tem.

— É um fato comprovado — Continuou ele. — de que as mulheres têm uma maior tolerância para a dor do que os homens. Eu acredito que decorre do fato de que as mulheres são constituídas para suportar partos, enquanto os homens ...

— Quer me foder? — Interrompi, entediada e cheia de um sentido de ansiedade, junto com uma montanha de saudade que não conseguia esquecer.

Os olhos de David se arregalaram. — O quê?

Bufei. — Você me ouviu, filho da puta. Sim ou não?

— Uh... — Confuso, David balançou a cabeça. — Sim?

— Ótimo. — Disse secamente, já ficando de pé. — Vamos.

Lutando para se levantar, David puxou a carteira do bolso e rapidamente lançou várias notas sobre a mesa. Em seguida, dirigiu-se para a saída e fomos para minha casa.

Assim que a porta do apartamento se fechou atrás de nós, as mãos gananciosas de Davi estavam em cima de mim. Fechando os olhos, retirando mentalmente minha alma do meu corpo, deixei-o fazer o que quisesse. Não me importava. Só queria que a dor parasse.

Autodestruição, pensei amargamente. Parte um, por favor.

Posicionado atrás dela, Cage agarrou a coxa da mulher, levantando a perna e empurrou para dentro de seu corpo.

Vários golpes passaram e ele sussurrou. — Sente-se bem, querida?

Ele parou de se mover. Toda vez. Ele disse a mesma coisa a cada cadela que ele fodeu, cada maldita vez.

— Oh sim, baby. — Ela sussurrou de volta durante a moagem de seu traseiro contra seus quadris. — É tão bom, baby, muuuito grande e tão bom.

Já aborrecido com ela, estendeu a mão para o queixo, segurou-a, e virou a cabeça para o lado, dando-lhe um melhor acesso aos seus lábios. Esmagando a boca contra a dela, ele fechou o aperto e voltou a transar com ela, mais rápido desta vez, não muito rápido, mas rítmico. O tapa de corpos, o som bagunçado de beijos, seus gemidos escapando quando ele permitiu seus pequenos vislumbres de ar.

Era tudo a mesma coisa.

Ele estava em piloto automático. Ele nem estava atraído por ela.

Corpo normal, cara média, apenas atraente, pois ela ainda era jovem.

Por que ele estava mesmo duro?

É claro que ele estava duro. Duro para caralho. Por que não estaria? Isso é o que ele fazia. Parecia que fazia isso para ganhar a vida. Ele deveria estar sendo pago por seus serviços de filhos da puta, ele fazia isso pra caramba.

E tudo o que conseguia pensar não era nessa vadia estúpida, mas em outra mulher. Aquela que tinha jogado a porra do jogo tão bem quanto ele.

Mas ele se manteve para ela, manteve a porra da cadela até que estivesse toda molhada e gemendo contra sua boca. Chegou entre suas pernas e a encontrou. Ele trabalhou sua habilidade, fazendo a mesma coisa que tinha feito um milhão de vezes antes com uma tonelada de merda de mulheres diferentes

— Cage. — Ela engasgou, sugando uma respiração rápida afiada com seu corpo preso. Ele parou de beijá-la e viu como seus olhos rolaram para trás, suas pálpebras tremulando descontroladamente, sentindo o tipo habitual de desapego que geralmente sentia por uma mulher tendo o orgasmo. De sua posição atrás dela, viu seus dedos esfregarem nos tendões em seus pés.

— Mais um. — ele disse suavemente, ainda usando os dedos sobre ela. — Dê-me mais um, querida.

Ela gozou de novo e foi aí que decidiu que já era o suficiente. Puxando para fora dela, a empurrou sobre seu estômago e levou-a novamente por trás, dessa vez com o rabo no ar. Ele a comeu. Forte. E gozou dentro de poucos minutos, sentindo-se como se tivesse esvaziado nada além de ar, deixando-o sentir-se ainda mais vazio do que quando começou.

— Você pode ir. — Ele murmurou, se jogando de costas e chegando à sua mesa de cabeceira pegar seu cigarro.

— Desculpe? — Perguntou quando ficou de joelhos, na altura dos ombros, tirando seus cabelos castanho dos olhos.

Com um cigarro apertado entre os lábios, ele olhou em sua direção. Não havia nada remotamente interessante sobre ela. Ela tinha apenas peitos e uma boceta, nenhum dos quais eram de todo notável.

Nem uma coisa. Depois que ela saísse, ele provavelmente não iria sequer reconhecê-la dois dias depois de ter estado em sua casa.

— Você... — Repetiu com severidade. — Pode ir. Agora.

Seus olhos se arregalaram e assim como ele sabia que ela estava prestes a começar a despejar um monte de besteira, ele puxou a fumaça de sua boca e apontou o cigarro para ela. — Basta ir, cadela. Basta não se lamentar ou ficar chorando. Você sabia o que seria a transa e que não seria algo diferente.

Em uma corrida com raiva, resmungando maldições, a menina vestiu suas roupas enquanto Cage se afastava dela e encarava a parede. Essa tinha sido a quarta cadela que havia fodido desde que Tegen tinha fugido dele.

Uma delas era uma prostituta do clube que tinha fodido um milhão de vezes, duas eram garçonetes locais, e agora esta cadela. Ele

não tinha ideia do nome de qualquer uma delas. E para ser honesto, não dava a mínima.

Ouviu o tamborilar de passos de raiva pelas suas escadas e...

Ele se encolheu quando a porta da frente se fechou.

Foda-se.

Suspirando, sentou-se, pôs as pernas para o lado da cama e esmagou o cigarro em um cinzeiro próximo. Correndo as mãos pela cama.

Lembrando que a porra de mulher psicopata que ele amava havia escapado dele no meio da noite e não tinha voltado.

Isso respondia o que tinha visto em seus olhos enquanto estava deslizando para dentro dela... e depois foi abandonado.

Sim, Tegen abalara sua merda. Como inesperada e aleatória tinha sido essa merda? Cristo. A mulher fodida que gostava do que ele falava. Sujo. Hardcore. Mesmo quando eles tinham posições invertidas e ele era o único a fazer a porra, ela ainda o levou para a porra de um passeio, levando tudo.

Quanto mais pensava sobre isso, sobre ela, sobre os dois juntos, mais sentia seu corpo responder.

Foda-se.

Ele encontrou-se totalmente duro, inclinando-se para trás em sua cama e passando a mão em torno de seu pênis. Fechando os olhos,

imaginou-a, Tegen, montando-o na floresta, com duros olhos verdes olhando diretamente para os seus, os lábios entreabertos, suas pequenas mãos segurando seus músculos peitorais quando ela levantou o quadril, bateu-o no seu, levantou, bateu, levantou, bateu. Então, ela estava moendo, para frente e para trás, cada vez mais rápido, movimentos circulares rápidos, antes de levantar seu quadril e bater de volta.

E mais tarde, em sua cama, seus membros emaranhados enquanto ele a levou por trás ... lento, suave, empurrando ... cada vez mais duro, mas nunca mais rápido.

E então, quando ela gozou ... só por beijá-lo.

Apenas por... beijá-lo.

— Merda. — Gemeu, ainda bombeando sua mão enquanto lançou sua porra por todo seu estômago.

Ficou ali por um momento, deixando sua respiração voltar ao normal, em seguida, piscando para a última neblina persistente do orgasmo, sentou-se lentamente.

Quando foi a última vez que tinha se masturbado? Ele não conseguia se lembrar. Por que usar sua própria mão quando tinha bocas e bocetas para sua satisfação? E depois só a porra de alguma cadela, também?

— Jesus, Teacup. — Murmurou, esfregando as palmas das mãos sobre os olhos. — Que porra é essa que você fez para mim?

Ela fodeu com ele. Literal e figurativamente. Ele estava fodido.

Ela era tudo o que podia pensar. Ele a queria de volta, de volta para casa, de volta em sua cama, apenas de volta, volta, volta.

Ele estava tão consumido por seus pensamentos que quando seu celular começou a vibrar, ele pulou. Xingando, inclinou-se sobre a cama e agarrou-o fora de seu criado-mudo.

Pai: Onde diabos você está?

Cage olhou para baixo, para a mensagem de texto de seu pai. Casa, ele digitou. Outro momento passou e seu celular vibrou novamente.

Pai: Você é estúpido? Temos merdas para fazer hoje.

Não, não era estúpido. Ele sabia, simplesmente não se importava. Mas...

— Foda-se essa merda. — Murmurou e pulou da cama. Ficar bêbado não estava funcionando, porra não estava funcionando. Ele poderia muito bem passar pelo clube e ver o que seu velho tinha para fazer. Talvez se colocasse Miles City em seu retrovisor, poderia esquecer essa merda com Tegen, esquecer o quão patético tinha sido, e esperava esquecê-la inteiramente.

— Vegas. — Disse Deuce. — Quem quer isso?

— A prostituição legal? Conte comigo.

Cage olhou para a mesa de reunião retangular onde Tap estava sentado. O cara levantou o braço e levantou dois dedos.

Olhando Tap, parecendo irritado, Deuce espalmou uma das pastas de arquivo na frente dele e deslizou para baixo da mesa. O braço de Tap disparou e pegou-a. Inclinando-se para trás na cadeira, ele começou a folheá-la.

— Dirty. — Deuce continuou, levantando outra pasta. — Como de costume, você tem Philly e...

— Não.

Todos os olhos viraram para Dirty, que estava balançando a cabeça. — Não é possível. Não posso deixar Miles City no momento.

Deuce levantou uma sobrancelha. — Sim? Você se importaria de dizer por quê?

Dirty continuou balançando a cabeça. — Não é possível.

Dois rapazes começaram a rir até que o punho de Deuce bateu com força sobre a mesa e a sala ficou em silêncio.

— Isso ainda é sobre Ellie? — Perguntou Deuce. — Porque já sabe que a porra do Mooresville não a tocará. — Deuce olhou para Mick, que assentiu.

— Ele não estará tocando nela, — confirmou Mick. — Tivemos uma longa conversa agradável com o filho da puta. Ele entendeu que precisa de nós tanto quanto precisamos dele se quiser continuar vivendo nessa porra de luxo.

— Dissemos à ele que a cadela está fora dos limites. — Cox acrescentou estalando os dedos, um por um. — Disse-lhe com os punhos algumas vezes também. Ele entendeu, irmão. Você não tem que se preocupar.

— Prez. — Dirty disse apressadamente. — Talvez possamos conversar? Em particular?

Cage inclinou a cabeça para o lado e olhou para o rapaz. Que diabos estava acontecendo com ele? Alguma coisa estava diferente nele. Algo além do fato de que ele tinha tomado banho e feito a barba.

Puta merda.

— Dirty. — Disse ele, atraindo toda a atenção para si mesmo. — Você está fodendo a Ellie? — Todos os olhos dispararam de volta para Dirty e simultaneamente alargaram com surpresa.

Ellie era quente, mas pelo que Cage se lembrava ela tinha um maldito pau até sua bunda. A cadela não era nada divertida. Contudo

ele transou com ela uma das vezes em que voltou, e nunca teve qualquer inclinação para voltar para mais. Mas Ellie e... Dirty?

Que porra era essa?

— Cara. — Anger disse. — Você está fodendo ali, não é? Esse é o motivo desta mudança, esse olhar de menino bonito tem tudo a ver, não é?

Cage observou como a pressão de Dirty passou de desconfortável para morrendo de medo, parecendo que ele estava prestes a fugir. Deuce viu isso e deu um aceno rápido.

— Depois da reunião, vamos conversar. — Ele disse laconicamente e Dirty, pareceu aliviado, caindo para trás em sua cadeira.

— Ripper. — Disse Deuce, de volta aos negócios. — Você está indo para Cali na próxima semana, certo? Eu vou precisar de você para passar por Oakland e...

— Não posso fazer isso. — Ddisse Ripper, estremecendo quando o brilho da morte de Deuce se voltou contra ele. — Desculpe, Prez. Irão colocar tubos nos ouvidos de Harley e se eu não estiver lá para a cirurgia, sua filha não vai sair da minha bunda.

— Minha filha. — Deuce disse — Sabe como é. Ela não vai dizer nenhuma palavra do caralho.

Ripper bufou. — Talvez não para você, mas para mim? Sim, Prez, eu vou levar uma bronca e isso não é tudo o que ela vai fazer comigo.

— Você com medo de sua Old Lady, Ripper? — Disse Mick, rindo. — O que ela vai fazer?

Foi a vez de Ripper lançar um olhar mortal. — Foda-se. — Ele rebateu. — Eu não tenho medo de merda nenhuma, exceto não haver nenhum lugar para colocar meu pau e quando faz frio querer uma porra de abraço.

A mesa inteira rachou de risos, cada irmão exceto Cage, Deuce, e Ripper caíram na gargalhada. Mick ainda estava enxugando as lágrimas de seus olhos.

Deuce deu a Ripper um olhar de nojo e o cara fez uma careta. — Desculpe, Prez. — Ripper murmurou. — Mas você sabe como ela é.

— Não terminamos esta conversa. — Deuce rosnou, suas narinas dilatadas com raiva. — E o resto de vocês seus babacas. — Disse ele, olhando ao redor da mesa. — Resolvam essa porra antes de eu colocar uma bala em cada um de vocês.

Apesar de Cage estar completamente revoltado com a imagem mental que Ripper tinha pintado, ele ficou preso sobre o que seu pai havia dito.

Você está indo para Cali na próxima semana, certo? Eu vou precisar de você para passar por Oakland.

Oakland. Vinte minutos de...

Tegen.

— Vou ficar com Oakland. — Disse em voz alta, ignorando Cox quando o filho da puta se virou para ele com um sorriso de comedor de merda em seu rosto.

— Você tem certeza sobre isso? — Cox demorou. — Vários hippies por perto e você nunca correu o território de Cali. — Disse Deuce. — Por que diabos eu iria enviar-lhe?

— Porque não sou um maldito idiota. — Cuspiu Cage. — Corri East Coast, por que diabos não West?

A mesa ficou em silêncio com pai e filho olhando um para o outro, mas Cage não ia recuar neste momento. Queria esse trabalho, porque queria ver Tegen, e ele não dava a mínima que cada irmão nesta sala sabia exatamente qual era seu jogo. Tantos motivos para esquecer a cadela; estava pensando em amarrá-la na parte traseira de sua moto e trazê-la para casa, onde ele prontamente iria amarrá-la em sua cama até que elaconcordasse em ficar para sempre.

— Enquanto estamos aqui você fala com o caralho do Ripper. Você presta muita atenção na porra das instruções que ele vai te passar. Se você falhar e a merda for para o sul em Oakland, você será responsabilizado. Você me entendeu?

Cage deu um rápido aceno para seu velho.

Dois dias depois, estava comendo concreto[8].

Califórnia, obrigado.

[8] Gíria para dirigindo/pilotando na estrada.

CAPÍTULO VINTE DOIS

Ao entrar no corredor, Cage podia ouvir música e risos, sentindo cheiro do verde, bebida... sexo.

Narinas dilatadas, punhos cerrados, ele parou de andar e respirou fundo. Se ela estivesse lá com...

Ansiedade como ele nunca tinha sentido antes dolorosamente apertava seu estômago.

Se ela estivesse lá com ZZ ou com outro cara, ele o mataria, em seguida, ela, então todos os outros na porra do seu apartamento, e, dependendo de como estivesse se sentindo depois desse banho de sangue, possivelmente todos em São Francisco também.

Porra, a odiava. Odiava como ela foi embora e sua maneira de fazê-lo se sentir como o maior idiota do planeta, odiava que ela não se importava se olhasse para ela ou não, odiava querer prová-la e ela não querer absolutamente nada com ele.

Ele lhe disse que a amava. Ele abriu todo o seu mundo de merda para ela. E... ela fugiu dele, pelo amor de Cristo.

Sim, então por que estava aqui? Ele era um glutão por castigo, tanto que estava dolorosamente ciente. Mas ele não podia parar de pensar nela. Toda vez que fechava os olhos, lá estava ela...

Aos 13 anos, seguindo como um cachorrinho apaixonado

Aos 16 anos, quando tomou sua virgindade e ela lhe disse que o amava e ele foi um imbecil que lhe disse — *Não é assim para mim, baby*.

Aos 16 e 18 anos quando ela se recusou a olhar para ele, se recusou a reconhecer sua existência.

Aos 19 anos, depois de ficar afastada da faculdade por um ano, quando chegou em casa de Montana e a olhou, com seu novo visual, sua nova atitude e queria que o desejasse. E ela não o queria.

E agora, aos 24 anos, ela era tudo o que queria em uma mulher. Mas ela ainda não o tinha perdoado, ainda não queria que ele ficasse por perto.

Tudo isso batia de forma persistente dentro de seus pensamentos, fodendo mesmo a mais simples das tarefas.

Apertando os dentes, ele agarrou a maçaneta, abriu a porta e foi recebido com uma espessa nuvem de fumaça. Após vários minutos de

empurrões, dança, corpos seminus drogados fora do seu caminho, ele a viu.

Sentada no meio de um velho sofá verde-limão estava Tegen. Seus compridos dreads de cobre foram puxados para trás em um rabo de cavalo muito frisado, a cabeça estava jogada para trás, exibindo seus numerosos colares de cânhamo trançados, os lábios perfurados se separaram, seu moletom com capuz estava desabotoado, expondo os seios pequenos.

Ela nem sequer o notou. Ela estava muito ocupada observando os dois rapazes que estavam apertando ela, um com a mão na frente da calça jeans, o outro apalpando seus seios, enquanto ia para cima em seu pescoço.

Tremendo, Cage puxou a arma na parte de trás de seus couros e disparou. A primeira bala atingiu a coluna direita, a segunda à esquerda e a música parou instantaneamente. Todos os olhos voaram para ele.

— Saiam! — Ele rugiu, gesticulando com a arma dele. — Caiam fora antes que eu coloque um buraco em cada porra de um de vocês!

Gritando, as pessoas começaram a lutar, agarrando suas merdas e correndo para a porta, batendo com medo em torno dele enquanto corriam ao redor da sala.

Um dos filhos da puta estúpidos que estavam com suas mãos no corpo de Tegen olhou para trás e para frente entre Cage e ela.

— Tegen? — Ele perguntou com cautela.

— David. — Tegen disse, com os olhos em Cage. — Vá.

— Mas...

— Basta ir, David! — Ela gritou.

— Mas...

— Vá! — Cage gritou, apontando a sua arma para a testa do filho da puta.

Ele foi.

Tegen se levantou do sofá e o encarou. — Você sabe que os policiais vão estar aqui a qualquer momento, certo? — Ela gritou.

— SIM! — Ele gritou. — E eu não sou um filho da puta!

Deveria se preocupar. Deveria ter cuidado de que seu pai estivesse prestes a perder sua merda quando descobrisse que ainda não tinha ido para Oakland, mas que ao invés disso foi direto para São Francisco, direto para Tegen. Mas não se preocupou. O que importava era ela.

— Deus, você é realmente estúpido. — Ela murmurou

Suas narinas dilataram. — Não sou estúpido! — Gritou — Sei a diferença entre uma porra qualquer e uma cadela! Você chorando em minha boca, moendo sua merda em mim, me implorando por mais! Você estava lá comigo, cadela! Eu não imaginei essa porra!

Seus olhos verdes amendoados se estreitaram. — Você quer me foder um pouco mais, Cage? — Ela disse calmamente. — É por isso que você veio aqui e atirou no meu apartamento? Porque se for esse o caso, então vamos a isso.

Viu-a abaixar seu jeans e calcinha e depois chutá-los para o lado.

Ele olhou para ela, poderia se virar e ir embora. Porque ele com certeza parecia um idiota, ela sempre o fazia se sentir como um tolo. Mas estando lá olhando para seu corpo esguio, elegante, os seios altos, alegres, os anéis, os piercings no umbigo, o belo trabalho artístico tatuado em sua pele sardenta clara... Ele não podia. Ah, Deus, merda. Ele era estúpido. Estúpido por vir aqui.

— Odeio você. — Ele assobiou quando enfiou a arma de volta em sua calça e rapidamente atravessou a sala.

— Odiei você por anos. — Sussurrou de volta. — Acho que estamos quites.

Ele agarrou seu rabo de cavalo e puxou sua cabeça para o lado, mas continuou se movendo, forçando-a a tropeçar para trás até que suas costas bateram na parede.

— Você não me odeia. — Disse ele, abrindo sua roupa de couro com a mão livre. Levando o rosto em seu pescoço, raspou os dentes levemente.

Em seu abraço, ela balançou a cabeça freneticamente. — Pare. — Ela respirou. — Cage... espere.

— Foda-se. — Murmurou, deslizando a mão pelo seu corpo esbelto. — Eu sei o que eu vi, sei que ainda me ama, Teacup.

— Não me chame Teacup! — Gritou. — Não sou sua xícara de chá!

Foi a coisa errada a dizer, mas ele já sabia que, antes que dissesse isso, simplesmente não iria se importar mais. Ele passou o último mês não pensando em outra coisa a não ser nela, na sua ausência, e não saber como ela realmente se sentia, o estava deixando louco. Então, não, ele não deu dois foda-se sobre suas birras violentas.

Colocando a mão debaixo de seu joelho, ele puxou a perna para cima e situou-a sobre seu quadril. Agarrando seu pau, ele empurrou-se contra sua já molhada boceta e o corpo de Tegen tremeu em resposta. A satisfação rugiu através dele. Ela o queria. Ela ainda o queria porra. Ele estava certo.

Com o cabelo enrolado firmemente em torno de sua mão, ele puxou sua cabeça para frente, trazendo-os cara a cara.

— Você sempre será minha Teacup. — Ele rosnou.

— Cale-se... — Ela gemeu ofegante, tentando se afastar dele, mas o aperto em seu cabelo não lhe permitiu nenhum movimento.

— Basta dizer isso. — Ele murmurou. — Diga-me a porra da verdade de uma vez. Diga-me que você me ama, caralho, querida.

Seus lábios se separaram e conhecendo-a, sabendo que ela estava a segundos de dizer a ele para se foder, enfiou a língua dentro e parou de imediato a sua besteira.

— Oh Deus. — Murmurei, minhas mãos voando para o rosto dele, freneticamente agarrando seu cabelo, beijando-o com mais força, tentando rastejar até o seu corpo para me aproximar ainda mais. — Senti sua falta.

— Eu também. — Ele sussurrou. — Eu também, querida.

Isso não era para acontecer. Ele não deveria me seguir de volta para a Califórnia. Ele deveria estar em casa, em Miles City, fazendo a sua coisa. Mulheres malditas, praticando atividade criminal, merda, merda, merda.

E eu deveria estar continuando o meu caminho para a autodestruição, porque ...

Porque transando por quê? Eu não conseguia me lembrar mais.

— Diga. — Ele rosnou, agarrando minha cabeça e me empurrando para ele. — Diga que você me ama.

Tremendo, eu só conseguia olhar para ele. Os sentimentos estavam todos lá, a necessidade, a dor, mas as palavras não saíam. Eu não podia dizer isso.

— Merda, Tegen! — Cage gritou, se afastando de mim. — O que eu tenho que fazer?

Seus braços caíram para os lados e os punhos cerrados em bolas apertadas. Nossos olhos se encontraram e suas narinas começaram a queimar. Não havia nenhuma dúvida em minha mente naquele momento; ele era verdadeiramente o filho de seu pai.

E eu era a filha da minha mãe. Fraca. Desesperada. No amor com o homem errado.

— Experimente. Isso. Merda. Diga-me. — Disse ele, rosnando por entre os dentes cerrados.

Ohh. Meu coração se partiu. Levou toda a minha força de vontade para não correr para ele. Ele sabia tudo sobre ZZ e ainda assim estava de volta, havia literalmente batido na minha porta e disparado em meu apartamento para me atingir. Isto foi o que eu sempre quis, não é? Meu sonho, minha fantasia.

— Eu não quero ser como a minha mãe! — Gritei.

— Bom! — Gritou. — Porque não estou apaixonado pela sua maldita mãe!

Meu peito arfando, meu coração explodindo, eu apontei para ele com um dedo trêmulo. — Você é uma puta, Cage! Você não vai mudar!

— Foda-se! — Ele gritou. — Eu sei que eu não te dei um motivo maldito para confiar em mim, mas foda-se, cadela, você não me deu uma maldita chance de provar para você!

— Você vai me machucar de novo! — Gritei. — Você vai me fazer dizer isso e então você vai dizer isso para mim e eu vou fazer o que você quer que eu faça e, no final, você vai me ferrar. OUTRA VEZ! E eu vou ser patética e estúpida, vendo você ficar com meninas dez vezes mais bonitas do que nunca vou ser! OUTRA VEZ!

Os olhos de Cage escureceram e os músculos de seus braços começaram a se contorcer e pular debaixo de sua pele.

— Cadela. — sussurrou. — O que quer ouvir? Não direi que não vou foder e não direi que é a mulher mais bonita de todo o mundo! Sim, você é muito magra, não tem seios grandes e parece uma maldita hippie!

Meu lábio inferior começou a tremer enquanto eu lutava contra as lágrimas florescendo. Vendo isso, Cage fechou os olhos e soltou um longo suspiro, frustrado.

— Tegen. — Disse ele e deu um longo passo em frente. Envolvendo suas mãos em volta dos meus braços, inclinou a cabeça, trazendo-nos face a face.

— Mas, querida, você é a mulher mais bonita de todo o maldito mundo, para mim. Você é tudo que quero, Teacup. Você tem os olhos mais quentes que já vi e suas tatuagens, baby, são sexy pra caralho, e seus malditos quadris, puta merda, me agarrando a você, me deixa louco.

O ar explodiu de meus pulmões na forma de um gemido e meu corpo, de repente, exausto, cai para frente contra Cage. Eu não conseguia conter as lágrimas agora; elas corriam livremente pelo meu rosto.

— Você sabe o que mais sinto, caralho? — perguntou em um sussurro gutural. — Eu amo a porra da sua boca suja. Eu amo o fato de que você não se segura, que você é forte como uma leoa com as garras de fora, mas por dentro você ainda é minha Teacup.

— Pa-pare. — Eu sussurrei, incapaz de conter toda a emoção brotando dentro de mim.

— Não. — Ele rosnou. — Você precisa ouvir essa merda. Você precisa enfiar isso na porra da sua cabeça, que eu quero essas pernas magras envolvidas em torno de mim, quero seus malditos seios pequenos em minhas mãos e em minha maldita boca, e não dou a mínima para o que você está parecendo com tanto que esteja ao meu lado porra.

Então Cage Inclinou a cabeça para trás e sorriu para mim. — Você entendeu como me sinto, meu bem? — Disse ele, imitando seu pai.

Parei de chorar e comecei a gritar. — Não se atreva a agir como seu pai!

Cage me esmagou contra ele e começou a rir. — Real como um copo d'água.

Cage trouxe Tegen firmemente contra ele e respirou um suspiro de alívio.

Ela era uma bagunça quente do caralho. Ela estava chorando, tremendo em seus braços, mas ainda olhando para ele com a raiva combinada de mil mulheres repelidas pousando em seus olhos. Mas ele não se importou. Ela era sua bagunça quente.

— Jesus Cristo, estou na estrada pela porra de um mês e é isso que encontro quando volto para casa?

Tegen congelou em seus braços e olhou por cima do ombro. O homem de pé a menos de quinze metros de distância, um homem que tinha conhecido toda a sua vida, estava quase irreconhecível. Seu cabelo escuro estava muito mais longo do que era, gorduroso, preso em

um rabo de cavalo e parecia como se tivesse envelhecido uns dez anos. Ele parecia cansado, abatido e extremamente irritado.

— Isso era o que fazia em suas viagens para casa, Tegen? — Disse ZZ, erguendo o queixo na direção de Cage. — Irmãos, caralho?

Cage largou Tegen e se virou. Mantendo seus olhos sobre ZZ, ele não estava sentindo a linguagem corporal do indivíduo, assim se abaixou e pegou a roupa de Tegen do chão.

— Vista-se. — Disse ele, empurrando as roupas em sua direção.

A boca de ZZ se curvou em um sorriso cruel. — Você está brincando comigo, né? Já estive aí dentro mais vezes do que posso contar. A cadela esteve na porra da minha cama. Ou não sabe disso?

O corpo já tenso de Cage apertou ainda mais. — Sim, sabia. E ela não está mais na porra da sua cama.

O sorriso de ZZ aumentou. — Ah sim? Ela está na sua agora?

— ZZ. — Disse Tegen, tropeçando em seus jeans enquanto ela desajeitadamente tentava vesti-lo. — Tentei te ligar um milhão de vezes.

Os olhos mortos de ZZ foram a sua direção e ele perdeu o sorriso. — Você está tentando me dizer alguma coisa? — Perguntou sombriamente.

Cage entrou na frente de Tegen antes que ela pudesse responder. — Eu estou tentando te dizer uma coisa. — Disse ele. — Não olhe para ela, caralho.

— Cala a boca, Cage. — Disse Tegen, ficando atrás dele. Completamente vestida, se adiantou. — Sinto muito. — Disse ela suavemente. — Não era para acontecer assim.

Cage viu os olhos de seu velho amigo ficar duro, frio e sem foco. — Você é uma vadia idiota. — Cuspiu ZZ e Cage ficou rígido. — Se você está pensando que ele dá duas fodas por você, é uma burra. Este filho da puta é como sua irmã e os dois são exatamente como seu pai.

— Não traga a minha irmã para essa merda. — Disse Cage entre dentes.

ZZ riu friamente. — A puta da sua irmã jogou minha bunda para a calçada como se eu fosse um monte de lixo que não pudesse se livrar rápido o suficiente.

— E você. — Disse ele, voltando-se para Tegen. — Então é assim? Eu e você, nestes últimos anos, isso não significou uma merda do caralho para você?

Cage olhou para Tegen que estava olhando de boca aberta para ZZ, em choque claro como o dia. — ZZ... — Ela sussurrou. — Não acho que ... não era ... não que ...

ZZ sorriu amargamente. — Sim. — Ele disse friamente. — Eu acho que não porra. Mas você está tão errada se acha que esse idiota não vai colocar a sua bunda magra no meio-fio, assim como sua irmã fez comigo.

Cage estava se sentindo meio que mal pelo cara, porque Danny tinha feito exatamente o que ele estava falando. Mas o filho da puta chamou sua irmã de prostituta, depois a sua mulher e ainda o acusou de não estar realmente preocupado com Tegen...

Ele perdeu o último resquício de autocontrole. — Cai fora! — Gritou, pegando sua arma quando invadiu a frente. Ele não ia atirar em ZZ, apenas assustá-lo fora daqui.

— Cage! — Tegen gritou atrás dele.

Cage tropeçou para trás com uma dor lancinante atravessando seu peito. Outro *crack* e mais dor explodiu em todo seu corpo. Ele olhou silenciosamente para ZZ, a arma ainda apontada para ele quando perdeu o equilíbrio. Em seguida, ele estava olhando para o chão, quando este veio correndo ao encontro de seu rosto e por um momento tudo ficou embaçado.

— Cage! Cage! Cage!

Ele piscou furiosamente, tentando se livrar da nebulosidade que havia superado a sua visão, e pôde distinguir Tegen ao lado dele. Podia senti-la agarrando seu braço, tentando virá-lo; ele podia ouvi-la gritando, chorando, chorando; e ao longe, podia ouvir as sirenes.

Eles não iriam salvá-lo a tempo. Ele estava tentando se agarrar, mas o sangue quente estava inundando sua boca, um forte contraste com o frio congelante enraizando dentro de suas veias.

— Cage. — Ela chorou. — Por favor, acorde, Cage. Por favor, por favor, acorde!

Ele não podia responder. Ele tentou, mas nada aconteceu; nada estava funcionando.

— Porra! — Ela gritou. — Não! NÃO! Porra! Não me deixe! Porra, CAGE! Por favor, não me deixe, seu filho da puta idiota! Porra, eu te amo e você não pode me deixar!

Ele tentou sorrir. Talvez ele tenha sorrido, ele não sabia.

Então tudo ficou escuro.

CAPÍTULO VINTE TRÊS

— Quantas vezes temos que passar por cima disso? — Gritei.

Os dois detetives da polícia, um homem e uma mulher ambos vestidos à paisana, se entreolharam antes de olhar de volta para mim.

— Senhorita Matthews. — O homem disse calmamente. — Eu sei que você está chateada, mas o que está dizendo não faz o menor sentido. Agora, você estava envolvida romanticamente com um dos homens?

Gritando, enterrei meu rosto em minhas mãos.

Senti uma mão no meu ombro. — Senhorita Matthews. — Disse a mulher. — Eu entendo como isso é difícil agora, mas precisamos saber tudo o que aconteceu.

É claro que eles precisavam. Eles tinham que saber neste segundo filho da puta. Quem se importava que Cage estivesse sangrando por toda uma mesa de operação? Não eles. Eles haviam dado uma olhada no couro cortado que os médicos tinham entregue, e

leram as palavras — Cavaleiros do Inferno — e imediatamente pensaram o pior dele.

Quem se importava que eu só vi o homem que eu amava baleado duas vezes no peito, tossindo, chiando e cuspindo sangue por todo ele? Quem se importava que eu assisti enquanto seus olhos rolaram para trás e seu corpo ficou mole, ou que tinha que ficar parada e ver como os paramédicos encravavam um tubo em seus pulmões para ajudá-lo a respirar, ou que ele agora estivesse em cirurgia de trauma na tentativa de remover as balas e reparar os danos nos pulmões?

Esses filhos da puta não se importavam.

— Cage. — Assobiei, levantando minha cabeça. — Eu estou envolvida com Cage.

— E o Sr. Jeffries? — Perguntou o homem. — Qual foi a sua relação com ele?

— ZZ. — Disse. — Ele era meu companheiro de quarto. E apenas isso, se você sair por aí perguntando sobre Zachary Jeffries, ninguém vai saber de quem diabos você está falando!

— ZZ, então. — Disse a mulher, apertando meu ombro. — Você já esteve envolvida com ele? Foi por isso que ele atirou em Cage?

Envergonhada, fechei os olhos. — Sim. — Sussurrei.

Deus, isso era tudo culpa minha. Tudo isso. Por que eu não podia fazer nada direito? Que porra estava tão errada comigo que eu não conseguia nem coexistir como um ser humano normal, porra?

— Tegen!

Ao som da voz da minha mãe, o meu corpo entrou em ação. Livrando-me do detetive, pulei da minha cadeira e saí correndo em direção à área da recepção, onde minha mãe me encontrou no meio do caminho e jogou os braços em volta de mim. De repente, eu estava sendo praticamente arrancada de seus braços e Deuce estava me segurando dolorosamente apertado e caindo em cima de mim, seus olhos azuis em chamas. — Onde ele está? — Ele rosnou.

— Eu-eu... — Engoli em seco e tentei novamente. — Ele está em cirurgia. — Terminei rapidamente.

— Não Cage! — Ele gritou, me fazendo tremer. — Onde está ZZ?

Meus olhos se arregalaram. — Eu não sei. — Sussurrei. — Ele acabou de sair... ele atirou e foi embora.

— Deuce. — Eva disse em voz baixa, aparecendo ao nosso lado. — Solte-a.

Deuce a ignorou e continuou a olhar para mim. — É sua culpa, sua estúpida vadia e se o meu filho morrer lá dentro, está terrivelmente fodida, me entende?

Meu estômago torceu e minhas lágrimas transbordaram.

— Solte-a! — Gritou minha mãe.

— Droga! — Eva gritou, tentando soltar meus braços. — Você a está machucando! Solte-a!

— Existe um problema aqui? — Ambos os detetives entraram na briga e franziram a testa fortemente para Deuce.

— Você está brincando comigo, porra. — Ele latiu em sua direção. — Meu filho é quem diabos está com furos por todo o corpo e você vestido de terninho, filho da puta está perguntando-me se há uma porra de um problema?

Mais uma vez, os dois detetives se entreolharam.

— Deuce? — O homem disse, sua voz plana, sua expressão claramente repelida.

— Sim. — Ele rosnou. — Você quer a porra de um autógrafo?

— Ou você libera a Srta. Matthews, — A mulher avisou: — ou eu vou prendê-lo por agressão.

— Baby. — Eva disse baixinho, passando a mão pelo seu braço e apertando seu bíceps. — Isso não é culpa de Tegen e mesmo que fosse, isso não está ajudando Cage.

Narinas dilatadas, olhando para mim, Deuce me puxou para frente e para cima na ponta dos pés.

— Sai fora desse hospital. — Ele trincou fora. — Fique bem longe de meu filho e da porra do meu clube. Se eu vir você, Tegen, sentir seu cheiro, vou quebrar a porra da sua cabeça.

Com um forte empurrão, ele enviou-me para o lado tropeçando em minha mãe.

— Vamos. — Ela sussurrou em voz alta, segurando firmemente a o meu braço. — Agora, baby.

— Não saia da cidade, Srta. Matthews. — O detetive do sexo masculino avisou.

Tremendo, virei meu corpo em minha mãe e deixei-a me guiar em direção aos elevadores.

— Quis dizer exatamente isto, D. — Deuce gritou atrás de nós. — Eu não quero vê-la em nenhum lugar.

Minha mãe derrapou até parar e se virou. — Você nunca vai vê-la novamente! — Ela cuspiu com raiva. — Você nunca vai me ver ou ver meus filhos de novo!

— E isso não é culpa de ninguém, — Continuou ela. — A não ser minha, fui eu quem trouxe uma menina inocente em torno de um moto clube criminoso cheio de idiotas presunçosos que pensam com seus paus e suas armas em vez de seus cérebros!

Em nosso caminho para os elevadores, passamos por Danny, Ripper, Cox e Jase, e me virei para minha mãe, recusando-me a fitar os seus olhos.

— D. — Jase chamou.

Minha mãe pegou o ritmo.

— D, que merda!

Parando de novo, ela virou-se para enfrentar Jase quando ele rapidamente se aproximou de nós, e apontou o dedo indicador para ele.

— Não diga a porra de uma palavra. — Ela sussurrou. — Eu não estou casada com você, não compartilho um filho com você, não tenho absolutamente nada neste mundo me amarrando a você.

Os olhos de Jase se arregalaram. — Mas você disse que podíamos conversar.

— Eu disse que antes que minha filha fosse forçada a enfrentar mais um resultado violento de seu clube, e depois ser publicamente humilhada e rejeitada pela única família que ela já teve por causa disso!

— D. — Ele sussurrou, erguendo o braço e segurando a sua mão. — Não faça isso.

Deixando-me de lado, minha mãe se aproximou e deu um tapa mão de Jase, afastando-o.

— Chegue perto de mim novamente — Ela cuspiu, seus traços torcendo com nojo e ódio. — E te matarei.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

"Encontre o que ama e deixe-o matá-lo."

— CHARLES BUKOWSKI

Um ano depois...

O tempo passa de forma diferente quando você está presa no limbo emocional. É mais lento. Horas passam a passos de caracol, seus pés arrastam ao longo dos dias, as semanas; anos demoram uma eternidade para ir e vir. Você não vê as coisas como elas são, mas em vez disso as vê da forma como você se sente. As coisas são escuras, pesadas, até o ar se sente sobrecarregado. As pessoas não estão sorrindo para você, eles estão cochichando sobre você, elas estão rindo.

Nem mesmo o dia mais ensolarado pode superar o escuro do céu cinzento que você construiu em torno de si.

Passei quase toda a minha vida presa dentro de um limbo emocional da minha própria autoria, constantemente à espera de minha vida para começar, mas completamente inconsciente de que, com o passar dos anos, eu continuava cimentada no mesmo estado de espírito, incapaz de me libertar de meus próprios problemas.

Mas uma vez que você tenha ficado livre, o mundo acelera, os dias voam muito rápido e as noites ainda mais rápido. Você vê as coisas de forma diferente. O sol começa a espreitar por detrás das nuvens e de repente você pode ver de novo; você observa as pessoas, lugares e coisas que nunca percebeu antes. Até mesmo a coisas estúpidas, sem importância no esquema maior ainda de suma importância que um único momento solitário, mas só porque você percebeu isso e isso te afetou de uma maneira que fez sentir alguma coisa.

Você vê um sorriso pelo que ele realmente é.

Você vê as pessoas pelo que elas realmente são.

Você sabe que é o amor pela primeira vez.

Mas o mais importante, você pode ver a si mesmo através dos olhos de uma mente imparcial e você percebe que tudo a que auto aversão, que desejando e querendo, os anos passados tentando se tornar alguém, qualquer outra coisa do que quem você era, nunca foi necessário porque não havia nada de errado com você em primeiro lugar. Tudo o que acabou fazendo, correndo e se escondendo estava prejudicando a si mesmo e todos ao seu redor.

— Por que você está me olhando assim, Tegen? — Perguntou Christopher.

Meu sorriso cresceu. — Estou tão orgulhosa de você. — Eu disse a ele quando rolei na nossa toalha de piquenique e estendi a mão para esfregar sua barriga.

Rindo, ele golpeou minha mão. — Mamãe está orgulhosa de mim também. — Disse ele.

— Todo mundo está orgulhoso de você. — Brinquei. — Senhor, você começou na creche esta semana.

— Eu sinto falta de estar em casa com a mamãe.

— Ahhh... — Murmurei, levantando a mão para passar por seu cabelo vermelho longo. — Eu sinto falta de estar em casa com ela também. Eu fui pequena, uma vez também, você sabe.

— Você viveu dentro de sua barriga, também?

Balancei a cabeça. — Eu vivi.

Christopher enrugou seu nariz pequeno de botão. — Mas você é tão grande!

Comecei a rir. — Cuidado! — Eu disse. — As meninas não gostam quando os meninos dizem coisas assim.

Eu não era grande, nem um pouco, mas eu tinha colocado um pouco de peso no último ano, graças a cozinha da minha mãe.

Christopher voltou a brincar com seu Lego e, sabendo que eu tinha sido dispensada, com um suspiro rolei de volta e olhei para o céu ensolarado da Califórnia.

Era assim que a vida deveria ter sido desde o começo para a minha mãe e eu. Eu não trocaria meu irmão por todo o tempo de viagem do mundo, mas mesmo com a minha idade, morando com a minha mãe de novo, eu conhecia a paz pelo o que ela realmente era.

Tínhamos um pequeno apartamento no centro de San Francisco, com apenas dois quartos, um banheiro e uma cozinha. Estávamos vivendo apenas do meu salário e cheques de deficiência da minha mãe, mas funcionava.

Dava certo.

Na verdade, colocando os primeiros meses de lado, o ano passado foi um dos mais pacíficos que já tive. Nós três fazíamos tudo juntos; minha mãe e Christopher ainda andavam comigo para o trabalho na maioria dos dias. Nós sempre tínhamos algo a ver, idas para o mercado do agricultor, andar ao redor da cidade, filmes à noite, piqueniques no parque.

E uma vez por mês Hawk ia até a cidade para ver Christopher. Ele dormia no sofá da sala, passava uma semana, às vezes menos, e em seguida, com a mesma rapidez, ele partia. Ele nunca falou do clube, de Deuce ou Cage, e nenhum de nós nunca perguntou. As coisas estavam quietas e, depois de tudo o que aconteceu, queria mantê-las assim.

Os primeiros dias após Cage ter sido baleado foram um borrão doloroso para mim. Meu apartamento era uma cena de crime. Fui questionada várias vezes por detetives da polícia, e, posteriormente, pelo FBI e a ATF. Todos queriam entrar em ação. Aparentemente, quando um tijolo caía dentro dos limites de uma organização criminosa, esperava-se que todas as quatro paredes acabassem por ruir.

Mas as paredes dos Cavaleiros do Inferno eram fortes, apesar de tudo. Bocas ficaram fechadas, segredos ficaram escondidos e o clube permaneceu tão forte quanto sempre.

Mesmo assim, todo o desastre tinha virado noticiário nacional, mas seguramente os Cavaleiros do Inferno e os Demônios de prata de todo o país começaram a invadir São Francisco. A cidade ficou cheia de motociclistas, pequenos tumultos ocorreram e muitas prisões foram feitas.

Eles vinham de todos os cantos para mostrar seu apoio ao filho de Deuce, um irmão companheiro. Sentavam-se vigílias em frente ao hospital, aceleraram seus motores em uníssono, uma oração de cromo e couro para um deles.

Cage passou pela cirurgia, mas ainda não era capaz de respirar por conta própria, foi imediatamente colocado em um respirador artificial. Por algumas semanas, ninguém sabia se ele ia viver ou morrer.

E ele morreu. Por duas vezes, na verdade. Nas duas vezes os médicos foram capazes de reiniciar o seu coração, e em ambas Deuce foi preso por assalto à equipe do hospital.

Eu sabia muito pouco, já que não fazia muito, como dormir e tentar comer nas primeiras semanas, desejando que eu pudesse ir para o hospital para ver Cage, apenas tocá-lo, para dizer-lhe que o amava ... a dizer a ele o quanto eu sentia.

Para ficar ao seu lado.

Isso nunca aconteceu.

Quando ele estava bem o suficiente para ser levado para casa, foi a última vez que eu soube de Cage. Minha mãe finalmente pediu para Eva parar de ligar e Eva respeitou seus desejos.

Até onde eu sabia, ZZ nunca tinha sido encontrado. De vez em quando eu recebia um telefonema do governo perguntando se ele tinha feito contato comigo. Eu dizia que não, eles me davam um número para ligar caso ele fizesse contato, e foi isso.

Eu era feliz? Não, não realmente. Mas eu estava em paz.

Eu poderia dizer honestamente que, apesar da culpa, o arrependimento e o espaço vazio dentro de mim que seria sempre reservado para Cage, eu estava em paz. Eestava com a minha mãe de novo. Ela veio limpa para mim, informando-me que a maioria de suas

memórias tinham sido restauradas, e eu tinha um saudável, bonito irmão mais feliz. Minha vida, pela primeira vez, era simples.

Eu até comecei a escrever novamente no meu tempo livre, algo que não tinha feito desde que era adolescente.

— Hayley! — Christopher gritou e eu usei minha mão para sombrear os olhos do sol. Hayley e Joe estava acima de nós, sorrindo.

— Droga, Hayley. — Eu disse sorrindo. — Seus peitos estão enormes. Imagine como eles vão ficar depois que você colocar este garoto para fora.

Com um gemido e uma ajuda de Joe, ela abaixou-se ao meu lado e fez uma careta. — Fazendo piadas, não é? Bem, você não é Kate Moss mais, para sua informação, Teg.

— Ei! — Zombei. — Gosto de que eu realmente tenha um bumbum! Eu não tenho que ficar com ciúmes de todas as vadias sortudas e com gordura corporal a mais!

Hayley bufou. — Percebe quão ridículo soou, certo? Quantas mulheres te socariam para dizer-lhe isso?

— Se eu continuar comendo assim, poderia ser uma xícara algum dia. — Disse, olhando para baixo em cima da minha camiseta.

— Não abuse da sorte.

— Cale-se.

— Senhoras. — Joe disse e se sentou ao lado de Christopher. — Não submeta o carinha com seus problemas femininos absurdos.

— E, a propósito, Teg. — Ele continuou. — Estou cortando o cabelo.

— Eu também. — Disse Hayley, chegando a passar os dedos pelos meus curtos cachinhos. — Está realmente crescendo rápido demais.

Há nove meses eu cortei meus dreads, tirei a maioria dos meus piercings, e joguei fora cada um de meus anéis de dedo. Quem quer que a menina olhando para mim no espelho tinha sido, ela não existia mais. Ela era a máscara que eu estava escondendo e estava bem escondida...

Meu cabelo batia no meu queixo agora. Recentemente o cortei curto. Quase não usava minhas lentes de contato mais e descobri que realmente preferia usar meus óculos. Era uma espécie de como se reunir com um velho amigo, só que desta vez um velho amigo que era infinitamente mais elegante do que antes.

— Onde está sua mãe? — Perguntou Hayley. — Estamos comendo sem ela hoje?

Bocejei, estiquei meus braços e pernas antes realizando manobras para colocar minha cabeça no colo de Hayley. — Ela virá para cá. — Eu disse. — Ela só está atrasada. Disse que queria frios frescos ou algo assim. Mas, realmente, eu acho que ela tem uma queda por Rich.

— Rich? — Perguntou Joe. — O açougueiro em Stockton?

Eu balancei a cabeça. — Sim, eles flertam o tempo todo e isso me faz mal.

— Mas ele é muito mais velho do que ela.

Olhei para Hayley e encolhi os ombros. — Mas ele é um bom homem com um bom trabalho.

Ela sorriu para mim. — E ele não anda de moto.

Eu sorri de volta. — Não é isso.

— Papai anda de moto. — Disse Christopher. — Algum dia eu quero montar uma também.

— Que tal uma caminhonete? — Sugeri. — Ou um carro grande?

— Não. — Ele balançou a cabeça exageradamente. — Eu quero ser como o papai.

— Bem. — Eu disse, suspirando. — Tentei.

— Há um concerto Phish na próxima semana. — Disse Joe. — Eu poderia levá-lo comigo, apresentá-lo para o outro lado dos trilhos. Onde os homens são reais.

Bufei. — Na verdade, quer dizer homens que gostam de usar Crocs, ficar alto, cantar junto com Tom Petty enquanto relembram a paixão colegial que nunca tiveram?

— Sim. — Disse Joe orgulhosamente e bateu o punho em seu peito. — Homens de verdade.

Hayley começou a rir e sorri junto com ela. Eles eram tão perfeitos juntos, tão em sintonia. Joe podia não ser o que considero esteticamente bonito, podia jogar vídeo game mais do que ajudar em casa, mas mesmo assim amava sua esposa. E, apesar de seus defeitos, ela o amava.

Mas as pessoas não precisavam mudar para se adequar ao outro. Eles só precisavam aceitar suas diferenças. Você pode amar alguém do jeito que ele é e continuarem a viver juntos em harmonia.

Eu percebi isso tarde demais; porque quando estava com ZZ, já tinha empurrado o homem que eu amava longe de mim.

Agarrando a cabeça de cabelo castanho espesso entre as coxas, Cage socou seu quadril para cima. — Chupe. — Ele rosnou. Embora a cadela estúpida estivesse engasgando forte, provavelmente porque estava segurando-a firmemente na cabeça onde a queria e ela não tinha escolha a não ser fazer o que diabos disse para ela.

Eram todas prostitutas. Cada uma delas. Elas mereciam ser tratadas como as putas fodidas que realmente eram.

E, no entanto, ainda não sentia mais nada. Absolutamente nada, porra.

Xingando, ele arrancou a cabeça para cima e usou seu aperto em seu cabelo para atirá-la ao seu lado. Ocupando o peito, ele agarrou os lados de seu rosto, forçando a boca aberta. Mantendo-se acima dela, ele empurrou seu pau em sua boca aberta e começou a foder seu rosto. Rápido e duro. Ela estava amordaçando prolífica agora e seus olhos estavam arregalados e lacrimejando, finalmente, filho da puta, finalmente, sentiu algo. Algum pedaço torcido de satisfação.

Ele chegou duro em sua garganta e gozou imediatamente. Ela começou a ofegar, tossir e tentou virar a cabeça. Batendo a mão sobre a boca da moça, ele se inclinou para baixo. — Engula isso. — Ele disse, sorrindo para ela.

Ela tentou, mas não conseguiu. Ela estava sufocando, tossindo muito difícil e cuspiu quando o sêmen irrompeu de seus lábios e entre os dedos.

Revoltado, ele saiu de cima dela e passou a mão em seu cabelo limpo.

— Des-desculpe. —Eela engasgou, rolando para longe dele, ainda tossindo.

— Sim. — Ele murmurou enquanto saía da cama. — Você é muito boa.

Curvando-se ao lado de sua mesa de cabeceira, pegou seu cartão de crédito. — Está merda é agitada. — Sussurrou.

— Você sabe onde vivemos? — Perguntou. — A merda no meio do nada. Não vejo porque você apenas não mergulha no esconderijo do seu velho.

Cage posicionou seu enrolado sobre a primeira linha e inalou até o último grânulo antes de olhar de volta para ela.

— Eu não sou o caralho de um estúpido. — Disse ele, fungando. — Essa merda está à venda, bloqueada, abastecida e contabilizada. Não para a porra do uso pessoal. Eu bato nele e eles vão saber.

— Eu estava apenas dizendo. — Ela murmurou.

Cage lançou lhe um olhar antes de se abaixar para aspirar outra linha.

— Não fale porra nenhuma então. — Disparou de volta, apertando o nariz com o polegar e o indicador e inalando duro. A queimadura formigando atingiu a traseira de sua garganta e ele engoliu essa merda.

Molhando o dedo do meio, pegou o restante. Então, colocando o dedo em sua boca, esfregou-o em suas gengivas.

Ah, energia induzida quimicamente. A única maneira que ele conseguia encontrar a vontade de sair da cama. Agarrando seus cigarros, acendeu um e tossiu com as primeiras tragadas,

amaldiçoando quando seus pulmões começaram a queimar algo feroz. Sentado no chão, inclinou-se contra a sua cama e deixou sua cabeça cair para trás.

Seu pulmão esquerdo ferido todo o maldito tempo. Filho da puta doía para caralho, passou por vários especialistas, em termos inequívocos, disseram que ia doer pelo resto de sua vida. Aparentemente, quando um de seus pulmões não era nada, mas o tecido da cicatriz ou alguma merda, viveria o resto de seus dias na dor 24/7 era apenas uma das muitas vantagens.

Ele não deveria estar fumando. Ele não deveria estar fazendo qualquer coisa que causasse danos aos seus pulmões, não que se importasse sobre o que aconteceu com seus pulmões. Na verdade, ele não dava dois foda-se sobre o que aconteceu com ele ou qualquer outra pessoa.

— Você quer que eu veja se Bucket tem mais disso que o China White deixou?

Cage olhou para ela. — Bucket?

Ela encolheu os ombros. — Alguns meses atrás ele estava fodido e me pagou em heroína.

— Você fodeu Bucket? — Ele perguntou, enojado. Ela não poderia ter mais de dezenove ou vinte anos e Bucket era quase tão velho quanto o pai dele.

Ela começou a rir. — Eu fodo a porra do Bucket desde que eu tinha quinze anos. — Disse ela. — Como meus pais, me mudei para o despejo dessa cidade.

Bom.Realmente muito bom. Ela parecia orgulhosa dele também.

Puta. Eram todas prostitutas filhos da puta. Mas a maior prostituta de todas elas, aquela que o havia fodido com tanta força que não tinha certeza de que ele já tinha voltado...

Tegen.

Ele tinha sido drogado depois que saiu da cirurgia e não se lembrava de muita coisa, mas quando a dor tornou-se mais suportável e tinham começado a diminuir a dosagem pesada, se lembrou claramente e Tegen não estava lá. No começo, ele tinha entrado em pânico, pensando que alguma coisa tinha acontecido com ela, que ZZ atirou nela, que estava tão fodida quanto ele estava ou pior, morta.

Em seguida, ele cometeu o erro de perguntar sobre ela e seu velho tinha preenchido os espaços em branco. Ela estava bem. Ilesa. E não estava no hospital.

Nem uma vez ela veio para vê-lo. Ele foi colocado na porra de sua cidade, pelo amor de merda, e ainda... nada.

Ele não ia mentir; essa merda doía, porra. Quase tanto quanto os buracos em seu corpo. Ele falsificou mais dor do que tinha, na verdade, e voltou a se drogar até desmaiar.

E estava mergulhando desde então. Porque quando não estava fodido, isso doía muito. O que queimava dentro de seus pulmões...

Sim, ele tinha que superar a dor em seu coração, qualquer dia.

Ele disse a cadela que a amava. E ela correu para longe dele.

Estupidamente ele foi atrás dela, levou tiros e quase morreu, porra. Duas vezes.

E ela correu para longe dele.

Se estivesse procurando vingança pelo que ele tinha feito para ela, tinha conseguido, porra. E mesmo assim ele ainda estava pensando nela. Ele ainda a queria porra.

Ele era estúpido. Um idiota de primeira classe. Ele tinha saltado de cama em cama a sua vida inteira, não dando a mínima, só para acabar apaixonado por aquela cadela que tinha, uma vez, realmente se importado com ele e ele a queimou.

Pegando a garrafa de seu criado-mudo, tomou um longo gole, profundo e lavando a queima da humilhação com um tipo diferente.

Ele estava em seu quarto bebendo quando a porta do quarto se abriu e bateu na parede com um estalo alto. Ele não se incomodou de girar.

— Você sabe que porra de horas são? — Uma grande voz familiar, irritada exigiu.

Cage não virou a cabeça. — Será que eu me importo, caralho?

— Cadela. — Disse Deuce. — Coloque suas roupas e dê o fora.

Atrás dele, Cage ouviu a garota lutando para sair da cama. Alguns momentos depois, a porta se fechou e de repente passos pesados atravessaram a sala. O rosto de seu pai apareceu, muito perto e um pouco embaçado. Cage franziu o nariz. — Cospe, velho.

Os olhos de Deuce se estreitaram. — Você acha que eu não sei o que você foi fazer? Metade do tempo você não é nem inteligente o suficiente para limpar a porra do nariz.

Cage bufou e as narinas queimaram. — Acha isso engraçado?

— Sim. É engraçado que você acha que me importo se você sabe ou não.

— Meus meninos não usam este caralho. — Ele rosnou. — Você sabe muito bem disso.

— Sim? — Cage rebateu. — Diga isso ao Bucket.

Deuce endireitou-se e olhou para ele. — Bucket tem negócio lateral acontecendo, ele não está usando esta merda. Você saberia isso se usasse a porra da sua cabeça ao invés de pó por um minuto.

Cage tomou outro gole de Jack antes de olhar para o pai. — Não, idiota, eu sei que você realmente me diz alguma coisa de vez em quando, em vez de me chutar como merda de seu maldito sapato.

— Você é a porra de um porco, garoto? — Deuce exigiu. — Você precisa de mim para limpar a sua maldita bunda também?

O temperamento de Cage queimou para a vida e antes que ele soubesse o que estava fazendo, estava jogando a garrafa de Jack do outro lado da sala. Ele ficou de pé, olho no olho com o seu pai, assim como bater na parede e quebrou.

— Você é um pai de merda, sabe disso? — Gritou. — Você é uma merda de pessoa também! No entanto, se deu bem, tudo o que não merecia!

Momentos depois Cage estava preso contra a parede por sua garganta, seu pai em seu rosto. — Você acha que eu não sei, caralho? — Cuspiu Deuce. — Você acha que eu não sou grato, você está errado porra! Estive onde diabos você esteve, seu merdinha. Eu tenho vivido chateado com toda a porra do mundo, eu tive a porra de uma foda muito mais do que você, e ao contrário de você, eu tive um velho que não dava um filho da puta, se eu vivesse ou morresse.

Cage sorriu. O pai dele achava que dava uma porra que ele tivesse conseguido um tiro. Ele não dava. Na verdade, seu velho poderia matá-lo agora e ele ainda não daria a mínima.

— Então o que você está dizendo, — Cage demorou. — é que eu deveria estar seguindo seus malditos passos, tê-lo esfaqueado no chuveiro como você fez com o seu pai?

As narinas de empate queimavam.

— Esta merda já aconteceu por tempo suficiente. — Ele rosnou, apertando a garganta de Cage. — Tempo para você lavar sua maldita besteira e voltar a viver.

Viver? Foda viver?

A raiva ferveu dentro dele e ele se viu segurando o pulso de seu pai e puxando as mãos do homem fora de sua garganta.

— Foda-se! — Ele gritou, empurrando Deuce para trás e imediatamente avançando sobre ele. — Você chama minha vida de viver? Eu não estou vivendo! Eu tenho apenas seguido em frente, levando acima de sua maldita bagunça! Eu nunca tive qualquer coisa que fosse minha!

Ele empurrou Deuce novamente. — É tudo seu! Tudo! O clube, os meninos, Eva e as crianças! Sãotodos seus caralho! Eu não tenho nada! Caralho, nada!

Cage teria entendido o que estava vindo, mas ele estava muito bombeado em adrenalina de drogas e não viu o punho de seu pai até depois de ter colidido com o seu rosto.

Deitado no chão, esfregando o queixo, ele piscou para a forma imponente de seu pai.

— Você realmente é estúpido, caralho! — Deuce disse asperamente. — Você é meu filho porra, meu filho, e tudo o que tenho,

tem sido sempre seu. Para quem você acha que passarei o martelo quando eu me for?

— Foda-se o seu martelo. — Cage zombou. — Foda-se o seu clube e foda-se...

Deuce olhou para ele por um instante e então se virou.

Cage continuou deitado no chão por muito tempo após a porta do quarto ter sido batida fechada.

Foda-se o velho dele. Foda-se esse clube. E foda-se.

Mas acima de tudo ...

Foda-se Tegen.

Sua cabeça era uma bagunça, Deuce saiu do quarto de Cage, bateu a porta que fechou atrás dele e saiu para o corredor.

O filho dele ia morrer se continuasse essa merda. Quase um ano após ZZ ter explodido dois furos através de seu pulmão, ele não estava só ainda fumando, mas cheirando e quem sabe o que mais. Putas sujas também porra.

Suspirando com raiva, ele esfregou as mãos sobre o rosto. Onde diabos ele continuava errando? Não importava o que ele fizesse porra,

nunca era o suficiente, não para qualquer um deles. Exceto Eva. Ela era a única pessoa nesta terra para quem ele já tinha sido o suficiente.

— Jesus. — Ele murmurou. — Estaria perdido sem ela.

Uma coisa era verdade: nesta merda de vida, o seu negócio sujo corre e você precisa de uma boa mulher apoiando você. Uma forte. Aquela que sabe seu lugar e está lá para você não importando o quê. A mulher com a qual um homem pode contar para dar-lhe o que e quando precisa , porra.

— Como está o menino? — Mick perguntou quando Deuce sentou sobre a banqueta ao lado dele. Deuce deu um tapa na nuca de Blue, mas o filho da puta velho bêbado não deu nenhuma contração.

— Fodido.

— Faz-me lembrar um monte de seu velho. — Disse Mick.

Deuce o olhou de soslaio. — Sim? Como assim, porra? Nunca usei.

Pegando o copo na frente dele, Mick abateu o último de seu uísque.

— Não disse que era exatamente o mesmo. Disse que me fez lembrar de você. Depois que Eva correu para longe de você. A diferença era que você tinha muitas responsabilidades. Cage não tem porra nenhuma para fazer, mas foda-se.

— O que diabos você está falando?— Perguntou Deuce, agarrando a garrafa na frente de Mick. — Não tem ninguém fugindo de Cage. O idiota levou um tiro por causa de...

A voz de Deuce sumiu e seu peito começou a apertar.

Ele olhou para Mick e Mick deu um sorriso triste.

— Tegen. — Deuce terminou.

— Tegen. — Mick repetiu, balançando de acordo.

— Você está tentando me dizer que ele a ama?

— Pense nisso... — Disse Mick quando ele empurrou fora de sua banqueta. — Ele estava todo em cima dela durante o bloqueio no ano passado, a cada segundo, caramba, e eu nunca o vi dar a uma fêmea mais atenção do que levava até ter seu pau sugado por ela. Então ela foge dele no meio da noite e ele age como um idiota por causa disso. A próxima coisa que soube era que ele estava movendo sua bunda para Cali e em vez de ir para Oakland, indo direto para ela.

Deuce fechou os olhos. Foda-se. Tegen não tinha escapado. Ele a empurrou para fora da porta, maldição.

— Eu tenho que chegar em casa, Prez. Até amanhã?

— Sim.

Ele viu quando Mick saiu e quando estava sozinho, não fosse Blue desmaiado no bar, ele colocou os cotovelos no balcão e baixou a cabeça em suas mãos.

Ele tinha fodido tudo. Mais uma vez. No meio de sua raiva, pensando que estava prestes a perder seu filho, tinha colocado toda a culpa em Tegen, disse-lhe para dar o fora e ficar bem longe.

Exceto que nada dessa merda tinha sido culpa dela. A culpa foi de ZZ por puxar o gatilho, a culpa foi de Cage para puxar a sua arma, primeiro, e foi sua própria culpa por não perceber que tudo o que existia entre seu filho e Tegen era mais profundo do que pensava.

E agora?

Dorothy tinha dito a Eva que ela não queria nada com o clube, Tegen não tinha sequer tentado ver Cage, e Cage era a porra de um naufrágio.

— Velho! — Ele latiu, jogando uma montanha na direção de Blue. Ele atingiu o topo da cabeça do homem e ricocheteou. — Poderia usar um pouco dessa sua sabedoria agora mesmo.

Nada.

— BLUE! — Deuce berrou. — Abra a boca!

Nada.

Xingando, Deuce levantou de sua cadeira e caminhou os poucos metros entre eles. Agarrando o braço de Blue, ele puxou e abanou. — Filho da puta. — Ele rosnou. — Quanto você bebeu hoje?

Nada.

Quando ele soltou o braço de Blue, o membro caiu mole e pesado ao seu lado, e de repente o corpo do velho homem começou a cair. Deuce agarrou-o antes que ele pudesse deslizar para o chão e levantou-o em sua cadeira. Como chefe do Moto Clube, o pânico subiu no intestino de Deuce.

Os olhos do filho da puta estavam abertos.

— Blue! — Ele gritou, puxando-o para fora do assento e colocando-o no chão plano. Ele abaixou a cabeça sobre a boca e o nariz de Blue e ainda assim ele não estava respirando.

Pânico se transformou em medo e o peito de Deuce ficou preso como um vício.

— Blue! Droga, Blue!

Beliscando o nariz do homem fechado, Deuce cobriu a boca de Blue com a sua própria e soprou. As compressões torácicas foram as próximas. Mais respiração.

E, nada.

— Blue! — Gritou, com os punhos cerrados. — Levante filho da puta!

Lágrimas picaram seus olhos e os punhos cerrados desabaram no peito de Blue. — Acorde, seu estúpido velho! Acorde!

Respirando com dificuldade, com dor no peito, Deuce cambaleou. Com as mãos trêmulas, ele enfiou a mão no bolso para o

seu telefone celular quando de repente uma dor aguda cortou o braço esquerdo e em linha reta em seu peito. Seu celular caiu no chão e as duas mãos voaram para seu peito.

Mais dor seguiu e sua garganta apertou.

— Jesus. — Ele suspirou, agarrando no centro do seu peito. A dor era tão grande, estonteante, que suas pernas cederam e caiu de joelhos.

Desesperado, estendeu a mão, procurando cegamente por seu telefone, mas a dor estava em todo lugar agora. Em seu peito e pescoço, em ambos os braços. Parecia que estava sendo espremido de dentro para fora com uma corda feita de lâminas de barbear.

Incapaz de encontrar o seu telefone, ele chamou seu filho, mas suas palavras foram distorcidas e pesadas de dor.

Enfraquecendo rapidamente, caiu para o lado. Aquilo não podia estar acontecendo. Ele não podia estar morrendo, porra. Ainda não. Pelo menos, não agora. Não quando ele tinha filhos que ainda precisavam dele, Ivy e Damon, seu filho de oito meses de idade. Ele tinha uma neta que adorava, e uma mulher, droga, uma esposa que ele não tinha tido tempo suficiente nesta terra para satisfazê-la, porra. Ele não podia ir ainda. Não podia deixá-los ainda, não quando seu filho mais velho estava no meio de jogar a vida toda fora.

— Cage. — Ele engasgou, a palavra quase um sussurro.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

— Mark. — Disse Ellie, apontando para um de seus alunos na segunda fila. — E quanto a você? Qual a sua opinião sobre o Sr. Poe — Raven? — Qual é a mensagem subjacente?

O loiro, de olhos azuis, um arrogante atleta do ensino médio sorriu e balançou a cabeça. — Eu não faço ideia.

Ellie revirou os olhos. — Mais alguém?

Dois estudantes levantaram as mãos, todos do sexo feminino, como era típico. As aulas de literatura inglesa não pareciam interessar qualquer um dos machos.

— Vanessa. — Disse ela.

— Amor Eterno. —Ddisse a menina. — E a perda.

Ellie sorriu e acenou com a cabeça. Sempre que um aluno acertava com uma obra literária, ela sentia uma onda de orgulho.

— Você quer aprofundar? — Perguntou Ellie.

A menina abriu a boca, assim que a campainha tocou, sinalizando o fim da aula, bem como o fim do dia.

A classe inteira parecia simultaneamente olhar para ela esperando a confirmação de que estava tudo bem para sair.

— Sim. — Ela disse, acenando com as mãos na direção da porta. — Vão, vão, vão. Tenham um ótimo fim de semana.

A corrida louca para a porta sempre a divertia. Lembrou de seus próprios tempos de colégio, quando ela era a pessoa solitária relutante em sair. Ela adorava a escola, sempre tinha adorado; e isso não havia mudado.

Sentada em sua mesa, ela começou a mexer nos papéis em uma tentativa de organizar a bagunça.

— Senhorita Tate?

Olhando para a porta, ela encontrou a diretora, Adele, ali de pé parecendo desconfortável, e ela lutou contra a vontade de rir.

— Sim?

— Só queria dar uma olhada e ver como a sua primeira semana se passou.

Ellie deu-lhe um sorriso genuíno. — Fantástica. — ela respondeu honestamente. — Eu realmente amo isso aqui.

A mulher se mexeu desconfortavelmente. — Eu, uh, er ... seu namorado vem pegar você todos os dias?

Agora Ellie estava realmente segurando sua risada. Seja o que fosse que Dirty tinha dito a ela, a tinha convencido a oferecer a posição em aberto a Ellie e é óbvio que não tinha sido muito agradável. A mulher estava absolutamente aterrorizada com ele.

Não é que Ellie tivesse aprovado seus métodos, mas ela tinha ficado com certeza grata por eles. Sua mãe tinha piorado e Ellie queria ficar ao seu lado, em vez de sair e perder tempo, bem como ajudar o pai com as contas do hospital que foram rapidamente se acumulando.

Não tinha sido fácil, ajustar-se a viver na mesma cidade que o homem que tentou estuprá-la. Mas o que quer que Deuce tinha dito à ele, qualquer acordo que tinha sido feito, Daniel não havia chegado a ela. No início, nas raras ocasiões em que não tinha ido a algum lugar sem Dirty ao seu lado e encontrasse Daniel em algum lugar da cidade, ela imediatamente se retirava, corria para casa e direto para o chuveiro, onde se limpava com água quente até que sua pele estivesse escaldada.

Mas às vezes isso não era suficiente para apagar a sensação de suas mãos sobre ela. Nesses dias que Dirty a levava para fora em sua moto e eles simplesmente andavam, sem destino, até que Ellie sentia-se limpa novamente, a cargo de seu próprio corpo e livre da sujeira que Daniel trouxe para sua vida.

Quanto a Dirty, no ano passado, ele tinha chegado muito longe de onde tinha estado emocionalmente.

Sentada na parte de trás de sua moto, ela poderia envolver os braços ao redor da cintura dele agora, inclinar a cabeça contra as costas e segurar-se firmemente a ele. Dirty permitia que ela fizesse isso. Ele ainda precisava de alguns minutos para se ajustar ao seu toque, se mexia o tempo todo, mas era um progresso.

Havia até alguns casos enquanto assistiam a um filme juntos que Ellie fugia para perto dele no sofá e descansava a cabeça em seu ombro. Uma vez, ele segurou sua mão.

Na maior parte, a vida era muito boa. Melhor do que ela jamais esperava que fosse depois do que tinha acontecido. Ela não tinha percebido o quanto sentia falta de ter amigos até que ela ter Danny de volta em sua vida, ou o quão melhor era se rodear de pessoas em vez de livros.

Havia apenas um problema. E ficava cada vez mais insuportável quanto mais o tempo passava.

Ela estava desesperadamente com tesão.

Ultimamente, ela passava suas noites sozinha em seu quarto, pensando em Dirty, sabendo que não podia fazer nada sobre isso. Ainda assim, sua determinação ficava cada vez mais fraca.

Eles tinham ficado muito perto. Ele se recusava a deixá-la fora de sua vista; ele a levava para trabalhar todas as manhãs e a pegava todas as tardes. Alguns dias eles iam jantar em sua casa, outras vezes na casa de seus pais, e em raras ocasiões, eles saíam.

Todos os dias ela se deparava com seu lindo rosto, seu corpo longo, magro, esculpido, e sua personalidade, tão danificada, tão frágil... ela não podia ajudar, mas queria consertá-lo. Ele era o pior pesadelo-bonito de uma mulher do lado de fora, devastado por dentro. Uma combinação mortal.

No entanto, ela o queria. Ferozmente.

Ela nunca tinha pensado em si mesma como uma mulher típica, atraída por meninos maus, mas era diferente com Dirty. Ela não conseguia identificar o que era, e se estivesse sendo completamente honesta consigo mesma, não se importava. Ela nunca se sentiu assim sobre um homem...

Nunca.

Tudo o que ele tinha feito, sua vida no clube, não importava. Ele era bom para ela; ele a protegia e cuidava dela, e nem uma vez desde a manhã em que inadvertidamente a atacou, deu a ela uma razão para pensar que não podia confiar nele implicitamente.

E agora, oh meu Deus, seus hormônios entravam em ritmo cada vez que estava perto dele. Especialmente quando ele sorria. Aqueles

raros sorrisos eram tão poucos e distantes entre si que, quando eles apareciam, meu Deus, ela se derretia.

Ela não tinha a menor ideia de como agir sobre ele. Estava com medo de que se fizesse algo, iria afastá-lo.

— Sim. — Disse Ellie a Adele. — Será que vai ser um problema?

As duas mulheres olharam uma para a outra até que a mulher mais velha finalmente cedeu. — Nem um pouco. — Disse Adele em breve e deixou abruptamente a sala.

Balançando a cabeça, Ellie voltou para seus papéis e antes que ela percebesse, uma hora tinha passado. Ela tinha acabado de começar a limpar quando ouviu passos pesados no corredor. Sabendo que Dirty estava aqui, el rapidamente empurrou tudo em uma pilha arrumada e se abaixou para pegar a bolsa. Pegando o celular fora de sua mesa, ela se dirigiu para a porta, percorrendo suas mensagens enquanto andava.

Uma nova mensagem.

Michael: Trabalho até tarde.

Confusa, ela olhou para cima e ficou cara-a-cara com o chefe de polícia, Daniel Mooresville.

— Ellie. — Ele zombou e ela pegou o forte cheiro de bebida em seu hálito e imediatamente se afastou. — Estava esperando muito tempo por você sem a porra da sua babá.

Ao entrar na sala de aula, ele fechou a porta atrás de si. — Você vai ficar com a escória motociclista, mas não comigo?

O medo saltou de bruços, enrolou em torno de seu coração batendo rapidamente e se alojou em sua garganta. Ela não tinha para onde correr. Estava no segundo andar e Daniel estava bloqueando sua única saída. Ela estava presa.

— Daniel. — Disse ela, com a voz trêmula enquanto continuava se afastando. — Por favor, não faça isso.

— Cale a boca!— Ele rugiu, arrancando sua arma do coldre e apontando para ela. — Você fez de mim um tolo. Você sabe quem eu sou? Quantas mulheres nesta cidade teriam matado pela sua posição?

Um tremor violento assolou pelo corpo de Ellie. Ela estava apavorada demais para falar.

— Deite no chão. — Ele exigiu.

Não. Oh Deus, não. Por favor, Deus, por favor, não deixe que isso aconteça. Aquilo não podia estar acontecendo.

— Você me ouviu?— Ele gritou. — Deite na porra do chão!

Ellie sentiu os sussurros de derrota começarem a resolver fortemente na boca do estômago. Engolindo em seco, ela colocou sua bolsa e o telefone em sua mesa e depois, lentamente, foi ao chão.

— Deite-se. — ele ordenou enquanto caminhava em sua direção, e ela fez o que ele pediu.

Elevando-se sobre ela, sua arma ainda apontada para ela, Daniel agarrou suas calças, e abriu seu cinto.

A visão de Ellie começou a nublar e ela tentou desesperadamente sugar o ar muito necessário.

— Levante seu vestido.

Tremor, suor, ainda frio, com medo, Ellie se abaixou e puxou seu vestido. Quando Daniel se ajoelhou entre suas pernas, as calças caíram fora de seus quadris, sua ereção já liberta de suas calças, Ellie virou a cabeça e apertou os olhos bem fechados.

Ela não iria lutar com ele desta vez, disse a si mesma. Ficaria aqui e iria levá-lo e, em seguida, talvez não fizesse tão mal, talvez ele fosse deixá-la viver, talvez..

Ela estremeceu quando Daniel segurou um dos seios com força e torceu duro. A mão dele estava entre suas pernas agora, empurrando a calcinha para o lado e, oh meu Deus, não, não, não...

Seus dentes cerraram, a mandíbula travou.

Doeu. Ela não estava pronta para ele, não em tudo. Seu corpo estava tenso, tão fortemente amarrado, se ele conseguisse entrar dentro dela, ia ser doloroso.

Ellie prendeu a respiração e começou a rezar. Ela rezou para todos os Deuses, em todas as religiões que podia pensar. Rezou por sua vida, rezou para ser capaz de ver sua família novamente, apenas

continuou a orar, concentrando-se exclusivamente na oração enquanto Daniel amaldiçoava enquanto tentava empurrar para dentro dela.

Um estrondo soou e seus olhos se abriram. A cabeça de Daniel virou e a próxima coisa que ela sabia era que Daniel não estava mais em cima dela, mas voando pela sala de aula, tirando toda a linha de mesas por onde passava Dirty ficou acima dela, olhando-a com os olhos arregalados, seus traços apertados, fazendo com que as veias de seu pescoço pulsassem.

— Será que ele? — Perguntou ele com os dentes cerrados. Já empurrando para baixo de seu vestido, Ellie balançou a cabeça freneticamente. — Não. — Ela disse, lutando para ficar de pé.

Ele acenou com a cabeça. — Vá. — Disse ele sombriamente. — Pegue suas coisas e vá direto para minha casa. Agora mesmo.

Ellie olhou para Daniel, que estava deitado no chão do outro lado da sala, segurando a cabeça e gemendo.

— Vá! — Dirty gritou, estimulando Ellie a entrar ação. Ela pegou sua bolsa e o telefone e saiu correndo da sala. Correu pelos corredores vazios, descendo as escadas e explodiu a porta da frente. Ela correu até o apartamento de Dirty.

Então ela se arrastou em sua cama, puxou as cobertas sobre a cabeça, e caiu em prantos.

Dirty ia matá-lo e tão terrível como era, ela realmente não se importava. O que importava era o que ia acontecer com Dirty após o fato.

— Eu odeio esse caralho de lugar — Ripper murmurou, olhando para os condomínios degradados na periferia da cidade.

Dirty olhou para cima, onde Daniel estava inconsciente, e depois para Ripper. — Nós tomamos conta de tudo?

Ripper encolheu os ombros. — Eu limpei a sala de aula, Anger desapareceu com o carro da polícia enquanto falamos, e o único outro filho da puta dentro da escola era uma das secretárias e ela nem sequer bateu uma porra de cílios quando eu disse que ela não ouviu nada, não viu nada, e não sabia de nada.

— Quanto é que você deu a ela?

Ripper bufou. — Demais.

— Ameaçou?

Ripper deu de ombros novamente. — Talvez. Mas não é sempre que sangue é derramado aqui. Nós protegemos a nossa cidade, eles sabem disso.

— Obrigado por fazer isso. — Disse ele, olhando para Ripper.

Ripper balançou a cabeça. — Irmão. — Disse ele. — Se essa fosse a minha velhinha e aquele filho da puta tentasse estupro, ele já estaria comendo poeira.

— Estou lhe dando lentamente o castigo. — Dirty disse entre dentes. — Pelo menos posso tentar.

Ripper sorriu tristemente e estendeu a mão. — Você faz o que tem que fazer, cara. Chame Cox se precisar de ajuda com o corpo. Vou passar pelo clube um pouco mais tarde e deixar o Prez saber o que está acontecendo de qualquer maneira.

O punho de Dirty tocou o de Ripper e ele concordou.

Dirty esperou até que ele já não podia ver as luzes traseiras da picape de Ripper antes de voltar para Mooresville. Inclinando a perna de trás, ele enviou sua bota direto nas costelas do imbecil.

— Acorda, filho da puta! — Gritou.

Ar explodiu dos pulmões do homem na forma de um gemido ofegante os olhos de Mooresville piscaram abertos. Tossindo e cuspindo, ele tentou afastar-se de Dirty, mas Dirty não daria uma chance e imediatamente enviou a bota novamente em suas costelas. O filho da puta saltou alguns metros à frente e depois ficou imóvel.

Atravessando a pequena distância, Dirty passou por cima dele e estendeu a mão para agarrar o colarinho da camisa. — Abra os olhos!—

Ele exigiu e as pálpebras de Mooresville vibraram antes de finalmente abrirem.

— Você vai morrer agora, filho da puta — Dirty rosnou. — Mas primeiro você vai virar uma puta de merda e pegar tudo o que vou te dar. E filho da puta, vou fazer doer.

Puxando-o pela camisa, Dirty enviou seu punho diretamente na boca do homem. Doeu, com certeza, os dentes do filho da puta acabaram com os nós dos dedos, mas foi eficiente em bater para fora quase todos os dentes da frente de Mooresville.

Deixando-o cair de volta para o chão, Dirty sentou com força em suas costelas feridas, prendendo-o no lugar.

— Por favor— Mooresville raspou entrecortadamente — Por favor...

— O que é isso? — Disse Dirty, zombeteiro. — Eu não posso ouvi-lo, porra?

— Por favor! — O homem gritou.

— Foda-se. —Dirty brigou e enviou seu punho voando para o lado do rosto de Mooresville. Uma e outra vez, ele lhe deu um soco tão forte quanto pôde, batendo até que estava coberto de sangue do homem, incapaz de enxergar direito. Até que não era mais em Mooresville que ele estava batendo.

Mas nele próprio.

Porque por mais que ele odiasse comparar-se a um saco de lixo como Daniel Mooresville, não tinha muita escolha. Ele era tão grande como um saco de lixo. Nunca poupou a uma mulher que não fizesse parte de sua família um segundo pensamento; ele não tinha dado a mínima para o tipo de dor que ele causava, ao invés de racionalizar.

Era o pior tipo de saco de lixo, pensando que tinha o direito de infligir dor a outras pessoas apenas porque a dor tinha sido infligida a ele.

O mundo não lhe devia nada. Ninguém devia.

Ele não merecia uma segunda chance. Ele não merecia nada. Pior do que nada. Mereceu cada centímetro do que tinha e acabaria com esse filho da puta.

— Você acha que tem o direito de ferir as pessoas?— Ele gritou quando arrastou do corpo do chefe de polícia partido em direção à linha de condomínios. — O que lhe dá a porra de direito?

Soltando-o de bruços, Dirty puxou para baixo as calças e a boxer do homem, em seguida, fez um inventário de suas próprias posses. Sim, de jeito nenhum ele iria usar sua arma. Ou seu telefone. Ele pegou a próxima melhor coisa. Sua lâmina. Não era uma faca qualquer; era uma lâmina serrilhada de caça, feita especialmente para a morte.

— Abre. — Dirty disse e empurrou a filha da puta em linha reta no cu de Mooresville. Forte. Uma e outra vez, cada vez e aumentando

os seguintes gritos de dor de Mooresville à medida que ecoou em todo o espaço vazio escancarado.

Dirty riu, enganchando as mãos sob os ombros deslocados do homem. Uma vez que ele tinha lhe colocado nos degraus da frente do condomínio, Dirty arrancou a boca aberta e forçou o canto da escada de concreto entre os lábios. Mooresville choramingou seus protestos, mas não havia um osso do corpo do filho da puta que Dirty não tinha, pelo menos, tentado quebrar. O cara mal podia respirar, muito menos se mover.

— Boa noite, filho da puta. — Disse ele.

Em seguida, segurando-o no lugar, Dirty levantou a cabeça e bateu, tão duro quanto podia, na parte de trás do crânio.

Em pé e com as mãos trêmulas, Dirty acendeu um cigarro e tirou seu telefone celular.

Cox respondeu ao primeiro toque.

— Tenho um problema. — Disse ele em torno de uma nuvem de fumaça.

— Sim. — Perguntou Cox. — O que você precisa?

— Molho especial.

— Onde você está?

— Mama Vi.

— Estarei aí em vinte minutos.

Dirty empurrou seu telefone de volta em seu bolso e olhou para a cena sangrenta. Levantando o pé, ele limpou o sangue fora sobre o corpo de Mooresville.

— Te vejo no inferno, filho da puta. —Disse ele. Cuspiu um bolo de catarro na parte de trás do crânio quebrado do homem. — É melhor você acreditar que levará outra surra quando eu o fizer.

O estômago de Ellie estava agitado, sua cabeça latejava, sua ansiedade tinha atingido níveis vulcânicos e ela estava tão tensa, que quando ouviu o tilintar de chaves contra a porta, caiu de cara no chão quando tentou sair da cama.

— Jesus. — Dirty murmurou. Mãos agarraram seus braços e ela foi levantada para seus pés.

Ellie se engasgou com sua surpresa quando viu as roupas desgrenhadas, sujas e coberta de sangue de Dirty. Seu olhar caiu para as mãos cobertas de sangue e suas juntas inchadas.

— Michael. — Ela sussurrou. — Será que você ...

Lágrimas se formaram em seus olhos. — Por favor, me diga que você não o matou. — Ela terminou rapidamente, rezando a Deus para que ele não tivesse.

Seus olhos se encontraram. — Eu o matei. — Disse ele, sem um pingo de remorso. Na verdade, ele parecia com raiva, como se quisesse matar o homem mais uma vez. — Ele nunca vai ser encontrado, baby e você não tem que se preocupar mais com ele vindo atrás de você.

— A cidade inteira o procurará. — Ela sussurrou, enchendo seu corpo com medo. — Você vai para a cadeia. Eles vão levá-lo para longe de mim e você vai para a cadeia e vai ser tudo culpa minha. Oh meu Deus.

A boca de Dirty bateu na dela com tanta força que ela teria voado para trás se ele não estivesse segurando seus braços.

A surpresa de Ellie foi de curta duração. Ela queria isso, queria tanto, por isso, quando a língua quase empurrou por seus lábios, ela já tinha esquecido completamente o que estava falando.

— Ninguém estará me levando para longe de você. — Ele rosnou contra sua boca.

Ellie encontrou de repente se virando e a frente de Dirty pressionada contra suas costas. Suas mãos agarraram a gola do seu vestido. — E esse filho da puta nunca vai ser encontrado. — Completou, em seguida, puxando. Botões voaram pela sala, o barulho deles batendo no mobiliário e paredes quando o vestido foi dividido aberto.

Grandes mãos suavemente seguraram os seios cobertos pelo sutiã e ela tremeu através de sua próxima respiração. — Eu tenho que ter você, baby. — Ele disse, pressionando sua ereção em sua parte traseira. — Eu não aguento mais, mas eu tenho que fazer isso do meu jeito e preciso que você faça exatamente o que eu digo.

O desejo de Ellie por Dirty tinha substituído o seu medo do que poderia acontecer se eles tivessem se tornado íntimos algum tempo atrás. Ela simplesmente não ligava mais. Ela o queria tanto. Mais na verdade, agora que ela sabia do que ele era capaz. Ele tinha acabado de matar um homem. Matado com suas próprias mãos. Por ela. Tudo por ela.

Nunca em toda a sua vida tinha sonhado que poderia estar no centro de tais eventos, ou ligada a eles, muito menos se apaixonar por um homem... como Dirty.

Seu vestido foi puxado de seus braços e rapidamente seu sutiã foi jogado do outro lado da sala. Momentos mais tarde, Ellie estava nua, de bruços na cama de Dirty e ele atrás dela, segurando seus quadris, pressionando contra ela, pressionando dentro dela.

Ela gemeu sua frustração. Ela queria tocá-lo, beijá-lo novamente; queria se segurar firmemente a ele quando deslizasse para dentro dela. Mas ela iria segurar. Ela entendia. Tinha visto em primeira mão a sua fragilidade, seus medos, e sabia o quão desesperadamente difícil isso era para ele, que ela pudesse fazer do jeito dele.

Exceto, de repente, ela já não podia senti-lo atrás dela. Empurrando de joelhos, ela se virou e encontrou-o ajoelhado na beira da cama, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Eu não posso fazer isso. — Ele engasgou com suas palavras, os olhos arregalados, enquanto sua cabeça balançava descontroladamente. — Eu não posso fazer isso.

Instintivamente querendo confortá-lo, Ellie chegou para ele e viu-se imediatamente empurrada para trás. Assustada, ela olhou para Dirty, que estava elevando-se sobre ela e gritando. — Não me toque. — Ele rosnou.

Lágrimas queimaram em seus olhos quando ela balançou a cabeça. — Sinto muito. — Sussurrou entre lágrimas.

Os olhos já selvagens de Dirty brilharam com uma emoção não identificável e de repente os punhos estavam cerrados e suas narinas com respirações pesadas. Ele parecia estar em guerra interna e olhava para Ellie como se seus demônios pessoais estivessem vencendo.

— Está tudo bem. — Disse ela, tentando o seu melhor para mascarar sua voz tremendo com um tom suave. — Nós não temos que fazer nada.

Seus olhos brilharam ainda mais amplos e Ellie encolheu para trás.

— Eu tenho que fazer!— Ele rugiu, com o rosto vermelho de raiva. — Eu TENHO QUE FAZER!

A próxima coisa que ela sabia, era que ele agarrou suas pernas e puxou-lhe as pernas abertas. Seus quadris avançaram e...

Ellie respirou assustada, enquanto ele enchia seu corpo. Ele não era um homem pequeno, não mesmo, e levou mais de um momento para ajustar ao seu tamanho.

Dirty olhou para ela, parecendo melhor do que antes, balançando, os olhos ardendo de tanta emoção e lágrimas. Ela alimentou através de sua necessidade de confortá-lo através do toque e apenas deitou-se debaixo dele, seus corpos unidos, mas nenhum deles tocando o outro, nenhum deles se movendo. Apenas olhando.

— Lute comigo. — Ele sussurrou de repente.

Os olhos de Ellie se arregalaram. — O quê?

— Lute comigo. — Ele repetiu, com a voz embargada. — Vadia, por favor.

Oh Deus, isso tinha sido uma má ideia. Ele queria que ela lutasse com ele. Ela não podia lutar com ele, era muito parecido com o que tinha acontecido entre ela e Daniel e ela queria...

Ela queria Dirty.

— Tudo bem. — Ela sussurrou, sua voz vacilante. — Mas eu não sei o que fazer.

Lute com ele.

Ah merda, ele estava implorando. Implorando como se fosse uma criança. Implorando por amor de sua boceta torcida de uma mãe adotiva, implorando por comida e dinheiro, implorando, porque esses filhos da puta doentes tinham gostado quando ele implorou. A raiva cresceu dentro dele, raiva e ódio e autoaversão.

E, em seguida...

Ele podia ver o desconforto, o pânico, na expressão de Ellie, e tanto quanto ele odiava ser a razão para todas as emoções negativas em seu interior, uma sensação de familiaridade e conforto envolveu Dirty. Ele era nojento. Ele era um filho da puta repugnante. Feio. Indesejado. Não havia nada, nem uma coisa maldita, apelando a seu respeito.

Dentro de Ellie, seu pau começou a latejar.

— Tudo bem. — Ela sussurrou. — Mas eu não sei o que fazer.

Dirty fechou os olhos e rezou por força para ir em frente. Ele estava dentro dela, e ele queria tanto, não, precisava tanto transar com ela e ainda estava congelado dentro de seu próprio medo.

Os quadris de Ellie, de repente empurraram em uma tentativa de desalojá-lo e seus olhos se abriram e seu corpo foi estimulado em ação.

Agarrando sua coxa, ele a trouxe de volta, embainhando totalmente a si mesmo mais uma vez. Em seguida, ele bateu com a mão sobre a boca, puxando seus quadris para trás e sentou-se novamente. Seu corpo estremeceu, através da descarga de adrenalina dentro dele.

— Você consegue agora?— Ele perguntou em voz baixa.

Tentando respirar, mas incapaz disso, ela balançou a cabeça violentamente contra a mão dele. Suas mãos voaram para seu pulso e ela começou a puxar e agarrar, tentando remover sua mão.

No segundo em que ele soltou sua boca, ela nem se incomodou em tomar o tempo para acalmar seus pulmões. Seus braços dispararam para a frente, agarrando punhados de sua camisa, e seus pés enrolaram em torno de seus tornozelos, enquanto tentava empurrar sair debaixo dele.

Ela não ia a lugar nenhum.

Agarrando um punhado de seus cachos pretos grossos, ele arrancou a cabeça para um lado. — Lute mais duro. — Ele rosnou, aumentando suas estocadas. Ela parou de lutar e começou a chupar no ar, seu corpo tremia tenso.

— Lute COMIGO! — Ele rugiu.

Ela fez.

Ela lutou o bastante e acabou por ser um bom par de beliscões e algumas mordidas de quebra na pele. Ela lutou contra ele com tudo o

que tinha, até que, finalmente, se aproximando do final, ela estava chorando, não de dor, mas de frustração, e ele decidiu que era bom o suficiente.

Era uma sensação inebriante, poderosa. Emocionante. Poder sobre o mesmo sexo que o tinha despojado de seu livre arbítrio quando era apenas um menino. Ele precisava dele tanto quanto precisava respirar, e tinha sido estúpido em pensar que nunca seria capaz de ter um encontro sexual com uma mulher de outra maneira. Tinha sido estúpido em pensar que seria capaz de gerenciá-lo. Mesmo com Ellie.

E quando gozou com ela, depois que deixou o seu corpo e caiu de costas ao seu lado, virou a cabeça e a olhou. Nua, ainda deitada de costas, imóvel, exceto pela ascensão e queda pesada de seus seios trêmulos, Ellie olhou para o teto.

— Ellie? — Sussurrou, sentindo o medo aumentar. Ela o deixaria agora. Ela fugiria dele. Nenhuma mulher, especialmente uma inteligente e bonita, lidaria com ele de bom grado.

Mas, em vez disso, ela o surpreendeu pela centésima vez. Quando ela virou a cabeça em sua direção, ele estremeceu, ao ver as lágrimas em seus olhos.

— Abraça-me. — Disse ela com a voz rouca, seu tom suplicante. — E deixe-me te abraçar.

Seus olhos se arregalaram.

— Por favor, Michael. — Ela continuou. — Eu posso fazer... o que você quer, mas você tem que me dar algo em troca.

Quando não disse nada, sua mente era uma confusão frenética, Ellie foi subitamente enrolando seu corpo em torno dele, colocando a cabeça no seu peito e a lateral de seu rosto em sua mão.

Ele ficou rígido. Recusando-se a tocá-la, ele trancou sua mandíbula e tentou respirar.

Esta era Ellie. Era Ellie. Sua linda, doce, amorosa Ellie, que tinha o melhor riso em todo o mundo.

Lentamente, muito, muito lentamente, ele levantou um braço e quase cautelosamente colocou-o sobre suas costas nuas.

Seus olhos se fecharam. Puta merda. Sua pele estava tão macia. Sem perceber, as pontas dos dedos cavaram suavemente seu peso extra, e antes que soubesse o que estava acontecendo, ele tinha os dois braços ao redor dela e estava segurando-a com força.

— Sinto muito. — Ele engasgou, apertando com mais força.

Sua cabeça inclinou e seus grandes olhos azuis pegaram seu olhar. — Nunca se desculpe pelo que você é. — Ela sussurrou. — O homem que salvou a minha vida. Duas vezes.

— E — Continuou — Estou me apaixonando por ele.

A garganta de Dirty fechou. Isso não estava acontecendo com ele, não era verdade, porque não podia ser. Não depois de uma vida de

miséria, não depois de tudo o que tinha feito. De jeito nenhum, ele não merecia isso, nem um pouco.

Mas não ia desistir disso também. Sem chance.

Ele mentiria, enganaria, roubaria e mataria para manter isso.

Para mantê-la.

CAPÍTULO VINTE SEIS

— Mãe. — Disse nervosamente, olhando para ela. — Ainda não acho que isso seja uma boa ideia.

Mantendo os olhos na estrada, ela balançou a cabeça. — Baby, foi Eva quem ligou. Ela estava chorando tanto que eu mal conseguia entendê-la. Ela precisa de mim.

— Eu sei. — Sussurrei. — Mas não acho que eu deveria estar lá.

Ela balançou a cabeça novamente. Estendendo a mão, colocou a mão na minha coxa e apertou levemente. — Ela precisa de todos nós.

Fechei os olhos e tentei engolir minha náusea subindo. Como eu poderia enfrentar a todos depois do que aconteceu? E durante o velório, a tragédia? Ninguém me queria por perto. Ninguém no clube precisava de mim para qualquer coisa. Não pertencia a este lugar. Não tinha família e nem serviria para qualquer um deles. Em vez disso, seria um estorvo.

Mal dormi nos últimos dois dias, desde o telefonema de Eva. Eu estava inundada com uma mistura de emoções, nervosismo, expectativa, medo e tristeza. Queria estar lá para o clube, mas, ao mesmo tempo, não sabia como minha recepção seria. E a última coisa

que eu queria fazer era invadir, especialmente agora no meio de sua dor.

— Não. — Murmurei. — Não pertenço a esse lugar... nunca pertenci.

Eu apontei para frente quando minha mãe pisou nos freios de nosso carro alugado e puxou-o para o lado da estrada. Olhei para ela, um tanto perplexa, quando ela arrancou o cinto de segurança, então, prontamente se virou em seu banco, de frente para mim.

— Eu sei o que você pensa de mim, Tegen. — Disse ela com naturalidade. — Eu sei que você acha que sou uma prostituta de clube.

Meus olhos se arregalaram. — Não! — Eu protestei, mas minha mãe rapidamente colocou seus dedos contra a minha boca.

— Shh... — Ela sussurrou. — Já passou do tempo, de você saber toda a história. Talvez se você soubesse o tempo todo... — Ela parou e balançou a cabeça.

— Eu não amava seu pai. — Ela continuou. — Eu tentei, mas ele não era apenas fisicamente ausente de nós, ele tinha emocionalmente ido também. Quando me encontrei com Jase... Bem, Jase começou como uma distração, algo que me fez sentir como uma mulher que estava realmente sendo querida.

— Éramos casados, insatisfeitos com nossos casamentos. Sabia que não era fiel a mim, mas inicialmente não me importei. Estava feliz

com o que me deu, mas... depois de um tempo, isso não era mais suficiente e exigi que ele se separasse de Chrissy para ficar apenas comigo, mas ele disse que somente o faria se eu deixasse o seu pai. Ele queria cuidar de mim em cada aspecto, e eu fui ficando cada vez mais apaixonada.

— No fundo, sabia que nunca deixaria Chrissy, mas isso não significava que eu nunca parei de desejar que ele fizesse isso.

Soltei uma grande lufada de ar. Já sabia de tudo isso. Percebi isso ao longo dos anos, mas ouvi-la dizer, por confiar em mim com tudo isso, me fez odiá-la um pouco menos por algumas das decisões que tomou. Decisões que não apenas a afetaram, mas a mim também.

— Hawk foi um acidente. — Continuou. — Jase estava na estrada por quase dois meses, estava bêbada e triste, mal lembrava. Mas ele veio até mim novamente na noite seguinte e quando disse que não, ele me chantageou.

Fiquei boquiaberto. Ele o quê? Ele o quê?

— Vou matá-lo! — Gritei. — Caralho...

— Tegen! — Ela retrucou. — Cuidado com a boca! Deixe-me terminar de falar!

Respirando com dificuldade, pressionei meus lábios. Talvez ouvir isso não fosse a melhor coisa para mim. Planejando uma fúria homicida no clube provavelmente não fosse a melhor ideia.

— Não entrarei em detalhes. — Disse ela. — Mas sim, ele me chantageou. Disse que se não concordasse em ficar com ele novamente, contaria a Jase o que aconteceu.

Fechei os olhos para tentar acalmar minha raiva aumentando rapidamente. Como ela deixava estes homens a humilharem assim? Por malditos anos? Por quê? Ela era uma mulher inteligente, linda, poderia ter ido embora comigo, poderíamos ter feito uma vida em outro lugar!

— É claro que eu tinha pavor de Jase descobrir o que havia acontecido então concordei... — Ela parou, com os olhos vidrados, lembrando, observando algo que só ela podia ver.

— Foi difícil. — Sussurrou entre lágrimas. — As primeiras vezes. Estar com um homem que não era Jase, mas...

— Mas, o quê porra? — Gritei.

— Eu me apaixonei por ele. — Terminou com indiferença.

Fiquei boquiaberta. — Você se apaixonou por um homem que lhe chantageou para trepar com ele?

Seus olhos se estreitaram. — Você sempre tem que ser tão bruta? Você fala como os homens por aqui!

— Eu cresci aqui. — Respondi.

— Tegen, não sei como explicar isso para você de uma maneira que possa entender, mas sim, eu me apaixonei por ele. Ele era

diferente de Jase. Ele não queria ficar com ninguém além de mim. E a maneira como ele falava comigo, o jeito que ficava comigo... Ele estava disposto a desistir de tudo por mim. O clube, os meninos, mesmo Deuce. Ninguém nunca tinha me amado assim. Ninguém nunca tinha me colocado em primeiro lugar. Especialmente Jase.

— Então, por que não? — Exigi. — Se ele te amava tanto, e você o amava, por que ele apenas não te pegou, e nos levou para longe daqui?

Vi quando mais lágrimas se formaram em seus olhos e transbordaram.

— Nunca lhe disse que o amava. — Ela engasgou. — Estava com medo de mim naquele momento, da minha traição, sem saber quem escolher, não querendo ferir qualquer um deles, mas ao mesmo tempo, de forma egoísta não querendo dar a qualquer um deles a liberdade. Foi tudo culpa minha, Tegen, levar um tiro e Chrissy ir para a cadeia, deixando essas três meninas sem a mãe. Jase é um naufrágio agora, e Hawk... quando não está com a gente, vive sozinho. Durante todo o tempo, por si só. E é tudo culpa minha.

Ela desmoronou em seguida, chorando em silêncio, lágrimas fluindo livremente por suas bochechas.

Peguei suas mãos tremendo e segurei-as nas minhas.

— Mamãe. — Sussurrei, minhas próprias lágrimas caindo, meu coração despedaçado por ela. — Você não fez nada de errado.

Ela não fez. Sabia disso agora. Ela estava presa em um casamento sem amor, em uma situação impossível e tentou seguir o seu coração. Tomou algumas decisões ruins? Sim. Mas, meu Deus, ela era tão jovem, mais jovem do que sou agora, quando isto começou.

— Merdas... apenas acontecem.

Os olhos de minha mãe encontraram os meus e surpreendentemente um pequeno sorriso se formou em seus lábios.

— O que me leva de volta ao meu ponto inicial. — Disse suavemente. — Sua merda, Tegen. ZZ e Cage. Você fez bem, considerando-se tudo e não queria balançar o barco, mas nem todas as pessoas conseguem manter seus sentimentos escondidos para sempre. Vamos começar pelo motivo de nunca ter me contado sobre ZZ.

Olhei para o console entre nós. — Porque não se lembrava dele. — Murmurei. — Então, qual era o ponto?

— Tegen. — Ela chamou meu nome em tom de aviso e eu olhei para cima timidamente.

— Porque não queria que descobrisse. — Admiti.

— Isso é um problema. — Disse suavemente — Normalmente, nove em cada dez vezes, quando não quer que sua mãe saiba alguma coisa, é algo que não deveria fazer.

Minhas bochechas avermelharam. — Não quero que fique desapontada comigo.

— Oh, Deus. — Disse ela. — Tegen, não! Estou tão orgulhosa de você, baby. Por ir bem na escola, por ir para a faculdade, mas acima de tudo estou tão orgulhosa que saiu daqui. A última coisa que queria era que acabasse como eu.

— Não há nada de errado com você. — Disse, agarrando-lhe a mão e apertando.

Ela apertou de volta. — Estou sozinha, baby. Os homens que amo estão sozinhos. Não quero isso para você. Não quero que cometa os mesmos erros que cometi. O que nos leva ao segundo homem da sua vida.

— Porra. — Sussurrei, fechando os olhos com força. Maldito Cage. Eu o amava tanto. Mas, tanto quanto sonhei que houvesse algo entre Cage e eu ao longo dos anos, o que durou apenas poucos dias e causou uma tragédia real. E a realidade de Cage era muito diferente da fantasia.

Não que isso importasse mais.

Minha mãe sorriu conscientemente. — Você o ama, baby. — Disse ela. — É o que importa.

— Mas isso não acontecerá. — Protestei. — Deuce me disse para ficar longe e... Cage não tentou entrar em contato comigo sequer uma vez.

— Isso não prova nada. Já tentou entrar em contato com ele?

— Sabe que não tentei.

— E ainda assim o ama.

Balancei minha cabeça. — Não entendo o que tenta me dizer.

— Em termos simples. — Disse suavemente. — Você não quer passar o resto de sua vida sem saber.

Fechei os olhos, desejando que a minha freqüência cardíaca diminuísse.

— E, Tegen?

Abri os olhos.

— Você pertence onde é amada.

Soltando minha mão, ela se virou e afivelou o cinto de segurança. Nós dirigimos a hora restante para Miles City em silêncio e quando chegamos às portas do clube, Bucket chamou e caminhamos brevemente até a porta da frente pela qual entrei hesitantemente...

Eva nos viu primeiro e veio correndo. Kami e Danny não ficaram muito atrás dela. As três engoliram minha mãe e Christopher em um abraço. Sentindo-me estranha e desconfortável, afastei-me e permiti a minha mãe seu reencontro feliz. Fazendo uma análise rápida da sala, eu me senti aliviada e desapontada que Cage estivesse longe de ser encontrado. O que notei foi o assento de Blue no bar. Vazio. Algo agitou a vida, no fundo, dentro de mim.

Era uma espécie de tristeza, mas ao mesmo tempo, criando uma estranha sensação de amparo para os outros sofrendo. Eu mal me lembrava da minha vida sem Blue, geralmente bebendo ou dormindo, e todos nesta sala, sem dúvida, sentiam o mesmo. E agora ele se foi.

Senti isso.

E se senti...

Olhei ao redor da sala, para os homens, suas esposas e filhos.

Eu não queria que nada acontecesse a qualquer um desses homens. Cresci com eles dentro deste clube, passei mais tempo com eles do que com qualquer outra pessoa neste mundo. O pensamento de algo acontecer a qualquer um deles ... Mick, Tap e Dimebag... Ripper e Hawk ... mesmo a Jase. A ideia de algo fatídico e permanente ocorrer com qualquer um dele...

Sim, odiava que traíssem suas esposas, que estivessem no clube mais do que eles estavam em casa, que se preocupassem mais com suas motos. Mas odiá-los?

Não, não chegava nem perto.

Acho que você não tem que gostar do que se passa dentro do clube para amar o clube.

E acho que eu tinha que agradecer a Blue por essa revelação.

— O que foi, garota?

Olhei para cima e encontrei Mick sorrindo para mim. — Ei. — Disse calmamente, e tentei sorrir.

— Caralho, só perdendo Blue para vocês meninas voltarem para casa. —Continuou ele. — Mas estou feliz por voltar do mesmo jeito.

Engoli em seco.

— Por falar em voltar. — Disse ele. — Prez queria saber assim que você e D entrassem. Tenho certeza que já sabe que está acamado e completamente mal-humorado sobre isso, então tenho ordens para levá-la direto para o hospital.

Meu estômago apertou. — Por quê? — Sussurrei. Ele gritaria comigo novamente? Me expulsaria de Miles City?

— Pensando no que falar, Tegen. Pedir desculpas, também.

Fiquei de boca aberta. — Pedir desculpas? — Repeti.

Mick sorriu. — O filho da puta sabe que fez merda. O ataque cardíaco quase o matou; o assustou ferozmente também. Ele quer fazer essa merda entre você e ele dar certo.

— Ele não deveria estar descansando? — Disse, não tendo absolutamente nenhum desejo de estar cara-a-cara com Deuce mesmo se ele ia se desculpar.

Mick bufou. — Aquele desgraçado é tão intratável como sempre.

Meu nariz enrugou. Grande. Um apologético intratável.

— Tegen?

Olhei por cima e encontrei Danny estendendo os braços, sorrindo para mim.

— Ei, prostituta mal-humorada. — Disse enquanto se movia para um abraço.

Meus lábios tremeram. — Ei, para você também... puta certinha.

Não demorou muito para que eu me encontrasse no centro de um abraço coletivo das mulheres. E a partir daí foram os homens, babados, cabelo e beijos desleixados na bochecha, alguns comentários grosseiros foram feitos sobre meu traseiro novo e melhorado. Dirty e Bucket me deram um olhar e me senti.

Sim. Estava em casa.

— Ok. — Disse a Mick uma vez que a saudação diminuiu. — Estou pronta para ver Deuce.

CAPÍTULO VINTE SETE

Ele ainda me amava.

Ele ainda me amava.

Eu repeti as palavras uma e outra vez na minha cabeça como um mantra enquanto andava na cozinha do clube.

Ligado a um monitor cardíaco, tubos de oxigênio até as narinas, um IV em seu braço, Ivy enrolada em torno de sua perna esquerda, dormindo, Deuce tinha me dito tanto. Ele também me disse que Cage estava em um mau caminho, usando drogas pesadas, dormindo de novo com tudo que anda e se esquivando de todos os seus deveres com o clube. Que ele comprou uma passagem só de ida para a terra onde poucos retornavam.

Ele também me disse para me acalmar quando comecei a chorar. Então ele me disse para “ir buscar o meu homem”.

Agora eu estava de volta na sede do clube e ainda assim não poderia acalmar para fazer a curta viagem pelo corredor de volta para o quarto de Cage. Não só estava aterrorizada com o que ia encontrar lá

dentro, estava apavorada que Deuce estivesse errado. Que Cage não estivesse em um mau caminho por minha causa, que o seu mau caminho não tivesse nada a ver comigo e tudo a ver com o que tinha acontecido com ele.

Por minha causa.

Que o amor era a última coisa em sua mente e em vez disso, o ódio estava alimentando ele.

E se ...

— Foda-se. — Murmurei e rapidamente atravessei a cozinha. Batendo as mãos nas portas duplas de vaivém, fui à direita, depois à esquerda, e no corredor de volta onde parei em frente à porta de Cage.

Depois de alisar meu vestido e ter certeza que meus óculos estavam alinhados, antes que eu pudesse pensar duas vezes, bati de leve na porta.

— O quê? — Veio o grito de dentro.

A raiva crua na voz de Cage me fez estremecer. Bem, e agora? Será que eu batia de novo ou entrava? Talvez devesse ir embora?

Levantei meu punho, pronta para bater de novo, então decidi que não. Ele já sabia que alguém estava aqui fora, ouviu a minha batida e respondeu. Tudo o que conseguiria fazer batendo novamente seria ele mijar em mim.

Estourando uma respiração profunda, ansiosa, agarrei a maçaneta da porta e lentamente abri.

Seu quarto estava imundo. Roupas sujas e botas cobriam o chão, cervejas vazias e garrafas de bebidas alcoólicas forravam seu armário e mesa de cabeceira e cinzeiros em todos os lugares estavam transbordando com pontas de cigarro. E o cheiro...

Deuce tinha me preparado, então eu esperava muito.

Mas para o que eu não estava preparada, não que Deuce não tenha avisado, ele tinha e eu chorei como uma boba por causa disso, mas nada poderia ter me preparado para ficar cara-a-cara com a morena nua deitada na cama de Cage enquanto ele estava inclinando-se sobre seu corpo e cheirando cocaína fora de seu estômago.

Isso me nauseou.

Meu coração se partiu em um milhão de pedaços de merda, cada fragmento rasgando minhas veias, pois cortou minha corrente sanguínea. Eu senti como se meu corpo estivesse falhando, quebrando.

Na minha pressa para chegar tão longe e rápido quanto podia, tropecei em uma bota perto da porta e caí voando de cara no corredor.

Xingando, levantei rapidamente e quando estava prestes a correr pelo corredor, uma grande mão em volta do meu antebraço me puxou para trás.

Cage me puxou para encará-lo e eu empalideci ao vê-lo de perto. Ele parecia horrível, como se tivesse passado anos desde que o tinha visto pela última vez. Seus olhos estavam vermelhos, cercados em sacos inchados e olheiras, seu cabelo estava longo nos ombros, gorduroso e fibroso e ele estava muito mais magro do que em qualquer outro momento na sua vida.

Não era magro, mas para o tamanho de um homem como Cage, parecia errado.

Por um momento, ele apenas olhou para mim, olhando-me de cima abaixo, seus olhos pousaram de volta no meu rosto.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou ele.

— Deixe-me ir. — Disse ferozmente.

— Não há uma chance no inferno. — Ele cuspiu e me puxou para a frente, puxando-me para dentro de seu quarto.

— Saia. — Disse para a morena.

Lentamente, ela saiu da cama e pegou sua roupa. Quando passou por mim, me deu um sorriso preguiçoso. — Não sei como ele ficará com você. — Disse sorrindo. — Coke dick é uma droga e já drenei essa merda duas vezes hoje.

Eu não achei, apenas reagi e me lancei para ela, mas Cage ainda tinha meu braço e puxou-me imediatamente para trás. — Sua estúpida puta! — Gritei, lutando contra Cage.

Assustada, a menina pulou para trás e congelou. Deus, ela parecia tão jovem. Uma sacana e jovem e filha da puta. Eu o perdi.

— Eu vou te matar! — Gritei para ela, batendo contra Cage.

Ele perdeu o controle sobre mim e tentei novamente atacar a pequena cadela, apenas para encontrar-me envolta nos braços de Cage. Quando ele me arrastou para trás, a menina, ainda nua e segurando sua roupa, correu para a porta e desapareceu no corredor.

— Eu vou te encontrar! — Gritei atrás dela. — Eu vou encontrá-la e você vai morrer, porra!

— Calma, porra! — Cage gritou.

— Foda-se! — Gritei, me torcendo freneticamente em seus braços.

— Foda-me? Foda-me! Vadia, você me deixou sangrando em uma merda de hospital e agora você está gritando para eu me foder? Tegen, foda-se você!

— Eu não queria! — Chorei. — Seu pai me fez sair! Ele me disse que eu não poderia vê-lo novamente e que não poderia voltar aqui! Ele me disse que me mataria se você morresse!

Cage me soltou tão abruptamente que eu, ainda me debatendo, caí para frente e de cara em uma pilha de roupas. No mesmo instante que consegui ficar de joelhos, Cage estava em mim de novo, mais ou menos me virando para encará-lo e me fixando para baixo.

— Está mentindo. — Cuspiu. — Você me deixou novamente. Você continua indo embora, Tegen, é o que faz de melhor.

— Não estou mentindo!

— Está. — Assobiou. — Você está, porra.

Olhei para ele, em seus olhos irritados e seu belo rosto. Ele parecia exausto, quebrado, e porra, alto como uma pipa.

Olhei para baixo, para as cicatrizes por todo o peito e meus olhos começaram a encher de lágrimas.

— Por que faz isso consigo mesmo? — Sussurrei. — Você não deveria fumar e muito menos usar drogas. Li muito sobre isso, Cage. Uma vez que o pulmão entra em colapso, está vulnerável a todos os tipos de coisas. Ele pode entrar em colapso novamente ou terá uma infecção.

— Cale a boca!— Gritou.

Parei de falar e deixei minhas lágrimas caírem.

— Acordei. — Disse ele. — E você não estava lá. Pensei que estivesse morta. Pensei que aquele filho da puta tinha levado você também.

Minhas lágrimas caíram mais rápido.

— E tentava sair da cama. — Continuou ele, olhando para mim. — Mas estava com muita dor e então foram me drogando, mas brigava, gritava por você.

Não conseguia respirar agora. Chorava muito.

— E então o meu pai disse que você tinha ido embora, caralho, e não viria me ver.

Ele parou por um momento e pisquei furiosamente, tentando limpar meus olhos.

— Está me dizendo que ele mentiu para mim? Está me dizendo que estava lá, que queria estar lá e ele não deixou?

Um soluço irrompeu pela minha garganta. — Sim. — Botei para fora.

Durante muito tempo, simplesmente olhamos um para o outro.

— Quer me dizer mais alguma coisa? — Perguntou em voz baixa.

— Sim. — Soluçava. — Quero dizer que te amo. Que te amei desde que tinha oito anos de idade e nunca deixei de te amar. Nem uma vez.

Os olhos de Cage fecharam e estremeceu em sua próxima respiração. Então seu rosto caiu na curva do meu pescoço e seu corpo ficou mole, caindo pesadamente por cima de mim.

— Não me deixe novamente. — Sussurrou.

Sequer tinha que pensar sobre isso.

— Não deixarei. — Sussurrei de volta.

— Essa merda entre nós não é e nunca será perfeita. — Disse com a voz rouca. — As pessoas não são perfeitas, significa que o amor não é perfeito. Mas porra, puta...

Ele levantou a cabeça e olhou nos meus olhos.

— Eu te amo. — Disse — Não quero mais ninguém. E isso deve ser suficiente.

— É. — Sussurrei em lágrimas. — É realmente.

E era., Era o suficiente, porque ele era o suficiente. Era o suficiente, porque eu era o suficiente para ele. Minhas falhas, seus defeitos e tudo mais. Éramos bastante.

De repente, senti-me pronta para o que viria. Queria conhecê-lo e ajudá-lo, porque este homem era meu, sempre foi meu. Sabia desde o dia em que o conheci e nada, nem ninguém me afastaria por mais tempo.

Cage rezava para que esta não fosse uma alucinação induzida por drogas. Que ela estivesse realmente aqui, dizendo-lhe que o amava, porra, parecendo...

Parecendo Tegen. Ela se parecia com Tegen, sua Teacup. Seu cabelo vermelho estava cortado, não eram tão crespos como antes; era

ondulado. Ele gostou. Ela usava óculos novamente, armação preta retangular e fina, uma versão menor do que costumava usar.

Estava com um vestido preto simples, não muito justo, mas firme o suficiente para que visse o contorno de suas curvas. Eram pequenas, mas estavam lá e ela estava linda.

Os piercings dos lábios e do nariz se foram; se foram também os colares de cânhamo. Tudo o que restava eram alargadores nas orelhas e as tatuagens, que amava.

Ele adorava tudo isso, na verdade, tanto a Tegen com a qual cresceu, quanto a Tegen que chegou em casa de São Francisco crescida e a mulher que era agora, uma combinação sexy e ainda peculiar de ambas.

Pela primeira vez em um ano, Cage desejou que não estivesse drogado, mas, ao mesmo tempo, se não estivesse tão fodido, poderia realmente despedaçar e chorar como uma menina. E realmente não queria fazer isso.

Assim, a fim de evitar toda essa merda, ele abaixou a cabeça e tentou beijá-la, mas ela virou a cabeça. O pânico correu através de seu sistema superaquecido.

— Tegen. — Rosnou. — Não brinque comigo.

Seus olhos se encheram de lágrimas, cheio de acusação raiva. — Você acabou de foder aquela garota, Cage.

Suas narinas dilataram. — Tem sido um ano desde que te vi.

Fechando os olhos, ela balançou a cabeça. — Eu sei. — Disse ela. — Eu só... sem mais garotas, certo?

— Você é minha? — Perguntou.

Seus olhos se abriram, verde e brilhando de emoção. — Sim. — Sussurrou.

— Então, sim, sem mais garotas.

— E não haverá mais drogas?— continuou ela.

Ele acenou com a cabeça. — Sim.

— Só eu e você?

— Baby. — Disse ele, com o coração acelerado. Precisava beijá-la agora. Agora, porra ou ele ia pirar.

— Só eu e você.

— Para sempre.

— Merda, Tegen, sim, para sempre. Agora cale a boca e me deixe te beijar.

Ela fechou a boca.

E ele a beijou.

CAPÍTULO VINTE OITO

— Acho que é isso. — Ellie gritou do corredor.

Jesus Cristo, porra, ele não esperava por isso. Dirty nunca tinha visto tanta merda antes em toda a sua vida. Quem teria pensado que uma mulher, uma mulher solteira, sem filhos, poderia ter acumulado tanta merda. Ele não tinha a metade dessa merda. Nem mesmo um terço.

Talvez Ellie mudando-se não fosse a melhor ideia. Talvez estar com Ellie não fosse a melhor ideia. Talvez ter alguma coisa a ver com Ellie não fosse a melhor ideia.

— Michael?

Os olhos de Dirty se abriram e ele encontrou Ellie em pé na frente dele, segurando uma caixa grande de livros, olhando para ele.

— Sim? — Perguntou, sua voz rouca.

Ellie se abaixou e colocou a caixa perto de seus pés. E rapidamente se ergueu pegando as suas duas mãos sabendo que elas estavam suadas, úmidas de medo. Ele fechou os olhos novamente, envergonhado.

— Michael.— Ela sussurrou. — Nós não temos que fazer isso.

Seus olhos se abriram. Não, eles tinham que fazer isso. Ele tinha que fazer isso. Não conseguia dormir, mesmo sabendo que ela estava na casa de seus pais porque estava constantemente preocupado com ela. É verdade que ele havia colocado para dormir a ameaça em sua vida, mas poderia aparecer outro. Alguém que poderia roubá-la, feri-la, levá-la para longe dele e ele nem saberia o que estava acontecendo, então sim, tinha que fazer isso. Tinha que tê-la aqui com ele, vivendo ao seu lado, dormindo ao lado dele. Tinha que saber onde ela estava o tempo todo e quando não estava trabalhando, ter a maldita certeza, precisava que estivesse ao lado dele.

— Ele não pode me machucar mais. — Continuou ela. — E você não está pronto para isso.

— Não. — Ele rosnou, sacudindo soltando suas mãos e agarrando seus ombros. — Nós não estamos fora de perigo ainda. As pessoas estão falando pela cidade, caralho. Sua família tem dinheiro. Eles continuam cavando, não se sabe o que vão descobrir.

Ellie apertou os lábios e desviou os olhos. Ela sabia que ele estava cheio de merda. Ela sabia que não havia nenhuma maneira que

qualquer um não tentasse descobrir o que realmente aconteceu com o bom chefe de polícia. Não que houvesse nada para encontrar.

— Você não está pronto. — Disse suavemente, afastando-se dele. — E isso é normal.

De repente, realmente Dirty ficou puto. Ela estava com medo dele, porra? Ela estava tentava desistir de morarem juntos? Tinha essa coisa sido algum tipo de truque para levá-lo a romper, porque estava com medo do que faria com ela se tentasse afastá-lo?

Não que ele a culpasse. Que boa mulher, ou alguma mulher com metade de um cérebro, vai querer acabar com ele? Ele não conseguia nem transar com ela adequadamente.

— Não estou pronto? — Gritou, chutando a caixa de livros e enviando-acorrendo pelo chão. Livros voaram da caixa e acabaram espalhados por sua sala de estar, o que só serviu para irritá-lo ainda mais.

Quando ela não fez nada além de vacilar com sua explosão, ele ficou ainda mais nervoso. — Cai fora, Ellie!— Ele gritou. — Eu sei que isso é o que você está querendo, por isso, porra chega!

— Isso não é o que eu quero. — Disse ela, olhando diretamente em seus olhos, sua expressão séria. — Então pare de agir assim.

Por que diabos ela estava tão calma porra? Ele estava pirando e aqui ela estava muito tranqüila. Isso não era justo!! Por que ele não

poderia ser normal também? Por que ele não poderia ser o tipo de homem, um normal, um bom, um que merecia ter uma mulher como essa para morar com ele, compartilhando sua cama, dando-lhe todo o tipo de merda que ele não merecia e nunca faria, porra?

— Saia!— Ele gritou, parecendo tão histérico quanto se sentia. Avançou e elevando-se sobre ela, invadiu seu espaço pessoal e gritou, invadindo em seu espaço pessoal. — Você me ouviu caralho? Eu disse para fora!

Ela nem sequer piscou.

— Saia!— Ele rugiu.

Ellie se afastou dele e imediatamente se abaixou, pegando sua caixa. Dirty ficou ali, tremendo, olhando enquanto ela rapidamente começou a pegar os livros e jogá-los na caixa. Quando ela terminou, sem olhar para ele, passou rapidamente por ele, se dirigiu para a porta.

Não.

Ele não queria isso..., mas ele queria isso.

Ele não sabia...

Merda.

Foda-se.

— Foda-se! — Gritou, enviando os punhos cerrados em sua testa. — Porra! Ellie, espere!

Ellie parou de andar, mas não se virou e ele respirou fundo. — Sinto muito, querida, estou só, não sei, eu não sei, tudo é... caralho.

A caixa caiu das mãos de Ellie com um baque forte e então ela se virou. Antes que Dirty tivesse tempo para processar o que estava fazendo, ela estava no meio da sala, desabotoando sua camisa enquanto caminhava em direção à ele.

Até o momento que chegou a ele, ela tinha perdido sua camisa e estava no processo de desprender seu sutiã. Em pé na frente dele, jogou sutiã preto de lado e passou a trabalhar em suas calças pretas.

— Sente-se. — Ela ordenou enquanto saía de sua calça. Sua calcinha caiu ao lado e, em seguida, ela estava de pé diante dele, nua. Ele tomou seu tempo olhando para baixo o comprimento do corpo dela, sentindo todos os tipos de pensamentos feios dentro dele, misturado com quão bonita pensou que era e quão desesperadamente desejava que pudesse estar com ela do jeito que um homem deveria estar com uma mulher, antes de olhá-la nos olhos mais uma vez.

— Michael. — Disse ela com força. — Sente-se no maldito sofá!

Ele não sabia o que fazia, mas não queria que ela fosse embora, então se afastou dela lentamente até que suas pernas bateram no sofá. Uma vez que se sentou, olhou para ela. E agora?

Agora, o que se tornou de repente claro quando ela o seguiu mais e abaixou-se na frente dele. Dirty ficou rígido enquanto suas mãos pegaram seus couros e ele lutou contra a vontade de esbofeteá-la.

— Você quer que eu te foda. — Disse ele, cerrando os dentes. — Você poderia ter apenas dito que sim.

Ellie abaixou o zíper. — Não quero que me foda. — Ela disse, parecendo irritada. Liberando seu pênis de sua cueca, agarrou-o. — Eu quero transar com você.

O peito de Dirty inflou duro quando o medo o dominou. Suas mãos voaram para os lados e os dedos cavaram as almofadas do sofá. Ele estava ficando duro, ele não queria ficar, teria dado qualquer coisa para cortar seu próprio pinto fora, mas ainda assim estava ficando mais duro com seu aperto.

— O que... você... está fazendo? — Disse ele, parecendo sem fôlego, como se tivesse acabado de correr uma maratona. Ela sabia que ele não poderia jogar desta forma, ela sabia.

Não queria machucá-la. Não queria machucar sua Ellie.

Ellie ignorou quando ela o montou. Ele segurou mais apertado as almofadas do sofá e fechou os olhos. — Não faça isso. — Ele trincou fora e então, fracamente acrescentou — Por favor.

Mas ela não parou e uma vez que ele sentiu o posicionamento dele em sua entrada, sabia que ela não ia parar e de repente não foi apenas o medo que estava em brasa, pulsando freneticamente por ele, mas era dor, e ele não conseguia respirar ou pensar direito.

— Olhe para mim. — Ellie exigiu e quando ele não fez, ela repetiu. — Michael, olhe para mim.

Com a mandíbula travada, o corpo amarrado apertado, ele abriu os olhos e tentou se concentrar nela.

— Eu não vou te machucar. — Disse ela com força.

Sua visão nadou. Ele precisava que ela saísse de cima dele. Longe dele. Precisava que ela parasse de tocá-lo.

— Michael! — Ela gritou. — Eu não vou te machucar! Eu não sou ela!

Não, não, não, não, não. Isso é o que ela sempre lhe dizia que não iria machucá-lo. Ela prometia a cada vez, jurava que não iria machucá-lo, e então machucava. Ela sempre, sempre fazia isso, ela o machucava uma e outra vez até que ele estava chorando, gritando e pedindo para parar e ela nunca parava.

Dirty soltou um suspiro irregular enquanto Ellie empurrava para baixo e ele deslizou lentamente para dentro dela. Ele ia matá-la; não queria, mas ia. Ele ia deixar passar dessa merda de sofá, enrolar as mãos em volta de seu pescoço, e tirar a porra da sua vida.

— Michael. — Ele a ouviu dizer, sua voz suave. — Por favor, olhe para mim e deixe-me mostrar o que é o amor.

Ar estremeceu de seus pulmões em voz alta, jorros ruidosos.

Amor.

Ela nunca tinha demonstrado o amor.

Ellie não era ela.

Ellie não era ela.

Ellie era... amor.

Não ela.

Amor.

Dirty tentou novamente se concentrar nela e quando o fez, quando realmente olhou para os grandes olhos azuis olhando para ele, foi o que não viu que o surpreendeu novamente à consciência.

Ele não viu a luxúria. Ou desejo. Ele não viu o olhar faminto de uma louca. Não viu nenhum vestígio de prazer sendo derivado de sua dor.

Tudo o que ele viu foi Ellie. Sua Ellie. Com lágrimas nos olhos.

— Eu não sairei. — Disse ela. — Desempacotarei meus livros e colocarei cada um deles em suas prateleiras vazias. Desempacotarei minhas roupas e as pendurarei em seu armário vazio. Encherei sua geladeira com alimentos e seus armários com pratos e seu banheiro com produtos femininos e comprarei velas cheirosas, lençóis coloridos, cortinas e definitivamente comprarei um tapete para esta grande e feia sala vazia... e vou fazer-lhe almoços e jantares e forçá-lo a assistir a filmes idiotas comigo e vou chorar e gritar uma vez por mês, sem qualquer razão. Vou dormir ao seu lado todas as noites e acordar ao

seu lado todas as manhãs, mas acima de tudo, Michael, vou te amar. Sinto muito, mas só terá que lidar com isso, o fato de que preciso amar você. Porque não vou parar, nunca. Você fez isso, você me fez te amar por ser apenas você e, toda a minha vida, tudo que sempre quis, eu trabalhei duro para conseguir, e agora quero você e quero que me ame e que queira ser amado em troca. Você entende? Quero amar você, e não te prejudicar ou te machucar.

Ele estava tremendo agora, não por medo, mas porque estava chorando. Porque tudo o que ela apenas tinha dito tinha sido tudo o que sempre quis ouvir, ele não tinha percebido isso. Não até agora.

— Você vai me deixar te amar? — Ela sussurrou.

Ele engoliu em seco. Ele não podia falar; se tentasse, iria acabar chorando, então acenou com a cabeça em vez disso e o belo rosto de Ellie, seus olhos, sua boca, sorriram para ele em troca.

Deitada em cima de Dirty, Ellie traçou as linhas de seu rosto. Ele parecia muito diferente quando estava dormindo. Pacífico, não atormentado. Ela daria qualquer coisa para vê-lo parecer dessa forma, enquanto acordado. Qualquer coisa.

Ele era como uma criança, de muitas formas. Tudo era novo para ele e assim, ela tinha ido em frente, esperando e rezando para que o tiro não saísse pela culatra, assumiu o controle tanto na forma como um pai faria com um filho. Ela não tinha percebido isso na época, mas enquanto estava tentando salvar Dirty de si mesmo, tomando o controle, ela inadvertidamente pegou de volta um pequeno pedaço do que tinha perdido nas mãos de Daniel.

Beijando seus lábios suavemente, para não acordá-lo, Ellie saiu de cima do sofá e se abaixou para recuperar suas roupas. Enquanto ela se vestia, examinou o apartamento, cheio de suas caixas esperando para serem desempacotadas, e balançou a cabeça.

Isso não era nada como ela pensou que sua vida seria.

Nem perto disso.

Mas ela não mudaria nada.

Nem uma coisa.

Ela tinha caído tão fundo em seu mundo por ele, que quando estava se machucando, ela sentia, profundamente. Não tinha certeza mais onde ela começava e ele terminava e para ser honesta, não queria que fosse de outra forma.

Vestida, aventurou-se no quarto para recuperar seu telefone de sua bolsa e ligou para seu correio de voz.

As duas primeiras eram do trabalho e a terceira ...

Ellie, é o papai. Mamãe foi levada para o hospital. Querida ... não é bom. Você precisa vir para cá o mais rápido possível.

Agarrando sua bolsa, Ellie saiu correndo do quarto.

— Michael! — Gritou e ele levantou-se do sofá, seus olhos selvagens.

— O quê?— Ele gritou.

Ela balançou a cabeça freneticamente. — Minha mãe. — Disse ela, com os olhos cheios. — Ela está... Eu tenho que ir. Ela está no hospital.

Dirty estava de pé e fechando o zíper da calça enquanto atravessava a sala. Agarrando a mão dela, a puxou em direção à porta.

— Sapatos. — Disse ele, apontando para seu quarto enquanto pegava as chaves no final da mesa.

Ellie correu para seu quarto e Dirty saiu do apartamento para o corredor.

Subiram em sua moto juntos, Ellie envolveu seu corpo firmemente ao redor dele e então saíram.

Mais tarde, muito mais tarde, depois que sua mãe havia falecido, depois que passou meses sofrendo sua perda, depois que ela e Dirty compraram uma casa no alto das montanhas juntos, e depois que a surpreendeu com sua própria moto, que montou do zero, especialmente para ela, e depois que finalmente se sentiu confortável o suficiente para dizer que a amava...

Ellie pensaria de volta naquele momento e se lembraria de que Dirty não se encolheu quando o tocou.

Na verdade, nunca se esquivou de seu toque novamente.

Nem uma vez, daquele dia em diante.

CAPÍTULO VINTE NOVE

Quando ele saiu do elevador do hospital, Cage fez uma pausa para se apoiar contra a parede fria. Sentia-se como uma pilha fumegante de merda de cão que deixou para trás para apodrecer, mas tinha sido banhada pelo mesmo cão que tinha cagado e depois vomitado. Algumas vezes.

Não dormia há dias, ele não podia comer sem vomitar por cima, ele não poderia mesmo ficar duro o suficiente para foder sua mulher, e estava buscando uma alta ferozmente. Seu coração estava disparado, sua pele pegajosa, seu corpo fraco, sentia frio quando estava suando e louco quando deveria se sentir feliz. Ele precisava de algo. Alguns golpes, alguns comprimidos, isso estava fodendo com ele e muito. Mas ele prometeu para Tegen sem mais drogas e, para ser honesto, não tinha pensado que sair da merda ia ser um problema até que ficou sóbrio e imediatamente quis estar fodido novamente.

Ele tentou pegar uma garrafa para beber e tudo o que fez foi ter sua bunda chutada por Tegen. Não porque ele estava bebendo, mas

porque beber não tinha feito nada, mas piorar as ânsias ainda mais. Bem como levá-lo a pensar que algo mais seria realmente uma ótima ideia, então ele teve uma recaída. Duas vezes.

Que por sua vez fez com que Tegen tomasse suas chaves, esmagasse seu telefone celular em pedaços e dar um tapa na cara dele algumas vezes.

Era oficial. Ele era um maldito viciado.

Então, sim, era um problema.

E por causa de toda essa merda, porque não podia confiar em seu temperamento, ele vinha adiando uma conversa importante que precisava ter tido.

Com seu velho filho da puta.

Seu velho que não só tinha fodido com a vida de Cage, mas quase terminou com a sua própria vida, porque era um velho bastardo teimoso com um mau humor que estava tão ocupado se preocupando com todo mundo, que não tinha cuidado de si mesmo.

— Cage?

Cage levantou a cabeça apenas o suficiente para ver Tegen de pé ao lado dele, seus olhos verdes cheios de preocupação. — Você vai vomitar de novo?

Sim. Sim, ele ia.

Ele tentou olhar para ela. — Não. — Rosnou. — E pare de me tratar como um merda.

— Pare de agir como um. — Ela retrucou.

— Você trata todas as pessoas doentes como merda? — Murmurou. — Ou só eu?

— Eu vou admitir. — Disse ela, seu tom misturado com sarcasmo — A minha maneira deixa muito a desejar, mas você, filho da puta, não está doente. Você está destruído, sedento, desejando que estivesse drogado. Há uma enorme diferença e se não parar de agir como se estivesse tramando maneiras de me despistar e ir correndo para o seu revendedor de droga ou para o colo de uma puta menor de idade, porque se isso acontecer arrumarei minhas coisas e voltarei para a Califórnia.

— Ela não é menor de idade. — Sussurrou.

— De tudo o que disse, — Gritou, fazendo-o estremecer. — isso é o que focou?

Balançando a cabeça, ele se levantou e se virou para ela. — Eu não terei essa conversa de novo. Não dentro de um maldito hospital, e não quando estou prestes a ir ver o meu pai na cama, porque ele quase morreu a menos de cinqüenta metros de mim caralho e eu estava muito fodido para sequer saber o que estava acontecendo. Não agora porra, Tegen.

— Cage. — Rebateu. — Você está perdido. Coloque suas calcinhas, pare de agir como uma vadia e entre naquela sala e fale com seu pai. Caso contrário, nós voltamos para casa e você vai voltar para a cama, onde deveria estar!

Ele queria gritar com ela. Foda-se, queria derrubá-la por falar com ele do jeito que ela falou. Mas em vez de gritar com ela ou adicionar— bater em uma mulher — à sua lista de coisas erradas, sorriu para ela.

Casa. Ela disse para sua casa — casa.

Se ele não se sentisse como se a qualquer momento fosse perder o pouco de bílis que mantinha dentro do seu estômago, ele teria agarrado ela, jogando-a contra a parede, e fodido sua boca com a língua até que ela engolisse sua má atitude.

Porra, a amava. A amava muito.

Ela era louca. Ela era exigente e mais cruel do que o inferno, às vezes. Ela não ouvia absolutamente nada do que dizia, fazia o que queria, sempre que queria fazê-lo e a cadela gostava de lutar. Todo o maldito tempo. Tapa na cara, chutes e forçar os limites.

Mas ela lutava com quem amava. Forte. E se já não tivesse sido amado assim; sabia que nunca seria amado assim por mais ninguém.

Ela era sua. Ela sempre foi dele, e se ele tivesse levado metade de um segundo para olhar para cima de tudo que não fosse a boceta que

ele estava comendo, teria percebido que ela era sua vida e seu futuro. Sempre tinha sido.

— Por que você está sorrindo?— Ela perguntou, estreitando os olhos. — Você está alto? Será que você ficou alto, enquanto eu estava no banheiro?

Seu sorriso caiu. — Cale a boca. — Ele murmurou, afastando-se dela. — Por dois segundos do caralho.

Ela estava de repente na frente dele, deslizando os braços ao redor de seus ombros e pressionando seu corpo contra o dele.

— Sinto muito. — Ela sussurrou, roçando seus lábios contra os dele. — Eu só estou preocupada com você.

Tomando o lábio inferior entre os dentes, ela chupou dentro de sua boca e correu a língua entre os lábios entreabertos. Gemendo, ele passou os braços em volta de sua cintura pequena, levou uma nádega em cada uma de suas mãos e, apesar de como se sentia doente, beijou-a com força.

— Vamos para casa. — Ele resmungou baixinho contra sua boca. — Eu preciso estar dentro de você.

Os belos olhos verdes, cheios de necessidade dançaram com o riso, e piscou para ele.

— Você precisa falar com ele. — Disse ela, rindo. — Você não o vê desde... antes...

Ela parou de falar, agarrou-o e abraçou-o apertado. — Você precisa falar com ele, Cage. — Sussurrou. — Então iremos para casa.

Sim. Ele precisava falar com o pai dele. O único problema era o que deveria dizer a um homem que acabara de ter um ataque cardíaco fulminante? Ele não podia falar o que quisesse, acusá-lo de destruir seu relacionamento com a única mulher que já tinha dado a mínima para ele... quando podia muito bem jogar o bastardo em outro ataque cardíaco.

Sim, ele poderia odiar o pai, mas não queria que ele morresse. Porque talvez ele ainda o amasse muito. Ou só um pouco.

A porta do elevador ao lado deles apitou e Ellie, com o rosto coberto de lágrimas, correu para o corredor, Dirty logo atrás dela.

—Ei! — Gritou. Dirty parou enquanto Ellie continuou andando.

Ele deu a Dirty um olhar inquisidor. — O que está acontecendo?

O homem sacudiu a cabeça. — É a sua mãe, irmão. — Disse ele. — Isso não é bom.

Cage assentiu enquanto estudava Dirty. — Você precisa de alguma coisa, cara?

Dirty balançou a cabeça novamente. — Só ela. — Disse em voz baixa e se virou.

Cage viu quando ele dobrou seu ritmo, chegando rapidamente até a Ellie. O braço de Dirty disparou em torno de sua cintura, e juntos eles viraram a esquina e desapareceram de vista.

— Eu odeio que você tenha transado com ela. — Tegen rosnou.

— Uma vez!— Ele gritou. — Anos atrás! Eu mal me lembro!

— Não interessa. — Tegen murmurou. — É só eu que acho ou eles estão estranhos juntos? Quero dizer, como que diabos Ellie acabou com Dirty?

Cage riu baixinho. — Certo. Porque isso aqui — Disse ele, apontando entre os dois —, porra é real. Normal.

Tegen cruzou os braços sob os seios, fazendo com que os olhos dele disparassem direto para a pequena quantidade de clivagem que apareceu ao longo da borda do peito. Ele amava que ela estivesse ganhando peso. Porra adorava.

— Não há nada de errado com a gente. — Disse ela.

Ele bufou. — Sim, está bem. — Disse ele, rindo, ainda olhando para as mamas dela. Ele estava com tesão. Fazia mais de um ano desde que ele tinha estado dentro dela e estava sofrendo por isso. Matava saber que não poderia segurar uma maldita ereção porque estava muito ocupado tendo metade de sua mente desejando que estar alto. Mais do que o fato de que ele tinha deixado a sua vida cair tão longe na bosta que nem mesmo um boquete poderia lhe dar uma mãozinha.

Era oficial, ele era o moleque motociclista parecido com um garoto rico e mimado que tinha jogado sua vida fora... apenas isso. E se odiava por isso.

Se Tegen não estivesse aqui... Jesus, foda, ele nem sequer queria pensar sobre o que teria acontecido se ela não tivesse voltado.

— Quero te foder duro. — Disse ele, estendendo a mão para ela. Evitando, a próxima coisa que soube foi ela estava batendo as palmas das mãos contra os ombros e empurrando-o para trás.

— Vai falar com seu pai. — Disse ela com firmeza. — Agora mesmo.

— Você vai me explodir depois? — Ele perguntou, sorrindo para o casal de idosos que estava passando por eles, com os olhos arregalados de surpresa.

— Sim. — Ela disse, revirando os olhos. — Mas só se você prometer cuidar dos meus peitos como um bom menino.

O homem idoso parou de andar e ficou boquiaberto com Tegen, que posteriormente piscou para ele. Literalmente engasgando com o choque, a esposa do homem agarrou seu braço e puxou-o para o elevador.

Rindo como um maníaco, Tegen continuou empurrando-o para trás pelo corredor e ele deixou-a, saboreando o sorriso em seu rosto,

apenas agradecendo a Deus que ela estivesse aqui, com ele, e... foda-se ele, ela estava feliz.

— Pronto?— Ela perguntou, parando na frente de um quarto que ele adivinhou era de seu pai.

— Não.

Balançando a cabeça, Tegen empurrou a porta e entrou. Suspirando, seu estômago não passava de um feixe de nervos, ele a seguiu e parou quando viu seu pai. Deitado em uma cama de hospital, vestido com uma maldita bata de hospital, ligado a máquinas, seu longo e loiro cabelo grisalho espalhados sobre o travesseiro atrás da cabeça, estava Deuce. Cage apenas olhou. Ele nunca tinha visto seu pai em um estado tão vulnerável. Não que o homem parecesse fraco por qualquer meio, exatamente o oposto, na verdade. Parecia que ele era também extremamente grande para a cama, e se ele puxasse muito forte qualquer um dos equipamentos ao qual estava ligado, iria quebrá-lo instantaneamente.

Deuce olhou dele para Tegen e de volta para ele. Cage observou como seu pai notou sua aparência. Uma expressão de alívio cruzou as feições do homem.

— Quanto tempo?— Perguntou.

— Desde a última vez que ele esteve fodido?— Perguntou Tegen e os olhos de Cage dispararam para ela. Ela cruzou os braços sobre o

peito e inclinou seu quadril para fora. — Três dias. Três dias, muito horríveis.

— Foda-se! — Cage brigou — Era realmente necessário dizer-lhe, porra?

Ela encolheu os ombros com indiferença. — Sim.

As narinas de Cage queimaram e os punhos foram cerrados, mas antes que ele pudesse voltar para ela, seu pai começou a rir de forma que o corpo, profundamente devastado, tremia e Cage apenas ficou lá e olhou. Quem era esse cara? Porque certo como diabos não era seu pai.

— Tegen. — Deuce disse, tentando recuperar o fôlego. — Você nos daria um minuto, querida?

Cage assistiu com horror como a palavra — querida — saiu da boca do velho homem e o rosto de Tegen iluminou-se como um maldito fogo de artifício.

— Claro. — Ela disse, sorrindo, toda adorável para Deuce. Que porra era essa? O que o filho da puta estava fazendo? Ele tinha visto isso antes, seu velho colocar o charme e tangas cair das bocetas em todo o mundo. Mas... Tegen?

Ela odiava Deuce. Ela pensava que Deuce era teimoso, Neanderthal machista arrogante!

E ela era sua mulher, porra!

Cage olhou para ela quando praticamente pulou do quarto, ainda sorrindo. Ele voltou seu olhar de volta para seu pai. — Nunca a chame assim de novo. — Exigiu com raiva.

Deuce levantou as mãos. — Deixarei isso para você. — Disse ele, lutando contra um sorriso.

Cage não estava satisfeito. — Ela é minha. — Disse.

Deuce arqueou a sobrancelha. — Jesus! — Disse ele. — Não a quero, caralho. Que tipo de merda está pensando?

— Nada. — Cage murmurou.

Deuce estreitou os olhos e balançou a cabeça. Apontando para um lugar perto de sua cama de hospital, disse — Sente-se, porra.

Cage rangeu pela raiva que sentia por ter sido tratado como um cão e, em vez de explodir como queria, fez o que lhe foi dito.

Deuce olhou-o com conhecimento de causa. — Deveria ter escutado aquele velho filho da puta. — Murmurou. — Blue disse, quando você não tinha nem dois anos de idade, que era exatamente como eu. Ele disse que ia ser muita besteira no meu caminho, me disse que eu ia ter um punhado com você. E em vez de escutá-lo, disse a mim mesmo que tinha tudo o que poderia querer, porra e o que você não tinha, eu tive certeza de conseguir para você, então não há nenhuma maneira que você tenha conseguido quase tantos problemas quanto eu

consegui. Disse a mim mesmo, no final, que você não era tão idiota como fui, mas você é um lote inteiro mais burro,porra.

As narinas de Cage queimaram descontroladamente enquanto ele lutava para se segurar de dar um soco, sua raiva só aumentando quando Deuce sorriu para ele.

— Você vai bater num velho doente?

Quando Cage não disse nada, o sorriso de Deuce cresceu. — Escute, rapaz. — Disse ele. — Eu sou homem o suficiente para admitir quando fiz merda e eu com certeza fodi com você. Pensei que ao lhe dar tudo o que eu tinha, estava lhe dando tudo o que eu nunca tive.

Deuce balançou a cabeça e riu baixinho para si mesmo. — Besteira. Deveria ter deixado você descobrir sua merda sozinho, deveria ter deixado você cair e escolher voltar, deveria ter deixado você cometer seus próprios malditos erros em vez de ficar cuidando de tudo para você pelas costas, e eu deveria ter deixado você naquele ônibus louco com essa merda de ruiva louca. Estou te dizendo que agora eu sei que sou um imbecil por ter fodido com sua vida. Pensei que estava fazendo o que era certo, pensei que estava tomando o caminho que um velho deve tomar. E não é que eu estava apenas fazendo o que faço melhor, que é fazer merda, porra.

Surpreso, Cage piscou para o pai. O quê?

— Ouça-me bem. — Continuou Deuce. — Toda a minha vida, minha família, meu clube, meus meninos, que tem sido sempre seus.

Você é o meu filho mais velho, o legado da minha porra. Você já tem meu amor, o meu maldito nome, tem meu exemplo, tem prioridade em tudo que eu já tive. Se você quiser jogar tudo fora, passá-lo na foda, viver uma vida diferente, faça o que tiver que fazer. Mas isso tudo sempre foi seu, Cage. Querendo ou não. E essa merda nunca mudará.

Deuce desviou o olhar por um segundo quando a vergonha passou por seu rosto, ou era arrependimento? Então, ele olhou para trás e segurou a cabeça para olhar para Cage. — Fiz o que eu fiz, ficando entre você e Tegen, porque achava que era o melhor para você. Não achava que ela poderia ser a velha senhora para um Prez de um clube. Este meu trabalho, o trabalho que irei passar para você em breve, não dá pra ser feito com uma mulher respirando no seu pescoço todo maldito dia, querendo fora dessa vida, odiando o clube. Você tinha que ter a maldita cabeça no jogo e sua mulher em casa, esperando por você, pronta para dar fim a esse mau dia porra, a esse mês ruim, a esse ano ruim que você teve porra, e deixar você enterrar essa merda entre suas malditas coxas sem lhe dar merda sobre isso. E tudo o que vi de Tegen dando a você, dando para o clube, foi nada além de merda. Eu estava olhando por fora por você, mas caralho saiu pela culatra e, por isso, estou muito arrependido.

Cage engoliu em seco. Agora, o que diabos ele diria sobre isso?

— Tive uma longa conversa com a sua mulher. — Deuce disse, sorrindo novamente. — Ela está pronta. Ela tem boa cabeça em seus

ombros, sabe os prós e contras do clube e ama os meninos. O mais importante, porém, ela o ama, seu imbecil do caralho.

Ouvindo isso, Cage sorriu e Deuce bufou.

— Sim, ela está malditamente pronta.

Cage levantou uma sobrancelha; ele não acreditava nessa linha de besteira por um segundo.

— Escute. — Disse Deuce. — Eu estou pronto para começar de novo, então se você tem algo a dizer, se precisa ter alguma merda fora de seu peito, me dizer a porra de um idiota que eu sou, então é melhor você começar a dizer ou eu vou chutá-lo fora daqui.

Agarrando os braços da cadeira, Cage empurrou-se em uma posição ereta. — Eu não tenho nada a dizer. — Disse ele calmamente. Ele não tinha; seu velho o surpreendeu e, pela primeira vez em sua vida, Cage não tinha absolutamente nada a dizer de volta.

— Eu estou orgulhoso de você. — Disse Deuce. — Você deveria saber disso. Você é um bom homem e eu sei que uma vez que começar a endireitar, vai cuidar muito bem do clube.

Os dois homens olharam um para o outro até que Cage quebrou o silêncio. — Sim. — Disse ele. — Obrigado.

Deuce acenou para ele. — Caia fora daqui.

Revirando os olhos, Cage virou-se para sair.

— Uma última coisa.

Cage virou.

— Não coloque esse seu pau de merda onde ele não pertence. Ela é malditamente louca e vai atirar na sua bunda.

Cage soltou uma respiração ruidosa divertida. — Não se preocupe com isso, caralho. Não sou você.

— Nesse caso... — Deuce rebateu. — É melhor jogar esse jogo direito agora, porra, em vez de ficar esperando como eu fiz. Foi o pior erro que eu já cometi.

As gargalhadas de Deuce seguiram Cage no corredor onde eu estava esperando por ele. Tirei o sorriso bobo no rosto como um bom sinal. Apesar de quão doente ele tinha estado, ele parecia melhor do que tinha estado em dias.

— Boa conversa? — Perguntei.

Ele não respondeu, apenas continuou a avançar para mim até estarmos cara a cara.

Arqueei as sobrancelhas. — Não foi uma boa conversa?

— Case comigo. — Disse calmamente.

Duas palavras. Duas estúpidas palavras e senti milhares de borboletas em meu estômago, borboletas retardadas que não tinham a menor ideia para onde iam e se esbarravam como motoristas bêbados.

— Não! — Gritei e estava prestes a empurrá-lo de cima de mim quando ele pegou meus pulsos e rapidamente me apoiou contra a parede.

— Case comigo. — Repetiu.

— Claro que não. — Disse com firmeza, parecendo muito mais calma do que sentia.

— Me dê uma boa razão para recusar. — Pediu.

Olhei para ele, meu coração batendo forte, sentindo como se em qualquer momento ele fosse sair do meu peito e cair no chão, onde ficaria como um peixe morrendo.

— Porque pelo que vi, a menos que planeje fugir novamente ou ficar com algum outro idiota, você é minha e estou pronto para deixar o mundo saber.

Meu corpo já úmido começou a suar frio.

— Você vai fugir novamente, Tegen?

Balancei minha cabeça.

— Meu pau é suficiente para você?

Balancei a cabeça.

Ele olhou para mim. — Então qual é o problema, porra?

Qual era o problema? Qual era a porra do problema, exatamente? Assolei meu cérebro procurando o problema e não encontrei.

— Não sei. — Sussurrei.

Seus lábios dividiram em um sorriso e covinhas saíram em todos os lugares. Perdi o pouco fôlego que me restava dentro de meus pulmões. — Teacup. — Sussurrou. — Se não tem um problema, então case comigo.

Foi quando percebi qual era o meu problema. Eu não tinha um problema. Nem um único.

Aqui na minha frente estava o único homem que amei, me amando também, pedindo para casar com ele. Para passar o resto da minha vida com ele e somente com ele, porque me amava muito e queria que fosse sua esposa.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Esse era o meu problema. Eu não tinha um. Passei minha vida inteira cercada por problemas, desejando e ansiando por coisas que sabia que nunca aconteceriam.

Mas elas aconteceram. E agora minha pobre mente não sabia o que fazer com isso.

Piscar fez as lágrimas transbordarem e escorrerem pelo meu rosto e, então Cage as beijava quase tão rapidamente quanto as derramava.

— Case comigo. — Disse, apertando os lábios, molhado com as minhas lágrimas, em minha boca.

Abri minha boca e Cage aproveitou e colocou sua língua dentro.

— Case comigo. — Murmurou enquanto me beijava, recusando-se a deixar-me responder, me beijando mais forte a cada vez que tentava me afastar dele. — Case comigo, Teacup.

— Tudo bem. — Disse sem fôlego, colocando meus dedos pelo cabelo quando o beijei de volta com igual ferocidade.

Cage ficou imóvel e com a cabeça entre as mãos, me afastei dele.

— Tudo bem? — Perguntou.

— Tudo bem. — Respondi, puxando-o de volta para mim. — Mas não quero um anel enorme e ridículo como o de Danny.

— Cale a boca. — Murmurou.

— Não, estou falando sério, Cage. Eu não...

Cage me beijou novamente e não tive muita escolha. Fechei a boca.

EPÍLOGO

— Jantares em família me dão uma dor de cabeça. — Reclamei.

Ignorando-me, Cage estendeu a mão. Com um suspiro exasperado, lhe entreguei o meu capacete e coloquei no banco de sua moto.

— Não me ignore. — Avisei. — Odeio isso e vou dar um soco nas suas bolas se continuar, sabe que vou.

Sorrindo, Cage pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus. — Eu não estou ignorando você, Teacup. — Disse quando me puxou até a calçada. — Só estou evitando lutar hoje.

A porta da frente se abriu, assim que Cage se aproximou e Cox ficou na entrada sorrindo para nós.

— Por que está tão feliz? — Perguntou Cage, empurrando-o para fora do nosso caminho e me puxando para dentro.

— Boquete, irmão. — disse Cox, ainda sorrindo como um idiota. — Kami explodiu meus malditos miolos no armário do corredor.

Revirei os olhos, mesmo quando Cage caiu na gargalhada. — Explica porque você está tão estúpido. — Disse Cage. — Não tem muito cérebro para começar.

— No maldito caminho! — Cox gritou atrás de nós. — Você não estragará o meu bom humor.

— Estou passando!

Cage e eu rapidamente saímos do caminho de Ivy quando ela veio através do foyer, empurrando seu irmão mais novo em seu andador de brinquedo. Damon, com os braços gordinhos no ar e um sorriso de covinhas em seu rosto, gritou enquanto eles passavam por nós.

— Ivy Olivia! — Eva gritou, atacando depois deles. — Está tentando matar seu irmão?

— Sim! — Ivy gritou.

Dentro da cozinha, Cage me soltou e me deu um leve empurrão em direção à geladeira. — A cerveja, querida. — Disse, batendo na minha bunda antes que fosse na direção de Ripper e Deuce.

Carrancuda, pisei forte no linóleo. Se não o amasse tanto, poderia realmente matá-lo um dia destes. O nosso relacionamento não era revestido de açúcar. Brigávamos mais do que tudo, a maioria da nossa vida sexual era raiva maquiada por sexo e nunca concordávamos em nada.

Nada... Exceto por uma coisa.

Que nos entendíamos loucamente. Sim. E nos amávamos.

Ele era arrogante e mandão. Gostava de mandar em mim, literalmente me pressionar o tempo todo, agindo como se não visse porque ficava muito chateada com isso.

Mas, ao mesmo tempo, também lidava com o meu temperamento difícil, minhas mudanças de humor, minhas manias e minha tendência a falar e agir antes de pensar.

Desde muito cedo decidi que aprenderia a gerenciar a raiva antes mesmo de pensar em ter filhos. Metade de nossa casa era um lixo, porque quebrei um monte de coisas jogando tudo em Cage.

Mas, por algum motivo desconhecido para mim e mais do que provável a qualquer um que pudesse nos entender, funcionou.

Ou, pelo menos, trabalhávamos nisso nos últimos sete meses. O futuro permanecia desconhecido. Sempre poderia voltar para a casa da minha mãe em São Francisco. O que eu faria. Especialmente se Cage exigisse que fosse sua garota da cerveja.

Casado ou não, Cage não me possuía.

Eu não me importava se as quatro letras — Cage — que foram tatuadas no meu dedo anelar esquerdo na noite em que se casou comigo, sugeriam o contrário.

— Não é a mesma coisa, porra! — Deuce gritou enquanto cruzava a cozinha, segurando uma garrafa de cerveja para Cage como uma bola de beisebol que estava prestes a jogar para ele.

Cage ficou boquiaberto com seu pai. — Você está brincando comigo, maldito hipócrita?

— E agora? — Perguntei a Ripper que estava a poucos metros do pai e filho, sorrindo.

— Eles iam para o trabalho e cometi o erro de dizer como se pareciam. Começou uma nova rodada de besteiras.

Cage virou a cabeça para a esquerda e olhou para Ripper. — Não sou nada como ele.

Deuce bateu sua cerveja no balcão. — Não, merda! — Gritou. — Se parecesse, não teria problemas em Oakland, porra!

As narinas de Cage começaram a arder. — Quem disse que tive problemas? — Perguntou. — Só porque não segui a merda do seu caminho não significa que faço tudo errado!

As narinas de Deuce começaram a arder também. — Levanta a cabeça maldita fora da sua bunda, rapaz. Você mantém essa merda, te prometo que nunca morrerei. Viverei para sempre caralho, apenas para me certificar de que não afunde a droga do meu clube.

Cage olhou para seu pai e, sem surpresa, Deuce o olhou de volta.

Ripper começou a rir e tanto Cage e Deuce voltaram seus olhares para ele. Agarrando seu abdômen, Ripper se dobrou, rindo mais.

— Vocês deviam ver os seus rostos. — Engasgou entre risos. — Você dois babacas têm exatamente a mesma aparência. Caralho... impagável.

— Cala a boca. — Deuce rosnou ao mesmo tempo quando Cage murmurou. — Cuzão.

Eles viraram as costas.

Exasperada, empurrei cerveja de Cage em seu peito, dei-lhe uma reverência fingida, antes de girar ao redor e rapidamente sair da cozinha. Três idiotas, em um único ambiente era muito idiota para suportar.

— Devolva-me! Mãããããããããe Devin não vai devolvê-lo!

Minhas costas bateram no corrimão da escada quando Devin veio correndo por mim, rindo histericamente, seguido de perto por seu irmão mais novo. Quando eles desapareceram na sala, a porta do armário de casaco se abriu e Kami espreitou a cabeça para fora.

— Isso foi um dos meus?— Ela sussurrou, olhando ao redor da sala de estar.

— Kami, saia do maldito armário! — Eva retrucou. — E coloque algumas roupas! — Segurando um rosto vermelho e chorando com Damon nos braços, parou na minha frente. — Ei, Tegen. — Disse ela. — Quando chegou aqui?

A porta do armário abriu mais e Cox colocou a cabeça para fora atrás de Kami, que, pelo que sabia, estava seminua. — Podemos ter cerca de cinco minutos em paz? — Disse ele.

— Desculpe-me. — Disse Kami. — Mas fico melhor sem roupa.

— Mãe! — Diesel gritou. Xingando, Cox puxou Kami de volta para dentro do armário e fechou a porta.

Estendendo a mão, belisquei a ponta do meu nariz. Apenas cinco minutos na casa Ocidente e já tinha uma enxaqueca infernal.

Evitando as crianças, corri pela sala, depois para o quarto da família, onde Harley dormia no sofá, antes de arrebentar a porta para o convés.

— Se divertindo?

Danny, vestida de rosa, sentou-se no topo da grade, com um joint[9] pressionado entre os lábios. Tomando-a entre o indicador e o dedo médio, tirou-o da boca e ofereceu para mim.

— Isso ajuda. — Disse ela, sorrindo. — Com a dor de cabeça induzida pela família.

— O inferno que sim. — Eespirei.

Tomando o cigarro dela, dei um trago queimando a garganta e segurando-o pelo tempo que pude antes de ter uma explosão de tosse.

— Como vão as coisas com o livro? — Perguntou.

[9] Cigarro de maconha.

Dei outra tragada antes de responder.

— Mais três cartas de rejeição. — Disse, encolhendo os ombros. — Aparentemente, ninguém quer ler sobre as prioridades da má gestão da sociedade americana.

Danny sorriu quando fez um gesto de vai e vem. Entreguei-o de volta para ela, em seguida, levantei-me até no parapeito ao lado dela.

— É legal. — Disse. — Comecei outra coisa, muito mais doméstica, mais light. Romance de ficção. Besteirol, na verdade. Provavelmente adoraria.

Danny olhou para mim. — Não comece comigo, irmãzinha.

— Por que não? — Perguntei, sorrindo. — É muito divertido.

— Já te falei — Disse, olhando para mim. —, o quão perfeito você e meu irmão são um para o outro?

— Já lhe disse — Respondi. —, como insanamente brilhante a sua roupa é? Quer dizer, merda, Danny, onde encontra essa porcaria? Será que Skittles lançou uma linha de roupas?

Danny abriu a boca, quando a porta traseira se abriu de repente, fazendo com que nos assustássemos.

— Jantar. — Deuce rosnou. — Vão fumar seu baseado lá fora, caralho.

Saltamos fora da grade, Danny empurrou o baseado para mim.

— Foi ideia de Tegen. — Disse ela, deixando escapar de seu pai e desaparecendo dentro.

— Mentirosa! — Gritei, pulando para baixo. Jogando o baseado sobre o parapeito, a segui, mas Deuce pisou na minha frente, bloqueando a porta.

— Ótimo. — Murmurei. — Que merda fiz agora?

Para minha surpresa, Deuce sorriu e não podia fazer nada além de olhar para a versão quase idêntica, mas mais velha do homem que eu amava. Deuce e Cage podem não ser bons garotos bonitos, mas eles não eram menos de tirar o fôlego.

Mas... nada disso a beleza compensava sua merda, porcos sexistas.

— Você tem um minuto? — Perguntou.

— Tenho escolha? Não posso andar exatamente através de você.

Mais sorridente. Eita. Ele estava bêbado?

— Queria que soubesse que ainda não ouvi porra nenhuma sobre ZZ — Disse. — Não, desde que um dos contatos de Hawk o viu em Vegas. Acho que ele saiu do grid.

Balancei a cabeça. Há alguns meses, um nômade que Hawk ocasionalmente encontra quando está na estrada, avistou ZZ em Las Vegas em um clube de luta subterrâneo. Ele não fazia apostas ou segurança. Ele estava lutando. Sem equipamento de proteção.

E o cara com quem lutou, ele matou. Na verdade, de acordo com o nômade, ZZ continuou a bater nele por muito tempo depois que o homem estava morto.

Ninguém o tinha visto nenhuma vez e duvidava que alguém fosse ouvir sobre ZZ novamente. Ele era um cavaleiro; conhecia a punição por tentar matar um irmão. Deuce procurava por ele e não pararia. Se fosse ZZ, iria para fora da grade também. Foda-se, iria para Marte.

— E tenho algo para você. — Disse enquanto enfiava a mão no bolso de trás.

Eu tomei a fotografia gasta e rachada de Deuce e olhei para a menina muito jovem. Eu podia ver a semelhança familiar, as ondulações que Deuce herdou de sua mãe.

— Não posso ficar com isso. — Disse, sabendo que Deuce nunca a conheceu, que esta foto era tudo o que ele já tinha dela.

— Sim, pode. — Disse rispidamente. — É tudo o que posso lhe dar agora. Ela merecia algo bom, merecia ser a Old Lady do meu pai, tratada com respeito e nunca conseguiu. Mas Eva tem isso e você terá isso também.

— Ele não sabe ainda. — Continuou. — Mas Cage precisará de você mais do que pensa. Mais cedo do que ele pensa também. Pararei em breve, Tegen, passarei a ele o martelo e você será sua Old Lady e precisava saber primeiro. Este trabalho não é fácil, mas tendo uma boa mulher que tem o coração no clube quando está na estrada, tendo-a

quando volta para casa, torna-se muito mais fácil de manter a porra toda fluindo.

— Vocês dois, Tegen, serão os únicos que manterão este clube funcionando. Mantendo esses meninos juntos, suas mulheres e suas famílias. A merda ficará difícil, eles virão para vocês e ficarão na expectativa que os conserte. Não mentirei e direi que será fácil porque na maioria das vezes, será uma maldita droga. Você lutará, vai querer fugir, mas digo isso à todas as Old Ladies dos meus garotos. Você é diferente, você vai será a Old Lady do Prez, você terá que comer, dormir e respirar a vida do clube, Tegen.

— Você ama o homem. — Disse ele. — Você...

— Ama a vida. — Terminei com ele. — Eu sei.

Deuce fez uma pausa e olhou para mim.

— E você? — Ele perguntou em voz baixa. — Tegen, eu sei que nós conversamos sobre essa merda antes, mas este aqui é o negócio e eu não posso ter meu menino como Prez do meu clube com uma mulher ao seu lado, que não consegue segurar a sua onda. Vai ser o seu trabalho se certificar de que ele mantenha a cabeça no lugar, para manter os meninos a salvo, mulheres e crianças felizes na sua ausência, para manter seus malditos segredos também.

— Nem sempre posso amar o que se passa no clube. — Disse-lhe com sinceridade.

O olhar duro de Deuce nunca vacilou. — Você não tem que amar o que se passa. Você só tem que amar o clube e sei que ama o clube, Tegen. Eu sei que você ama esses meninos. Sei que você não quer que nada aconteça a eles.

Eu soltei um grande suspiro. — Eu não sou Eva. — Disse a ele. — Há apenas algumas coisas pelas quais eu não vou fechar os olhos.

— Querida. — Disse ele, rindo. — Quando Cage receber o martelo, o que você faz ou não, isso vai ser seu maldito problema, não meu.

Apertei os olhos. Querida e covinhas. Esse filho da puta estava puxando as grandes armas.

— Isso é tão injusto. — Disse. — Nunca pedi por esse tipo de responsabilidade.

Imperturbável, Deuce se afastou de mim e começou a entrar.

— Sim, você não pediu. — Disse sobre seu ombro. — Você fez a sua vida no dia em que decidiu que amava o meu filho.

Sozinha agora, olhei para a imagem da mãe de Deuce e olhei nos olhos da garota que nunca recebeu a coroa que merecia, e me perguntava o que aconteceu com ela.

— Tudo bem. — Disse a ela, suspirando. — Qual a pior coisa que poderia acontecer?

Percebendo o que acabei de dizer, torci o nariz. — Espere. — Disse. — Não responda. — Guardando a foto no bolso de trás da minha calça jeans e entrei.

Todo mundo já estava sentado ao redor da mesa no momento em que cheguei à cozinha. Sentei em minha cadeira de costume ao lado de Cage, do outro lado da mesa de Ripper. O braço de Cage desceu pesado sobre meus ombros.

— Oh, inferno, não! — Eva de repente gritou, tirando a mão de Deuce do saleiro.

— Deixe essa porra. — Rosnou, agarrando-o novamente.

O braço de Ripper disparou para frente, agarrando-o antes que Deuce pudesse pegá-lo de novo. Deuce disparou para fora de sua cadeira e Ripper enviou voando sobre a mesa, direto para a mão em espera de Cox onde ele prontamente empurrou o saleiro na frente de seus couros.

— Venha pegar. — Cox provocou.

— Você está demitido, caralho. — Disse Deuce, olhando para ele.

— Cai na real, papai. — disse Danny. — Queremos um tempo.

E toda uma nova onda de discussão começou.

Suspirando, olhei para Cage, que me puxou para mais perto dele.

— Não sei do que está sempre reclamando. — Disse, beijando minha bochecha. — Você grita tanto quanto qualquer um deles.

— Sim. — Disse. — Mas quando eles gritam me dão dor de cabeça.

— Você me dá também.

— Dar-lhe uma dor de cabeça me faz feliz. — Disse, virando meu rosto e pressionando meus lábios nos dele.

— Você é uma maldita loucura.— Murmurou em minha boca. — Mas vou mantê-la.

Desliguei-me do ruído à nossa volta e me concentrei na forma como sua boca estava contra a minha, o modo como seus lábios e língua se moviam em sincronia com os meus.

Ele era meu. Todo meu.

— Graças a Deus. — Disse, afastando-me dele. — Estava muito preocupada que pudesse já não ser capaz de utilizar minhas habilidades de buscar cerveja.

Sorrindo, Cage se afastou de mim e quando fui cortar meu bife, vi Deuce me observando.

Ele piscou. E sem poder esconder. Eu sorri.

E o que fez o velho bastardo? Ele sorriu de volta.

Simples.

Eles seriam a minha morte.

FIM

Favor Não Publicar Nossos Arquivos No Facebook

Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a moderação
SeVocê gosta dos livros feito pelo PL ajude !!!
Quem gosta respeita nosso grupo !
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessaária

Não aceitaremos reclamações sobre as traduções do grupo !

Não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pegasus Lançamentos